

água da fonte



Revista da Academia Passo-Fundense de Letras - Ano 6/7/8 - n° 7/8/9 - Maio de 2011 - R\$ 20,00



Av. Brasil Centro, 792 - Sede Própria
CEP 99010-001 Passo Fundo, RS

Presidente:

Elizabeth Souza Ferreira

Vice-presidente:

Santina Rodrigues Dal Paz

Secretário geral:

Paulo Domingos da Silva Monteiro

Tesoureiro:

Welci Nascimento

Comissão de Contas e Patrimônio:

Selma Costamilan

Luiz Juarez Nogueira de Azevedo

Pedro Ari Veríssimo da Fonseca

Membros:

Alberto Antonio Rebonatto

Alori Batista Castilhos

Ana Carolina Martins da Silva

Antonio Augusto Meirelles Duarte

Carlos Alceu Machado

Carlos Antonio Madalosso

Carlos Roberto da S. Hecktheuer

Craci Teresinha O. Dinarte

Daniel Viuniski

Dilse Piccin Corteze

Diógenes Luiz Basegio

Edgar Oliveira Garcia

Elmar Luiz Floss

Eurípedes Facchini

Francisco de Mello Garcia

Getulio Vargas Zauza

Gilberto R. Cunha

Helena Rotta de Camargo

Hugo Roberto Kurtz Lisbôa

Irineu Gehlen

Jabs Paim Bandeira

Jorge Alberto Salton

José Antonio Machado

Lindolfo Kurtz

Luis Marcelo Algarve

Marco Antonio Damian

Mauro Gaglietti

Marilise Brockstedt Lech

Milton Guimarães da Silva

Ney Eduardo Possapp d'Avila

Odilon Garcez Ayres

Osvandré Lech

Ricardo José Stolfo

Rogério Moraes Sikora

Romeu Carlos Alziro Gehlen

Santo Claudino Verzeleti

Sueli Gehlen Froisi

Editorial

Um projeto cultural para Passo Fundo

O assunto é longo, talvez até soe repetitivo, e o espaço é curto, mas deveras importante em uma cidade que ostenta o título, nada modesto, de Capital Nacional da Literatura. Em Passo Fundo, há uma indústria gráfica pujante e, anualmente, são produzidas centenas de livros e opúsculos. Imprime-se de tudo nesta cidade: de adocicados poemas a atualíssimos tratados científicos. Todavia, são poucos os passo-fundenses, mesmo dentre os mais cultos, que sabem disso, que conhecem e se dispõem a comprar e a ler as obras dos escritores locais. As razões são muitas. Desde a qualidade literária duvidosa, a falta de divulgação desses escritores, até aquela que, em nosso entender, é a principal: tal literatura não circula.

Vale rememorar experiências pioneiras em prol do desenvolvimento de uma literatura genuinamente brasileira, a exemplo da protagonizada por Pedro dos Santos Quaresma, que, no último quarto do século XIX, passou a editar autores brasileiros e fazia com que os livros chegassem aos mais distantes cafundós do país. A iniciativa transformou Figueiredo Pimentel em autor de verdadeiros best-sellers como “Histórias do Arco-da-velha”, “Histórias da Baratinha” e, mormente, “Histórias da Carochinha”.

Tudo isso aconteceu, simplesmente, porque Quaresma editava e distribuía livros de autores nacionais. Apesar dos momentos históricos diferentes, é o que o Projeto Passo Fundo, uma iniciativa cultural comandada pelo empresário Ernesto Zanette, está fazendo com os escritores passo-fundenses, quer seja por meio de auxílio para a impressão de livros, ou mediante a manutenção de um sítio na Internet, para abrigar a produção literária de autores locais. Escritores passo-fundenses, incluindo-se alguns que são membros Academia Passo-Fundense de Letras, caso de Paulo Monteiro, Marco Damian, Santina Rodrigues Dal Paz e Welci Nascimento, já receberam o apoio deste projeto cultural para a impressão de obras. Outros autores locais, que não pertencem ao quadro da APL, também tiveram obras impressas com recursos desse projeto.

Da mesma forma como a distância secular nos faz, reconhecer hoje a verdadeira importância das Edições Quaresma, um dia, guardadas as proporções, talvez venhamos também a valorar a importância histórica dessa iniciativa de Ernesto Zanette, que, no sentido econômico do termo, viabiliza e realiza a produção literária passo-fundense.

Vida longa para este projeto!

ISSN 1980-2986

Água da Fonte, Passo Fundo, v. 6/7/8/, n. 7/8/9, mai. 2011.

Revista da Academia Passo-Fundense de Letras

Ano 6/7/8 - nº 7/8/9 - Maio de 2011

Editores: Gilberto R. Cunha e Paulo Domingos da Silva Monteiro

Conselho editorial: Getulio Vargas Zauza, Helena Rotta de Camargo, Pedro Ari Veríssimo da Fonseca, Santina Rodrigues Dal Paz, Santo Claudino Verzeleti e Welci Nascimento.

Revisão: Helena Rotta de Camargo

Capa: Leandro Malósi Dóro

Arte-final e diagramação: Everaldo Siqueira

Tiragem: 1.000 exemplares

A Academia Passo-Fundense de Letras não se responsabiliza pelos conceitos e opiniões emitidos em textos assinados.



XIKO GARCIA: O poeta do cotidiano

Um poeta, na essência da palavra poiese, cujo significado, pela origem grega do vocábulo, não significa outra coisa que não seja CRIAÇÃO. Então, eis o poeta: Francisco Mello Garcia. O escritor, membro da Academia Passo-Fundense de Letras, e magistral artista Xiko Garcia, que acaba de lançar mais um CD: *O Cotidiano em poesia*. Obra singular, com 13 poesias, todas de autoria de Xiko Garcia e por ele declamadas. Com talento e aparente, mas só aparente, simplicidade, Xiko Garcia, nas suas letras e interpretações, traça um retrato, sem paralelos, do comportamento da sociedade brasileira, quer seja quando canta um sublime gesto de amor ou se presta à crítica política mais aguda; em letras como Recado ao falecido pai e Nos tetos da pátria mãe. Contatos com o escritor, poeta, compositor e artista pelos telefones: (54) 3311-2421 e (54) 9169-6942.



Palestras

No ano de 2010, a Academia Passo-Fundense de Letras continuou o processo de abertura para eventos culturais e acrescentou uma preocupação com a questão social.

Já no dia 5 de março foi realizada uma plenária regional de professores, dentro de uma política de mobilização do 7º Núcleo do CPERS Sindicato; no dia 8 do mesmo mês, uma palestra com o Dr. Diógenes Basegio e no dia 25, um Show beneficente com o cantor Antônio Márcio, oportunidade em que foram arrecadados doces para a Páscoa dos papeleiros, que transcorreu no dia 1º de abril.

A acadêmica Elisabeth Souza Ferreira, presidente da Academia, no mês de abril realizou diversas palestras para alunos da EENAV, na Biblioteca Pública e no Círculo Operário.



Edson Nunes

Aniversário da APL

Como já é tradicional, no dia 7 de abril, tanto em 2010, quanto em 2011, foi realizada uma sessão solene em comemoração ao aniversário da Academia Passo-Fundense de Letras e ao Dia Municipal do Escritor, criado por iniciativa de lei do ex-vereador Edson Nunes, com a presença de acadêmicos, autoridades e grande público.

Dia Internacional da Mulher

Em 2010, no dia 8 de março, em comemoração ao Dia Internacional da Mulher, às 20h realizou-se uma palestra na sede da Academia Passo-Fundense de Letras com o Dr. Diógenes Basegio, sobre o câncer de mama. Na ocasião, as participantes puderam tirar suas dúvidas acerca desse problema tão sério, que atinge grande parte do público feminino. Ele é uma das autoridades máximas nesse assunto, o que muito orgulha os passo-fundenses, que o tiveram como vereador, por duas legislaturas, e presidente da Câmara dos Vereadores em 2010. O Dr. Basegio foi eleito deputado estadual, na legislatura que ora inicia.



(FOTOS ARQUIVO APL)



Novos Acadêmicos

No dia 7 de julho de 2010, foi lançado o Edital de Vacância de Cargos e inscrição para o preenchimento de cadeiras disponíveis, na APL. No dia 31 de agosto, após análise e parecer de uma Comissão de Avaliação, e aprovação em Assembléia Geral, a presidente divulgou a relação dos acadêmicos eleitos que foram empossados solenemente, em 21 de outubro. São eles na foto: Odilon Garcez Ayres, Sueli Gehlen Frosi, Marilise B. Lech, Diógenes Basegio, Elmar Floss, Carlos Madaloso e Mauro Gaglietti. À frente Elisabeth Ferreira.

Lançamentos de livros - 2010

Foram realizados diversos lançamentos de livros. Em 17 de maio, foi lançado o livro *Conversas Entre Educadoras: Do Dia-a-Dia à Utopia*, de Eliane Thaines Bodah, Brian Bodah, Caroline Gava, Renata Hartmann e Pedro Thaines; a 27 do mesmo mês, foi o livro *Meninos do Crack*, da jornalista Ana Paula Nonnemacher; a 16 de junho, o acadêmico Paulo Monteiro lançou *O Massacre de Porongos & Outras Histórias Gaúchas*; dois dias depois foi a vez do Padre Eli Benicá lançar dois livros: *Educação, Práxis e Ressignificação*, e *Religião, Saúde e o Popular*.

Outros lançamentos foram: *Vultos da História de Passo Fundo*, dos acadêmicos Welci Nascimento e Santina Rodrigues Dal Paz, em segunda edição revista e ampliada, no dia 5 de agosto; *Retalhos de Vida*, da Oficina do Creati, em 24 de novembro, e *O que eu aprendi – Diário de um secretário de Educação*, do Padre Alcides Guareschi, em 3 de dezembro.



Sumário

O proclamador da República dos Coqueiros	5
APL sob nova direção	13
Eu te saúdo Elisabeth!	14
Discurso de posse na presidência da APL	15
Saudação ao Dr. Cláudio Lamachia	17
Sindicato dos trabalhadores nas indústrias da construção e do mobiliário de Passo Fundo/RS	19
O menino que desenhava	20
Discurso de posse	22
1º tabelionato de Passo Fundo: Joaquim Pedro Daudt - Notário.....	26
Academia de Letras e de Frutos.....	30
Saudação ao Desembargador Conferencista, Dr. Carlos Cini Marchionatti, por ocasião da Semana do Advogado.....	31
Os irmãos Corralo: O tempo da mens sana in corpore sano	32
Paixão Côrtes: “O gaúcho tem de acompanhar a modernidade sem fazer modismo.”	33
Filosofia da Libertação: Uma leitura a partir de Enrique Dussel	38
Um olhar sobre a cidade.....	42
Nossas origens	43
As várias faces do demônio	44
Judeus de Coxilha a Passo Fundo	46
Mulher: diferença na igualdade.....	48
Castro Alves, o Poeta.....	50
A calçada alta e a quadra da prefeitura velha: núcleo do centro histórico de Passo Fundo	52
Cuidados na aquisição da casa própria	54
Oito de Março, Dia Internacional da Mulher	55
O Poder e a Ética.....	58
Deus, um estilo literário	60
Deus, um designer.....	61
Dez centavos.....	62
Identidade cultural	63
Teixeirinha não morreu.....	64
Velas precisam ficar acesas.....	65
Concursos Literários da APL - 2009.....	66
Embalagem plástica: um mal necessário	69
Veneza, o romantismo está no ar	70
O medo do novo.....	71
Acredite	75
Um homem ortodoxo e católico.....	76
A boneca negra.....	77
O voo do condor.....	78
O príncipe e a rosa.....	79
Breve histórico da trajetória da ação social da SOCREBE.....	82
Minhas homenagens a Bruno Edmundo Markus.....	84
Entrevista Bruno Markus: Um testemunho sobre universidade, rádio e televisão em Passo Fundo.....	85
Cinquentenário da Faculdade de Agronomia.....	89
Com respeito à professora Delma Rosendo Gehm - Mãe da História de Passo Fundo	90
Conversações imaginárias entre Darwin e Freud.....	91
APL completa 73 anos de história.....	92
Fragments de felicidade e saudade.....	97
Tapera.....	98
A saudade corta como aço de navalha	99
Dimensão humana.....	100
Ruy Della Méa: um desbravador da aviação brasileira.....	102



Pintura digital - Leandro Dóro, 2011

O adeus à poetisa Jurema Carpes do Valle.....	104
Ao Patrono Erico Veríssimo	107
Razões que me levaram a escrever <i>O Massacre de Porongos & Outras Histórias Gaúchas</i>	108
A Ferrovia L-35	110
Lagartixa: o mais jovem artista e humorista brasileiro.....	112
Nascimento e crise da universidade.....	114
Czamanski - O senhor dos retratos de Passo Fundo	116
Jacob Stein, o padre que praticava esportes	117
Fredolino Chimango: um passo-fundense da II Guerra Mundial	118
Independência ou morte!	121
Criacionismo e evolucionismo.....	122
Acadêmico Carlos de Danilo Quadros	126
As escolhas existenciais de Riobaldo em “Grande Sertão: Veredas”	128
Os pardais de Passo Fundo	133
Artistas que fazem a história	134
A Vila Luíza de Passo Fundo.....	136
Aprendizado sem mestre	138
O Cinema	140
Cinema ambulante do Sesi do RS.....	145
Visita ao Dr. Sabino Arias, na tarde de 18 de outubro de 2008.....	146
Medicina, uma profissão de fé	151
Servir, não se servir da SBOT	152
Um pouco da história da Estação de Bombeiros.....	155
Zaida Meirelles Duarte: sepultada sob os acordes da música sacra.....	157
Ah, as mulheres!	158
Os mais antigos advogados de Passo Fundo	159
Redução de Santa Tereza	165
O cenário gaúcho	167
O General Grosso e Lord Acton	169
Jamais me esqueci do meu posto	170
Alice no país dos cientistas.....	172

O proclamador da República dos Coqueiros

(FOTOS: ARQUIVO R. T. SANTARÉM)

GILBERTO R. CUNHA, organizador

Sobre a morte do jornalista Argeu Santarém, aos 66 anos, ocorrida em Passo Fundo, num sábado, 6 de março de 2010, o título e o conteúdo da matéria assinada por Zulmara Colussi, em *O Nacional*, edição de 8 de março de 2010 – “República dos Coqueiros está de luto” –, aparentemente, dispensavam a necessidade e a possibilidade de que alguma coisa mais ainda pudesse ser dita em relação ao ilustre escriba. Ledo engano! A série de artigos que, em seguida, tomaram de assalto as páginas de *O Nacional*, assinados por amigos e gente que conviveu próximo dele, ampliaram o retrato de um homem que, pelo jeito, foi singular na vida e na profissão de jornalista.

Eu, como colunista de *O Nacional* desde 1995, além de leitor assíduo da Coluna do Santa, pude testemunhar, num desses períodos em que ele assumiu a Chefia de Redação, que o seu jeito de dirigir um jornal era, para a época, anos 2000, digamos, nada ortodoxo. Sempre reconheci Argeu Santarém como o dono do melhor texto na imprensa passo-fundense. Pra mim, depois de ter lido tudo que disseram seus amigos, ficou claro que, a par do talento inato, aquele jeito esmerado de escrever do Argeu Santarém foi forjado em muito estudo e trabalho, ao longo de mais de quatro décadas de labuta em veículos de comunicação.

Acatando o pedido do Dr. Luiz Juarez Nogueira de Azevedo - ilustre advogado e confrade da Academia Passo-Fundense de Letras, que solicitou aos editores de *Água da Fonte*, se possível, uma pauta sobre Argeu Santarém, de quem fora professor na Faculdade de Direito da UPF e companheiro na Academia da Mesa 1 do Bar Oásis - optamos por essa compilação de textos. Seria, em nossa opinião, impossível acrescentar algo mais ao que, por ocasião da morte de Argeu Santarém, sobre ele escreveram Zulmara Colussi, Celestino Meneghini, José Ernani de Almeida, Luiz Carlos Schneider, Luiz Juarez Nogueira de Azevedo e, em memorável declaração de amor, Rose Toledo Santarém. Esse conjunto de opiniões sobre Argeu Santarém não esgota o assunto nem o homem Santa, cuja vida e obra, em nosso ver, ainda aguardam melhor atenção dos meios acadêmicos locais que trabalham com literatura e comunicação.



Airton Dipp (E), quando secretário estadual de Energia, e Argeu Santarém



Ao centro Argeu Santarém ladeado pelos radialistas Egon Zir e Altair Colussi.

República dos Coqueiros está de luto



Santarém entre amigos da Mesa I



Diógenes Basegio e Argeu Santarém. Lançamento do livro Porque eu? a Mulher e o Câncer de Mama durante Jornada de Literatura.

ZULMARACOLUSSI

Morreu, no sábado, aos 66 anos, o jornalista Argeu Santarém. Autor de polêmicas colunas como o Foca e a Coluna do Santa, publicadas por ON, ele também é autor do livro de crônicas, República dos Coqueiros.

A República dos Coqueiros está de luto. O corpo do jornalista Argeu Santarém foi sepultado, ontem à tarde, no cemitério municipal de Marau. O jornalista e ex-vereador de Passo Fundo morreu na tarde de sábado, no Hospital ProntoClínica, onde estava internado havia uma semana. Argeu Santarém era jornalista. Mais do que isso, foi combativo, audacioso e dono de um texto de dar inveja a qualquer profissional da área. Iniciou sua carreira na comunicação como narrador esportivo, na Rádio Alvorada de Marau. Natural daquele município, filho de Ildo e Helena Rigo Santarém. Argeu havia completado 66 anos no dia 12 de fevereiro. Estava aposentado, mas não deixou de escrever. Colaborava em O Nacional, com a coluna do Santa, publicada sempre na edição de final de semana.

Santarém também narrou jogos pelas rádios de Ijuí, Erechim, Livramento e, em Passo Fundo, na antiga e já extinta Municipal e ex-rádio Passo Fundo. Iniciou no jornalismo propriamente dito, em 1968, no Jornal Diário da Manhã. Na década de 70, começou a trabalhar em O Nacional, onde se manteve por quase todos estes anos, ou como repórter, ou

como colaborador. Chegou a chefiar a redação de ON em algumas oportunidades. Ficou conhecido por suas crônicas picantes, recheadas de fatos políticos. Era um crítico e fazia denúncias de corrupção. No período da ditadura, por conta de denúncias, foi chamado diversas vezes pelo regime militar a dar explicações. Foi correspondente de Zero Hora, fez trabalhos para o Jornal do Brasil, foi assessor parlamentar e também atuou na assessoria de imprensa do Palácio Piratini.

Escreveu um divertido livro de crônicas, chamado de A República dos Coqueiros, uma referência aos coqueiros existentes nos canteiros centrais da General Neto, em frente à Catedral Nossa Senhora Aparecida. As crônicas todas tinham origem em acontecimentos reais, que repercutiam no Bar Oásis, do qual era um frequentador assíduo.

“Ele era um profissional coerente e crítico. Era um amigo conservador, quando o assunto era amizade, e tinha uma capacidade extraordinária de transcrever com fidelidade as informações que lhes eram passadas. Jornalista nato, e leal politicamente”, descreveu Paulo Magro, atual secretário da administração. Foi autor das colunas O Foca e, ultimamente da Coluna do Santa. Também editou o jornal alternativo Ronda.

Um mestre

Para o jornalista Carlos Alberto Fonseca, Argeu Santarém foi um mestre. “Foi ele quem me levou oficialmente para o jornalismo e para O Nacional. Foi ali a minha verdadeira escola inicial

de jornalismo, onde aprendi coisas que nenhuma faculdade me ensinou, junto com ele, com o Tasca, Décio, Tarso, o ‘seu Múcio’ e depois, na segunda fase que passei pelo ON, com a Zulmara, a Fátima e muita gente boa. Santarém também me levou junto, quando assumiu a correspondência de Zero Hora na região de Passo Fundo, de onde parti, me distanciando dele, para uma carreira de 17 anos na RBS. Articulado jornalista, político desde a juventude, engrandeceu a Câmara no período em que legislou, indo depois para a Assembleia, onde se aposentou e voltou para o nosso convívio, prazeroso, em redações, ou mesmo nas mesas dos bares, onde a turma da imprensa até hoje se reúne, e onde, mesmo com a saúde combalida, Santarém batia ponto”.

Política

A política também falou alto na vida desse jornalista. Foi vereador pelo período de 1977 a 1983. Protagonizou alguns dos discursos mais inflamados da tribuna da Câmara. Mesmo sem mandato, manteve-se próximo das atividades políticas, assessorando a bancada do PDT na Assembleia, e também atuando no Palácio Piratini, na gestão de Alceu Collares. Argeu Santarém deixou três filhos: Larissa, Eduardo e Cássio, do primeiro casamento com a professora Rita. Estava casado há dez anos com a jornalista Rose Toledo Santarém.

(Zulmara Colussi é jornalista e editora-chefe de O Nacional. Texto publicado em O Nacional, 8 de março de 2010.)

Lutou por liberdade



Ao centro Argeu Santarém no Serviço de Disque Moralização que coordenou no Governo Collares.



Gilberto Borges, Carlos Alceu Machado, Argeu Santarém e Ivaldino Tasca.



Iotti, Yamandu Costa e Argeu Santarém.



Argeu Santarém, ex-vereador Isac Ainhorn e jornalista Carlos Bastos, editor de política do Jornal do Comércio

CELESTINO MENEGHINI

O vilarejo de Marau, então 6º distrito de Passo Fundo, parecia pequeno demais para a imaginação do adolescente irrequieto, filho de Ildo e Helena. Logo se soube que rebelde, muito mais do que os irmãos da família numerosa, não eram apenas o cabelo escuro e denso. Ouvia o rádio e imitava os narradores de futebol com a mesma voracidade que lia recortes de jornal. No alvorecer da década de 1960, quis tomar seu rumo estudando na Capital. Saiu cedo de casa disposto a errar caminhos na comunicação, ciente de que seu descortino precisava conciliar o tamanho do desafio com a ousadia de saber mais, mesmo longe dos mimos de sua casa.

Argeu Santarém partiu para o mundo, levando na mente preciosas bagagens: coragem e sede de saber. Precocemente, narrou partidas de futebol na rádio Alvorada, de Marau, e seguiu para Ijuí e Passo Fundo. Tomou caminho como narrador esportivo, topando redigir e argumentar ao microfone, dupla atribuição em que só talentosos sobreviviam.

Consolidou-se como o narrador mais arguto e correto na região Norte do Estado, privilegiando pela voz impactante, enérgica, em português castiço. Ouvia Santarém em 1968 narrando desfile farroupilha, revelando pendores de comunicador. Mais tarde, em 1969, li pela primeira vez um texto de sua autoria, perplexo com tanta riqueza de estilo, em Causos de Galpão. Nunca mais parei de admirá-lo.

Tanto talento não era por acaso, pois o flagrava absorto em extensas matérias do antigo Correio do Povo. Frequentava a Faculdade. Dedicção implacável à leitura, escudada na privilegiada memória, esmiuçava a fonte de informação.

Mas, sua luz própria no jornalismo, no desvelo pela verdade, batia frontalmente com o pano turvo da censura. Renitente, passou a ser visado como entrave aos braços do sistema repressivo que imperava na época. Foram muitos e duros embates que colocaram Santarém na linha de frente da resistência. Além do talento, Santarém foi sempre um forte, confiante na energia da coragem pessoal. O Foca, por vários anos nos jornais locais, foi a coluna mais lida e ousada. Enquanto a mediocridade do medo

campeava os anais informativos, nele crescia a emulação do confronto, em busca da liberdade de expressão. Argeu fomentou a centelha da resistência, atuando em um grupo pensante da região. Mostrava-se cada vez mais inarredável. Foram muitas lutas e gestos inabaláveis, mal reconhecidos na versão oficiosa, retalhados em processos e ameaças arbitrárias. Intrépido, o jornalista jamais desistiu de seu galardão.

Decididamente, em sua longa e fecunda jornada na literatura cotidiana, empregando sua arte de escrever em favor de segmentos oprimidos, sublimando a liberdade, Argeu Santarém esgrimiou ideias sem trégua, em uma luta real. Ainda, encontrou lugar na sua habilidade magistral para utopias, que só esperançosos da liberdade sabem sonhar.

Agora, no arrebol da vida, certamente o Senhor dos senhores, abriu o grande portal dos tempos para acolhê-lo e dizer: Santarém! Entra para minha casa, está na hora de se recolher, foi uma grande jornada, já caminhaste bastante!

(Celestino Meneghini é advogado e jornalista. Texto publicado em O Nacional, 8 de março de 2010.)

Tributo a um amigo que partiu

JOSÉ ERNANI DE ALMEIDA

Vinicius de Moraes, no poema “O Valor da Amizade”, escreveu com rara inspiração: “Tenho amigos que não sabem o quanto são meus amigos. Há alguns amigos que não procuro, basta-me saber que eles existem. (...) Porque eles fazem parte do mundo que eu, tremulamente, construí, e se tornaram alicerces do meu encanto pela vida. Se um deles morrer, eu ficarei torto para um lado”. É o meu caso. Estou torto para um lado. Argeu Santarém, falecido no último sábado, era daqueles amigos que a gente não faz, reconhece-os. Encontrávamo-nos de tempos em tempos. Era o que bastava para renovar uma amizade que começou na década de 1960. Conheci-o em 1966, quando comecei a trabalhar na Rádio Passo Fundo. Descobri muita coisa do radialismo com o Santarém. Em muitas ocasiões, fui o “operador de som” nas jornadas esportivas que o tinham como narrador. Aprendi a apreciar suas crônicas nos jornais de Passo Fundo, nas quais com argúcia, com humor e fina ironia, relatava o cotidiano da cidade. Ironizando glórias e potentados, absolvendo ou condenando, Santarém retratou como ninguém nossa sociedade, num tempo de censura e repressão. Eram os anos de chumbo implantados pela ditadura militar. Egressos do movimento estudantil, Santarém e Ivaldino Tasca foram os destaques daquela safra de jornalistas, que surgiu na imprensa passo-fundense, no início da década de 1970. Na coluna O Foca, Santarém notabilizou-se por uma linguagem corajosa e desafiadora.

Eis alguns trechos de suas crônicas: “Teoria: há sempre uma melhor maneira de dizer as coisas, mas hoje em dia maneira melhor é não dizê-las; para torturador, matar o preso é acidente funcional”. Santarém usou, como poucos, do recurso da metáfora para driblar a ação dos censores e tentar se fazer entender pelo público. A crônica, Regime, publicada em O Nacional, de 31 de maio de 1977, é um exemplo: “Sou contra, obviamente. É que o considero opressivo, irritante. Inda mais quando existem imposições de arbítrio daqueles que não sofrem os efeitos do regime.



Lançamento do livro de Argeu Santarém República dos Coqueiros

Regimes assim são sempre anunciados pelos ricos, enquanto os pobres os aguentam por absoluta necessidade. Ora, perguntam-me o porquê de uma posição tão radical. Talvez porque não tenha índole pacifista, frontalmente contrário à violência que o regime proporciona. (...) Vejam, por exemplo, meu caso: você tem que aceitar o regime. Do contrário, explode qualquer dia desses! Mas, e o direito das gentes de ser e de pensar? O regime é mais importante que o sagrado direito de decidir?”

Por assumir tal posição e por ser vereador do PDT na Câmara de Vereadores de Passo Fundo, Santarém passou a ser alvo de ameaças do famigerado CCC (Comando de Caça aos Comunistas). Telefonemas, cartas e bilhetes ameaçadores faziam parte da rotina do jornalista. Coisa comum naquela época em todo o país. Confundiam tudo: brizolista, anarquista, comunista, terrorista, e finalizavam com ameaças macabras e palavras de ralé. Santarém, que foi diretor da Federação Nacional dos Jornalistas, teve seu nome incluído numa relação internacional de jornalistas ameaçados de morte. Quando escrevi minha dissertação de Mestrado, depois transformada em livro, Santarém foi um dos personagens centrais da história. Foram horas de gravação, resgatando sua valente trajetória na imprensa e na política, ao longo dos anos de chumbo. Em 1984, lançou seu livro “República dos Coqueiros”,

com histórias e estórias do Passo Fundo. Segundo o autor, “naquela exígua área que forma o canteiro da Av. Gen. Netto, na praça central de Passo Fundo, é que está encravada a menor e mais insólita república do mundo: a República dos Coqueiros, onde o cotidiano se desmancha, criando lendas e mitos, absolvendo ou condenando. Estranho Parlamento sem mandatos, curioso Tribunal sem magistrados!” Santarém nunca deixou de frequentar a sua República. Quando queria encontrá-lo, bastava passar pelo bar Oásis, na ontológica mesa 1. E foi lá que conversamos pela última vez. Agora Santarém está no panteão dos mitos da República por ele imaginada. Já estamos com saudade da Coluna do Santa, de todos os domingos, em O Nacional. Ficou, sem dúvida, um grande vazio na nossa imprensa. Mas a vida segue sempre em frente, o que se há de fazer? Fica a saudade. Fica o vazio de um amigo que partiu. O poetinha Vinicius tinha toda a razão: “A gente não faz amigos, reconhece-os!” Argeu Santarém era um deles. Epicuro, na Grécia antiga, ensinou que a posse da amizade é, de longe, a maior de todas as coisas que a sabedoria prepara para a felicidade de uma vida. A alma nobre se ocupa da sabedoria e da amizade: destas, a primeira é um bem mortal, a outra, imortal.

(José Ernani de Almeida é professor e Mestre em História. Texto publicado em O Nacional, 12 de março de 2010.)

O Santa e a Bruna

LUIZ CARLOS SCHNEIDER

O pessoal de rádio falava que Argeu Santarém era um excelente narrador de futebol. Nunca ouvi uma narração dele. Depois li algumas edições do Jornal de Ronda, algo inovador, independente, e feito por boas cabeças oriundas de O Nacional. Foi o empreendimento do Santarém, que fez bastante sucesso e rendeu pouco dinheiro.

Quando cheguei em Passo Fundo, Argeu era vereador, um ferrenho e leal guardião do prefeito Wolmar Salton. Acabou o bipartidarismo, e ele seguiu suas origens, abraçando a proposta do trabalhismo socialista do PDT de Brizola. Sempre trabalhou pelo partido. Nos momentos difíceis, seus textos foram determinantes. Estrategista, nunca abandonou a visão crítica em relação aos adversários e também aos companheiros.

Professor de História, com invejável memória, não aceitava distorções aos fatos. Santarém conhecia muito sobre a região, a evolução dos povoados, os caciques políticos, as empresas e as famílias. Tinha na memória o acompanhamento da sociedade. Não era apenas uma pessoa conhecida, mas, especialmente, conhecia muito bem as pessoas.

É difícil rotular Argeu Santarém apenas como um jornalista ou um político. Sempre teve o cacoete de historiador com a visão de um sociólogo. Ao microfone, um português correto, e na redação, um texto impecável. Sem a chatice dos superlativos, podemos simplificar e dizer que era um multimídia, um multitarefa. Da redação às rodas de amigos da Mesa Um, esbanjava talento, coerência e lealdade.

Em 1986, participou como comentarista de uma jornada esportiva, pela Rádio Passo Fundo. Fomos a Bagé, o narrador Jorge Antônio Gerhardt, o comentarista Argeu Santarém, e eu como repórter. Transmissão impecável. Foi então que o Santa (ele me chamava de Shina) sugeriu meu nome ao Menghini, editor de O Nacional. Conversei com o Múcio Filho, que já comandava o jornal, e fui para a redação. Brigando com a velha Olivetti, perguntava como

se escrevia determinada palavra. Da mesa de trás, o Santa respondia com uma piada. Era seu lado brincalhão, mas muito didático. Foi meu professor e, de piada em piada, fui aprendendo.

O único problema de relacionamento com o Santarém, na redação, envolvia a Bruna. Assim ele chamava sua Remington Rand, um modelo moderno para as máquinas de escrever da época. Bruna, em alusão à Bruna Lombardi, pelas formas elegantes de ambas. Usar a Bruna? Nem falar. O Meneghini, despretensiosamente, colocou a mão sobre a Bruna. Ouviu poucas e boas. Por precaução, eu nem olhava para a dita cuja.

Mas, justiça seja feita, o relacionamento do Santarém com a Bruna rendeu

um filho: “República dos Coqueiros”. Um livro que salvou belos fragmentos da história de Passo Fundo e da região. E propiciou gostosas gargalhadas. Em abril do ano passado, o Santa me levou de Passo Fundo para Erechim. Aproveitei o papo descontraído e perguntei sobre Bruna. Triste e com um tom de revolta, contou que havia emprestado para um amigo de Porto Alegre, que acabou perdendo a relíquia. Conte até três, mas não consegui conter uma gargalhada. É claro que não disse “bem feito”! Mas pensei...

(Luiz Carlos Schneider é jornalista. Texto publicado em O Nacional, 9 de março de 2010.)



ILUSTRAÇÃO: LEANDRO DÓRO

Meu amado Santarém partiu

ROSE TOLEDO SANTARÉM

Discreto, como era do seu estilo. No sábado, quando a cidade já descansava, preparava-se ele para a grande viagem. Saiu de cena sem alarde. Esperou pela minha presença, para a despedida final, e foi ao encontro do Pai que já o aguardava. Com instruções para a nova jornada, em outra dimensão.

Só uma grande causa para tirá-lo de casa, num momento tão feliz de nossas vidas. Contestador que era, lutou, argumentou, mas perdeu a batalha. A bem da verdade, perdemos todos. Há várias cadeiras vazias em diversos pontos da cidade. Avesso às regras, fez o que quis e como quis, era seu segredo de felicidade. Boêmio assumido. Era nas madrugadas que, com outros pares, repassava o dia. Sem nunca esquecer de ligar avisando: “amor, dá mais cinco, intermináveis, minutinhos, que já tô chegando”. Sempre passando a lista de presentes que legitimavam a sua presença no local. Mas o Pai já não podia mais esperar. Precisava ao seu lado de alguém com a sua genialidade. Um homem digno, forte, combativo, com senso de humor. Era singular na contundência de seu texto e na leitura que fazia dos fatos. A piada certa na hora exata foi outra marca de sua personalidade. Conheceu o sabor das injustiças e contra elas lutou. Assim, a ética, a lealdade e a defesa intransigente de suas convicções lhe proporcionaram o respeito e a admiração de uma comunidade inteira, que lamenta sua perda. Cala-se a Coluna do Santa. Dezoito assíduos leitores, mais alguns que se omitiram, estão órfãos... Perdoem-me agora se lhes falo de uma coisa tão íntima que foi a nossa convivência diária. Tive o privilégio de conviver com ele por uma década, amei muito, fui amada. Vivi as suas alegrias. Ainda recentemente foi homenageado pela Rádio Progresso da cidade de Ijuí, onde trabalhou na juventude. Não era vaidoso, mas o reconhecimento pelos bons serviços prestados encheram seu coração de alegria. E, por último, também chorei com ele a dor física que antecedeu a sua partida.

Esta cumplicidade também se reve-



Argeu Santarém e Rose Toledo Santarém

lava na convivência com seus filhos e netos. A formatura do Cássio e, agora recentemente, do Eduardo, foram momentos de grande felicidade, assim como o nascimento de Antônio, filho da Larissa, que foi longamente esperado. Aguardávamos agora ansiosamente a formatura da Cristiane, que aconteceria na PUC em Porto Alegre. Então a alegria do pai estaria completa: os quatro filhos formados, independentes, na profissão que abraçaram.

Quanto a mim, rogo a Deus para que me inspire, me diga como é que se lida com esta dor que rasga a carne e dilacera a alma, pela falta que nos faz a presença física, o calor, o abraço, o apoio.

Por último, um agradecimento especial a todos os que compareceram à cerimônia de despedida: aos colegas jornalistas e da Prefeitura, à presidência da Câmara de Vereadores e aos vizinhos. Aos que enviaram flores, coroas, e também e-mail. Enfim aos que de alguma forma nos confortaram, nosso muito obrigado. Um agradecimento eterno aos

médicos Rosemar Stefenon e Jairo Cavovila, que, inspirados por Deus, foram incansáveis em seus talentos, acompanhando-o por vários anos. A todo o corpo da CTI do Hospital ProntoClínica, em especial à enfermeira Tânia, um anjo em nossas vidas. Ela ultrapassou o exercício da profissão, foi amiga e presença acolhedora na hora da passagem. As belas e encorajadoras palavras da amiga Eloísa Almeida, do Celestino Meneghini, enaltecendo a figura humana e profissional, igualmente do padre Alcides Guareschi, relembando sua trajetória, além de bem recomendá-lo ao Pai, ainda ecoam em meus ouvidos. Partiu o homem, mas fica sua lembrança como legado da vida pública, do político, jornalista, escritor e professor.

Fica em paz, meu amor, que eu viverei na certeza do dia do reencontro!

Um grande beijo, da tua Rose!

(Rose Toledo Santarém é jornalista. Texto publicado em O Nacional, 11 de março de 2010.)

Depois do Santa

CELESTINO MENEGHINI

O falecimento de Argeu Santarém, 66 anos, foi um acontecimento marcante, pela importância do jornalista, que pautou sua vida pelo incedível compromisso com os acontecimentos dos últimos 45 anos. Assumindo postura aberta em defesa das liberdades, confrontou-se com padrões de exceção institucional, que afetavam a vida democrática. Foi editor e agente informativo, com alto quociente de qualidade técnica. Ousado para os padrões da época, embasou sua trajetória em estudos permanentes, fator que lhe garantiu a virtude dos consequentes. Fez por merecer a confiança de um grupo que debateu aspectos cruciais sobre a verdade, a democracia e a liberdade, sumário de seu ideal. O valor histórico e o aprimorado estilo literário afixam sua obra jornalística, em centenas de publicações, nesse quase meio século de produção, tornando-se inesgotável expressão literária de nossa terra, pertinente à conduta contemporânea do ser humano.

(Celestino Meneghini é advogado e jornalista. Texto publicado em O Nacional, 11 de março de 2010.)



Colegas jornalistas: Meireles Duarte, Celestino Meneghini, Zulmara Colussi, Acácio Silva. Em pé, Odone Neves, pessoa não identificada, Dino Rosa, Jaime Freitag, pessoa não identificada, Argeu Santarém, Carlos Fonseca, Fátima Trombini e pessoa não identificada



Rui Rösing, Argeu Santarém, jornalistas Carlos Bastos e Celestino Meneghini



Irmãos Caruso com Argeu Santarém e Ivan Postal.

O Argeu Santarém que conheci



Da esquerda para direita: Jornalista Paulo Dias, Airton Dipp, Argeu Santarém e José Luis Espanhol, Rui Carrard e Sereno Chaise (atrás de Leonel Brizola)

LUIZ JUAREZ NOGUEIRA DE AZEVEDO

Conheci Argeu Santarém lá pela década de 1960, quando veio de Marau para militar no rádio e na imprensa de nossa cidade. É certo que principiou no rádio, logo depois passando para as fileiras da imprensa. Juntamente com Ivaldino Tasca, chegou a ser meu aluno na Faculdade de Direito, deixando o curso lá pelo terceiro ano, com o que se perdeu também um grande advogado.

Seu primeiro trabalho na imprensa foi no Diário da Manhã. Já então gostava de frequentar a redação de O Nacional. Sob o comando de Tarso de Castro, nela havia um ambiente permanente de confraternização e alegria, descontraído e irreverente. Lá estavam naquela época, entre outros, João Freitas, Paulo Pires, Décio Ilha e Ivaldino Tasca, que vieram a se tornar verdadeiros ícones do jornalismo local.

Em seguida, por inspiração de Tarso de Castro e garantido pelo apoio incondicional do velho Múcio, contratado como repórter de O Nacional, Santarém tornou-se titular de uma coluna permanente no jornal. Desde o começo, em textos primorosos, - inspirado no exemplo de Tarso - revelou toda a ironia, o talento, a irreverência e bom humor que sempre caracterizaram seus

escritos. Sem nenhum temor, profissional corajoso e independente que era, não hesitava em comentar assuntos de interesse da comunidade, fustigando quando fosse preciso a injustiça e o erro. Fazia isso ainda que a matéria pudesse melindrar os poderosos de então, políticos, empresários ou mesmo militares. Por isso mesmo, volta e meia causava descontentamentos entre aqueles que eram alvo de seus comentários. Alguns até o levaram à barra dos tribunais. Mais de uma vez, devido ao que escrevia e publicava, tentaram enquadrá-lo na famigerada Lei de Imprensa. Como advogado — à época também advogado de O Nacional — sempre o defendi nos tribunais, tendo meus argumentos de defesa acolhidos. Em todas as vezes saiu absolvido e de cabeça erguida. Mesmo com a censura que, de tempos em tempos, era estabelecida, a liberdade de expressão encontrava brechas e conseguia ser assegurada pela atuação de jornalistas destemidos, de advogados que não se deixavam amedrontar e de juízes conscientes, que, malgré tout, exerciam suas prerrogativas com imparcialidade e independência.

Acompanhei e sempre aplaudi sua trajetória como político, quando vereador em Passo Fundo. E depois, quando assessorou a bancada do PDT na Assembleia, e o Governador Alceu

Collares, no serviço de imprensa do Palácio Piratini. Muito me diverti com os causos que relata em sua obra prima — A República dos Coqueiros — e com os que constantemente contava nas mesas do Bar Oásis.

Aposentado, retornou à terra e tornou, mais uma vez a escrever em seu amado jornal, agora prestigiado por Múcio Filho e por Múcio Neto. A Coluna do Santa, apreciada e lida avidamente todas as semanas, continuou a ser a demonstração eloquente do talento do inextinguível jornalista que ele foi.

Ao elenco de seus grandes amores — os filhos, a esposa, o Inter e o PDT — somavam-se o Bar Oásis e a Confraria da Mesa 1, da qual ele se tornou entusiasta e uma espécie de permanente repórter e porta-voz, chamando-a de “Academia da Mesa 1”. Não havia encontro a que não comparecesse, irradiando alegria e bom humor, e documentando em imagens as presenças e os acontecimentos, como experiente fotógrafo que era. Sua partida causou muita comoção e vai deixar muita saudade. Essa admirável figura humana, com sua ética exemplar de amor ao próximo e à vida, foi o Santarém que nos deixou, foi o Santarém que conheci.

(Luiz Juarez Nogueira de Azevedo é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

APL sob nova direção

(ARQUIVO APL)



A recém empossada diretoria da APL

No dia 23 de fevereiro de 2010, foi realizada a solenidade de posse da nova Diretoria da Academia Passo-Fundense de Letras, em sua sede própria, situada na Avenida Brasil Oeste, 792, centro.

Com as dependências praticamente lotadas de autoridades, convidados e imprensa em geral, deu-se início à sessão solene, tendo como mestre de cerimônias o Dr. Irineu Gehlen. Apresentou-se o coral da UPF que, além de cantar o Hino Nacional junto com os presentes, fez mais três apresentações artísticas, o que motivou ainda mais as pessoas que aguardavam para assistir ao ato solene.

Foi dada a palavra ao presidente Paulo Monteiro, que discorreu sobre a sua gestão, citando os principais tópicos que nortearam a sua administração. Em seguida, a presidente recém-empossada, Elisabeth Souza Ferreira, fez o seu discurso de forma clara e objetiva, prometendo à comunidade, fazer nos próximos dois anos, um período de desafio, onde se possa provar que uma mulher pode ter muita capacidade para administrar bem uma casa de cultura. Enquanto uma das autoridades se manifestava publicamente, um aluno do Colégio Notre Dame fez a entrega de um mimo à nova presidente, deixando-a emocionada pelo fato de ser uma ex-aluna de tão notável estabelecimento de ensino.

Ao final, foi servido um coquetel aos presentes. Uma delicada lembrança de tão importante data foi distribuída entre todos os presentes.

(Texto: divulgação diretoria APL)

A nova Diretoria fica assim composta:

Presidente Elisabeth Souza Ferreira	2º Secretário Rogério Sikora
Vice-Presidente Santina Rodrigues Dal Paz	1º Tesoureiro Osvandré Lech
Secretário-Geral Paulo Monteiro	2º Tesoureiro Alberto Rebonatto
1ª Secretária Dilse Piccin Corteze	

Comissão de Contas e Patrimônio

Presidente Selma Costamilan	Suplentes Getulio Vargas Zauza
Relator Luiz Juarez Azevedo	Daniel Viuniski
Conselheiro Pedro Ari Veríssimo da Fonseca	Marco Antonio Damian

Eu te saúdo Elisabeth!

(ARQUIVO APL)



Selma Costamilan entre Gilberto Pacheco e Elisabeth Ferreira

GILBERTO PACHECO

Neste 23 de fevereiro... Quando essa grande porta, histórica e portentosa porta (a mais alta e conhecida porta da Avenida Brasil, 792) que confere endereço à Academia Passo-Fundense de Letras, estiver recebendo a acadêmica Elisabeth Souza Ferreira, algo de inédito estará se passando.

Próximo, muito parecido ao “Je vous saluez, Maria!”

Estará acontecendo: “Eu te saúdo Elisabeth Souza Ferreira!” Trigésima terceira presidente da APL! – quarta mulher – a exercer tão nobre e distinto cargo! A mais jovem presidente dessa Agremiação Cultural em todos os tempos!

Vivos estivessem, Doutor Florisbello e dona Geni Ferreira, mal se caberiam de emoção e orgulho de sua única filha, em tão ilustre cargo. Como estarão os dois frutos de seu ventre Scheldon Souza Ferreira e Schaida Souza Ferreira Seco.

Elisabeth Souza Ferreira, que a história permitiu vir ao mundo, numa mesma data de Atena, a deusa grega da sabedoria – 19 de março -, possui traços de personalidade muito

semelhantes, pois não cultua e não se permite intimidar por pouca coisa. Tanto o quanto, exerce frontalmente o bom combate bíblico. O que a faz, forte, valente e persistente. Vencedora em seus embates empreendidos com a vida.

Elisabeth Souza Ferreira, acadêmica da cadeira 10 – Monteiro Lobato – em festiva data de 05/08/89 com a idade de 26 anos apenas. Elisabeth nessa época era colaboradora do jornal Diário da Manhã, cujo proprietário – Diógenes Martins Pinto - foi seu principal incentivador para que concorresse a tão nobre Cadeira de Imortal das Letras de Passo Fundo. Na época já possuía um livro publicado, o que muito lhe deve ter favorecido na escolha final.

Elisabeth Souza Ferreira é passo-fundense da gema. Aluna jubilar do Colégio Notre Dame, de onde saiu para frequentar a UPF – curso de História. Frequentou e se formou em inglês no FISK e foi empresária no ramo de Livraria. Nunca saiu de Passo Fundo, o que a credencia notavelmente, como aos vários filhos que saíram desta terra para vencer em outras plagas distantes.

Mística, ama o próximo e busca, sempre que pode, ajudá-lo e incenti-

vá-lo para o exercício do viver bem e dentro dos bons princípios.

Entra para a presidência da Academia Passo-Fundense de Letras, consciência da responsabilidade que a espera, mas com a grande e firme certeza, de que soube selecionar nomes eminentes para compor consigo o biênio 2010/2011, a deixar o inequívoco título: não o maior ou menor, mas com certeza, diferenciado grupo de acadêmicos e acadêmicas, tais como Santina Rodrigues Dal Paz, Paulo Monteiro, Dilse Piccin Corteze, Rogério Sikora, Osvandré Lech, Alberto Rebonatto, Selma Costamilan, Juarez Azevedo, Pedro Ari Veríssimo da Fonseca, Getulio Vargas Zauza, Daniel Viuniski e Marco Antônio Damian, cuja competência, zelo e amor pela Academia Passo-Fundense de Letras são inequívocos e incontestáveis!

E, que assim possa e assim seja Elisabeth Souza Ferreira – presidente da Academia Passo-Fundense de Letras!

Deus esteja contigo e com a tua equipe, em prol da cultura e da sabedoria passo-fundense!

(Gilberto Pacheco – Do Centro de Letras do Paraná.)

Discurso de posse na presidência da APL

ELISABETH SOUZA FERREIRA

Durante muito tempo escrevi para o Jornal Diário da Manhã. Meus escritos sempre foram embalados pelo cunho místico. O que agradava muito aos leitores. Porque é justamente isso que as pessoas buscam. Elas querem algo que as conforte; que as estimule; que lhes dê coragem de seguir em frente. Assim, fui reunindo um número considerável de textos. Até que formei o meu primeiro livro, em 1989: *Conquistas do coração*.

O Dr. Diógenes Martins Pinto, proprietário do Jornal Diário da Manhã, sugeriu-me o ingresso na Academia Passo-Fundense de Letras, uma vez que eu já tinha uma obra publicada em mãos, e todos os requisitos para tentar uma vaga neste sodalício. Afinal, tentei e fui aceita, passando pelo crivo dos confrades que me antecederam.

Em 1992, lancei o meu segundo livro: *Muito além do arco-íris*.

Em 2006, o terceiro: *Uma luz em terras africanas*. E, em 2009, o tragicômico *Humor com pimenta*, meu quarto livro.

Quando eu ingressei na Academia Passo-Fundense de Letras, em 1989, o presidente Octacílio de Moura Escobar olhou para mim e disse: “Um dia tu serás presidente desta casa”. E eu repliquei: “Não! Não gosto de falar em público. Jamais seria escolhida por quem quer que fosse!” E ele insistiu: “Tu serás! Eu tenho certeza!” Passaram-se mais de vinte anos. E eu nunca tinha me imaginado na presidência. No final do ano passado, uma confrreira me disse que eu deveria candidatar-me. Não levei a sério. Depois disso, surgiu um confrade que me falou o mesmo, mas num tom de brincadeira. Surgiram outros. E mais outros. O que me levou a pensar no que eu poderia fazer como presidente. Comecei a ter ideias. E a vontade de colocá-las em prática. Resolvi falar em candidatura. Nunca tinha participado antes de uma eleição. Uma vez decidida, entrei com convicção. Fui percebendo que as pessoas estavam me apoiando



Elisabeth Souza Ferreira

e me incentivando a concorrer. Assim, cheguei onde estou. Com os pés no chão. Sem sonhos mirabolantes. Sem projetos de difícil execução.

Estes dois últimos anos como primeira secretária da Academia me credenciaram pelos meus feitos simples em prol do cargo que ocupei. Colocaram-me a par dos problemas que enfrentamos no dia-a-dia. Acompanhei a luta do meu antecessor, Paulo Monteiro, que pouco a pouco, foi desbravando a mata cerrada, até conduzir-nos a uma imensa clareira. Eu vi a Academia se abrir para o povo. E o povo abrir portas e mais portas, convidando-nos para entrar. Espero dar continuidade ao trabalho democrático iniciado há dois anos. Oferecer a Academia ao povo. Dedicar a Academia à cultura. Porque cultura é vida. E vida é cultura.

Não sou mulher de muitas palavras.

Mas, quem me conhece, sabe, que eu sou uma pessoa de muitas iniciativas. E não tenho medo de tomar decisões. Aceito sugestões e críticas construtivas. Tudo será analisado por mim e pela diretoria da Casa.

Espero não desapontar aqueles que votaram em mim! Mas, principalmente, espero surpreender aqueles que não deram crédito. Se a gestão anterior foi a de transição, a minha deverá ser a do desafio, provando que uma mulher também pode ter uma capacidade extraordinária para administrar uma casa de cultura como a nossa, mas, principalmente, oferecer um grande coração para conduzir os confrades numa mesma e unida família.

Muito obrigada!

Passo Fundo, 23 de fevereiro de 2010

Uma mensagem de sonhos e amor

LUCINDA NOVELLO DA CONCEIÇÃO

Que Deus não permita que eu perca o ROMANTISMO, mesmo sabendo que as rosas não falam...

Que eu não perca o OTIMISMO, mesmo sabendo que o futuro que nos espera pode não ser tão alegre...

Que eu não perca a VONTADE DE VIVER, mesmo sabendo que a vida é, em muitos momentos, dolorosa...

Que eu não perca a vontade de TER GRANDES AMIGOS, mesmo sabendo que, com as voltas do mundo, eles acabam indo embora de nossas vidas...

Que eu não perca a vontade de AJUDAR AS PESSOAS, mesmo sabendo que muitas delas são incapazes de ver, reconhecer e retribuir esta ajuda...

Que eu não perca o EQUILÍBRIO, mesmo sabendo que inúmeras forças físicas querem que eu caia...

Que eu não perca a VONTADE DE AMAR, mesmo sabendo que a pessoa que eu mais amo pode não sentir o mesmo sentimento por mim...

Que eu não perca a LUZ E O BRILHO NO OLHAR, mesmo sabendo que muitas coisas que verei no mundo escurecerão meus olhos...

Que eu não perca a GARRA, mesmo sabendo que a derrota e a perda são dois adversários extremamente perigosos...

Que eu não perca a RAZÃO, mesmo sabendo que as tentações da vida são inúmeras e delicadas...

Que eu não perca o SENTIMENTO DE JUSTIÇA, mesmo sabendo que o prejudicado possa ser eu...

Que eu não perca o meu FORTE ABRAÇO,

mesmo sabendo que um dia meus braços estarão fracos...

Que eu não perca a BELEZA E ALEGRIA DE VIVER, mesmo sabendo que muitas lágrimas brotarão dos meus olhos e escorrerão por minha alma...

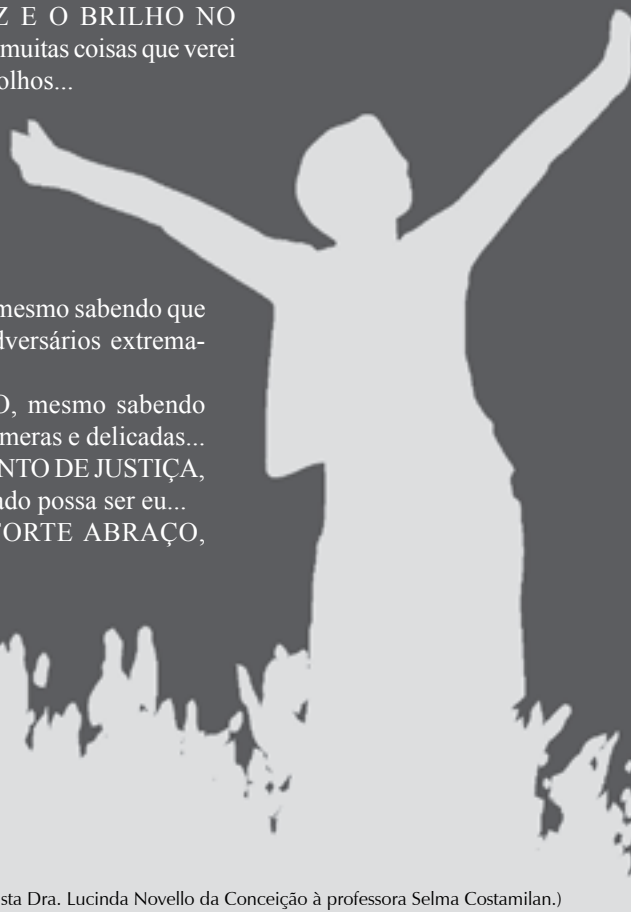
Que eu não perca o AMOR POR MINHA FAMÍLIA, mesmo sabendo que ela muitas vezes me exigiria esforços incríveis para manter a sua harmonia...

Que eu não perca a vontade de DOAR ESTE ENORME AMOR que existe em meu coração, mesmo sabendo que, muitas vezes, ele será submetido e até rejeitado...

E acima de tudo...

Que eu jamais me esqueça que DEUS me ama infinitamente!

Que um pequeno grão de alegria e esperança dentro de cada um é capaz de mudar e transformar qualquer coisa, pois: A VIDA É CONSTRUÍDA NOS SONHOS E CONCRETIZADA NO AMOR!



(Mensagem enviada pela escritora espiritualista Dra. Lucinda Novello da Conceição à professora Selma Costamilan.)

Saudação ao Dr. Cláudio Lamachia

IRINEU GEHLEN

Saudar o Dr. Cláudio Lamachia, nosso presidente da Seccional do Rio Grande do Sul, da Ordem dos Advogados do Brasil é, indubitavelmente, uma honra incontestada e um privilégio singular.

Não tenho medo de afirmar e reiterar que Vossa Excelência é o presidente mais laureado e festejado dos últimos anos, dentro da Ordem dos Advogados do Brasil – Seccional do Rio Grande do Sul, mercê da sua capacidade, do seu dinamismo, do seu entusiasmo e da sua reconhecida honradez profissional, qualidades e requisitos que estão consubstanciados nas extraordinárias gestões que vêm levando a cabo, no Rio Grande do Sul, em favor e em benefício da classe dos advogados deste Estado. Oxalá pudéssemos nós eternizar no poder um presidente tão qualificado, e ardoroso defensor da categoria.

Além dos méritos que lhe são tributados pelos advogados gaúchos, Vossa Excelência faz-se acatado entre os colegas, pela sua modéstia inata, que o situa além da ocorrência pessoal, com seu feitio gentil e sua polidez impecável de homem público.

O advogado probo, reto e sábio ocupa sempre o espaço merecido na catedral da Justiça e do Direito. A Justiça do Direito é a arma certa contra a prepotência e aqueles que invadem as liberdades e os direitos do homem.

Dr. Lamachia, cultivar e acreditar no Direito e na vida, importa e significa servir ao Direito. Entretanto, para que isso se perfectibilize, precisamos de responsabilidade jurídica.

O grande objetivo, ou seja, a missão dos magistrados e dos advogados e suas organizações de classe, se confunde na busca de um parâmetro, um ponto de equilíbrio, que equacione os anseios de ambos, sem violar ou ferir o que estabelece o Estatuto do Advogado e a Loman. Permito-me repetir o que já disse em várias outras oportunidades: O advogado é aquele profissional que é chamado, que é instado para ajudar, especialmente em tempos em que se vive uma crise moral e ética, preferencialmente no campo político deste país.



Aí surge o verdadeiro advogado como um baluarte da verdade, como uma garantia para a cidadania.

O trabalho harmônico, entre juízes, advogados, Ministério Público e outros operadores do Direito, é imperativo na era contemporânea. Valores que parecem inexpressivos, discussões que se apresentam desimportantes, aos olhos das partes envolvidas, certamente, podem traduzir-se em vida ou morte, e esse é o peso e a glória destas nobilíssimas profissões, do advogado, do juiz e do Ministério Público.

O juiz, além do elenco imenso de responsabilidades que pesam sobre seus ombros, para fazer cumprir a Lei, possui dois compromissos indelegáveis: a verdade e a justiça. A justiça tida por muitos como uma utopia é, *sinae dubio*, o objetivo final. Por isso, o equilíbrio, o respeito, a igualdade e o rigoroso cumprimento do Estatuto dos Advogados e da Loman, deve ser preocupação permanente da Ordem dos Advogados

do Brasil, e aqui, cabe ressaltar que o nosso presidente, que nos honra nesta noite, tem sido incansável nessa missão.

Já dizia o inolvidável sábio: O advogado que se queixa de não ser compreendido pelo juiz, não se queixa do juiz, mas de si mesmo. O juiz não tem o dever de compreender. Dos dois, o que está sentado à espera, é o juiz, o que está de pé, o que deve mexer-se e aproximar-se, mesmo espiritualmente, é o advogado.

Assim, sejamos nós, juízes, advogados e Ministério Público, uma frondosa árvore para servir de proteção e garantia dos direitos individuais e coletivos. O grande tribuno romano, Cícero, disse: “*Nihil honestum esse potest, quod iusticia vacat*” (nada pode ser honesto, quando a justiça falta).

A maturidade na advocacia chega com o passar dos anos. O tempo vai purificando as ilusões, os exageros, as deformações, a ênfase, e até a impulsiva generosidade da juventude. Isso não significa que o advogado não deva ser

fervente e dotado de uma coragem incomum, que não lhe faça parecer parcial e ser o órgão propulsor do processo, tomando todas as iniciativas, agitando todas as dúvidas, rompendo com todas as contemporizações, sem perder de vista jamais a honradez e a correção profissional.

Destarte, Sr. presidente, em nome do jornal O Nacional, em nome de todos os advogados passo-fundenses e gaúchos, autoridades e convidados especiais, queremos saudar o nosso grande presidente, Dr. Cláudio Lamachia, que nos honra com sua presença e especialmente com sua cultura, nesta noite, aqui em Passo Fundo.

O pressuposto fundamental da advocacia é, indubitavelmente, a liberdade. Sem democracia não se concebe a figura do advogado e sem a figura do advogado não se concebe a paz social, nem a liberdade dos homens. Tudo se vincula



ao magistério da Lei e ao império da Justiça. A convivência humana, em sociedade, seria impossível sem o ordenamento jurídico.

Dr. Lamachia, ergamos dentro de nós um altar, em cujo cimo fulgure, sempre, a chama sagrada do nosso devotamento

ao Direito que não conhece sacrifícios e nem renúncias. Os advogados sentirão lestras e sápidas recordações desse singular convívio cultural que teremos nesta noite, com Vossa Excelência, nosso líder.

Que este encontro não seja apenas um momento mágico, mas que fique o entusiasmo discóbolo em cada um de nós, para que possamos vivificar as incursões pretéritas, comandar o presente estrépito e com pulso firme sermos os editimos do futuro.

Com entusiasmo, vontade e determinação, concretizaremos nossos sonhos. Sonhar é importante, mas é necessário transformar o sonho em realidade.

Passo Fundo, 26 de setembro de 2010

(Irineu Gehlen é advogado e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Poesia

DINAIR FERNANDES PIRES

Chuva

CHUVA FORTE,
CHUVA FINA,
CHUVA MIÚDA.

CHUVA com vento,
CHUVA de pedra,
TEMPORAL!

Ventania...correria...
leve neblina...nostalgia.

Ramo bento queimando,
mamãe rezando,
menina pequena,
os espelhos ,tapando.

Lá fora...água lavando sarjeta,
menina maior, brincando
como borboleta:
molhada,saltitante,
cabelos pingando,
roupa grudada no corpo,
olhos gandes penetrantes,
embaçados e brilhantes.

CHUVA que LAVA
CHUVA que LEVA
CHUVA que EMBALA
CHUVA que AFAGA
CHUVA que ACOLHE
e que é carícia,
pra corpo cansado,
pra alma sofrida.

CHUVA que é VIDA
CHUVA que NUTRE
CHUVA que MATA
CHUVA que SALVA
CHUVA que ROMPE
o grão da semente,
secando o suor
de tanta gente.

Ah! Chuva bendita,
chuva benvinda,
chuva rezada,
chuva esperada,
chuva presente...
volte novamente!

(Dinair Fernandes Pires é professora, de Passo Fundo/RS.)

Sindicato dos trabalhadores nas indústrias da construção e do mobiliário de Passo Fundo/RS

(FOTOS: ARQUIVO S. COSTAMILAN)



SELMA COSTAMILAN

O Sindicato dos trabalhadores nas indústrias da construção e do mobiliário de Passo Fundo/RS foi fundado em 5 de janeiro de 1944. De início, teve Passo Fundo como suas base territorial exclusiva. Posteriormente, conforme determinação assinada pelo Excelentíssimo Ministro do Trabalho, Arnaldo Prieto, houve extensão territorial para os municípios a seguir relacionados: Camargo, Caseiros, Charrua, Coxilha, Erebangó, Gentil, Ipiranga do Sul, Mato Castelhana, Montauri, Muliterno, Nova Alvorada, Pontão, São Domingos do Sul, Vanini, Victor Graeff, Água Santa, Casca, Ciriaco, David Canabarro, Ernestina, Estação, Getúlio Vargas, Ibiaçá, Ibiraiaras, Marau, Passo Fundo, Sananduva, Serafina Corrêa, Sertão, Tapejara e Vila Maria.

Primeiro Presidente, no decorrer de 1944, foi o Sr. Antonio Figueredo. Os demais, em número de 05 atuaram até 1971. A partir deste ano, assumiu o Sr. Edson Pereira de Freitas, o qual mantinha sua sede no antigo Circulo Operário de Passo Fundo. Em 1973 o Sr. Edson passou a construir a sede própria da entidade, na Rua Coronel Chicuta, nº 29, no centro da cidade, com área



VIII Congresso Nacional dos Trabalhadores nas Indústrias da Construção e Mobiliário, Florianópolis, agosto de 1986

construída de 693 m², onde se instalava a assistência social e administrativa. Em 1983, iniciou-se a construção da sede campestre, na RS 324, km 07, para uso dos trabalhadores, com área de lazer, inclusive piscinas, cancha de bocha, campo de futebol, quadra de voleibol, etc.

Conforme o histórico apresentado em relatórios e atas, este Sindicato, fundado em 1944, junto ao Circulo Operário, deu origem a outros sindicatos das diversas categorias, em Passo Fundo.

O Sr. Edson representou a “Bandeira do Trabalhador”, no município e região, por quase 38 anos, seguindo o objetivo da entidade, que dar assistência ao trabalhador da construção e do mobiliário.

Segundo dados da instituição, são 3 mil mortes de trabalhadores por ano e 300 mil sofrem acidente de trabalho.

Os sindicatos proporcionam conhecimentos importantes. Grandes homens se destacaram através deles em diferentes esferas, tal como o presidente dos Estados Unidos, Abraão Lincoln, que foi lenhador, e o nosso ex-presidente Luis Inácio Lula da Silva, que foi metalúrgico e tantos outros que se sobressaíram dentro do sindicato, que pode até ser considerado como a “Faculdade da Vida”.

(Selma Costamilan, professora, historiadora e poetisa, é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

O menino que desenhava

Leandro Malósi Dóro nasceu em Passo Fundo (RS), em 25 de outubro de 1975. Filho de Hilda Malósi Dóro e neto de Elvira, se lembra das primeiras revistas em quadrinhos - Disney e Maurício de Sousa - que ganhava nos primeiros anos da infância. Foi alfabetizado com essas mesmas publicações.

Recorda quando uma pessoa próxima à família vendeu a enciclopédia “Novo Conhecer” a sua mãe. E, mais ainda, da recomendação de não ler ainda esses volumes, pois poderia rasgá-los ou riscá-los. Esse foi o maior estímulo para que, ao invés de destruir os volumes, tentasse lê-los. E conseguiu, amparado pelas ilustrações em aquarela ou óleo, que o fascinavam, assim como admirava as coleções: Enciclopédia da Natureza e Reino Colorido da Criança - Imagem e Som.

Aos 11 anos, familiares descobriram que a perna esquerda de Leandro estava se curvando. Após consultar dezenas de médicos, sofreu uma série de três cirurgias, uma por ano, que o deixaram de cama cerca de três a quatro meses por intervenção. Esse período, Leandro ocupou lendo livros de aventura e revistas em quadrinhos, além de começar a desenhar, atividade que o acompanha vida afora.

Começou copiando revistas em quadrinhos, e breve passou a inventar seus próprios roteiros e personagens. Aos 16 anos, procurou matricular-se em cursos de desenho. Porém, encontrou apenas um curso de pintura de “óleo sobre tela”, que não cursou.

Aos 17, finalmente, achou um curso de desenho. Todavia, o professor faleceu às vésperas de começarem as aulas. A proprietária do curso propôs que Leandro buscasse uma certificação em desenho para, então, começar a lecionar. Ele recusou a oferta, por acreditar saber ainda muito pouco para ensinar.

Frequentador diário de bibliotecas, desde a infância, passou então a criar uma história em quadrinhos, infantil, sobre a origem de Passo Fundo, apre-



Leandro M. Dóro

sentando ao seu amigo e orientador, Alexandre Oliveira, à época chargista do Diário da Manhã e atualmente do Diário Gaúcho. Leandro pesquisou Antonino Xavier e Oliveira e demais historiadores.

Após concluir mais de 20 páginas, tentou, sem sucesso, interessados em publicá-la. Encontrou, entretanto, uma pessoa que gostou de seu trabalho: Zulmara Colussi, editora do jornal O Nacional, que o contratou como desenhista do Caderno da Criança, que circulava aos domingos. Poucas semanas depois,

o cartunista Geraldo Fernandes cedeu alguns dias de seu espaço no jornal, para que aquele jovem pudesse mostrar seu trabalho.

Assim Dóro, como assinava seu nome desde então, trabalhou ali por quatro anos, criando inúmeras amizades, de 1993 a 1996. Saiu para trabalhar primeiro com o jornalista Ivaldino Tasca, na editora Aldeia Sul – onde consolidou sua paixão pelo jornalismo. Depois, como funcionário, na fundação do Museu de Artes Visuais Ruth Schneider, administrado por

Roseli Doleski Pretto (in memoriam), e apoiado pela professora Tania Rösing, que há anos o auxiliava, permitindo, inclusive, que conhecesse artistas nas jornadas de literatura, para aprimorar seu trabalho.

Deixou o museu no mesmo ano para assumir a função de jornalista no jornal Diário da Manhã, a convite do editor Álvaro Dalmagro, ex-colega em O Nacional. Trabalhou no Diário até 2001. Em paralelo, colaborava nos primeiros sites da cidade, em especial, o www.passofundo.com, extinto em 2001, devido a um processo julgado a revelia. Ali publicava crônicas, contos, histórias em quadrinhos e fez pequenas animações, em parceria com os programadores da página.

Nessa época, começou o curso de Jornalismo, na UPF, e Dóro tornou-se assessor de imprensa do Diretório Central de Estudantes, editando um jornal mensal. Ainda colaborava em programas da Rádio Passo Fundo. Em 2001, mudou-se para Porto Alegre, fazendo cobertura do 1º Fórum Social Mundial. Lançou a revista infantil Gauchinho, distribuída na rede Comercial Zaffari por três anos. Na mesma época, passou a desenvolver oficinas de histórias em quadrinhos, de charge e cartum, em diversas semanas acadêmicas de faculdades de Comunicação Social. Em 2002 e 2003, expôs no site Ciranda.net, também do Fórum Social Mundial. Em



(FOTO: BETINA AZAMBUJA)

2004, ganhou o concurso de charges do Canal Rural.

Passou a integrar a Grafistas Associados do Rio Grande do Sul - grupo fundado por Edgar Vasques e Santiago. Em 2005, participou de exposição de cartunistas brasileiros em St. Just de Le Martell, na França - exposição esta que concorreu ao Prêmio HQ Mix, o Oscar da arte gráfica aplicada brasileira.

Foi um dos organizadores e participantes do livro Edição de Risco, que reúne 32 cartunistas gaúchos - primeira iniciativa neste sentido desde o lançamento dos livros QI 14 e 14 BIS, em 1975 e 1976, respectivamente. Ganhou

o terceiro lugar no concurso “Sabbis” de Desenho Animado.

Em 2006, expôs em Frankfurt e Portugal, durante a Copa do Mundo de Futebol. Ainda participou de mostra na Bósnia Herzegovina, Santa Maria, Rio Grande e Bento Gonçalves — essa última na Fenavinho Brasil. Integrou exposição sobre humor e livros, e participou de mural em homenagem a Mário Quintana, ambos na Casa de Cultura Mário Quintana, em Porto Alegre. Lançou a ficção baseada em fatos reais “Revolta dos Motoqueiros”.

Em 2007, fez a revista em quadrinhos “Tempero Verde”. Atualmente, trabalha com assessoria de imprensa, tem doze pequenos livros publicados no site www.bookess.com. Participou de publicações nacionais, como a revista Front. Ganhou o concurso de contos de ficção científica FCdoB. Expôs na Bienal B, em Porto Alegre, e fez individuais em Passo Fundo (RS).

Leandro Dóro admite como suas principais influências: Adão Iturrusgarai, Angeli, Bill Sienkiewicz, Carl Barks, Edgar Vasques, Frank Miller, Joe Sacco, Glauco, Laerte, Marcatti, Maurício de Sousa, Mozart Couto, Mike Deodato, Robert Crumb, Santiago e Will Eisner.

Atende, como ilustrador independente, clientes como Net TV, Thiessen Krupp Elevadores, AES Brasil, Dass Sul, entre outras.

Mantém os sites: <http://contosemquadrinhos.blogspot.com>, <http://arte-parapublicidade.blogspot.com>, <http://leandromalosidoro.blogspot.com>, <http://meiguinhaepolentina.blogspot.com>, <http://leandrogoro.zip.net>.

(Organizado por G. R. CUNHA)



Discurso de posse

(FOTOS: ARQUIVO APL)

O Prof. Dr. Mauro Gaglietti discursou na solenidade de posse dos acadêmicos Carlos Antonio Madalosso, Elmar Luiz Floss, Diógenes Luiz Basegio, Marilise Brockstedt Lech, Mauro Gaglietti, Odilon Garcez Ayres, Sueli Gehlen Frosi, em 21 de outubro de 2010, na sede Academia Passo-Fundense de Letras.

Sra. Presidente Elisabeth Souza Ferreira e demais autoridades nomeadas pelo protocolo e que se encontram presentes, boa noite a todos! Este momento é bastante singular, repleto de significados e permeado pelos mais variados gestos que emocionam a todos nós. Pertencemos a uma cidade cujo imaginário é constituído pelos traços ligados à presença dos gaingangues, ação dos jesuítas e bandeirantes, pelos caboclos, tropeiros, e, também, por pessoas e ações culturais que aparecem toda vez que lembramos de Teixeira, Múcio de Castro, Tarso de Castro, Yamandu Costa, Alegre Correa, Felipão (técnico de futebol), Felipão (filho de escravo), Nicolau de Araújo Vergueiro, Murilo Endres, Gustavo Endres, Letícia Birkheuer, Túlio Fontoura, Dyógenes Martins Pinto, das Jornadas de Literatura, dos Festivais de Folclore, das Feiras do Livro, do Timbre de Galo, das 13 livrarias, da Companhia da Cidade, da Batalha do Pulador, da Revolta dos Motoqueiros, do Rodeio, da Roselândia, dos CTGs e piquetes, das 73 escolas públicas, das 9 escolas privadas, das 11 instituições de ensino superior, dos museus, do nosso Teatro, da nossa Biblioteca Pública, dos nossos cafés, dos cafés filosóficos nos bares. Enfim, Passo Fundo é isso e muito mais.

No livro de Ítalo Calvino, intitulado *As cidades invisíveis*, Marco Polo, o viajante veneziano, busca um modo de descrever para Kublai Khan as incontáveis cidades do imenso império do conquistador mongol. Diz Marco Polo:

Inutilmente, magnânimo Kublai,



Mauro Gaglietti

tentarei descrever a cidade de Zaíra [...]. Poderia falar de quantos degraus são feitas as ruas em forma de escada, da circunferência dos arcos dos pórticos [...]; mas sei que seria o mesmo que não dizer nada. A cidade não é feita disso, mas das relações entre as medidas de seu espaço e os acontecimentos do passado: a distância do solo até um lampião e os pés pendentes de um usurpador enforcado; o fio esticado do lampião à balastrada em frente e os festões que empavesavam o percurso do cortejo nupcial da rainha [...].

A cidade se embebe como uma esponja dessa onda que refluí das recordações e se dilata. Uma descrição de Zaíra, como é atualmente, deveria contar todo o passado de Zaíra. Mas a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos para-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões,

serradelas, entalhes, esfoladuras.

O mesmo dilema de Marco Polo me assaltou, quando tentava selecionar os dados que melhor descrevessem a eleição dos sete novos integrantes da Academia Passo-Fundense de Letras (APL). Não é fácil falar de uma biografia intelectual, o que se dirá de sete!!!

Ressalto, nestes termos, que a presença de todos vocês aqui, nesta noite, legítima, em certa medida, o alcance e o sentido existencial da Academia Passo-Fundense de Letras, renovando os laços dessa instituição com a história cultural da cidade, e colocando pinceladas de amarelo de Van Gogh no trabalho criador de cada um dos imortais que ocupam, ou que já ocuparam, uma das 40 cadeiras que simbolizam a congregação de escritores de Passo Fundo, com o objetivo de auxiliá-los a desenvolver e expandir a arte literária, em qualquer dos seus gêneros.

A Academia Passo-Fundense de Letras foi fundada no dia 7 de abril



Acadêmicos Carlos Madalosso, Diógenes Basegio, Elmar Floss, Marilise Lech, Mauro Gaglietti e Odilon Garcez Ayres

de 1938, com o nome de Grêmio Passo-Fundense de Letras, recebendo também em 7 de abril, mas do ano de 1961, a atual denominação. Chama a atenção que, ao longo de sua história, a Academia congregou e foi presidida por personalidades que marcaram a história de Passo Fundo, envolvendo romancistas, poetas, cronistas, contistas, cientistas, jornalistas e historiadores. Muitos deles exerceram os mais importantes cargos públicos: vereadores, intendentos, depois prefeitos, deputados estaduais e federais. Outros ocuparam cátedras universitárias na condição de professores e pesquisadores. Só para termos um destaque, podemos buscar na memória alguns episódios associados à década de 1880. Naquele período existia o Clube Amor à Instrução que possuía uma biblioteca. Alguns remanescentes desse clube, como é o caso de Francisco Antonio Xavier e Oliveira, foram fundadores desta Academia. Registros apontam, também, a existência de leitores que há cem anos liam o Alcorão escrito em francês. Aqui surgiram as ideias que germinaram e se desenvolveram nos exemplos mais edificantes, não apenas do município, mas transcendendo as fronteiras locais, bem como os institutos de ensino superior, por meio da Universidade de Passo Fundo, cujo projeto fora apresentado pela primeira vez pelo então deputado César Santos (PTB) ao Presidente Getúlio Vargas, em 1954, ano de seu suicídio. Destaca-se, igualmente,

que o surgimento do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), na região norte do Rio Grande do Sul, deveu-se, sobretudo, às discussões acaloradas que foram travadas nos encontros culturais da APL. Assinala-se, também, que a Biblioteca Pública Municipal encontrou na Academia uma grande incentivadora, na medida em que foram os “imortais” os primeiros que se mobilizaram na busca de exemplares dos livros que, por muitos anos, formaram leitores na terra que viria a se tornar, posteriormente, a Capital Nacional da Literatura, e uma das cidades brasileiras com o maior índice de leitura entre seus habitantes, sobretudo em idade escolar.

Assim, agradecemos, imensamente, a todos os membros da Academia Passo-Fundense de Letras que nos honraram com seu voto, possibilitando que sete novos acadêmicos acessem a esta Casa, para nela ocuparem as cadeiras 40, 24, 35, 39, 31, 38 e 17, cujos patronos são, respectivamente: Dom Cláudio Colling, Erico Verissimo, César Santos, Delma Rosendo Gehm (cadeira estreada, homenageando a grande historiadora, Professora Delma Rosendo Gehm, que já presidiu a Academia Passo-Fundense de Letras), Francisco Antonino Xavier e Oliveira, Tenebro dos Santos Moura e Ernani Fornari. Nosso agradecimento se estende, ainda, àqueles que, manifestando outra opção na eleição ocorrida entre agosto e setembro do corrente ano, igualmente contribuíram para chance-

lar os procedimentos regimentais das sucessões acadêmicas, legitimando, assim, com seu nobre e audacioso gesto, a imortalidade de Carlos Antonio Madalosso, Elmar Luiz Floss, Diógenes Luiz Basegio, Marilise Brockstedt Lech, Mauro Gaglietti, Odilon Garcez Ayres e Sueli Gehlen Frosi. Desse modo, agradecemos do fundo do coração a presença de todos vocês, confrades, parentes, amigos, leitores, admiradores, colegas, autoridades e jornalistas. Falo em nome de sete “imortais” que na noite de hoje lembram os versos de CECÍLIA MEIRELES:

“Como os poetas que já cantaram,
e que ninguém mais escuta,
eu sou também a sombra vaga
de alguma interminável música”.

As cadeiras citadas serão ocupadas por nomes que dificultam uma pretensão de todo novo acadêmico: a de lastrear um fio condutor que o destino porventura houvesse tramado, para enlaçar com alguma coerência pessoas e obras de natureza tão dispar. Ainda assim, examinando a bibliografia dos patronos e a dos derradeiros ocupantes, e tentando aproximar essas extremidades cronológicas da cadeira, pode-se constatar, entre os sete novos acadêmicos, ao menos uma clara convergência. Duas vias se franqueiam a quem estude a produção dos novos “imortais”: uma abastecida em fontes primárias, na prospecção direta

de suas biobibliografias; outra, que não exclui a anterior, baseada no conhecimento dessas vidas e obras já no âmbito da própria dinâmica sucessória, ou seja: nas análises que os novos titulares foram consecutivamente formulando, a propósito dos membros que os precederam. Além de se evidenciarem como ritual de passagem, os discursos revelam não apenas os valores pelos quais um acadêmico é acolhido, mas também a releitura que o recém-ingresso opera do legado cultural de sua cadeira. Nessa operação, podem ocorrer deslocamentos de hierarquias e de prioridades. O que se minimiza, na avaliação de um escritor, talvez seja exatamente o aspecto que amanhã mais se revele. Passaremos a ler, portanto, um outro autor, que, embora do antigo conserve o nome, é dele diverso ou mesmo antagônico. Por existirem camadas potenciais de sentido na obra literária, cada época irá legar aquelas que mais lhe digam respeito, como espelho em que verá impressa a sua própria face.

Não obstante, fomos buscar, para a epígrafe deste discurso, um poema de Cecília Meireles, ganhadora póstuma do Prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras, em 1965. Se de um lado, esses versos, com resignado lamento, parecem confinar os escritores à contingência de uma “sombra vaga” (...) “que ninguém mais escuta”; de outro, nos alçam à condição de elos necessários a “alguma interminável música”. Assim, a imortalidade dos imortais reside na permanência de sua obra, sendo lida como uma flecha que atravessa os tempos, tornando toda a leitura uma releitura, fazendo renascer sempre a obra por intermédio de múltiplas interpretações. Ainda que não alocados no pódio de solistas, os escritores participam de um concerto para muitas vozes – e talvez seja esta uma das mais nobres missões da Academia: convocar à vida os nossos mortos, despertar contra o esquecimento as palavras represadas no sono dos livros, fazê-las fluir para que venham integrar-se à “interminável música” da escrita criativa.

Desse modo, a distinção que toma forma nesta noite, em que falo a todos vocês, representando os sete novos integrantes da Academia, na verdade, é uma homenagem que nos vêm sendo prestada ao longo de alguns anos de convívio. A homenagem que temos recebido, dessa cidade cultural, tanto dos que são os protagonistas desta cerimônia como das pessoas que nos amam (...), dos que

estudam, dos que trabalham conosco, é um convívio feito de aprendizado mútuo, em que, como dizia CAMÕES, o saber que vem dos livros é mediado pelo saber que vem da experiência; um convívio feito de solidariedade realizado por quem escreve. Os novos acadêmicos são aqueles que percorrem os anos e os espíritos, deparando-se, a cada passo, com o ser humano tal como ele pode ser e tal como é. Longe daqui, aqui mesmo, eis aí nosso inferno e maravilhas. Desse modo, acompanhando a trajetória de nossas personagens, em geral, deixamos de ser turistas e nos convertemos em peregrinos, porque, como afirma Guimarães Rosa:

Uma coisa é pôr ideias arranjadas, outra é lidar com país de pessoas, de carne e sangue, de mil-e-tantas misérias... [...] e nenhum sossega: todos nascendo, crescendo, se casando, querendo colocação de emprego, comida, saúde, riqueza, ser importante, querendo chuva e negócios bons...

O humano de ação, segundo a expressão de Goethe, é sempre desprovido de consciência e saber. Esquece a maior parte das coisas para fazer apenas uma, sendo injusto com o que se encontra atrás dele, e só conhece um direito, o direito daquilo que deve vir a ser agora. Imaginemos um ser humano mobilizado por uma paixão violenta ou impelido por um grande pensamento. O mundo se transforma para ele! Olhando para trás, ele se sente cego; escutando o que se passa ao seu redor (talvez uma música ao longe), percebe o estranho como um som surdo e desprovido de significação; o que em geral percebe, ele jamais tinha percebido assim antes, tão sensivelmente próximo, colorido, ressonante, iluminado, como se ele o apreendesse, ao mesmo tempo, com todos os sentidos. Todas as suas avaliações se transformaram e se desvalorizaram; tantas coisas ele não está mais em condições de avaliar, porque quase não pode mais senti-las. Ele se pergunta se não fora por tanto tempo senão um repetidor de palavras e opiniões alheias. Ele se espanta que sua memória gire incansavelmente em círculos e esteja fraca e cansada para dar um único salto para fora deste círculo.

Este é o estado mais injusto do mundo, estreito, ingrato frente ao que se passou, cego para os perigos, surdo em relação às advertências, um pequeno e

vivo redemoinho em um mar morto de noite e esquecimento, e, contudo, este estado – a-histórico, contra-histórico de ponta a ponta – é o ventre não apenas de um feito injusto, mas também de todo e qualquer feito reto, e nenhum artista alcançará a sua pintura; nenhum general, a sua vitória; nenhum povo, a sua liberdade, sem ter antes desejado e almejado vivenciar cada uma delas em meio a um tal estado. Assim, todo ser humano de ação ama infinitamente mais o seu feito do que este mereceria ser amado, e os melhores feitos acontecem em meio a um tal excesso de amor que, mesmo se o seu valor fosse incalculavelmente grande, em outros aspectos, eles ainda deveriam ser indignos desse amor.

Porém, se aquelas pessoas, que se instalam no limiar do instante e esquecem todo o passado, podem colocar em perigo o seu mundo particular e o próprio universo, o mesmo ocorre com aquelas que não possuem, de modo algum, a força de esquecer e que estão condenadas a ver, por toda parte, um vir-a-ser. Um ser humano que desejasse sempre sentir apenas historicamente seria semelhante àquele que se obrigasse a abster-se de dormir, ou ao animal que tivesse de viver apenas de ruminação e de ruminação sempre repetida. Portanto, se nos preocupa a ideia de viver quase sem lembrança, também é importante ficarmos atentos para o fato de que é impossível vivermos sem esquecimento, pois há um grau de insônia, de ruminação, de sentido histórico, no qual o vivente se degrada e, por fim, sucumbe, seja ele um único e singular ser humano, um povo multicultural.

Assim, é preciso saber exatamente qual é o tamanho da força plástica e estética de um ser humano, de um povo, das inúmeras culturas. Essa força pode ser pensada como o crescimento singular que gera a partir de si mesma, transformando e incorporando o que é estranho e passado, curando feridas, restabelecendo o perdido, reconstituindo por si própria as formas partidas. Há seres humanos que possuem tão pouco dessa força que, em uma única dor, com frequência, mesmo em uma única e sutil injustiça, se esvaem incuravelmente em sangue. Em compensação, há seres humanos a quem os mais terríveis e horripilantes acontecimentos da vida afetam tão pouco que os levam em meio deles, ou logo em seguida, a um suportável bem-estar e a uma espécie de consciência tranquila.



Selma Costamilan e Pedro Ari Veríssimo da Fonseca acompanhando os novos acadêmicos

Cada ser humano só pode tornar-se saudável, forte e frutífero no interior de um horizonte. Se ele é incapaz de traçar um horizonte em torno de si, e, em contrapartida, se ele pensa demasiado em si mesmo, para incluir no interior do próprio olhar um olhar estranho, então definha e decai, lenta ou precipitadamente, em seu fim oportuno. A serenidade, a boa consciência, a ação feliz, a confiança no que está por vir, tudo isto depende, tanto nos indivíduos como no povo, de que haja uma linha separando o que é claro, alcançável com o olhar, do obscuro e impossível de ser esclarecido; de que se saiba tão bem esquecer quanto lembrar no tempo certo; de que se presinta, com um poderoso instinto, quando é necessário sentir de modo histórico ou de modo a-histórico. Isso quer dizer que o histórico e o a-histórico são, na mesma medida, necessários para a saúde de um indivíduo, de um povo, de uma cultura.

Talvez o equilíbrio entre esses dois elementos possa impulsionar a história e a literatura em direção à vida, pois, diante da falta, assim como diante de um certo excesso de história, a vida desmorona e se degenera, levando à degeneração a própria história.

O que desejamos a vocês, nesta noite e sempre, é felicidade, a felicidade que é sinônimo de respeito pelo outro, de leveza, de flexibilidade e, também, da capacidade de lembrar e esquecer. A felicidade que não possui lugar fixo e que pode ser situada no ponto exato onde se encontram o trabalho e o prazer, a disciplina e a sensibilidade, a certeza e a dúvida. E porque falham as palavras, quando querem exprimir qualquer pensamento, e falham os pensamentos, quando querem expressar qualquer realidade, concluo com uma pergunta e a respectiva resposta, dada pelo poeta Manoel de Barros:

Que lições a história pode oferecer?
A expressão reta não sonha.
Não use o traço acostumado.

A força de um artista vem das suas derrotas.

Só a alma atormentada pode trazer para a voz um formato de pássaro.

Arte não tem pensa?

O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê.

É preciso transver o mundo.

Isto seja?

Deus deu a forma. Os artistas desformam.

É preciso desformar o mundo:

Tirar da natureza as naturalidades.

Fazer cavalo verde, por exemplo.

Fazer noiva camponesa voar – como em Chagall.

Agora é só puxar o alarme do silêncio que eu

saio por aí a desformar (...)

Obrigado pela atenção e paciência!!

Primeiro tabelionato de Passo Fundo: Joaquim Pedro Daudt – Notário

SANTINA RODRIGUES DAL PAZ
MARIA VIRGÍNIA DAUT BARON
NATANAEL MATHIAS

Na história de nossa terra passo-fundense, entre revoluções que causaram lutas, trazendo pobreza e mortes, também surgiram melhorias que apontaram caminhos para o progresso. A população, entre outras necessidades, sentiu o desejo de contar com um Cartório, cujas atribuições correspondiam às atualmente a cargo dos Tabelionatos e dos Cartórios de Registro, de Imóveis e de Títulos.

Então foi instalado o 1º Tabelionato com a chegada em Passo Fundo de Joaquim Pedro Daudt, na primeira década do século XX, Filho (4º) de Frederico Daudt e de Rita Martins da Rocha. Frederico, ainda jovem, emigrou da Alemanha, vindo da Bavária, e com seus pais chegou ao Brasil, em janeiro de 1847. Rita era brasileira, natural de Montenegro - RG.

Joaquim Pedro Daudt nasceu em Montenegro, em 16 de fevereiro de 1873. Nesta mesma cidade contraiu núpcias com Valentina Machado Corné-



Joaquim Pedro Daudt

lio. O casal se transferiu para a cidade de Passo Fundo, onde instalou um Cartório e constituiu família que, aqui radicada, já está na 3ª geração.

Homem de bem, inteligente, gostava de ler e era dedicado à família. Adotou Passo Fundo como sua cidade, e o churrasco como gaúcho. Prestou grandes serviços por onde passou, deixando sua marca de trabalho e de amizade.

(FOTOS: ARQUIVO S. R. DAL PAZ)



Casa onde morou e tinha o cartório, à rua Uruguai com as ruas Quinze de Novembro e Sete de Setembro

Joaquim Pedro Daudt e Valentina Cornélio Daudt tiveram dois filhos:

- Dr. Frederico Cornélio Daudt (10/11/1907 – 14/05/1989) labutou no Foro local, como advogado por mais de 55 anos. E foi professor fundador da Faculdade de Direito. Casou-se com Ondina dos Santos Marques (07/08/1992 – 21/12/2008) e tiveram os filhos: General Luiz Wilson Marques Daudt; o Médico Psiquiatra, Dr. Valter Marques Daudt; a Professora de Música, Maria Virginia Daudt Baron e o Dr. Edmar Viane Marques Daudt – Procurador do Estado.

- Professora Maria Estela Daudt Aguiar (04/04/1912 – 28/03/2000), casada com o Dr. Tupy Blauth Aguiar



Chimita e Joaquim Pedro Daudt



(09/12/1911 – 12/08/1997), o casal não teve filhos.

Joaquim Pedro Daudt faleceu em 19 de maio de 1927.

Titulares e alguns funcionários do primeiro tabelionato

- Joaquim Pedro Daudt – Tabelião
- Ruy Vergueiro – Tabelião
- Jeronymo Marques Sobrinho – Ajudante Substituto em pleno exercício até junho de 1965.
- Eloisa Garcia – Escrevente
- Jussara Piccinini – Escrevente
- Hiram Angelo – Tabelião, de junho de 1965 a novembro de 1996
- Natanael Mathias – Oficial Ajudante
- Elosia Gracia – Escrevente Compromissada
- Arlete Perotto Detsch – Escrevente
- Enny Gonçalves Von Meusel – Escrevente
- Eron de Almeida – Escrevente
- Neusa Schlemmer – Escrevente
- Jussara Piccinini – Escrevente
- Cleri Maria Berardi Miranda – Escrevente Compromissada
- Cleide Fátima Berardi – Escrevente
- Roberio Brito Rego – Escrevente
- Miton Vargas – Tabelião Designado

de dezembro de 1996 a dezembro de 2006

- Natanael Mathias – Oficial Ajudante
 - Daniel Vargas – Oficial Ajudante
 - Cleri Maria Berardi Miranda – Escrevente Compromissada
 - Roberio Brito Rego – Escrevente
 - Cleide Fátima Berardi – Escrevente
 - Juliana Almeida Miranda – Atendente
 - César Nicoleit – Tabelião atual, desde dezembro de 2006.
 - Natanael Mathias – Oficial Ajudante
 - Fabiano Pamato Nunes – Tabelião Substituto
 - Fernanda Marcondes – Tabelião Substituta
 - Cleri Maria Berardi Miranda – Escrevente Compromissada
 - Cleide Fátima Berardi – Escrevente
 - Juliana Almeida Miranda – Escrevente Compromissada
 - Alice Lacourt Spigolon - Escrevente Compromissada
 - Viviane Roos - Escrevente Compromissada
 - Giulian Garcias – Atendente
 - Stéfani Grando Guedes – Estagiária
 - Luciana Alves Machado – Estagiária
- De início residiu na Avenida Brasil, entre as ruas 15 de Novembro e Teixeira Soares, em frente à antiga Prefeitura



Municipal. Mais tarde construiu sua residência na esquina das ruas Uruguai e 15 de Novembro, onde hoje está situado o Supermercado Zaffari. Neste mesmo local funcionava o Cartório Daudt.

Joaquim Pedro Daudt é integrado à sociedade passo-fundense, além de suas atividades de notário, destacava-se como membro do Clube Republicano.



(Santina Rodrigues Dal Paz é professora, e membro da Academia Passo-Fundense de Letras; Maria Virgínia Daut Baron é professora; e Natanael Mathias é Oficial Ajudante do primeiro tabelionato)

Bonança

Sopra larga
a brisa dos ciprestes.
Some a sede
no bernal das águas.
Ri sem medo a noite,
sobre a duna.
Visitou-me
a embaixatriz da paz.

Aguaceiro

Torrencial,
o coração despeja
seus sentimentos
sobre a rua do ser.

E ela se eriça
como brotoeja,
arrelhando a vida,
fazendo a dor doer.

Não basta o calo
que importuna tanto,
e faz do sapato
um algoz feroz?

N'água do pranto,
corre manso o verso,
pra amainar a sede
dessa dor atroz...

Inspiração

Ela é uma jovem
na claridade.
Mas a penumbra
a faz mulher.
Atiça o lume,
incha-lhe o ventre.
E ei-la prestes
a dar à luz...

Acometida
de intenso transe,
rompe as barreiras
da noite fria.
Fremem as carnes,
em riso e pranto.
Geme de parto.
Gera sua cria.

Os versos prontos,
o amor saciado.
Leite descendo...
Eis a poesia!

Alegria, alegria

Quero a alegria colada ao corpo,
como um adesivo de fragrâncias múltiplas.

Quero a alegria impregnada nas mãos,
para o ofício festivo de bater palmas.

Quero a alegria presa aos cabelos,
como uma tocha a luzir na treva.

Quero a alegria calçada nos pés,
para as caminhadas sobre o horizonte.

Quero a alegria esfregando a alma,
a fim de higienizá-la dos dissabores.

Quero a alegria afinando os lábios,
para os cânticos do envelhecer.

Apocalipse

O mundo está repleto de gente.
O mundo está repleto de pedras.
A gente joga as pedras na boca.
A boca se enche de pedras.

A gente saliva as pedras.
As pedras ficam escorregadias.
A gente cospe as pedras no mundo.
O mundo se encharca de pedras.

As pedras devoram a gente.
As pedras devoram o mundo.

As pedras são como ofensas
que agriem a gente,
que agride o mundo,
que devolve as pedras,
que ferem a gente
e matam o mundo.

É o fim da gente.
É o fim do mundo.
Só restam as pedras
golpeando o caos.

Julgamento sumário

Condene a iniquidade
ao fogaréu do inferno!
É lá o confinamento
dos malfeitores.
Assada e consumida
na grelha de Satã,
não lhe restará tempo
para o revide.

(Helena Rotta de Camargo é membro
da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Vida circense

Sentou-se a fadiga
na espreguiçadeira.

Pensou estar em férias
e cerrou os olhos...

Em seu colo se amontoaram
as tropelias dos anos,

quais fantoches saltitando
na ribalta do circo.

Uma vez desperta,
a fadiga pôs-se a rir...

A vida é mesmo uma piada.
Basta vesti-la de palhaço.



Academia de Letras e de Frutos

SANTO CLAUDINO VERZELETI

A Academia Passo-Fundense de Letras viveu, nas últimas décadas do século XX, uma fase de dificuldades, com referência à situação de seu prédio.

A despeito de sua história, como importante casa de cultura, que abrigou, desde a fundação, em 19 de abril de 1938, destacados escritores e intelectuais, nem ela escapou da ação implacável do tempo. E o comprometimento de suas instalações culminou com a completa desativação, no início dos anos oitenta.

A casa foi ruindo aos poucos, até restar apenas sua fachada histórica, que na ocasião foi protegida por tapumes, visando a sua preservação.

E então aconteceu o inesperado. Os tapumes passaram a esconder também uma surpresa, extremamente agradável.

Um pé de tomates, com frutos verdes e vermelhos, desabrochou entre as pedras de uma velha calçada.

Um tanto desajeitada, pela falta de trato, a pequena planta persistia na ânsia de manter-se viva e produzir.

Certo dia, ao passar pelo local, surpreendi-me com o fato inusitado, e relatei a meus companheiros acadêmicos o que presenciei: “Não dá para acreditar que um pé de tomate tenha nascido ali?”

Fazia já um bom tempo que o prédio estava sendo restaurado, pela Prefeitura Municipal, em parceria com o Governo Federal. Mas a data de conclusão (sabese agora) ainda estava muito distante, uma vez que, por longos anos, só se construiu a base do primeiro piso.

O projeto previa também a instalação da Biblioteca Pública naquele local, constituindo-se assim um complexo cultural importante, uma vez que funcionam, na mesma área: o Museu Histórico Regional e o Museu de Artes Visuais

Ruth Schneider, no prédio da antiga Intendência Municipal (ou Prefeitura), e o Teatro Múcio de Castro, na antiga Câmara de Vereadores.

Quanto à Academia Passo-Fundense de Letras, após transferir suas instalações e funcionar em vários endereços, durante quase duas décadas, reinaugurou, finalmente, em sua antiga sede, restaurada e modernizada.

Do antigo prédio em ruínas, e da curiosa horta de tomates, com seus belos e sumarentos frutos, restou somente a velha fachada, preservada em nome da tradição e do seu valor histórico e cultural.

Os frutos agora vingam nas estantes de livros e na produção literária dos acadêmicos.

(Santo Claudino Verzeleti é membro da Academia Passo-Fundense de Letras e da Academia de Ciências Contábeis do RS.)

Saudação ao Desembargador Conferencista, Dr. Carlos Cini Marchionatti, por ocasião da Semana do Advogado

IRINEU GEHLEN

A conferência foi de opulenta substância para todos nós. Vossa Excelência foi expositor exato e argumentador exímio. Sendo esta experiência realizada em virtude do dia e da semana do advogado, não se pode esquecer o grande advogado, DOUTOR CARLOS GALVES, que, em seu labor forense, segundo Paulo Brosard, era tido e havido como príncipe dos advogados de seu tempo. Dizia ele que a advocacia tem sua ética e sua estética. Fez-se acatado entre os colegas. Sua modéstia inata o situava além da ocorrência pessoal, com seu feitio gentil e sua polidez impecável.

O advogado probo, reto e sábio ocupa o espaço merecido na Catedral da Justiça e do Direito.

A justiça do Direito é a arma certa contra a prepotência e contra aqueles que invadem as liberdades e os direitos do homem.

Cultivar e acreditar no direito e na vida, importa e significa servir o Direito. Para isso precisamos de responsabilidades jurídicas.

A missão dos magistrados, dos advo-

gados e suas organizações de classe se confundem na busca de um parâmetro, ou seja, um ponto de equilíbrio equacionando os anseios de ambos, sem ferir o que estabelece o Estatuto do Advogado e a Lei Loman.

O advogado é aquele profissional que é chamado para ajudar. Em tempos em que se vive uma crise moral e ética, especialmente no campo político deste país, o verdadeiro advogado surge como um baluarte da verdade, como uma garantia para os cidadãos.

Os juizes e advogados são classes que precisam trabalhar harmonicamente. O juiz, assim como o médico, possui a vida das pessoas em suas mãos. O médico, ao decidir sobre o tratamento adequado à solução da doença de seu paciente, possui a responsabilidade de tentar salvar a sua vida. Da mesma forma labora o juiz.

O juiz trabalha diuturnamente com a vida dos indivíduos. Valores que parecem inexpressivos, discussões que parecem desimportantes para as partes envolvidas, entretanto, podem traduzir-se em vida ou morte, e esse é o peso e a glória desta nobilíssima profissão.

O juiz é, pela natureza de sua função, um solitário. Em sua carreira possui apenas dois compromissos e dois amigos: a verdade e a justiça.

A verdade como seu destino, quase uma obsessão, fazendo com que, às vezes, o magistrado seja um Dom Quixote a procurar sua amada Dulcineia.

A justiça, que hoje muitos acreditam tratar-se de uma utopia, é o objetivo final do juiz. E esta justiça que lhe traz paz é a mesma que o deixa solitário das amizades mundanas.

Por estas qualidades e responsabilidades que possuem os magistrados, saúdo estes seguidores de Têmis e lhes peço: vamos estabelecer o equilíbrio, o respeito, a igualdade, e o rigoroso cumprimento do Estatuto do Advogado (Lei 8.906/94) e da Lei Loman (Lei Complementar nº 35).

Piero Calamandrei, em sua obra "Eles, os juizes, vistos por nós, os advogados" preleciona: No juiz, a inteligência não conta. Basta que seja normal e que ele possa chegar a empreender encarnação do homem médio, quod omnes intelligunt. O que principalmente conta é a superioridade moral, que deve ser tamanha a ponto de poder perdoar ao advogado ser mais inteligente do que ele.

E acrescenta o inolvidável sábio:

O advogado que se queixa de não ser compreendido pelo juiz não se queixa do juiz, mas de si mesmo. O juiz não tem o dever de compreender: é o advogado quem tem a obrigação de se fazer compreender. Dos dois, o que está sentado à espera, é o juiz, o que está de pé, o que deve mexer-se e aproximar-se, mesmo espiritualmente, é o advogado.

O jornal "O Nacional", órgão de imprensa de projeção estadual e nacional, organizador deste evento cultural, através dos seus dirigentes: Múcio de Castro Filho e Múcio de Castro Neto, símbolos do Jornalismo regional, agradecem ao Desembargador Dr. Carlos Cini Marchionatti, pela brilhante e culta palestra proferida esta noite, discorrendo sobre a Relação entre os Advogados e o Poder Judiciário, tema este da maior importância para a rápida e eficiente solução das contendas judiciais em andamento.

(Irineu Gehlen é advogado e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



Os irmãos Corralo: O tempo da *mens sana in corpore sano*

HUGO ROBERTO KURTZ LISBÔA

Os irmãos Airbal e Adirbal Corralo foram meus professores de Educação Física, nos cursos Ginásio e Científico, no Colégio Estadual Nicolau de Araújo Vergueiro, na década de sessenta.

Antes de conhecê-los pessoalmente já sabíamos da sua fama, pois haviam rodado um aluno no Colégio Conceição, onde também lecionavam por não conseguirem cumprir as determinações da disciplina ministrada por eles. Isto era raro de acontecer naquela época e hoje em dia acho impossível.

Tenho alguma lembrança do primeiro contato. Ambos vestiam calção e camiseta de física impecavelmente branca e tinham corpos atléticos, com musculatura bem definida e nada de gordura. Sem muita conversa, mandaram a turma dar 5 voltas correndo na praça Tamandaré, o que não era pouco, e que eles acompanhavam, de olho em cada aluno. Após os dois quilômetros de corrida, davam uma sessão de ginástica calistênica, forçando todos os segmentos do corpo, e por fim promoviam algum jogo para a recreação. Não era fácil. Todos tinham que participar, não tinha atestado que salvasse.

Ambos eram sérios e interessados. Queriam que seus alunos entrassem em forma e que competissem nas olimpíadas que ocorriam anualmente. Suas preleções, nos estimulando a praticar esportes, eram arrebatadas, e nisso o Airbal era mais enfático. Pregavam a “*mens sana in corpore sano*” e acompanhavam oito turmas de alunos por dia. Em outras palavras, se exercitavam todos os dias, chovendo ou fazendo sol. Em dias de geadas, pareciam ainda mais desprendidos, faziam os exercícios deitados no solo, ao ar livre, como se estivéssemos dentro de ginásios esportivos.

Este estímulo dos irmãos Corralo, via exemplo e determinação, criou uma população de seguidores de esportistas e atletas. No meu caso, devido à minha total incapacidade para o futebol, fui



Adirbal Corralo

guindado ao atletismo e, em 1967, participei dos Jogos Mundiais Universitários em Tóquio no Japão. Ir ao Japão, naquela época, era quase como ir à lua. Não desmerecendo o húngaro Alexandre Davids, meu técnico no Grêmio Futebol Portoalegrense, que muito me ajudou. Mas acho que a base do preparo físico e psicológico, na minha carreira de corredor de 400 metros rasos, foi obtida com os irmãos Corralo.

Por estas lembranças e pelo fato de ser médico, chama-me a atenção a maneira que a Educação Física é praticada nos dias de hoje. Na maioria dos colégios, há somente um dia para esta prática e geralmente os dois períodos determinados são juntos. Pelo que ouço, as atividades são sem supervisão direta. Muitas vezes se fornece uma bola e os alunos vão jogar o que bem entenderem. Com isto, muitos ficam sem fazer nada, perdendo a oportunidade de preparar seus corpos para prevenção de doenças e deixando as mentes mais receptivas aos desafios intelectuais. Estamos assistindo a uma epidemia de obesidade entre os jovens. Eles são criados confinados em apartamentos, comendo porcarias, como salgadinhos e fast food, bebendo um dos piores venenos para a saúde, que são os refrigerantes e as bebidas adoçadas.

Embora em outros países o assunto esteja sendo tratado com a energia que



Airbal Corralo

carece, e através de programas de governo, para o envolvimento da população jovem em uma maior atividade física, por aqui nada se vê. Nossas crianças continuam nesta rota catastrófica de assistir televisão de baixa qualidade, jogos em computadores e videogames. Gasto calórico zero e aprendizado para qualquer coisa útil igualmente zero. Acabam coroando este estilo de vida com “cheese burgers” e companhia, que aqui já receberam o nome de “xis”.

Fui surpreendido recentemente pela notícia do falecimento do Professor Adirbal Corralo. Sua carreira seguiu, depois daqueles tempos de professor de Educação Física, para a de advogado e político de sucesso. Foi Vice-Prefeito e, em qualquer área, era o mesmo sujeito enérgico, estimulador e apaixonado. Um homem do bem.

Além dos seus quatro filhos de sangue o professor Adirbal deixa centenas de outros filhos, entre os quais eu me incluo, que acreditaram e acreditam na sua mensagem e exemplo de determinação e honestidade. Embora esteja triste pela sua partida física, consolo-me seguro de que sua lembrança estará viva na memória dos seus alunos e seus familiares. Obrigado, professor!

(Hugo Roberto Kurtz Lisboa é médico e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Paixão Côrtes:

“O gaúcho tem de acompanhar a modernidade sem fazer modismo.”

PAULO MONTEIRO

João Carlos D’Ávila Paixão Côrtes nasceu em Santana do Livramento, no dia 12 de junho de 1927. Aos 20 anos, quando estudava no tradicional Colégio Júlio de Castilhos, de Porto Alegre, juntamente com outros sete jovens secundaristas, deu início ao atual Movimento Tradicionalista Gaúcho.

Nos primeiros dias de setembro de 2010 esteve em Passo Fundo, onde realizou uma palestra, nas dependências do Centro de Tradições Gaúchas Laila Miranda, e concedeu entrevista ao programa Literatura Local, produzido em parceria pela TV da Câmara de Vereadores e a Academia Passo-Fundense de Letras.

A entrevista, que aqui se publica em texto integral, transcreveu-a a Revista Somando, de maneira resumida, para adaptar às suas características gráficas, nas edições de novembro e dezembro de 2010. Ainda resumidamente, foi divulgada na Internet por alguns sítios tradicionalistas, graças ao sempre generoso amigo Hilton Araldi.

Paulo Monteiro – O nosso entrevistado, João Carlos D’Ávila Paixão Côrtes é um dos intelectuais mais conhecidos e influentes do Rio Grande do Sul. Homem de múltiplos instrumentos culturais: escritor, historiador, folclorista, cantor, compositor e bailarino. Profundo conhecedor do folclore gaúcho, foi um dos fundadores do moderno movimento tradicionalista gaúcho.

Paixão Côrtes - É bom a gente estar aqui, sabendo dessa preocupação com o aspecto cultural, as experiências, as vivências, as pesquisas que a gente vem realizando há tanto tempo; vezes se encontra dificuldades de divulgá-las, de colocá-las ao alcance da cultura popular. E é nesse sentido que a gente



Paixão Côrtes

está editando, publicando e colocando ao alcance das entidades culturais, dos centros de tradições, das agremiações, dos aspectos escolares, dos museus, esse material, que é resultado de sessenta e tantos anos de pesquisa. É alguma coisa que eu trouxe aí. Já vi que tu tens aí esse Danças Tradicionais do Rio Grande do Sul, que foi editado aqui graças à colaboração da Prefeitura Municipal, através de diferentes órgãos culturais e turísticos e que já está esgotado. Quem sabe amanhã ou depois nós não

conseguimos uma outra reedição, como contribuição cultural do município às nossas tradições.

Paulo Monteiro – Esse livro é uma prova material da profunda ligação de Paixão Côrtes com Passo Fundo, com a cultura de Passo Fundo, um livro editado em Passo Fundo. Mas o senhor foi eleito o patrono da Feira do Livro de Porto Alegre, a mais tradicional do Rio Grande do Sul e uma das mais importantes do Brasil. Como

é que o senhor recebeu essa escolha?

Paixão Côrtes - Eu recebi com júbilo, naturalmente, uma distinção que me foi outorgada em relação aos demais concorrentes que eram participantes: jornalistas, professores, dicionaristas, historiadores, que foram indicados pela Câmara [Rio-Grandense do Livro]. É a primeira vez que tenho essa indicação. A minha contribuição seria, inicialmente, de colocar esses aspectos ligados à ciência do Folclore, as pesquisas das expressões naturais do povo, ao alcance da feira do povo. A Feira do Livro é um momento em que o povo, as pessoas que, por esta ou aquela razão se constroem, às vezes, de entrar numa livraria, tem a possibilidade de ver os livros, as obras com preços mais cómodos, e conviver com os autores, os escritores, dialogar, encontrar novos rumos, quer dizer, não é um espaço estanque, é movimentado, tem exposições de arte, tem movimentos musicais. Então, é nesse sentido que eu acolhi a indicação. E ontem foi a confirmação da minha presença, o que me dá uma responsabilidade muito grande diante do que tu mesmo expuseste, que é uma das feiras mais importantes do Brasil e da América do Sul. Então, estão não são só os autores rio-grandenses, brasileiros, mas também autores que vêm da Europa, do Uruguai e da Argentina, contribuir para o conhecimento cultural com todos nós, brasileiros, e especialmente, os porto-alegrenses.

Paulo Monteiro – Retirei de minha biblioteca, alguns livros seus que trouxe para esta entrevista, mas o senhor trouxe outros, inclusive este *Origem da Semana Farroupilha: Primórdios do Movimento Tradicionalista Gaúcho*. Eu gostaria que o senhor resgatasse, para aqueles que não conhecem, e até para a memória nossa, como é que foi aquela “gauchada” [a entrevista é interrompida por uma sonora gargalhada do entrevistado] de 47, aquela “piazada” do Julinho, o senhor, que creio, seja o único ainda vivo daquela turma...

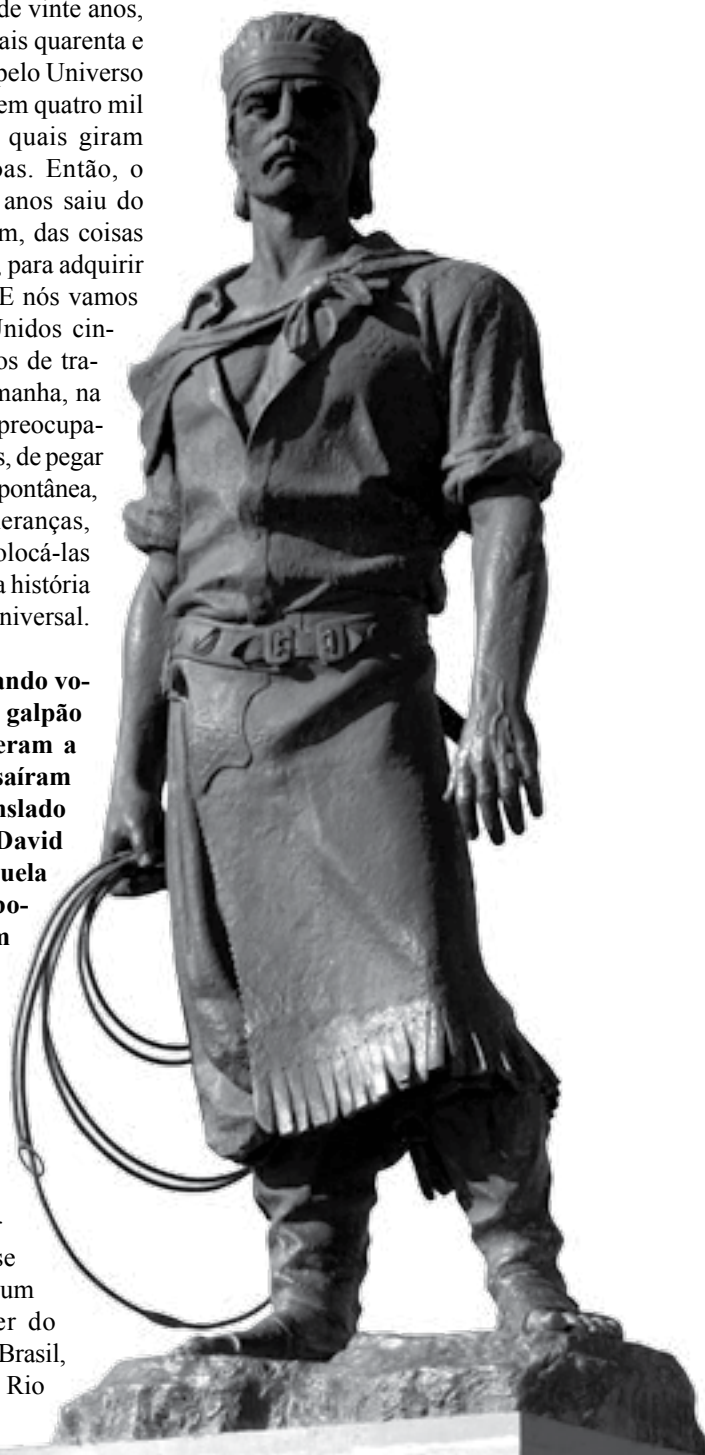
Paixão Côrtes – Não. Ainda tem Antônio João Sá de Siqueira. É um companheiro, é um veterinário brilhante, foi professor na Faculdade, mas que fez parte, e ainda faz, da história daqueles rapazes, os oito, que começaram junto comigo, no Colégio Júlio de Castilhos, onde, então, nós criamos um Departamento de Tradições Gaúchas do

Colégio Júlio de Castilhos. Eram oito e se criou a chama crioula, candeiro crioulo, a semana farroupilha, palestras, conferências, desfiles, no meio estudantil. E depois, nós deixamos para fazer pré-vestibular e fundamos, fora, o 35 – CTG. Esse livro aqui teve o cuidado de reproduzir as fotografias, os documentos da época, com toda a precisão, porque hoje, passados sessenta e tantos anos, já se constitui numa ótica em que a cultura regional, gauchesca, está inserida na cultura de erudição rio-grandense, e com reflexo no panorama nacional, já que o movimento iniciado por oito rapazes, jovens, de vinte anos, depois o 35, que foram mais quarenta e cinco, e hoje se estendeu pelo Universo todo, pelo mundo, e existem quatro mil entidades em torno das quais giram cinco milhões de pessoas. Então, o movimento em sessenta anos saiu do galpão, vamos dizer assim, das coisas singelas, do fogo de chão, para adquirir uma projeção universal. E nós vamos encontrar nos Estados Unidos cinquenta ou sessenta centros de tradições, no Japão, na Alemanha, na França. Isso diz bem da preocupação inicial que nós tivemos, de pegar essa expressão popular, espontânea, voluntária, das nossas heranças, dos nossos avoengos, e colocá-las na dignidade que merece a história e projetá-las no cenário universal.

Paulo Monteiro – Quando vocês construíram aquele galpão no Julinho, quando fizeram a ronda crioula e quando saíram na rua a cavalo, no translado dos restos mortais de David Canabarro, com toda aquela história de pessoas debochando, vocês tinham consciência? Chegaram a imaginar onde é que ia acabar aquilo?

Paixão Côrtes – À época era muito comum apelar para os Estados Unidos que tinha um grande foco nos modismos da época e procurar alguma pessoa que tivesse a visão norte-americana, um futurologista, para dizer do Brasil. – Estou falando do Brasil, eu não estou falando do Rio

Grande do Sul, eu não estou falando das tradições gaúchas –. Se este futurologista norte-americano, que vinha para resolver (resolver entre aspas) os aspectos econômicos, culturais, políticos, do Brasil, imagina, nós, rapazes com a idade, o verdor dos vinte e cinco anos! Não podíamos imaginar que teria esta projeção de hoje, nem com a idade correspondente, que eu disse, se louvaria as pretensões de visão mais ampla. Mas de uma coisa nós tínhamos consciência, e está nos folhetos que nós distribuimos aqui, no Centro [de Tradições Gaúchas



Lalau Miranda]: as perspectivas, as causas, os momentos e os textos que em 1947 nós colocamos, quando fundamos o Departamento de Tradições [do Colégio Júlio de Castilhos], era a preocupação de preservar, multiplicar e enaltecer, no seu sentido cívico, as tradições gaúchas para as novas gerações. Então, esta preocupação de preservar, de dignificar e de exaltar, no aspecto cívico, não era o civismo gauchesco, regional, mas o civismo brasileiro.

Paulo Monteiro – Em 1947, naquele período de guerra, pós-guerra, começa a entrar a moda americana no Brasil, através do cinema, da música, do rádio, da literatura de faroeste. O movimento de vocês não era, de certo modo, contra essa cultura? O movimento tinha muito de nacionalismo contra esse imperialismo cultural, digamos assim? Tinha esse conteúdo ou não tinha?

Paixão Côrtes – Tinha, realmente. Tinha esse conteúdo, tanto assim que como eu disse, era um sentido cívico. Está escrito isso.

A Liga de Defesa Nacional, onde tinha a Chama da Pátria, fomos buscar lá, montei a cavalo e levei para o Colégio Júlio de Castilhos e começou então a Chama Crioula, o candeeiro crioulo, a Semana Farroupilha, as palestras dizendo das heranças nossas, dos velhos farrapos e toda a sequência dos acontecimentos históricos do Rio Grande do Sul, especialmente atinente à atividade da cultura popular. Não documentos históricos, políticos, que representavam filosofias da época, como era a norte-americana, e que os ianques faziam os convênios. “O que é bom para os Estados Unidos é bom para os americanos (do Norte, não é!)”. E do Sul é outra coisa... Esses aspectos é que... (O cinema, Fred Astaire e seus sapateios! Bill Crosby e suas rosas! O Super-Homem! O Capitão América!) eram as figuras mais exaltadas à juventude do segundo pós-guerra. E nós nos levantamos exatamente no sentido de dizer que nós tínhamos o nosso gaúcho; nós tínhamos a Revolução Farroupilha; nós tínhamos os nossos hábitos; não tínhamos coca-cola, mas tínhamos o chimarrão. E assim por diante! E isto calou profundamente no transcórre dos anos. E verificaram, sociólogos verificaram, e até ficaram com surpresa, quando nós dissemos que o nosso movimento começou de baixo para cima e não de cima para baixo.

Paulo Monteiro – Como é que foi? ... na verdade era uma “piazada”... não era nem um figurão...

Paixão Côrtes – Era uma piazada consciente e documentada, como está aqui [mostrando o livro *Origem da Semana Farroupilha: Primórdios do Movimento Tradicionalista Gaúcho*] nos textos. Não era uma invenção, porque nós não podíamos inventar uma coisa de que nós éramos naturais. Todos os meus parentes eram gente do campo, filhos de fazendeiro, netos de fazendeiro. Eu mesmo sou produto do campo. Eu não sou do holofote. Agora, no transcórre dos anos, as necessidades de levar a mensagem a este ou àquele meio de comunicação, de imagem, de som, de palco, me levaram a tomar as atitudes que eu sempre usei na campanha, agora na cidade, e com luzes adequadas. E precisa ser entendido que o gaúcho tem de acompanhar a modernidade, sem fazer modismo, procurando conservar as suas raízes, as fundamentações espontâneas do povo. Não fazer modismo, porque aí, realmente, perde a razão de ser do movimento; é transitório, é estanque, é circunstancial, e não diz da nossa ideia inicial.

Paulo Monteiro – No começo de sua conversa, sobre esses primórdios do tradicionalismo, o senhor falou da questão nacional. Vocês tinham uma visão nacional, mais do que regional, do que rio-grandense do sul, digamos assim! Nós estamos agora na Semana da Pátria. A palavra pátria vem de patren, de pai. Pátria é a terra, a cultura; é aquilo que nós herdamos dos nossos pais. De certo modo, vocês sentiam que aquilo herdaram dos pais de vocês e os pais de vocês tinham herdado dos avós, e assim por diante. Aquilo estava sendo destruído por uma cultura estrangeira, alienígena, que dizia: “O que é bom pra nós é bom pra vocês, seus macaquinhos!”

Paixão Côrtes – Não tomem chimarrão e bebam coca-cola!

Paulo Monteiro - Então, era esse sentido de revolta íntima e de amor patriótico, digamos assim, mais do que gauchismo. Essa palavra veio depois...

Paixão Côrtes – Não, isso surgiu depois. Realmente, não havia preocupação de exaltação regional, mas sim de fixação regional, vale dizer, nós somos assim, vestimos assim, cantamos deste

modo, vivemos assim, falamos descansado, porque temos herança. Agora, se vocês querem entender as nossas heranças, melhor. Se não entenderem, nós vamos nos entender e preservar, porque as novas gerações estão chegando aí e nós estamos assumindo isto. Tanto isto é verdadeiro que aí começou a surgir o 35 – Centro de Tradições, e o Lalau Miranda, em seguida. E CTG não existia, nem seu registro civil. Nós tivemos que ter cuidado, pois quando levamos a sigla CTG, não houve possibilidade de registrar. Nem patrão, sota-capataz, invernada, nada disso fazia parte da sociedade civil da época. Hoje, já não é assim. Você vai numa solenidade cívica ou de importância, e dizem: Aqui está o patrão, o coordenador da região, o índio são fala. Então, quer dizer, nós já trouxemos uma contribuição à cultura linguística e representativa da sociedade brasileira.

Paulo Monteiro – Paixão Côrtes, quando vocês deflagraram aquele movimento de 47, que acabou resultando em pesquisas que culminaram no livro, *Danças e Andanças da Tradição Gaúcha, juntamente com Barbosa Lessa, que deu início a todo o processo de resgate das danças gauchescas, das músicas, revitalizando nossa cultura popular... Como é que foi o trabalho de resgatar essas músicas e danças, que já estavam perdidas, conforme o senhor conta no livro?*

Paixão Côrtes – Quando nós voltamos, em 1949, do Uruguai, onde fomos representar o Rio Grande do Sul e o Brasil, no Dia de la tradición, os uruguaios ficaram surpresos pela maneira com que nós nos manifestamos e também pelas roupas que tínhamos. Diziam: “¿Pero Ustedes son semellantes a nosotros!” (Eles nem admitiam que o Rio Grande do Sul e o Brasil tivessem gaúchos). Então, nós mostramos tudo nas encilhas, na parte de declamação, na cantiga. Só havia uma coisa que eles nos perguntavam e que nós estávamos ausentes: “¿Y sus bailes? ¿Qué bailan Ustedes?” (O que dançam vocês?) E nós, o [Barbosa] Lessa, meu companheiro, e mais os outros, em número de nove, não tínhamos resposta, a não ser que xote e rancheira era o que dançávamos... Mas eles queriam os temas do nosso folclore, as coreografias, os sapateados, as dançadas, etc. E quando voltamos de lá, verificamos que não era possível que o Uruguai e a Argentina tivessem tão rico repertório

coreográfico, e nós, no Rio Grande do Sul, no Brasil, nada. Então, nos dispusemos, o [Barbosa] Lessa e eu, a ir de rincão em rincão, por mais afastados e desconhecidos de nossa vivência de jovens, na fonte, no gomo da taquara, como eu chamo, para ver, ouvir, olhar, escutar e aprender, não só as roupas, não só as danças, não só os cantos, mas também os motivos populares, religiosos, e que fazem parte da cultura. E isso resultou neste livro. Agora, as Festas, os Bailes, a Música e a Religiosidade Rural, onde estão? As cavalhadas, os aspectos ligados à religiosidade do homem gaúcho, que até agora são pouco exaltados, inacessíveis e demonstradas. O gaúcho parece que é só homem a cavalo, epicismo e grandes espetáculos gauchescos, mas que não tem também o seu aspecto religioso. Então, nós fomos lá e isso resultou no Manual de Danças Gaúchas, resultou nesse outro livro que nós fizemos com o Barbosa Lessa; depois, ele esteve ausente do Rio Grande por motivos de atividade profissional ligada à educação e à publicidade, e eu fiquei aqui, no Rio Grande, e dei continuidade a esse trabalho que hoje a gente está distribuindo nos centros de tradições, para as entidades culturais, para os núcleos campeiros regionais, para as churrascarias, às instituições culturais, um pacote contendo, da minha parte, dez publicações de títulos diferentes, como este aqui que foi um livro que eu fiz. O deputado Francisco Appio mandou reeditar e está na casa dos cem mil, distribuídos gratuitamente. Uma colaboração do poder público que não se via antes, no caso do deputado Francisco Appio, que mandou editar por sua conta e para ser distribuído, indo ao encontro do povo. É este o sentido que nos preocupa atualmente: que o

Centro de Tradições não seja uma figura transitória, um modismo, mas sim que tenha um alicerce baseado na pesquisa fotográfica, documental, sonora, de imagem, cujos aspectos nós gravamos todos desde o início.

Paulo Monteiro – O senhor falou que a cultura evolui com o tempo. O senhor foi piá de campanha. Outro dia, estávamos indo a Porto Alegre de ônibus, e uma criança disse: “Olha lá aquela vaquinha!” E a “vaquinha” era uma ovelha. Como manter o tradicionalismo gaúcho, que é de matriz eminentemente rural, numa sociedade que é hoje eminentemente urbana? O senhor sabia muito bem a diferença entre uma vaca e uma ovelha. Hoje as crianças não sabem a diferença entre uma galinha e um pato. Como é preservar essa cultura, num meio completamente diferente do meio onde ela, a cultura gaúcha, surge? Como o senhor vê isso?

Paixão Côrtes – Eu vejo uma deficiência de conhecimento da responsabilidade do cidadão, porque nós não queremos viver de tradicionalismo e sim cultuá-lo, e isso é diferente. O culto é um símbolo e o símbolo é imorredouro. Se você não tem a simbologia para representar, não pode transmitir às descendências o valor do que representa, nem a foto, nem o som, nem a dimensão, nem

a cor. Então, há uma preocupação de que o tradicionalismo não seja simplesmente um momento de concurso, de ganha ou perde, de pode ou não pode. Isso é o transitório, o momento de uma sociedade, nos aspectos de Sociologia, muito jovem, e que está atravessando diversos segmentos. O importante é que a pessoa tenha consciência das suas heranças, que tome conhecimento dos dias atuais, e que as novas gerações possam entender o que é que você está falando para elas, como é o caso desse “ovelha e carneiro”. Quer dizer, as pessoas não se preocupam com a simbologia que pode representar, não só o visual, a moral, a dignidade, a postura, a família, os símbolos do civismo. Tudo isso faz parte dessa cultura. Não é somente uma expressão de forma, de simbologia, de corpo, mas uma coisa muito mais profunda. É isso que nos preocupa no movimento tradicionalista, que frequentemente dá uma dimensão simplesmente transitória de “pode ou não pode, perde ou não perde, faz ou não faz, o ano que vem nós modificamos”. E tradição do povo não se modifica de uma hora para a outra. É um processo que vai lentamente acrescentando, para substanciar a maneira do comportamento da pessoa, independente de ela ser



rural ou urbana. É o comportamento da pessoa no conhecimento e na postura dos desafios dos dias atuais.

Paulo Monteiro – Muitas pessoas criticam os CTGs. Falam: “O CTG virou um lugar de dança, comilança e bebedeira”. Fazem uma crítica direta. Na sua concepção, o CTG deve ser muito mais “um lugar” do que baile, do que churrasco? Tem que ser, na verdade, uma escola de história, de cultura, de resgate dessas memórias?

Paixão Côrtes – Eu acho que dança, churrasqueadas, bebedeira, fazem parte, mas não são os motivos essenciais ou a razão de se formar um CTG. Isso é um clube como qualquer outro, e também não dá direito a ser exclusivo e auto-suficiente para ditar normas. Isso é uma sociedade junto com as outras, participando de um grupo de responsabilidade coletiva e não individual. O centro de tradições é importante, quando ele participa ao lado dos outros, condizente com as outras sociedades da comunidade, e não isolado, porque, caso contrário, fica como lagarto, que só come a cola no inverno pra sobreviver. Isto é, as entidades não podem impor-se condições históricas, circunstanciais, do passado aos dias presentes. Têm que acompanhar, naturalmente, mas com dignidade, sabendo que um dia ele é um cidadão social, que vai a um baile de gala, e no outro, vai ao mesmo lugar, vestido regionalisticamente.

Paulo Monteiro – A questão da indumentária. Em 1947, os tecidos eram o algodão, a lã, o linho, a casimira... Depois veio o tergal, a fibra sintética, industrializada. Agora, só porque cem anos atrás, as pessoas usavam roupa de linho, de algodão ou de casimira, eu não posso usar uma camisa ou um casaco de material sintético?

Paixão Côrtes – Eu acho que é isso que eu volto a falar. Nós estamos vivendo um movimento tradicionalista, a simbologia dos fatos e não a vivência. Essa é a diferença. Não se pode, porque senão nós vamos viver com a cabeça virada pro passado, só achando que são bonitas as coisas que os outros fizeram, e que nós não sabemos fazer, que não temos informações. E concluímos imaginativamente ou poeticamente, e às vezes a conclusão nem é histórica.

Nós sabemos que culto exige simbologia, mas simbologia moral, de dignidade, de postura, de respeito, de

consideração e de vivência coletiva. Não podemos viver separados. Nós temos que fazer do galpão um elemento importante, e projetá-lo no Universo, para que os outros nos conheçam, nos valorizem e tragam do Universo, as manifestações para dentro do galpão, para que tenhamos uma ideia dos nossos valores em relação aos valores dos outros. Quer dizer, uma ponte entre o tempo passado, o tempo atual como um todo, dentro do Universo. Isso se chama evolução de consciência. Eu sei que sou, resolvo fazer e me postar hoje, assim, porque sei que vou transmitir aos meus descendentes uma imagem que sempre me dignificou.

Paulo Monteiro – A cultura gaúcha ou gauchesca, digamos assim, não pode se tornar um elemento retrógrado?

Paixão Côrtes - A cultura não pode se tornar uma cultura retrógrada. Temos que colocar dentro das entidades os problemas sociais da comunidade e da cidade, e também os universais, porque nós somos importantes, quando nos tornamos universais, quando fazemos nossas identificações e não agimos como, irracionais.

Paulo Monteiro – Quando nós pegamos os clássicos da literatura gauchesca, como um Aureliano de Figueiredo Pinto, vemos que há diferença com os poetas de hoje... E agora entrou a moda dos concursos de poesia. A gente vê, por exemplo, pessoas como aquele menino do ônibus, que não sabem a diferença entre uma ovelha e uma vaquinha, e se metem a escrever poesia gauchesca. Eu tenho visto algumas poesias gauchescas e tenho me assustado...

Paixão Côrtes - Eu também tenho lido algumas “poesias gauchescas”, e também fico assustado, porque as crianças copiam os adultos que imaginam coisas irreais. Então se torna um círculo vicioso porque a arte declamatória da juventude e da criança é substituída por aspectos adultos, que nem eles sabem o linguajar. É uma forma de deseducar, transformar o sentido da palavra, do verso, do texto, simplesmente como uma forma de exposição imaginativa, declamatória. É diferente, criança tem que ser educada como criança, vestida como criança, com dança de criança, com voz de criança. O problema é que dão às crianças poemas épicos, com

deformações dos farroupilhas, que nem eles sabem o que é. Isto é que são os educadores, são os professores que sem ter disciplina de educação e os pais que chamam o mesmo, o filho, seu aluno, uma maravilha, dizendo coisas que nem eles sabem o linguajar. São expressões que não dizem diretamente dos objetivos maiores, como a dignificação humana, desde criança. Se você não aprende quando criança, quando adulto se tornará muito mais difícil. É por isso que os povos europeus se restabelecem das lutas, das brigas, porque têm centenas de anos de vida. Eu estive lá. Fui aos museus procurar origens nossas. Eu vi a bombacha (1580). Mas como? E o gaúcho? Estive lá, nos biombos japoneses, na arte lambam. E também nos museus maiores, procurando exatamente os elementos que a moda e o tempo trouxeram para as províncias, para os continentes. E aqui houve reformulação. Então, é isso que está faltando ao movimento tradicionalista. Não a história pela história, mas a sapiência das razões de se portar desta ou daquela maneira, de ser deste ou daquele jeito mais adequado, ou dizer um verso correspondente ao ciclo x, y, z, mas sabendo a posição do movimento, seja ele infantil, juvenil ou adulto, assim como o vestir. As moças, as prendas, se vestem todas iguais. Nunca existiu isso no mundo, nem na sociedade, a não ser os milicos, os soldados, os padres e as freiras, os jogadores de futebol, os desportistas do colégio, que tenham ainda poder aquisitivo para fazê-lo. O restante da sociedade sempre foi difusa. E isso caracteriza o gênero universal em qualquer sociedade. É uma pena que o movimento tradicionalista uniformize externamente, porque internamente, às vezes, são piores: vazios, sem saber o que estão fazendo.

Paulo Monteiro – Enquanto há pessoas que se aposentam aos 40 anos de idade e param com qualquer atividade produtiva, o senhor, aos 83 anos, continua em plena atividade...

Paixão Côrtes - Eu não parei. Eu estou terminando um livro de 700 páginas. Tenho 83 anos de tempo, de nascimento, mas de cabeça eu estou bem forte. E danço meu xote figurado.

(Paulo Monteiro, jornalista, poeta e historiador, autor dos livros *Combates da Revolução Federalista em Passo Fundo* e *O Massacre de Porongos & Outras Histórias Gaúchas*, é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Uma leitura Enrique a partir de Dussel



ROGÉRIO MORAES SIKORA

Historicamente, a América Latina enfrenta uma realidade de relações humanas injustas, marcada pela pobreza, opressão e exclusão. Diante dessa realidade, Enrique Dussel, defendendo a existência de uma filosofia latino-americana, proclama a opção pelos pobres, a partir do âmbito filosófico.

No fim dos anos 60, do século passado, a América Latina estava tomada por diversos regimes autoritários de governo, os quais estavam instalados nos mais diversos países. Dussel, retornando da Europa, vivia numa Argentina governada pela ditadura de Onganía, a qual recebia oposição cada vez mais forte e acentuada dos movimentos populares. A cidade de Córdoba foi tomada por estudantes e operários, reproduzindo o movimento de maio de 1968, em Paris. Nessa época, Dussel ministrava um curso de Ética Ontológica, na Universidade Nacional de Cuyo (Mendoza, Argentina), quando, juntamente com outros filósofos, tomou conhecimento da obra de Emmanuel Lévinas: *Totalité et Infinité*. *Essai sur L'Exteriorité*. A descoberta

da obra de Lévinas transformou a ética ontológica de Dussel em “Para uma ética de La liberación latinoamericana”.

A obra de Lévinas influenciou a obra de Dussel, porque a experiência inicial da Filosofia da Libertação consiste em descobrir o “fato” opressivo da dominação, em que sujeitos se constituem “senhores” de outros sujeitos, no plano mundial, centro-periferia; no plano nacional (elite-massas, burguesia nacional-classe operária e povo); no plano erótico (homem-mulher); no plano pedagógico (cultura imperial, elitista-cultura popular e periférica)¹. Essa experiência vivida pelos latino-americanos se encontra dentro da categoria “Autrui” – uma pessoa tratada como outro, como pobre.

A importância de Lévinas, então, foi a descoberta do “outro” – a anterioridade do outro, que questiona, constitui a possibilidade do “eu próprio”, ou seja, é um círculo iniciado pelo outro. Porém, muito cedo Lévinas já não conseguia corresponder às expectativas de Dussel, porquanto, embora mostrasse de que maneira apresentar a questão da “irrupção do outro”, não permitia construir uma política que, questionando a Totalidade vigente que dominava e

excluía o outro, pudesse construir uma nova Totalidade, o que o levou a escrever o Tomo II de *Para uma ética de la liberación latinoamericana*, focalizando esta temática, a da totalidade dentro de um mundo oprimido.

Mais tarde, Dussel entendeu ser melhor adentrar em níveis mais concretos, passando a abordar a erótica latino-americana; a pedagogia latino-americana; a arqueologia latino-americana, começando, cada uma delas, por uma hermenêutica dos símbolos vigentes na história da cultura latino-americana.

Nessa época, em 1975, Dussel foi expulso da Universidade, sofreu um atentado a bomba em sua residência, promovido pelo virulento regime militar da Argentina. Tendo sido condenado à morte por esquadrões paramilitares, abandonou seu país, indo exilar-se no México, onde, em dois meses, escreveu a obra “*Filosofía de la liberación*”. Esse é o quadro em que Dussel deu início à Filosofia latino-americana da libertação.

A Filosofia da Libertação

Para entendermos a Filosofia da Libertação é importante a lição de Rubio², ao ensinar que

Toda filosofía es expresión de su

tiempo. No se trata de una corriente o línea de pensamiento uniforme y unívoca, formada por autores con iguales o similares concepciones ontológicas, epistemológicas y/o deontológicas. Más bien, la FdL, está formada por multitud y variadas tendencias extendidas por casi todas las naciones que componen la mitad norte y la mitad sur del continente americano. Se trata de diferentes posturas, de un complejo marco conceptual, con heterogeneidad de corrientes y líneas de pensamiento dispares.

Com efeito, essa pluralidade de tendências, essas diferentes posturas não lhe tiram a importância de buscar a afirmação cultural latino-americana e lutar em defesa dos pobres, dos excluídos e dos oprimidos em geral.

Rubio afirma que é possível indicar alguns critérios, por meio dos quais podemos qualificar os aportes filosóficos de qualquer autor como Filosofia da Libertação: a primeira é vinculada ao pensamento iniciado por autores argentinos com o intento de movimento, cuja intenção principal é a de ser o discurso teórico-prático através do qual se manifeste a voz dos oprimidos, sendo assim um instrumento de denúncia de dependência em que se encontram alguns seres humanos em relação a outros e, sendo também, instrumento de transformação.³

Nos últimos anos, é possível entender-se Filosofia da Libertação, unicamente, como aquela atividade que coincide com a ótica oferecida pelo pensamento de Enrique Dussel, destaca Rubio, que é quem tem se dedicado com maior decisão, nos últimos trinta anos, a elaborar um siste-

ma filosófico único e original.⁴

Desta maneira, na Filosofia da Libertação se concebe que a realidade dependente dos excluídos demanda uma filosofia totalmente vertida na defesa dos seres humanos que se encontram em situação extremas de marginalidade e pobreza. Assim, Dussel defende a elaboração de uma reflexão crítica sobre o presente político, social e econômico dos seres humanos oprimidos, fundamentada em uma ética transcendente, cuja experiência apriorística é ouvir a voz do outro.

Neste sentido, cabe buscar compreender o conceito de “Libertação”, para que se possa entender a que se propõe a Filosofia da Libertação e o que significa “ouvir a voz do outro”. O conceito de libertação, então, guarda diversos sentidos, sendo que sua polissemia é contextualizada “desde onde”, verificando-se “para quem” e “para que” vem a ser significante, observado que tal expressão se presta a múltiplos significados e essa multiplicidade de significados deve ser objeto de precisão.

Assim, o conceito de libertação é situado “desde” o interior da realidade latino-americana; sendo as maiorias populares marginalizadas e oprimidas “a quem” se dirige esta formulação, enquanto o âmbito “para que” deve ser compreendido de um ponto de vista estritamente ético e político; e, essa relação, no campo ético, manifesta-se no âmbito jurídico através da formulação de direitos humanos alcançada a partir da noção de libertação.

A compreensão do termo libertação, em seu sentido político, exige analisar o contexto histórico de dominação a que estiveram

submetidos os países periféricos, em especial a América Latina, desde a época colonial, e os esforços de resistência engendrados a partir daí.

Dussel situa a América Latina como “local onde gesta-se um processo de libertação popular, de integração latino-americana, de autonomia política e cultural do continente situado ao sul do rio Colorado [...] Esta libertação da dependência, esta ruptura das estruturas da totalidade dominada pelo ‘centro’ querem indicar a necessidade, para um povo até agora oprimido, de chegar a ter a ‘possibilidade’ humana de cumprir um projeto digno desse nome. O projeto vigente no mundo de hoje atribui a nossos povos uma função bem pobre e sempre dependente na divisão internacional do trabalho, da cultura e da liberdade. E o que importa é chegar a participar livre, independente e justamente da civilização mundial que progride, de cultura humana que analogicamente se unifica em plano mundial. A metafísica da libertação latino-americana pretende, pois, situar-se no continente sócio-cultural latino-americano, considerando que tem sido alienado para fazer parte da totalidade mundial dominada pelo ‘centro’.”⁵ Neste sentido, no que se refere à relação centro/periferia, Dussel enfatiza que a filosofia que souber pensar esta realidade, a realidade mundial atual, não a partir da perspectiva do centro, do poder político, econômico ou militar, mas desde além da fronteira do mundo atual central, da periferia, esta filosofia não será ideológica (ou ao menos o será em menor medida). Sua realidade é a terra e para ela são (não são o não-ser) realidade também os “condenados da terra”.⁶ Desta forma, no entendimento de Dussel, contra a ontologia clássica do centro, desde Hegel a Marcuse, para mencionar o mais lúcido da Europa, levanta-se uma filosofia da libertação da periferia, dos oprimidos, a sombra que a luz do ser não pode iluminar.

Tratando da libertação, para iniciar a compreensão acerca do que é a Filosofia



da Libertação, Dussel faz interessante consideração ao dizer que chamamos consciência ética⁷ a capacidade que se tem de escutar a voz do outro, palavra transontológica que irrompe de além do sistema vigente. Assim, aquele que ouve o lamento e o protesto do outro é comovido na própria centralidade do mundo: é descentrado; o grito de dor daquele que não podemos ver significa para alguém mais do que algo.⁸

A importância do estudo dessa relação entre o “centro” e a “periferia”, no que tange à Filosofia da Libertação, se dá pelo fato de que não se trata apenas de ouvir a voz do outro, do fraco e do oprimido, mas também de firmar uma filosofia latino-americana, afastando seu caráter regionalista – região a qual se trata de uma periferia dominada – contrapondo à filosofia-centro a filosofia-periferia, essa por sua vez oprimida no sistema-mundo ou simplesmente excluída⁹, se tratando, portanto, de resgatar um contradiscurso não hegemônico, dominado, silenciado, esquecido e excluído.¹⁰

A proposta de Dussel, ao propor a Filosofia da Libertação, em verdade, é tentar lutar pela libertação em tempos de triunfo do dogmatismo neoliberal, do capitalismo transnacional em processo de globalização¹¹, a partir das vítimas, o que é bem plausível, porquanto, o processo de exclusão se acentuou sobremaneira, sublinhando ainda mais o problema vivido pela periferia oprimida.

(Rogério Sikora é advogado e membro da Academia Passofundense de Letras.)

Notas

¹DUSSEL, Enrique. **Filosofia da libertação: crítica à ideologia da exclusão**. Tradução de Georges I. Maissiat. São Paulo: Paulus, 1995, p. 18.

²RUBIO, David Sánchez. **Filosofía, Derecho y Liberación en América Latina**. Bilbao, España: Desclée, 1999, p. 48.

³RUBIO, 1999, p. 116.

⁴RUBIO, 1999, p. 117.

⁵DUSSEL apud OLIVEIRA, Rosa Maria Rodrigues de. In WOLKMER, Antônio Carlos. **Direitos humanos e filosofia jurídica na América Latina**. Rio de Janeiro: Editora Lumen Juris, 2004, p. 98.

⁶DUSSEL, Enrique. **Filosofia da libertação**. Tradução de Luiz João Gaio. São Paulo: Edições Loyola, 1980, p. 16.

⁷DUSSEL, 1980, p. 65.

⁸Neste sentido, no que se refere a ouvir a voz e o lamento do outro, Dussel busca dar um sentido político ao conceito de libertação tomando por base o processo de dominação entre o “centro” e a “periferia”.

⁹DUSSEL, Enrique. **Ética da Libertação na idade da globalização e da exclusão**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves, Jaime A. Clasen e Lúcia M. E. Orth. Petrópolis: Editora Vozes, 2000, p. 72.

¹⁰Neste sentido Dussel refere que: “Isto é essencial para nosso projeto filosófico. A Filosofia da Libertação é um contradiscurso, é uma filosofia crítica que nasce na periferia (e a partir das vítimas, dos excluídos) com pretensão de mundialidade. Tem consciência expressa de sua perifericidade e exclusão, mas ao mesmo tempo tem uma pretensão de mundialidade. Enfrenta conscientemente as filosofias européias, ou norte-americanas (tanto pós-modernas como moderna, procedimental como comunitarista, etc.), que confundem e até identificam sua europeidade concreta com sua desconhecida função de ‘filosofia-centro’ durante cinco séculos. Discernir entre: a) a europeidade concreta (sua própria Sittlichkeit européia), b) a função de ‘centro’ que coube à Europa exercer, e c) a estrita universalidade produziria um despertar da filosofia européia de um profundo sonho no qual esteve sumida desde sua origem moderna, já que seu ‘eurocentrismo’ fez, exatamente 500 anos.

Seria necessário ter consciência explícita desse ‘horizonte’ sempre presente do outro colonial, do bárbaro, das culturas em posição assimétrica, dominadas, ‘inferiores’, excluídas, como uma fonte ou recurso (source) essencial na constituição da identidade do eu moderno, fonte permanente, co-constitutiva. A não consideração desse outro na constituição do ‘eu moderno’ invalida praticamente a análise histórica de Taylor, dado seu caráter eurocêntrico. Dessa análise resulta só o descobrimento de um aspecto da identidade moderna, autocentrada. Não é a identidade da modernidade constituída dialeticamente desde a sua alteridade negada (‘posta [gesetzt]’, no sentido hegeliano, como não-identidade consigo mesma, alienada), desde a ‘outra face’ da modernidade”. In Dussel, 2000, p. 73.

¹¹Considerando-se a globalização como um fenômeno homogeneizador e que, portanto, se reflete no comportamento dos indivíduos, há de considerar, também, que há repercussão imediata e direta tanto nas questões culturais quanto nas questões políticas e econômicas, sendo que essas condicionam aquelas. Essa homogeneização é perniciosa no que diz respeito, especialmente, à questão cultural, mas também nas questões sociais e políticas, porquanto não se pode esquecer que esse processo de globalização do consumo não passa, na verdade, de uma reafirmação da hegemonia do capital, o que reforça a discriminação e a distinção de classes. A busca tresloucada pelo lucro olha com desprezo para valores humanos, sociais e culturais, tratando a pessoa humana como mero instrumento de consumo com o intuito único de aumento de lucros e de riquezas, utilizando-se os detentores do capital de seu poder econômico para manipular informações e opiniões, especialmente naqueles países que lhes são economicamente dependentes. Na verdade, se trata de uma estratégia de enfraquecimento da cultura e da identidade local, as quais uma vez enfraquecidas proporcionam o fortalecimento da cultura do detentor do capital. Não se trata de integração cultural, porquanto quem detém o poder econômico não pretende integrar a cultura local à sua, mas, pelo contrário, pretende submeter a cultura local à sua.



Nuvem

Nuvem que vaga no azul pleno.
Flutua calma.
Sem gente para apressar sua viagem,
Na solidão branca de algodão
É só deleite a sua passagem.

No silêncio transparente
Vislumbra do alto, a correria de toda a gente.
Que não pode mais ser apenas humano,
Que nem tem mais tempo de pensar,
Que poderia fazer diferente,
Que poderia se ocupar menos,
Que poderia sentir mais,
Que poderia até gostar de amar!

A nuvem passa, passa, passa...
Como a vida!

Depois

Depois de andar e de parar
Depois de ir e de ficar
Depois de amar e desamar
Depois de sonhar e desacreditar
Depois de fazer tudo e de fazer nada
Depois de começar e de terminar
Depois de sentir e nada mais
Depois de morrer e...

O viver

O que faremos com essa vida!
Ela é sofrida ou bem vivida,
É cheia de encantos ou prantos,
Depende como se lida.

(Liciane Toazza Duda Bonatto é artista plástica
de Passo Fundo/RS)



Um olhar sobre a cidade

HELENA ROTTA DE CAMARGO

Deus, como me flecham os nervos, assim de manhãzinha! O dia recém-nascido, ainda deglutindo o muco da noite, e os veículos já me furam os ouvidos, pigarreando sua rouca constipação. Vomitando sua bile. Baforando o pestilento charuto...

Tão menininho o dia, e já se mostra eriçado, mais para rebeldia do que para brincadeira.

Voz humana, nenhuma. Gargalhadas, nem se cogita. Ninguém fala, ninguém ouve. Todos andam silenciosos, em meio ao paroxismo das máquinas. Elas é que comandam o tempo. Defloram o amanhecer. E regem a orquestra da vida urbana, que apenas se despe do pijama e – engolida a geléia e o pão num vapt-vupt – já parte para a briga, nas ruas encardidas, enfumaçadas, mal servidas do café cheiroso que escapa pelas cortinas de ferro.

Onde estamos? Para onde vamos? – Ninguém ouviu dizer que a pressa é inimiga da perfeição? – Que sádica vertigem essa dos monstros sobre rodas que, cuspidos veneno, avançam pelo asfalto, contorcem o corpo nas esqui-

nas, se jogam das pontes!... Uma onda de petróleo líquido lambendo o chão. Trepidando. Esbravejando. – Ah, meus belos tempos de sossego!

Os tímpanos – são eles as vítimas preferidas desse sarcasmo acústico. Saturados do fragor persistente, resfolegam no travesseiro, enfiando-se entre as cobertas como um avestruz acuado, enquanto os decibéis invadem os espaços, cúpidos, prenhes – um cenário esquizofrênico...

Por quanto tempo o mundo aguentará? Suportaremos nós o cérebro fervente? O coração ofegante? Até onde irá a paciência dos Jós modernos, diante da baderna institucionalizada, verdadeira invasão de domicílio?

Queiramos ou não, nosso destino está traçado. Servidão, apatia, conformidade. Isto é o que o progresso exige. Ordena. Impõe.

Ó Cristo, tu morreste no silêncio, cavernoso até, só os trovões anunciando tua passagem. Nós aqui engolimos o fel do destino trágico, do passamento assim conturbado, pela porta estreita da vida. Ai de nós, cada vez mais estilhaçados por esse trânsito voraz, matador sangüinário, comandado por nós, desejado por nós, nossa vaidade e nossa ruína!

Foram-se os tempos da calma bucólica, abençoada pelo apoio da aurora. As manhãs cheirando a orvalho. As ruas lagarteando à suavidade do sol. Sem vapores e estampidos. Sumiram os trajetos entremeados de saudações amigas. Empolgadas. Coniventes com a alegria. É irreparável a perda! E inafiançável o estupro daquele romantismo, que chegava a ser piegas na sua despreensão.

Nada do que somos e temos hoje vale os desfalques que nos impusemos. O salto alto do consumismo, sem critérios, sem precauções.

A felicidade que buscamos, corpórea e material, é mais aparato que satisfação. E está mais para covil de lobos que para cacimba de paz...

Meus amigos, meus vizinhos, meus irmãos! Por favor, não joguem nos aterros sanitários os castelos que a ambição dinamitou! Nem esqueçam o aforismo, tão atual e verdadeiro quanto o anseio de liberdade e superação que nos move: “A perfeição não mora nos extremos.”

E a cidade merece um olhar, senão apaixonado, ao menos de respeito e proteção...

(Helena Rotta de Camargo é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Nossas origens



WELCI NASCIMENTO

Jorge Edethe Cafruni, historiador passo-fundense, membro da Academia de Letras da Terra, nos idos de 1950 relatou, em uma de suas obras, que o primeiro homem, chamado civilizado, a pisar na região de Passo Fundo, foi Padre Romero, superior dos jesuítas, no ano de 1632, e, segundo a tradição a chamado, do cacique Guaraé, líder dos índios tapes. O local era conhecido pela denominação de “Curiti” dos Pinhais. Nasceu assim à redução da Santa Tereza que, segundo Cafruni, seria o marco inicial de Passo Fundo.

Sob a responsabilidade do padre Francisco Ximenes, a Redução de Santa Tereza iniciou todo um trabalho lavoureiro, cultivando milho, feijão, mandioca, trigo e árvores frutíferas, principalmente o pêssego. Conta Cafruni que a produção na lavoura foi extremamente difícil, uma vez que os indígenas não se adaptavam ao novo estilo de vida. Acostumados que estavam a andar soltos, caçando e pescando, colhendo pinhão e mel que a natureza fornecia em abundância, eles se sentiam aprisionados na difícil tarefa de cultivar a terra, de sol a sol.

Uma novidade para a região: Segundo Cafruni, chegavam as primeiras cabeças de gado, além de alguns porcos e cabras. Mas tudo foi a pique, porque lá pelo ano de 1637, não se pode precisar a data, a Redução de Santa Tereza foi assaltada pelos bandeirantes paulistas, chefiados por André Fernandes. Sabe-se que foi na véspera do Natal.

Um novo povoado, em um novo estilo de vida, nasceu na região, agora chamada de Igaí dos Pinhais. Colocaram um entreposto no local. Era um entreposto escravagista, mantendo um alto comércio com Laguna, porto de mar, por onde se escoavam os escravos índios, destinados aos pontos do Brasil costeiro. O couro passava a interessar ao comércio, pois era vendido por elevado preço. O historiador Francisco Antonio Xavier e Oliveira, que também foi membro da Academia Passo-Fundense de Letras, em seus escritos, que foram muitos, relata que, em 1819, o tropeiro João de Barro, oriundo de Sorocaba, em São Paulo, abriu um caminho, passando por aqui (Av. Brasil).

Não demorou muito, o cidadão Manoel José das Neves, mais conhecido por Cabo Neves, liderando um pequeno grupo, instalou uma moradia na hoje cidade de Passo Fundo, mais ou menos

onde se assentam a Praça Tamandaré e a Igreja Nossa Senhora da Conceição.

Antônio Carlos Machado, outro membro da Academia Passo-fundense de Letras, ressaltou, nos seus trabalhos, que os fluxos migratórios para esta região foram devidos à revolução farroupilha e motivados pelo clima de insegurança.

Em termos econômicos, e ao longo de sua história, iniciada com a vinda dos padres jesuítas, esta região passou por diversas fases ou ciclos. A primeira, segundo a historiadora e também acadêmica, Delma Rosendo Ghen, foi a da erva-mate. Com a construção da ferrovia, a região sofreu o impacto do progresso, do crescimento econômico. Como a consequência, veio logo a seguir o telégrafo, a energia elétrica, e o ciclo da madeira, com a instalação de serrarias que destruíram toda a mata nativa, nas regiões do Planalto e do Alto Uruguai. Veio o trigo, a soja, o milho e o agronegócio.

A ordem econômica, hoje, é diversificar a lavoura e a pecuária. Foi o que fizeram os jesuítas quando aqui chegaram, cultivando a economia familiar.

(Welci Nascimento é professor e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)





As várias faces do demônio

SANTO CLAUDINO VERZELETI

Além de várias faces, o Demônio também tem vários nomes. Os mais conhecidos são: Diabo, Demo, Tinhoso, Lúcifer, Chifrudo, Belzebu, Leviatã, Satanás e outros mais, tão estranhos quanto esquisitos.

Rebuscando as experiências da vida, encontrei descrições do que significa o diabo para diversos povos, e descobri que equivale sobretudo a dinheiro, inveja, ciúme e luxúria.

O Demo católico, por sua vez, é tudo o que fascina e aguça nossos impulsos. E a corporificação dele, descrita pelo cristianismo, serve sobretudo para coibir o sexo, considerado a sua principal armadilha.

Para o povo hebreu, o deus Bahal, além de sinônimo de ira, luxúria, era também o deus da tempestade, enquanto Astaroth era tido como tesoureiro do inferno.

Já Negal comandava a política, no conceito dos sumérios. Enquanto Balberith era o líder dos querubins e secretário de Lúcifer, também conhecido como

Capeta, Cão, Renegado, Sujo, Coisa Ruim e Satanás.

Belzebu, que estimulava o orgulho e a heresia, era considerado o príncipe dos demônios, ao lado de Leviatã.

O rei dos espíritos malignos, chamado Pazuzu, comandava a disputa homem/Deus, por meio das tentações e do pecado.

Tentarei explicar a seguir como age o Diabo na história dos povos.

Sua origem coincide com a aurora do ser humano. E ele reside no mundo, que é a casa do Bem e do Mal.

Enquanto o homem e a mulher, em seus sonhos, tentam saciar o espírito com prazeres e apelos luxuriantes, os seus demônios íntimos procuram satisfazer seus corpos. No espírito do homem, o Bem e o Mal se apresentam casados, tudo dependendo dos atos e fatos praticados por suas fraquezas, virtudes ou impulsos.

A tradição relata que os demônios todos do mundo foram criados pelos homens da montanha, quando começaram a viver em grupos organizados. Protegidos por muralhas de soldados, desfrutavam a vida com orgias e here-

sias. Atribuíam-se a missão especial de ditar regras de conduta aos homens da planície, e subjugar-los de acordo com seus interesses.

O Diabo vivia na montanha e era sinônimo de castigo, fogo ardente, calor e temor, enquanto na planície o homem organizado trabalhava para seu sustento e criação da família, com união e respeito a Deus.

Foram as lutas, o ciúme, a inveja, a luxúria, a desagregação familiar e outras atitudes nocivas do homem que propiciaram o surgimento e crescimento do Diabo. O próprio homem criou as várias espécies de Diabo, ao tomar conhecimento de que o povo estava desviando-se da verdade suprema. E o fez com o intuito de reprimir seus atos pecaminosos.

Dessa forma, Satanás adquiriu força conquistou o respeito, melhor dizendo, o temor da humanidade.

O homem é considerado o Y da vida. A haste inferior, isto é, o tronco do Ypsilon, representa o próprio homem. Enquanto os traços esquerdo e direito, no vértice da letra, simbolizam o caminho a ser escolhido por ele: o da

esquerda, o Mal; e o da direita, o Bem.

A tendência será de seguir até o fim o caminho escolhido, consumando a opção. Poderá haver dúvida e hesitação, mas, em ambos os casos, irá cumpri-lo até o fim, pois os dois caminhos obedecem ao mesmo rito.

Uma vez tomada a decisão, seja por prazer, por autodefesa, por vingança ou autoestima, o homem agirá assim até o final do intento. Impulsionado pela força do cérebro e estimulado pelos fluidos do prazer, da dor, da alegria, acabará também por consumir o ato, exorcisando-se até o êxtase.

Tanto o anjo do bem quanto o do mal estão dentro de nós, pronunciando-se segundo a ação a ser efetivada, por impulsos elétricos do cérebro de cada um.

Quando o cérebro ordena a produção de certas enzimas – cuidado! – porque qualquer deles poderá agir, segundo as circunstâncias e os impulsos do momento ou do ambiente.

O Demônio continua até hoje em evidência, como a personificação do mal e inimigo de Deus. O homem, por sua vez, poderá ser pacífico ou violento, bom ou mau, dependendo das situações e dos fatos. Alguns são mais lentos, outros mais ágeis, nessa atuação. O mundo está repleto de tentações, umas oferecendo mais prazer do que outras. Quanto mais difíceis, rudes e agressivas, mais vigorosamente age o Diabo para alcançar seus propósitos.

Diversas confissões religiosas mantêm o dogma com firmeza. Para elas, o Demônio é um ser real, com espírito do bem ou do mal, e suficientemente poderoso para entrar no corpo do ser humano e apossar-se dele. Pois incorporando-se ao espírito, tornar-se-á mais fácil alcançar o que pretende.

Ouve-se da boca do povo, em certas ocasiões: Ele era como um anjo, não tinha coragem de matar uma mosca! – No entanto, matou, trucidou, naquele momento de inversão do sistema de seus neurônios.

Isso ocorre porque a possessão provoca um distúrbio mental ou físico, que leva a tomar uma decisão, orientada para o Bem ou para o Mal. Por isso, incorporar a palavra de Deus, especialmente as respostas que Jesus deu a Satanás, quando desafiado no deserto, será sempre algo surpreendente e vantajoso.

Eis nessa passagem a chave e o segredo da salvação de cada um de nós. Como homem, Jesus foi submetido a muitas tentações. Todavia, sua força

interior e capacidade de mudar de rumo fizeram dele um espírito perfeito, capaz de vencer as artimanhas do Demônio e seguir em frente.

Assim também você, antes de tomar uma decisão ou executar um projeto, convém contar até dez, repetir o procedimento, consultar o seu Ypsilon, para só então decidir, sem egoísmo ou preconceito.

Sobretudo, quando a tentação se apresentar, a fim de subverter seu âmago, não duvide de que Satanás existe, e de que ele pode até ser você mesmo. Todos somos vulneráveis, ao passo que ele é inteligente e astuto. Seja, portanto, vigilante e forte, ante seu próprio espírito.

Como ser concreto, é óbvio que o Demônio não existe. Pois só está presente em nossos distúrbios mentais e em nossas fantasias.

Na Idade Média, o Tinhoso teve grande destaque. Quantas pessoas foram condenadas à fogueira, sem causa, em nome da Cruz, pelo mau espírito daqueles que se intitulavam justos! O homem criava regras para os outros, submetendo gente inocente ao suplício do fogo.

Na Bíblia, o Diabo é muito mais citado do que Deus. E, na era da globalização, Homem e Diabo se complementam, e realizam seus propósitos sob o manto da liberdade. O Demo, que era dotado do dom de anjo, foi expulso do paraíso e sepultado no inferno. O melhor lugar de se viver é nesta galáxia, pois, enquanto o ser humano conviver com o temor da existência do Diabo, respeitará o próximo como a si próprio.

O inferno e o céu são aqui mesmo. Aqui se vive e se desfruta de todas as riquezas da Terra, pagando caro pelas diabruras que se faz.

Ele, o Belzebu, está dentro de nós. Convivemos com ele desde o nascimento, uma vez que se transmite aos descendentes no momento da fecundação.

Homem e Diabo são unos. E este age no momento em que a ação do homem se torna agressiva aos outros. Foi o medo enfrentado pelos seres humanos que o inventou, talvez para ludibriar a si mesmo, na tentativa de esconder suas fraquezas. A inteligência e a astúcia humanas produzem imagens através de uma enzima do cérebro que, esse sim, tudo vê e provê.

Nenhuma sociedade jamais conseguiu viver sem a presença do Demônio. Como temos dito, ele convive entre nós. O próprio Papa João Paulo II reconheceu essa verdade, quando disse que

“Satanás trabalha para que o mal, desde o começo, se desenvolva no próprio homem, nos sistemas e nas relações inter-humanas, entre as classes sociais e as Nações”.

A Bíblia também destaca o Belzebu, no Novo Testamento, que é a base da doutrina cristã. Nela há mais citações do Mal que do Bem. Mais referências a Satã que a Deus.

A teoria do evangelismo admite que o Mal reside nas entranhas do ser humano, como a sombra junguiana, e contesta a existência do maligno.

Também para o Judaísmo, o Bem e o Mal procedem ambos de impulsos humanos. Na elite judaica, muitos rabinos acusaram Jesus de promover seus milagres sob o poder de Belzebu.

Já no Espiritismo, o Mal é visto como uma contingência da experiência evolutiva e das vivências terrenas de cada pessoa, e cede ao Bem à medida que os espíritos se depuram através de sucessivas reencarnações.

Por sua vez, o Budismo, doutrina que o Mal é resultado da mente inquieta ante a ilusão do eu e das formas do mundo material.

Daimon, em grego, significa espírito, mas o termo foi ampliado e deturpado no Catolicismo, conforme afirmam seus adversários.

Em tempos mais recentes, Jeffrey Burton Russel prega que o mundo está perdendo o senso do Mal: “Sem o senso do Mal, e sem temer o Mal, a civilização pode desagregar-se e ir, sem trocadilhos, direto para o inferno.”

Conclui-se daí que o Tinhoso deve voltar a agir sobre os entes humanos, para contrabalançar com o Bem. Possuidor que é de ambos os espíritos, cabe ao homem a decisão final sobre o caminho a escolher.

Convém lembrar ainda que a doutrina judaica desconhecia o Diabo, ao passo que a Igreja Católica adotou a crença nele e a implantou nos seus fiéis, amedrontando-os com o castigo pelos seus pecados. E como a pregação narra que ele nasceu no deserto, a única forma de expulsá-lo é através do exorcismo.

Concluindo, pode-se afirmar que Deus é Deus e Diabo ao mesmo tempo...

(Santo Claudino Verzeleti é membro da Academia Passo-Fundense de Letras e da Academia de Ciências Contábeis do RS. Fundador do Centro Cultural Italiano Anita Garibaldi)



Judeus de Coxilha a Passo Fundo

ODILON GARCEZ AYRES

Deparo-me, no jornal da capital do dia 18 de agosto de 1991, com um convite para a “Descoberta de Matzeiva” e inauguração do túmulo de Abraão Birmann, no Cemitério Israelita.

Até aí nada de mais, pois nascem e morrem judeus todos os dias, mas este era um judeu especial, na minha opinião, apesar de eu nunca o ter visto, mais gordo ou mais magro.

Daqui a pouco, vos conto por quê!

Com o seu Salomão Zeltzer, (tio paterno do Daniel Winick, empresário e desportista) que tinha um bar em Coxilha, trabalhei por bala, puxando cerveja do porão, enquanto o Brasil perdia para o Uruguai naquele dia trágico de 1950. Era só gente pagando a conta, encostando o taco na mesa de snooker e todos se mandando para casa, com a cara mais triste deste mundo.

Outro judeu, meu amigo de infância, foi o seu Abraão Jovelovitch. Nas manhãs de inverno, neve acumulada na soleira da porta, me levantava de madrugada e ia a sua residência, fazer fogo no fogão, para aquecer um chá

com bolacha, a fim de que o mesmo cumprisse com os preceitos de sua religião. A partir do aparecimento da estrela d'alva, ele não fazia mais nada, eu era o seu “mandalete”, como se dizia naquele tempo. Hoje é office-boy. Conversávamos animadamente sobre tudo e eu já lia O Cruzeiro. Falava muito de um tal Odilon Braga, Senador ou Deputado daquela época, em quem eu devia me espelhar, segundo ele. Meu primeiro terno, reformado, é claro, foi o seu Abraão que me deu, além de me pagar religiosamente pelos serviços prestados, e até sem precisar me empregava de “gradiador” de caibros em sua madeireira, que ficava em frente a minha casa. Eu soube agora, que fora noivo de uma das filhas do Sr. Napoleão Ferreira, que tinha um irmão gêmeo, e um outro que conheci, formado em medicina, mas que infelizmente ficou louco. Acho que de tanto estudar. Nunca mais os vi, pois vim de Coxilha para Passo Fundo, logo que mataram o Getúlio. Sei que morava em Erechim, que escreveu um livro, faleceu faz pouco.

Mas, e o Abraão Birmann?

Bom, este só conheci de nome, pois na caixa d'água, de uma das tantas madeireiras que existiam em Coxilha, estava

escrito em letras de imprensa: Sirotski, Birmann & Cia. Ltda. (SIBISA), e eu olhava e ficava pensando, defronte ao açougue do Adão Leite, como e com que foram escritas, e grudadas naquelas alturas, as tais palavras.

Não sei quem inventou o dístico e a brincadeira, mas todos os coxilhenses o conhecem. Quando alguém estava contando algum caso ou fato interessante, o ouvinte fazia que entendia, dizendo: Aaaaa! Brahão Birmann & Cia. Ltda.

Por tradição, conservo ainda essa brincadeira com meus familiares e amigos.

Soube eu também de um outro dado interessante que, além do mesmo ser um dos pioneiros da industrialização da madeira, foi um dos pioneiros de Passo Fundo na construção civil, juntamente com o Scussel, o Giongo e o Morandi, pois deles o Edifício Eleonora e a Farmácia Drogabir, na Rua Moron, 1599, onde hoje é a Joalheria Sciéssere, ao lado da Paula Calçados do falecido amigo Maximino Antônio Rodrigues. Sua irmã, de nome Rita Birmann, fez a doação, para a Universidade de Passo Fundo, daquele enorme terreno localizado à direita, antes do trevo de saída para Lagoa Vermelha, local onde se formou uma lagoa artificial, gerando uma celeu-

ma pelos ambientalistas liderados pelo Dr. João Grando.

Eis duas pessoas que merecem o nosso saudosismo, no Sesquicentenário de Passo Fundo: Abrahão e Rita Birmann. Entenderam? AaaaaAbrahão Birmann & Cia. Ltda!

Prosseguindo na mesma linha do trem de Coxilha a Passo Fundo, que chamavam de “misto” das três, na década de cinquenta, o único edifício que possuía elevador era o Edifício Fiori. Subir dois andares de elevador era o cúmulo da comodidade, ou da preguiça, e na minha idade era uma atração. Usei-o muitas vezes para levar documentação ao Dr. Jacyr Castilhos, um dos esquecidos pioneiros da televisão de Passo Fundo. Depois surgiu o Edifício Planalto, do Comendador Nedeff, cujo nome homenageia o nosso Planalto Serrano. A inauguração do Turis Hotel foi uma festa, pela majestosa e moderna obra, e por abrigar o Cine Teatro Pampa, um dos mais modernos e maiores cinemas do estado, cujo nome homenageia até hoje as vastidões das planícies sulinas.

Depois surgiram outros mais arrojados construtores de espigões, e dentre eles os filhos dos Srs. Jaime Kwitko e Abrahão Melnik, que construíram três edifícios na rua Moron e na Capitão Eleutério e, logo após, o Palácio do Co-

mércio na Avenida Gal. Neto. Este fez com que, por seu arrojo e facilidades de pagamento, aglutinasse naquele ponto a nata das associações comerciais.

Também pela década de setenta, outro judeu deixou sua marca: Dr. Isaias Bacaltchuk, que se lançou também na construção civil. Herdeiro da Casa Carioca, com seus irmãos Leão e Jaime, Isaias sempre ajudou os movimentos tradicionalistas da cidade, tanto com verbas como com patrocínios radiofônicos. Talvez por pertencer a um povo de profundas tradições, o mesmo gostava das manifestações gauchescas, gaúcho que era, de Júlio de Castilhos. Construiu o Edifício Avenida, e depois me pediu uma lista de dez nomes gaúchos, para escolher três com que seriam designados os edifícios que ergueu na Rua Marcelino Ramos. O único que se tornou conhecido de toda a comunidade foi o Edifício Gaudério, o que mais problemas causou, pois após registrado o nome, alguém lhe disse que o termo era pejorativo, e que teria dificuldades em transacionar seus apartamentos. Com as devidas explicações do dicionário gaúcho, o Gaudério vendeu mais que pastel em cancha de carreira, e foi ponteiro para o Minuano e o Charrua.

Neste breve relato, talvez com muitas falhas de memória, registro também o

pioneirismo do Dr. Isaias Bacaltchuk, ao denominar seus edifícios com vocábulos genuinamente gaúchos, sensibilidade e visão que a cidade mui gaúcha poderia continuar cultivando, pois estrangeirismos, nos ditos, usos e costumes da nossa terra, não nos tocam a alma.

Para arrematar, os comerciantes Luiz e Nahum Schwartzmann também ergueram um prédio na Av. Gal. Neto, quase esquina com Gal. Osório, usando um pedacinho de terreno que pertenceu à antiga igreja de São Francisco, cuja história não se conhece. Enfim, muitos outros judeus, como os Raskin, Capelchunik, Iochpe, Litvin, os próprios Sirotski e os Birmann, amealharam suas fortunas em Passo Fundo e Coxilha, o que lhes possibilitou ir fincar o pé bem fincado na nossa capital, Porto Alegre, e dali se esparramando pelos maiores centros brasileiros.

Onde quer que estejam, por favor, não esqueçam deste passado histórico, e se estiverem sobrando alguns dólares, ou reais, voltem a investir seus capitais na Capital do Planalto Serrano, pois suas fortunas, forjadas com suor, sacrifícios e trabalhos, de certa forma, também pertencem a esta terra.

(Odilon Garcez Ayres é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Poesia

ROGÉRIO SIKORA

Girassol

Reflete em mim seu doce olhar,
Na memória ficou sua face branca;
Lábios como pérolas reluzentes,
Cheios de um rosa inebriante.

Na excruciante solidão,
Sofro cada dia, sem você saber,
Com a distância e a saudade
A ferir meu coração.

Sonhando sentir por um instante,
O doce gosto de um beijo virtual
De uma estrela que longe brilha,
Deixo-me assim nessa dor mortal.

Às vezes penso em trazer
Seu brilho para mim,
Como um girassol
Buscando, em vão, o sol.

(Rogério Sikora é advogado e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



Mulher: diferença na igualdade

DILSE PICCIN CORTEZE

No dia 8 de Março comemora-se o Dia Internacional da Mulher. Uma série de reflexões e comemorações são feitas no mundo todo para homenagear aquela que é considerada a Rainha do Lar, mas que na realidade luta, lado a lado com os homens, para que seus direitos sejam considerados e seu valor, como profissional no mercado, de trabalho seja reconhecido.

A luta da mulher, pela sua dignidade e igualdade de direitos, tem sido árdua e nem sempre reconhecida e legitimada. Apesar do empenho feminino, ainda existe discriminação salarial, jornada de trabalho dobrada e violência, praticada principalmente dentro de seus próprios lares. Os vários tipos de violência e discriminação recaem sobre elas, não deixando, muitas vezes, chance real de se defenderem.

Com relação ao tema, violência feminina, reportamo-nos ao trabalho de Carmem Lorenzoni, em sua monografia sob o título *A violência nas relações de gênero e classe: Uma interpretação a partir das mulheres camponesas no Rio Grande do Sul*, que afirma: “as diferenças de tamanho, de força e de predominância na direção de ação - nos homens, centrífuga (para fora), e nas mulheres, centrípeta (para dentro), permitiu o surgimento de uma exaltação do ser humano masculino. Esta questão ainda prossegue no que hoje se denomina ‘sociedade de produção’, onde a própria ação ‘para fora’ vem sendo confundida com ação produtiva. Formou-se então uma cultura (principalmente ocidental), onde o homem apresenta-se como produtor ‘natural de bens’, como o ‘homem provedor’, e, por outro lado, entregou-se à mulher os papéis de mantenedora, preservadora e cuidadora.”

As categorias gênero, classe e violência nos ajudam a compreender a di-

nâmica das relações e dos poderes, sem considerá-las como conceitos absolutos, capazes de explicar toda a opressão das mulheres. É importante resguardar sempre a dialética das relações homem/mulher, tendo em vista que a vida humana se desenvolve na interação contínua entre os dois sexos, apesar das injustiças históricas que a permeiam.


A idealização da igualdade nas relações entre mulheres e homens, muitas vezes, tem sido fonte de conflitos. Mas os conflitos são necessários para forjar a mudança. É necessário também perceber como, em cada cultura ou extrato cultural, estas diferenças se organizam e se expressam.

Não é possível supor uma postura hierarquizada que durasse milênios, sem que a mesma tivesse base sólida em algum pressuposto válido e aceito por ambos, homens e mulheres. Parece ter havido, nos primórdios da civilização, uma concordância generalizada de que era necessária, para a sobrevivência da espécie, uma ação enérgica sobre o meio ambiente, o que permitiu a valorização das características de força e dominação.

Durante séculos prevaleceu esta visão, que acabou por demarcar e definir os papéis de gênero em nossa sociedade ocidental, envolvendo uma educação que cumpriu e continua a perpetuar o foco “produção”. Esta cultura terminou por aprisionar e escravizar homens e mulheres, em estreitas faixas de papéis sociais.

Sabe-se que uma força enérgica, motora, que tenha perdido sua conexão com algum contexto criador ou produtivo, pode tornar-se facilmente uma força destrutiva, causando danos principalmente a pessoas e seres mais frágeis em termos físicos, ou seja: mulheres, crianças, idosos, animais e outros.

A discussão pública da violência contra a mulher não deve ser apenas uma ação de amparo a ela. E sim a discussão sobre a crise de valores que vem sendo



vivida e tem demonstrado, cada vez com mais evidência, que os valores considerados femininos são essenciais à sobrevivência de todas (os), sendo alguns deles: o cuidado, a atenção, o abrir-se à compaixão, a intuição e a sensibilidade.

O que vem acontecendo é o fato de que homens e mulheres vêm rompendo a escravidão de velhos papéis. É um trajeto difícil, com muitos erros de avaliação e interpretação. As mulheres vêm abrindo espaços em terrenos considerados masculinos, inicialmente. Sem dúvida, é mais fácil entrar em terrenos já valorizados, além do que os papéis masculinos são mais visíveis do ponto de vista social (“são para fora”). Ao homem vem sendo mais duro aceitar e abrir-se para papéis e atitudes mais femininos, já que historicamente foram menos valorizados.

Para mudar as próprias condições de produção das relações de dominação, é necessário todo um processo coletivo de educação. São necessários acordos, um mínimo de consenso, análises comuns para intervir no habitual. É preciso mudar a ordem simbólica e, conseqüentemente, mudar as relações na prática, no cotidiano da cultura.

Segundo Carminha: “Ser feminina é a característica do corpo da mulher. Ser feminista é estar no processo de luta contra o poder patriarcal, machista, violento, branco e excludente”. É dever de todos lutar por uma sociedade mais justa, sem preconceitos, sem discriminação, com maior igualdade social, para que todos tenham uma vida digna e mais feliz.

(Dilse Piccin Corteze, membro da Academia Passo-Fundense de Letras, é Mestre em História Regional pela UPE. Professora da rede particular de ensino de Passo Fundo. Autora do livro *Ulisses va in América: história, historiografia e mitos da imigração italiana no RS.*)

Castro Alves, o Poeta



ROMEU GEHLEN

Panorama histórico da época
Quando Castro Alves nasceu, em 1847, na Bahia, o Brasil era governado a sete anos por Pedro II. É que em 1840, contrariando a norma constitucional (Constituição Imperial de 1824), em nome da paz e da tranquilidade interna do país, foi decretada a maioria do imperador menino, D. Pedro II.

O Imperador contava com quatorze anos de idade. O Brasil mergulhava numa crise econômica ímpar da sua história, e era sacudido por revoltas e lutas sangrentas que ameaçavam todo o seu território. Eram os balaios no Maranhão, os farroupilhas nos pagos gaúchos, os liberais em São Paulo e Minas, a revolução praieira em Pernambuco, e outras.

Tratava-se de revoltas populares, que D. Pedro II herdara com a coroa.

Houve uma dedicação do império no sentido de pacificar essa desordem interna, em que o Brasil contou com o trabalho memorável da Guarda Nacional, sob o comando de Luís Alves de Lima e Silva, o nosso Duque de Caxias.

Ao nascimento de Castro Alves, o tráfico negreiro já havia sido proibido por lei brasileira, muito embora não fosse adequadamente respeitada.

Quando Castro Alves recém completava um ano de idade, uma revolução, no outro lado do Atlântico, instaurava a

Segunda República na França, enquanto, na Inglaterra, Marx e Engels (1848), publicavam o Manifesto Comunista.

A despeito de tudo isso, no Brasil lia-se *A Moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo, e os *Primeiros Cantos*, de Gonçalves Dias. A produção literária do Brasil contrastava com essa realidade política, social e econômica.

Nos anos 50 daquele século, iniciou um período em que o Brasil assumiu uma feição de traços novos, de modernização de um país latifundiário, patriarcal e escravagista.

A produção de café trouxe uma prosperidade econômica ao país, alterando nossa paisagem social. O historiador Pedro Calmon relatou um flagrante do Rio de Janeiro, nesta época: “A rua do Ouvidor renova-se, engalana-se, resplandece. Havia, naquele ano (1850), 23 casas de modistas, 4 de floristas, 77 de ourives, 33 de relojoeiros, 66 de sapateiros, 25 de tipógrafos, 8 de retratistas, 24 de fabricantes de carruagens”.

Na verdade, porém, essa modificação do Brasil não acontecia de forma significativa. Persistia o latifúndio, a escravidão, a pena de morte para o escravo insubmisso, o contrabando de negros, e a economia do país se apoiava no mercado externo, com a exportação de café.

Castro Alves, um grito de liberdade

Nos anos 60, porém, em Recife, surgiu um grito de liberdade. Castro

Alves, com o fulgor de sua juventude encontrou solidariedade e aplauso, para sua poesia libertária, abolicionista e arrebatadora.

O centro-sul, porém, se apresentava uma sociedade mais receptiva ao pensamento abolicionista do grande poeta. São Paulo aderira à produção de café, usando meios mais modernos, com a substituição progressiva do trabalho escravo pelo do imigrante assalariado. Escolas de Direito fomentavam um ambiente mais propício às atividades culturais e políticas.

Para Castro Alves, Recife se tornara pequena. Ele já havia escrito *Gonzaga*, um drama que com profundo sentido político. O jovem trazia dentro de si a chama da política e do liberal. Sua poesia passou a ser a sua grande arma. Com sua declamação e postura cativante, exaltava a República e condenava a escravidão em comícios, sacadas e palanques improvisados.

Por fim, resolve, concretizar o sonho de ter seu drama “*Gonzaga*” representado e aplaudido em outros lugares e plateias. Rumou então para o sul. No caminho, porém, fez uma parada em Salvador. A plateia baiana ovacionou-o, pela apresentação da peça *Gonzaga*, mas também registrou o ‘escândalo’ pelo fato de ele estar viajando com Eugênia Câmara (pela qual se apaixonara), sem serem casados (1867).

Seguindo para o Sul, no ano seguinte, parou no Rio de Janeiro, onde foi recebi-

do por José de Alencar, que o apresentou a Machado de Assis. Isso significava honra e glória absolutas, para um escritor que se projetava incipientemente. E Machado de Assis, para alimentar ainda mais o espírito do grande poeta, escreveu um artigo no Correio Mercantil, realçando a figura do jovem poeta e dramaturgo baiano.



excelência.

Acumulando sucessos, Castro Alves chegou a São Paulo, onde reiniciou os estudos na Faculdade de Direito, tendo como professor José Bonifácio. Reencontra também Rui Barbosa, seu antigo colega de curso primário.

Nesse ínterim, sobreveio o fim do romance, embora Castro Alves ainda estivesse apaixonado por Eugênia. Solitário, o jovem poeta se recolheu a um mato, onde havia caçadores. E um disparo acidental acertou seu pé, desde então começou a sofrer severas complicações em sua saúde.

Em 1869, Castro Alves decidiu tratar-se no Rio de Janeiro, onde foi obrigado a amputar a perna esquerda. A mutilação deprimiu-o ainda mais, e acabou acometido por tuberculose.

Em 1870, regressou à Bahia, mutilado, triste e doente. Na viagem de navio, contemplando a esteira de espumas, inspirou-se a dar o título de Espumas Flutuantes, a sua única obra publicada em vida. Era um livro de poemas, enquanto Gonzaga é um drama, que fala da Inconfidência Mineira e da escravidão.

Castro Alves ainda escreveu A Cachoeira de Paulo Afonso, os Escravos, e inúmeros outros poemas avulsos.

O poeta faleceu em 06 de julho de 1871, na Bahia, aos 24 anos, não sem antes deixar, no coração do povo brasileiro, através de seus versos, o ensinamento, dos caminhos da liberdade e do amor, além de uma herança pujante, que só o espírito de um gênio é capaz de produzir.

Mas Castro Alves não morreu. Está imortalizado em sua obra, que será sempre cantada e lembrada. Por isso, prosseguimos.

Castro Alves, o poeta condoreiro

O condor é uma ave de porte avantajado e de altos voos. E símbolo da poesia que floresceu na última fase do Romantismo brasileiro. A terceira geração romântica, a que pertenceu Castro Alves, buscou seu emblema no

condor, porque pretendia que sua poesia falasse mais alto, conseguisse alçar altos voos. A poesia condoreira, por isso, foi vigorosa, retumbante, indignada, voltada para o grande público, muito embora também fosse lírica, isto é, emotiva e sentimental. E Castro Alves foi o poeta condoreiro por

Manuel Bandeira, referindo-se a ele disse: “O mais dotado dos condoreiros foi Castro Alves, que encontrou, na causa da abolição da escravatura negra o principal tema de toda a sua obra, e atingiu nos poemas “O Navio Negreiro” e “Vozes da África” a maior altura do seu estro. O primeiro é uma evocação dantesca dos sofrimentos dos negros

na travessia da África para o Brasil; o segundo, uma soberba apóstrofe do continente oprimido a implorar a justiça de Deus. Sentiu a natureza brasileira e pintou-a com uma rara força de sugestão poética, a que não faltam notas de vivo realismo. Cumpre distinguir no poeta baiano a poesia de inspiração épica, em que se expande, não raro com demasia de mau gosto, a sua genialidade verbal, da lírica amorosa, onde soube exprimir-se a salvo da ênfase, e às vezes mesmo com exemplar simplicidade”.

José de Alencar exprimiu essa visão: “Palpita em sua obra o poderoso sentimento da nacionalidade, essa alma da pátria, que faz os grandes poetas, como os grandes cidadãos”.

Castro Alves quis gritar ao mundo a sua poesia, a sua mensagem de liberdade e de amor. E o fez com grandiloquência.

Na sua poesia, assumiu até mesmo a audácia de um orador:

“Eu sinto em mim o borbulhar do gênio.

Vejo além um futuro radiante:

Avante! - brada-me o talento n’alma

E o eco ao longe me repete: avante! “

O voo do gênio condor, via no firmamento, um abismo de luz:

“Onde me levas mais, anjo divino?

- Vem ouvir, sobre as harpas inspiradas,

O canto das esferas namoradas,

Quando eu encho de amor o azul dos céus.

Quero levar-te das paixões nos mares,

Quero levar-te a dédalos profundos,

Onde refervem sóis... e céus...e mundos...

Mais sóis...mais mundos, e onde tudo é meu...”.

Quem não lembra do seu Navio Negreiro?

“Estamos em pleno mar...Doudo no espaço

Brinca o luar...”

Ou:

“Auriverde pendão de minha terra

Que a brisa do Brasil beija e balança,

Estandarte que a luz do sol encerra,

E as promessas divinas da esperança...

Tu, que da liberdade após a guerra,

Foste hasteado dos heróis na lança,

Antes te houvessem roto na batalha,

Que servires a um povo de mortalha!... “.

E em sua Vozes d’África, o seu grito de busca, de dúvida e de certeza:

“Deus! ó Deus! Onde estás que não respondes?

Em que mundo, em qu’estrela tu t’escondes,

Embuçado nos céus ?

Há dois mil anos te mandei meu grito

Que embalde desde então corre o infinito...

Onde estás, Senhor Deus?

(Romeu Gehlen é advogado, membro da Academia Passo-Fundense de Letras, professor na Faculdade de Direito da UPF e membro do Instituto dos Advogados do Rio Grande do Sul.)

A calçada alta e a quadra da prefeitura velha: núcleo do centro histórico de Passo Fundo

LUIZ JUAREZ NOGUEIRA DE AZEVEDO

É possível afirmar que o verdadeiro centro histórico da cidade está localizado nos cinco quarteirões da Avenida Brasil, que vão desde a atual rua Cel. Chicuta até a Capitão Araújo (outrora Rua do Estreito). Ali, a pouca distância do local onde foi a sede da fazenda do fundador — Cabo Neves —, foram construídas as residências das principais famílias, na fase inicial da antiga Vila de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, do Passo Fundo. Nessas quadras e suas adjacências foram tomadas as mais significativas decisões políticas e administrativas, desde o tempo da monarquia até os nossos dias, praticamente.

No trecho entre as ruas 15 de Novembro (antes da Ladeira) e Teixeira Soares (das Flores e depois de Humaitá), o principal deles, nas primeiras décadas do século passado, foi construído o prédio da antiga intendência, que antes funcionava (desde quando era conhecida como “paços da Câmara”) num casarão que foi demolido, para dar lugar ao Colégio Notre Dame. Ao lado da Prefeitura, encontra-se a casa que foi do Sr. João Gonçalves, ainda de pé, que deve ser atualmente o mais antigo prédio da cidade, construído em 1888. Nessa mesma quadra, foi edificado o antigo teatro, onde funcionou o Clube Amor à Instrução, numa construção também do século XIX, local em que vieram a ser instalados, pelo intendente Armando Annes, os primeiros serviços de eletricidade do Município. É onde esteve depois a Câmara Municipal, sendo hoje ocupado pelo Teatro Múcio de Castro. Não se pode esquecer que, no mesmo lado da Avenida, e ao lado do teatro, reconstruído recentemente, mas desfigurado e desvirtuado, encontra-se o prédio que sediou o Clube Pinheiro Machado, inaugurado em 1912, mais tarde ocupado pelo Fórum e pela Escola Complementar (hoje Colégio Estadual



Nicolau de Araújo Vergueiro), quando de sua instalação, em 1929, e depois pela biblioteca pública. Atualmente funciona ali a Academia Passo-fundense de Letras.

No lado oposto da Avenida havia a “calçada alta”, sem dúvida o mais belo e característico conjunto arquitetônico que a cidade jamais teve. Era uma sequência de mansões, a maior parte delas construídas sobre um trecho, que acabou elevado sobre o atual nível da nossa velha rua do Comércio — provavelmente quando seu leito foi rebaixado para receber a primeira pavimentação. Pela situação em que se apresentava, o conjunto dos prédios da calçada alta se sobressaía na paisagem da Avenida, formando um belíssimo conjunto com os edifícios públicos do outro lado. Era na calçada alta que

estavam os mais requintados palacetes, distinguindo-se na paisagem da Avenida, por sua harmonia, imponência e invariável bom-gosto. Ali estiveram, até serem derrubadas, uma a uma, entre outras, as residências da família Sperry (a qual ainda de pé, mas completamente desfigurada), de Octaviano Lima, de Gervásio Lucas Annes e do primeiro presidente da Câmara, Manoel José de Araújo (esta foi o primeiro prédio da Faculdade de Direito). Na esquina da Rua 15 de Novembro havia outra, que pertenceu à família Birman, tendo ao lado, na calçada oposta, a singular moradia de Gabriel Bastos, recentemente demolida para dar lugar a mais um edifício. Impressionavam pela harmonia, pela beleza e por sua perfeita adaptação à paisagem urbana e à topografia do local. De nenhuma delas se pode dizer

que fosse modesta ou acanhada. Eram construções apalaçadas, com grandes portas, escadarias, pé-direito alto — como era usual na época — sacadas, janelões e salões-nobres que se abriam para a Avenida.

Ainda é possível salvar alguma coisa? Acredito que sim. Restam de pé os prédios da Prefeitura, do Clube Amor à Instrução (Teatro Múcio de Castro) e do Clube Pinheiro Machado (Academia de Letras).

É impressionante, porém, o descaso dos encarregados de zelar por eles, que

os estão deixando em ruínas. Quem passa pelo local surpreende-se com sua deterioração e abandono. Seria o momento — talvez amanhã seja tarde demais — de se unirem o Poder Público (Prefeitura e Câmara), a Universidade, o Ministério Público, como curador do patrimônio histórico, a própria Academia e demais segmentos culturais, juntamente com a classe dos engenheiros, arquitetos e urbanistas da cidade, aliados à poderosa indústria da construção civil, para possibilitar a restauração e preservação desses prédios.

Sem falar nos outros problemas graves que apresenta o nosso centro urbano, é preciso, urgentemente, elaborar e executar um plano consistente, que possibilite a recuperação do que resta dos poucos e tristes vestígios de uma arquitetura, que hoje se apresenta como muda e eloquente testemunha do passado da cidade, que não pode ser esquecido nem desprezado.

(Luiz Juarez Nogueira de Azevedo é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Poesia

ANELISE RECH

Novos ares

Minha felicidade tem nome e sobrenome.

Inspira ou autografa?

Nos meus dias inspirados
Saio pra rua
Beijo a lua
Tudo me completa.

Paz

Silencio e deixo meu coração falar por mim.

Imperfeitos

Ele tinha colocado uma lupa sobre seus defeitos.
Ela sabia que ele não era um simples complicado.
Mesmo assim continuava
Pois isso não era quase nada.

Meia-noite e muitos

Agora que a festa acabou
Me dispo de tudo.
Nua, deixo pra trás o que passou
E nasço de novo.

Histórias de uma noite sem fim

Acordei atrasada. O sonho estava tão bom que eu não queria sair dele. Mais uma vez alguém de longe veio me trazer um acalento, uma possibilidade, uma esperança... que acabou quando abri os olhos. Nada daquilo existia. Ou melhor, existia apenas na minha cabeça. Aquele ser longínquo passava por essas bandas e resolveu aparecer, só pra me mostrar que é bom amar e muito melhor é amar e ser amado. Ainda restam pedaços dele dentro de mim, pois mesmo um amor antigo perdura, o coração guarda as boas lembranças. Meu Deus, parecia real! E nós estávamos numa praia, longe de tudo e de todos, só resgatando as coincidências da vida. Ele me fez acreditar que, durante todo esse tempo, estava comigo. Pois agora, depois de ter voltado ao planeta Terra e tomado café na padaria, já não estou mais em estado alfa, nem beta, nem grego, e quero um amor de verdade.

(Anelise Rech é psicóloga e poeta.)



Cuidados na aquisição da casa própria

CARLOS ALCEU MACHADO

A compra da casa própria é a concretização do grande sonho da maioria das pessoas e, com certeza, será o maior investimento que elas farão no decorrer de suas vidas. Precisa, portanto, ser uma operação cercada de uma série de cuidados.

Em primeiro lugar, é indispensável analisar-se a situação jurídica do imóvel. Deve-se solicitar, para tanto, ao Ofício Imobiliário, uma certidão da matrícula, onde estarão lançados quaisquer ônus que incidem sobre o bem. Em se tratando de uma casa, é sempre bom certificar-se de que a construção foi devidamente averbada; se se tratar de um apartamento em construção, a incorporação do edifício precisa estar registrada (nesse caso, deve-se examinar o memorial descritivo e as plantas da obra).

Em seguida, a idoneidade do vendedor necessita ser verificada. Cabe ao comprador certificar-se de que não há contra aquele ações judiciais ou protestos de títulos capazes de prejudicar a transação. A obtenção de certidões negativas expedidas pelo Judiciário e pelos cartórios competentes em nome

do proprietário e do seu cônjuge (ou companheira, se for o caso) esclarecem o adquirente. Também é essencial confirmar se as despesas condominiais, taxas d'água, taxas de energia elétrica e IPTUs incidentes sobre o imóvel estão em dia. Indica-se, igualmente, investigar a situação fiscal do vendedor, solicitando a apresentação de negativas das fazendas municipal, estadual e federal e do INSS.

Na hora de assinar a escritura ou o contrato de promessa de venda e compra, veja como as prestações serão atualizadas. Como atualmente há pouca diferença entre os indexadores que apuram a inflação, maior atenção precisa ser dada aos juros remuneratórios que muitos vendedores cobram. Meio por cento a mais ou a menos pode significar uma boa diferença na conta final.

Se houver financiamento bancário, maior precaução ainda deve ser tomada em relação às taxas de juros, que chegam a variar de 4% a 12% ao ano. É bom lembrar que muitas vezes o mutuário paga todas as prestações ajustadas e, ao final do prazo, ainda se depara com um grande saldo devedor, chamado de "resíduo".

Caso a entrega das chaves do imóvel dependa de algum fato, ele precisa estar

plenamente identificado no contrato. Nas operações envolvendo imóvel alugado, o comprador deve solicitar ao vendedor a notificação encaminhada ao inquilino, dando-lhe o direito de preferência. Nos negócios abrangendo imóveis na planta, a data prevista para a expedição da carta de Habite-se necessita estar claramente determinada.

A clareza da cláusula que estipula as perdas e danos que um contratante deverá suportar, caso rescinda o ajuste, é de importância fundamental nos tempos que correm. Nela, deverá estar perfeitamente identificado o que é indenizável, já que nas relações de consumo não se tem mais aceito uma mera estipulação de altos percentuais sobre o valor do contrato ou a perda total das quantias pagas pelo comprador.

Por fim, não se pode esquecer uma frase que antigamente era vista nas capas das escrituras: "Quem não registra não é dono". De fato, deixar de levar a registro uma escritura ou um contrato, pode fazer com que o comprador realize não o sonho, mas o pesadelo da casa própria.

(Carlos Alceu Machado é membro da Academia Passos-Fundense de Letras, advogado pós-graduado em Direito Imobiliário, empresário, consultor e palestrante. Site: www.cam.adv.br.)

Oito de Março, Dia Internacional da Mulher

IRINEU GEHLEN

Em 8 de março de 1857, na cidade de Nova Iorque, nos Estados Unidos, eclodiu a primeira greve capitaneada somente por mulheres. Operárias de uma fábrica de tecidos reivindicavam condições dignas de trabalho. Cento e vinte e nove mulheres foram mortas, carbonizadas no interior da fábrica, pela repressão à greve. Aí nasceu a primeira luta pela independência da mulher.

Na Dinamarca, em 1910, foi instituído o dia 8 de março como o Dia Internacional da Mulher, entretanto, a Organização das Nações Unidas oficializou esta data apenas em 1975, via decreto. O Dia da Mulher tem um sentido histórico transcendental. A luta delas pelos direitos igualitários, no seio da sociedade, tomou corpo e hoje a mulher comanda até mesmo países. Graças àquelas mulheres que, no decorrer da história da humanidade, enfrentaram a opressão de sociedade e culturas, que hoje a mulher tem garantido o seu espaço no meio social.

Há duzentos e cinquenta anos que, efetivamente, as mulheres começaram a causar impacto na história da humanidade. Antes disso elas eram segregadas e discriminadas pela própria sociedade. Graças à luta incessante da mulher heroína que hoje se reconhece que as mulheres são iguais em tudo, inclusive na capacidade de votar, trabalhar, governar e se impor como pessoa. Por isso, é imperioso e necessário que se lembre a mulher no seu dia.

A mulher tem uma força cósmica inigualável. Carrega dentro de si a semente sagrada da procriação. O coração da mulher é um manancial de sabedoria e na sua mente está o pensamento de Deus. Das suas entranhas exurge a força do amor que regenera e ressuscita. Nós, homens, vivemos encantados na beleza e no fulgor da vida da mulher. Quando estamos aflitos, tristes e acabrunhados, buscamos a paz junto ao seu ombro. Um simples toque da mulher tem o poder curativo. Os mistérios da divindade são



compreendidos na alma e no coração da mulher. Pobre do homem que não reverencia a mulher e que fecha as cortinas à beleza e à graça deste ser fundamental. A mulher tem o condão de caminhar graciosamente, mirando sempre com admiração o seu permanente companheiro, o homem.

Destarte, neste Dia Internacional da Mulher, todos nós a proclamamos como o ser da criação e da beleza. A revolução que ela desencadeou, em busca de sua liberdade, pacificou no século XX o coração do homem. Mais do que qualquer famoso ator social, a mulher revolucionou a vida da sociedade ocidental. Com a mudança dela houve a mudança da sociedade. No alvorecer do terceiro milênio, a história da mulher passou a ser a história da família, da arte, da cultura, do trabalho, da justiça,

da educação, do esporte, da política e da convivência pacífica.

Quero pedir licença para, em nome das minhas filhas, Eunice Gehlen, Esther Gehlen e Iriana Bueno Gehlen, homenagear as mulheres de Passo Fundo, do Rio Grande do Sul, do Brasil e do mundo. Menciono, ainda, nesta significativa data, o nome da minha companheira, Ana Maria Bueno, mulher lutadora e vencedora.

Se não estimarmos a mulher enquanto viva, eis que ao seu lado todas as dores se esquecem, depois de morta, daríamos tudo o que somos e o que temos para tocá-la e olhá-la por um só instante. Por isso, nesse momento tão importante e significativo, reverenciamos a figura da mulher, da mãe geradora e da heroína da vida!

O vosso adorno não se perfectibiliza somente em coisas externas (jóias de ouro, vestidos luxuosos, cabelos trançados), mas substancialmente na personalidade que se esconde no vosso coração e pelo espírito suave e sereno, coisa preciosa diante de Deus. Mulheres, vós sois herdeiras da graça da vida.

(Irineu Gehlen é advogado e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Ano Novo

Nada de novo
 Nesse ano novo.
 Os homens continuam a amar e odiar,
 Poluindo o mundo.
 O egoísmo sufocando a bondade.
 A mentira confundindo a verdade.
 Os governantes se endeusando.
 E Deus na solidão dos templos e dos corações.

Horas perdidas

Na solidão da tarde domingueira,
 Contemplando o céu, angustiada,
 Vejo passarem as horas da minha vida...
 Horas perdidas...
 Ah! se pudesse retê-las junto a mim,
 Acariciá-las,
 Sentir todas as suas doçuras,
 Todas as suas amarguras,
 E depois, revoltada,
 Jogá-las longe,
 Fingir nada sentir por essas horas perdidas!

Tristes horas perdidas,
 Em que desejei ter tanto e nada tenho...
 Em que desejei ser tanto e nada sou...

Feiticeiro tempo

Mulher presente

Mulher, és
 E serás sempre
 Um mistério com que Deus
 Presenteou o homem.
 “Quem ama está ligado ao universo
 Quem odeia está ligado à solidão.”

Mulher mistério

A roupa é o disfarce da mulher.
 Mesmo a gaze diáfana
 Já a faz sentir-se mistério.
 Mistério de paixão e amor.
 Amor de amante e mãe.
 Rumor de vida e morte.

Saber

Dizemos tanto: “Eu sei, eu sei!”
 Mas sabemos realmente?
 Seremos tão sábios para responder
 Por que vivemos?
 A morte é um novo começo,
 Um entremeio ou o fim?
 Neste vasto universo,
 Qual a igualdade,
 Qual a diferença,
 Qual a importância do “você” e do “eu”?

Vento

Sol
Lua
Flores.
E ainda:
Pássaros
Liberdade
Amizade
Verdade
Medo
Revolta
Amores
Saudade.
Junto tudo
No panelão do feiticeiro tempo,
E a poção poesia,
Em vapores nebulosos
Se espalha pelo infinito.

Se me amares

Se me amares, dize-me:
Eu te amo, preciso de ti!
E beija-me, manda-me flores!
Se não for um ramalhete,
Apenas uma,
Com perfume de carinho.

Sei que dizem ser em estes
Gestos ultrapassados,
Fora de moda,
Mas, para o coração e o amor,
Não existe moda.

Desajustados

Meu espírito é jovem
E encantado.
Meu corpo é velho
E cansado.
Como podem viver juntos,
Se são tão desajustados?

Meu alimento

Escrever é meu alimento,
Meu agasalho, meu aconchego,
Minha dor.
Escrever é minha voz que fala no silêncio.
São os meus olhos que vêm no escuro.
É a minha alma que vibra
Com o sentir de tudo isso.
É transbordar em luz
Sobre meu corpo ferido.

(Craci Dinarte é poetisa e membro da Academia
Passo-Fundense de Letras.)

O Poder e a Ética

GETULIO VARGAS ZAUZA

Na verdade, eu gostaria de dissertar sobre o tema, de uma forma mais ampla e profunda: O Poder, sua gênese e a Ética. Todavia, nem o espaço nem o tempo permitem que o faça neste momento. Assim sendo, restringir-me-ei ao tema-título.

Nessa condição, me compete primeiro citar o entendimento do dicionarista, no dicionário Michaelis - Moderno Dicionário da Língua Portuguesa, Ed. Melhoramentos/1998.

No verbete Poder¹ (lat. vulgar potere).

1. Ter a faculdade de...cita a seguir mais 11 exemplos de situações de exercícios da faculdade.

No segundo verbete, Poder² s.m. (de poder).

1: Faculdade, possibilidade e mais 11 significados.

Do acima exposto, vemos que a palavra Poder é substantivo masculino e também verbo: eu posso, tu podes etc.

Na condição de substantivo, pressupõe possuir realidade, substância, não no sentido material, mas como energia, força, o que nos permite pensá-lo como algo que nos torna capazes de produzir atos.

A realização de atos depende da existência de outras três faculdades da psique humana (alma). Considerando o processo de desenvolvimento do ser humano, do ponto de vista antológico, a primeira das três faculdades que entra em ação é o Querer (ou vontade) que não se deve confundir com cobiça ou desejo, que corresponde à segunda faculdade que se desenvolve, o Sentir, do qual surge a capacidade de sensação e sentimento, basicamente agrado, desgosto e cobiça (desejo). Por último se desenvolve a faculdade do Pensar que, como todos sabem, permite-nos formar pensamentos, raciocínios, apanágio do ser humano normal e na faixa etária correspondente.

Quando se considera a história da evolução humana, do ponto de vista filogenético, até onde registros históricos permitem, constata-se que a faculdade

de pensar é realmente a última que comparece, aliás, há aproximadamente seiscentos anos antes de Cristo (600 anos a.C.). Pensar como hoje fazemos, só se tornou possível mais ou menos 300 anos a.C.

Em vista de tal constatação, podemos supor que o Querer e o Sentir também tenham-se desenvolvido lentamente na seqüência acima indicada. E é interessante considerar que a faculdade de pensar só se desenvolve num ser humano, em que tenha sido interiorizado o Eu e, conseqüentemente, tenha desenvolvido a autoconsciência.

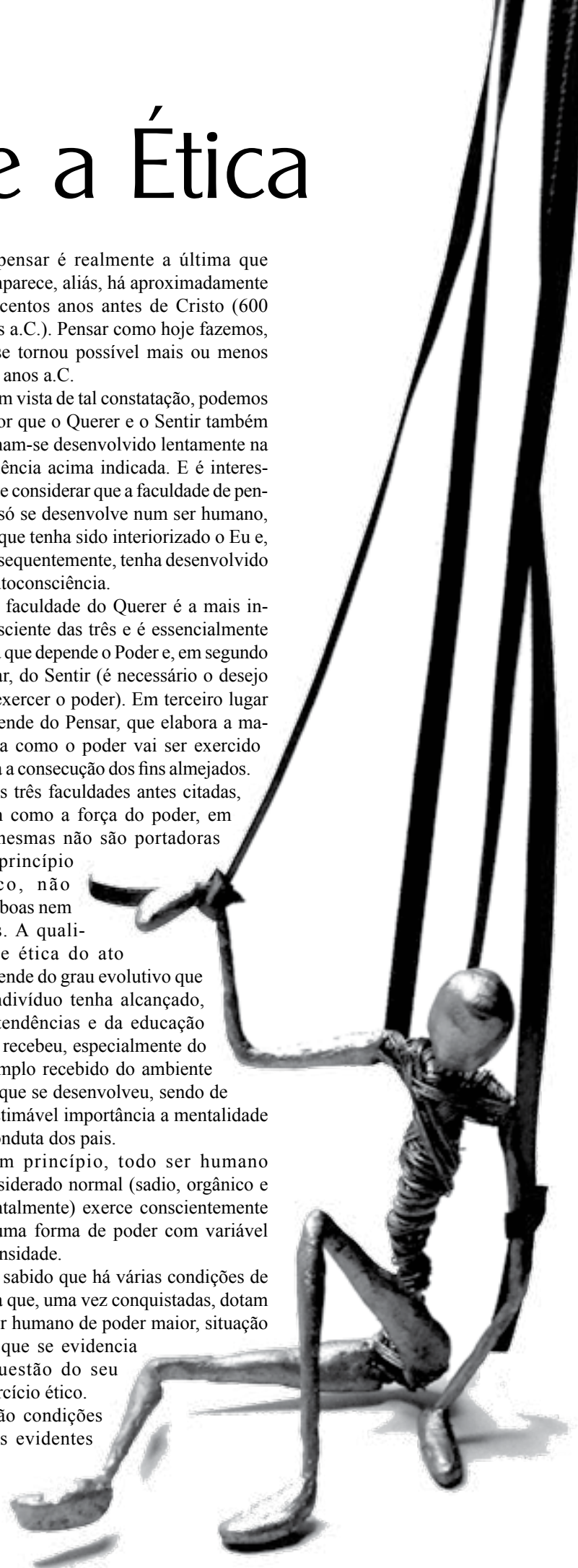
A faculdade do Querer é a mais inconsciente das três e é essencialmente dela que depende o Poder e, em segundo lugar, do Sentir (é necessário o desejo de exercer o poder). Em terceiro lugar depende do Pensar, que elabora a maneira como o poder vai ser exercido para a consecução dos fins almejados.

As três faculdades antes citadas, bem como a força do poder, em si mesmas não são portadoras do princípio ético, não são boas nem más. A qualidade ética do ato depende do grau evolutivo que o indivíduo tenha alcançado, de tendências e da educação que recebeu, especialmente do exemplo recebido do ambiente em que se desenvolveu, sendo de inestimável importância a mentalidade e conduta dos pais.

Em princípio, todo ser humano considerado normal (sadio, orgânico e mentalmente) exerce conscientemente alguma forma de poder com variável intensidade.

É sabido que há várias condições de vida que, uma vez conquistadas, dotam o ser humano de poder maior, situação em que se evidencia a questão do seu exercício ético.

São condições mais evidentes



que nos tornam possuidores de poder:

1) Talvez uma das maiores fontes de poder seja o conhecimento, a cultura, pois que constituem não só a chave, mas também o caminho para a evolução, tanto individual quanto como para toda a humanidade. O esforço para a aquisição do conhecimento, quanto mais intenso, amplo e profundo for, maior efeito tem sobre o desenvolvimento mental (capacidade pensamental) e ativação das funções cerebrais.

2) Partindo da base do conhecimento se chega a uma segunda condição, qual seja, a posse de bens materiais, o que confere o chamado econômico que, como se sabe, lida com elementos dos quais cada um de nós depende, seja pela necessidade de consumo, de uso ou de trabalho, visto que a organização social como é, coloca o trabalhador na dependência do empreendedor, embora este também necessite da mão-de-obra, mas a experiência mostra que via de regra há mais falta de trabalho do que de trabalhadores.

3) Uma terceira forma de posse e

exercício de poder ocorre na política, com exceção de acontecimentos espúrios, como o ocorrido na elevação de um analfabeto à condição de representante do povo no Parlamento, o qual levou na garupa uma turma de companheiros de partido e quem sabe também de analfabetismo. Esse fato talvez nunca encontre uma explicação. Ou os eleitores quiseram fazer um protesto e escolheram a maneira menos inteligente possível, ou foi por absoluta falta de inteligência mesmo, o que deporia negativamente sobre os paulistas.

4) Uma quarta condição para o exercício do poder se dá através da religião, que é uma atividade que lida com forças incrivelmente poderosas e inconscientes na alma, ou se quiser, na psique.

Nas quatro condições citadas, os detentores de poder exercem poderosas influências nos nossos destinos, podendo conduzir-nos, ou para um caminho do bem-estar físico e espiritual, para a construção da verdadeira liberdade, da igualdade no domínio jurídico e da fraternidade no aspecto econômico,

ou então como demonstra a História, através de grandes convulsões sociais, quando a inconformidade com o “status quo” rompe todas as barreiras repressivas contentoras.

Penso ser necessário que, particularmente aqueles que exercem o poder na sociedade, façam uma parada para a reflexão, a fim de tomarem consciência se estão exercendo o poder baseados no princípio ético, se estão agindo em benefício da evolução do ser humano, ou em seu próprio, ou de instituições.

No meu modo de entender, o poder deve ser usado para promover o ser humano, para auxiliá-lo a se tornar livre dos jugos internos e não necessitar de jugos externos para viver uma conduta harmônica, social e ambientalmente, pois somente assim poderá ser modificado o hábito de só conceder, à classe operária, benefícios que são direitos humanos sob pressão, ou ameaça, ou violência.

(Getúlio Vargas Zauza é membro da Academia Passofundense de Letras.)

Poesia

ANELISE RECH

Muitas formas de amar

Se não for por um caminho,
há outro logo ali...
E o invisível, ou a voz imaginada (ouvida),
Fala tudo, até com o jeito de respirar.

Meu Deus
Meus Deuses
Invoco todos os orixás, meus amigos
Luzes de outros planetas
Estrelas cadentes

Estou vendo coisas?
Estou ouvindo além do que meus ouvidos ouviram?

Sim, eles me respondem:
Você descortinou uma esperança,
Abriu a alma de uma des(ilusão),
Trouxe vida e reacendeu a paixão (AMOR?)

Ainda há o que prosseguir...

(Anelise Rech é psicóloga e poeta.)

Deus, um estilo literário

GILBERTO R. CUNHA

Sobre a malograda tentativa da Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos (Atea), em patrocinar campanha de combate ao preconceito contra quem não é religioso, na cidade de Porto Alegre, valendo-se da exibição de peças publicitárias em veículos de transporte coletivo (busdoors), nos moldes que vêm sendo adotados desde 2008, em países europeus e nos EUA, apesar da diversidade de opiniões, favoráveis e contrárias, faltou dizer o essencial.

O objetivo da campanha, segundo os membros da Atea, é expressar o ponto de vista dos céticos, e pôr um fim no preconceito contra aqueles que se assumem ateus, ainda vistos, por muitos, como pessoas moralmente pervertidas e, não raro, associadas com o mal e tudo que há de pior na sociedade. E não, simplesmente, como aqueles que não acreditam em mitos. Razão mais que suficiente, - ao confrontarmos com campanhas similares, envolvendo o esclarecimento público, sobre preconceito em relação à orientação sexual e à raça, em uma sociedade assumidamente democrática, e num Estado laico, - para antevermos que, inclusive por ser a Atea uma instituição juridicamente constituída no Brasil, mais dias menos dias, essas peças publicitárias estarão ao alcance dos nossos olhos e, civilizadamente, concordando ou não, teremos de conviver com elas, assim como já ocorreu em outros países.

E o essencial que faltou ser dito? Devem estar se indagando os mais apressados. Até agora, tudo que foi escrito é o lugar-comum dessa questão. Que todo preconceito, incluindo o religioso, é abominável. Que ideias religiosas não estão imunes a crítica. Que deve ser admitida a liberdade de expressão para quem não crê na existência de Deus. E que a intenção dessas campanhas não é convencer quem acredita em Deus a mudar de opinião, mas sim o esclarecimento e a criação de um ambiente de tolerância para a diversidade. Etc., etc., etc.

Pois bem: em minha opinião, estas campanhas publicitárias do movimento

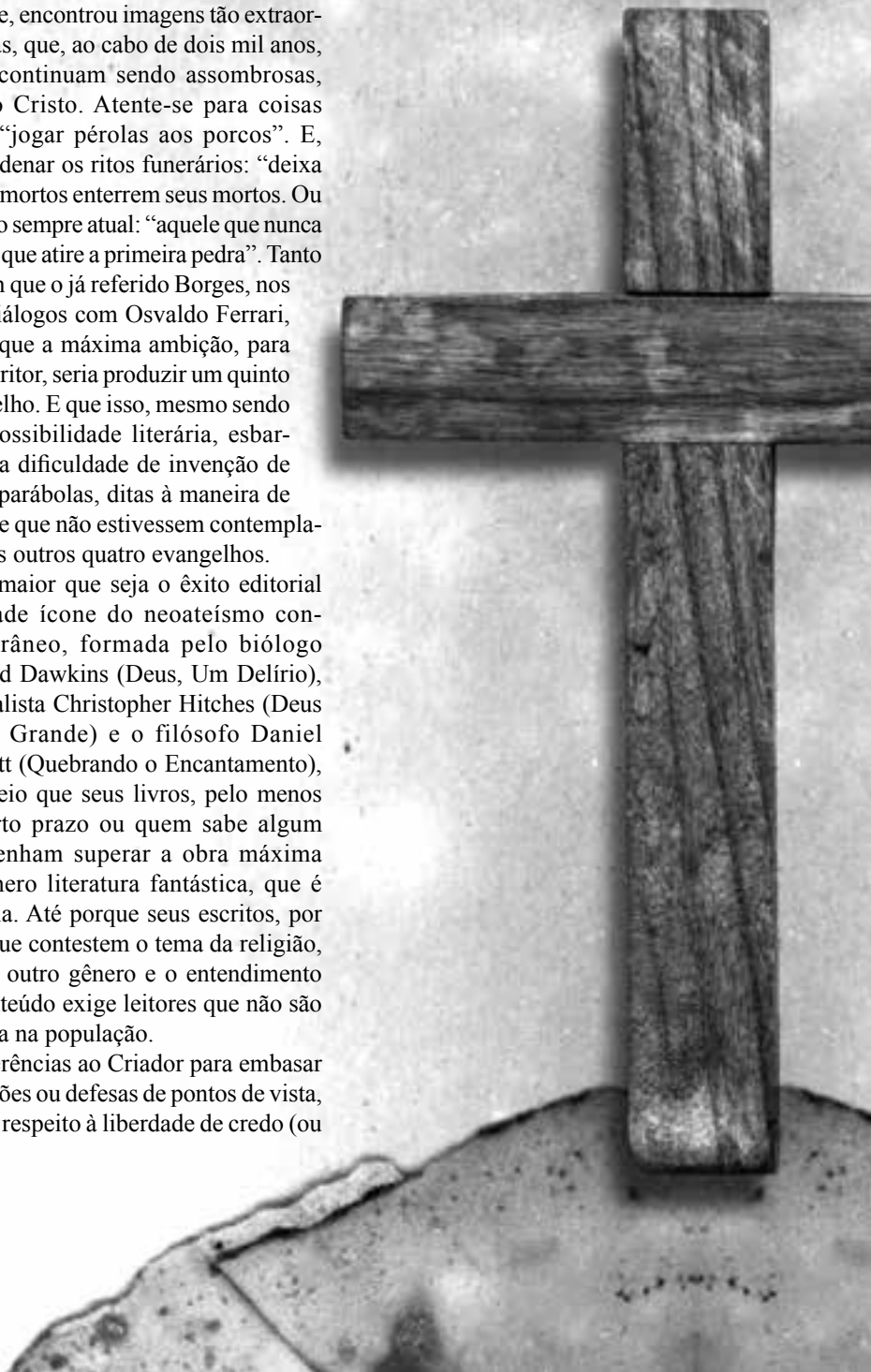
chamado neoateísta ao redor do mundo não representam qualquer ameaça a nenhuma religião, especialmente à cristã, quer sejam para os credos de confissão católica ou protestante, porque, acima de tudo, literariamente, quando comparadas aos escritos dos evangelhos, são muito pobres em estilo. Jesus Cristo, sendo ou não a encarnação humana de Deus, algo que me parece inverossímil, foi, acima de tudo, um homem fantástico. Mais que uma divindade, segundo Jorge Luis Borges, Cristo, entre tantas coisas, pode ser visto como um estilo literário. E que estilo! Nenhum escritor, até hoje, encontrou imagens tão extraordinárias, que, ao cabo de dois mil anos, ainda continuam sendo assombrosas, quanto Cristo. Atente-se para coisas como “jogar pérolas aos porcos”. E, ao condenar os ritos funerários: “deixa que os mortos enterrem seus mortos. Ou ainda, o sempre atual: “aquele que nunca pecou, que atire a primeira pedra”. Tanto é assim que o já referido Borges, nos seus diálogos com Osvaldo Ferrari, frisou que a máxima ambição, para um escritor, seria produzir um quinto evangelho. E que isso, mesmo sendo uma possibilidade literária, esbarcaria na dificuldade de invenção de novas parábolas, ditas à maneira de Cristo e que não estivessem contempladas nos outros quatro evangelhos.

Por maior que seja o êxito editorial da tríade ícone do neoateísmo contemporâneo, formada pelo biólogo Richard Dawkins (Deus, Um Delírio), o jornalista Christopher Hitchens (Deus Não é Grande) e o filósofo Daniel Dennett (Quebrando o Encantamento), não creio que seus livros, pelo menos no curto prazo ou quem sabe algum dia, venham superar a obra máxima do gênero literatura fantástica, que é a Bíblia. Até porque seus escritos, por mais que contestem o tema da religião, são de outro gênero e o entendimento do conteúdo exige leitores que não são maioria na população.

Referências ao Criador para embasar acusações ou defesas de pontos de vista, até em respeito à liberdade de credo (ou

não-credo) religioso, não se justificam mais, na atualidade. Vale o mesmo para autoridades em cerimônias públicas encerrando com o clássico “... e que Deus os abençoe!”

Filhas de Maria e Congregados Marianos, relaxem! Parafraseando a peça publicitária mais conhecida da Atea: Deus provavelmente existe. Deixe de se preocupar e aproveite a vida! Evidentemente, respeitando quem crê que Deus não existe.





Deus, um designer

GILBERTO R. CUNHA

Deus talvez não seja um delírio, um embuste, uma fraude ou um engano, como quer Richard Dawkins (*The God delusion*), mas tampouco é um designer nos moldes pregados pelos que defendem esta espécie de avatar do criacionismo, que atende pelo nome de Intelligent Design (ID). A ideia do ID foi desenvolvida pelos criacionistas, como uma forma alternativa à velha controvérsia da criação divina versus a teoria da evolução, para explicar a origem dos seres vivos. Fazendo isso, deram ares de veracidade a uma falsa ciência da criação, buscando inserir essa proposta no ensino da biologia. Em outras palavras, buscaram justificar Deus perante Darwin.

Os fundamentalistas religiosos (especialmente alguns protestantes cristãos) optaram por acreditar que cada palavra da bíblia deve ser literalmente verdadeira (sem espaço para interpretação). Segundo eles (ou alguns deles), todos os organismos vivos foram criados durante 6 dias de 24 horas, não tendo a Terra mais que uns 10 mil anos. Mesmo sendo a bíblia um documento iluminador, repleto de metáforas e alegorias fantásticas, o literalismo não faz sentido, independentemente de credo religioso, quer seja para um católico ou para um judeu; por exemplo.

Não existe conflito entre a teoria da evolução e a fé católica, pois não há sobreposição de domínios. Pode alguém,

com tranquilidade, acreditar em Deus e seguir Darwin. A ciência se preocupa com o universo (com fatos e não com verdades a priori), e a religião com o significado espiritual de nossas vidas. A Igreja Católica, até quanto eu sei, de Pio XII até João Paulo II, em várias encíclicas, afastou-se do criacionismo, adotando um tom mais de conciliação que de beligerância, entre ciência e religião.

Na *Humani Generis*, de 1950, Pio XII reconheceu a separação de domínios entre ciência e religião, cada qual com o seu magistério, e estes não se sobrepondo. Há que se entender que o conservador Pio XII adotou esta postura, em um mundo destroçado pela Segunda Guerra Mundial, que via, nos diversos movimentos batizados convencionalmente de “ismos” (panteísmo, materialismo, historicismo e, especialmente, comunismo), uma ameaça ao mundo. Todavia, como autêntico conservador que era, deixou expresso que a evolução pode ser legítima em princípio, ou seja, em teoria, e, não tendo ainda sido comprovada em fato, bem que poderia ser inteiramente errada. Coube a João Paulo II, em documento de 22 de outubro de 1996 (*Truth cannot contradict truth*), reconhecer que a teoria da evolução é mais que uma hipótese, e que a ela a Igreja Católica não se opõe, nem tem razões para fazê-lo. Defendeu tanto a evidência da teoria da evolução quanto sua consistência com a doutrina da religião católica.

Que a ciência lida com fatos e evolução é fato. Quem é ignorante em evolução não pode compreender ciência (biologia). E isso independe de vínculo com o credo religioso professado. O principal argumento dos que optam por ignorar, ou são contrários à teoria da

evolução, é a suposta falta de formas intermediárias das espécies, que são encontradas nos registros fósseis. Usam e abusam do exemplo das baleias para justificar suas teses, alegando, falsamente, não serem conhecidas as formas intermediárias entre esses mamíferos aquáticos e seus ancestrais terrestres. Essa afirmação é falsa, pois exemplos em paleontologia existem, conforme descobertas na África e no Paquistão, como é o caso do fóssil *Pakicetus*, de 52 milhões de anos, encontrado em 1983.

O darwinismo tem a sua tese central fundamentada na mudança evolutiva gradual. Os revisionistas da teoria da evolução, caso de Sthefen Jay Gould e Niles Eldredge, salientam que novas espécies, de fato, surgem após milhões de anos, em um equilíbrio que é interrompido por mudanças abruptas. É a teoria do equilíbrio interrompido (*punctuated equilibrium*) de Gould & Eldredge (1972).

O apelo à racionalidade, no embate entre evolucionistas e criacionistas, foi o grande legado de Sthefen Jay Gould (1941-2002), o evolucionista laureado e “lenda viva de Harvard”, que, acima de qualquer coisa, defendeu a teoria da seleção natural contra as forças do obscurantismo. Coube a esse judeu, reconhecidamente agnóstico, encontrar aliados entre os cristãos, especialmente na Igreja Católica, para a busca da solução, vista por muitos como meramente diplomática, da doutrina da *Non-Overlapping Magisteria* (NOMA). Ou seja, nas questões que envolvam ciência ou religião, cada qual, com o seu poder de autoridade para ensinar, que cuide da sua área.

(Gilberto R. Cunha é membro da Academia Passofundense de Letras.)



Dez centavos

SUELI GEHLEN FROSI

A afirmação de Rousseau, de que somos bons por natureza, ganha corpo no maravilhoso curta intitulado 10 Centavos, pois é uma ode à ética natural de que somos dotados, a qual relativizamos conforme ficamos mais “civilizados”.

O filme trata da trajetória de um menino, que transita por Salvador, começando de manhã e entrando pela madrugada. O menino inicia o dia com uma dívida de 10 centavos, fato que lhe causa uma enorme preocupação. Desenrola-se a partir daí uma corrida contra o tempo, contra a fome, contra o calor, o cansaço, e culmina com a cena dele indo deitar-se, ajeitando-se sobre um colchão cheio de gente, sem tomar banho, sem ser recebido por ninguém, no meio da escuridão silenciosa.

O filme permite que se deduza, com tristeza, que criança trabalha ainda

hoje, como sempre trabalhou, mesmo que queiramos negar isso. Ele não está em uma carvoaria, nem em uma mina, nem em uma fábrica, nem na lavoura, lugares comuns de se encontrar crianças trabalhando, mas está na rua lavando carros, guardando-os enquanto isso, vendendo flores e tentando sobreviver aos perigos que uma cidade oferece a qualquer pessoa. Deduz-se também que ele é um menino bom por natureza, pois é evidente seu empenho em ser correto com as pessoas, em pagar os dez centavos que fica devendo aqui e ali.

O que comove é o comportamento ético escancarado de um menino que não sorri, não brinca, não come direito e, pelo jeito, não estuda. É familiar a nós o comportamento dos adultos, que tratam o menino com cortesia, mas com uma evidente indiferença, como se fosse natural haver uma criança solta pelas ruas, trabalhando e pegando um trem de madrugada. No jeito dele de chamar as pessoas de tio, transparece algo que

é corriqueiro e familiar, como se ele estivesse acostumado àquela vida.

O filme convida-nos a refletir sobre o que é ser civilizado, e, sobretudo, sobre nossa atitude condescendente frente à condição vivida por milhões de crianças e adolescentes, em situação de vulnerabilidade social. Mostra-nos alguém que não tem condições de ser criança, já que não vai à escola, não senta à mesa para comer com a família, não tem uma cama para si, não tem tempo para brincar, não há ninguém que o proteja, ninguém que converse com ele, a não ser os que eventualmente se dispõem a isso na rua.

10 Centavos pode ser encontrado nos sites www.portacurtas.com.br ou www.youtube.com.br. Quem o assiste fica meio desconfortável e, ao mesmo tempo tomado de compaixão por todos os meninos e meninas privados de seus direitos fundamentais. Imperdível!

(Sueli Gehlen Frosi é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Identidade cultural

HELENA ROTTA DE CAMARGO

Os povos que vivem no planeta diferem entre si por uma série de fatores e circunstâncias, que os caracterizam e os tornam originais.

Tais diferenças se acentuam, mais intensamente, nas formas de viver e trabalhar, nas crenças, na organização social, na ideologia, e sobretudo no idioma, com que expressam seu pensamento e se comunicam. Exatamente nesses pilares é que se assenta a identidade cultural de cada povo. No meu entender, sem a afirmação concreta desses elementos, a individualidade das raças tende a desaparecer.

Minha posição acerca do assunto é bem incisiva e contundente. Não é de hoje que me sinto incomodada com o uso excessivo de estrangeirismos por nós, brasileiros, em nossa linguagem cotidiana, quer falada, quer escrita.

Está ocorrendo, de uns tempos para cá, uma avalanche de palavras e expressões em língua inglesa, que se infiltram em nossa comunicação, ora de mansinho, ora de supetão, até com um rompante de diletantismo. Elas se cristalizam e acabam por incorporar-se ao nosso vernáculo que – diga-se de passagem – é muito mais rico, harmonioso e simbólico que o tal idioma norte-americano.

Já deu para perceber que sou visceralmente contra tal prática. (Isso a despeito da Graduação e do Registro profissional, que me conferem o direito de ensinar a referida língua).

Por que razão haveremos de inserir, no organismo do léxico português, que se constitui num dos pilares da nacionalidade e expressão máxima de nossa identidade cultural, construções sintáticas e palavras alienígenas, que não traduzem, com a mesma energia e emoção, o nosso pensar e sentir?

Considero um agravo aos nossos sentimentos, desprezar frases como: “Eu te amo!” - “Que ótimo!” - “Maravilhoso!”, e tantas outras - com a abundância de seus conceitos, seus femininos e plurais, seus derivados e sinônimos -, por expressões como “I love you!” - “It’s very good!” - “It’s wonderful!”.

Deveras, sob minha ótica pessoal, trata-se de dizeres inexpressivos e pobres em calor humano. Por que então usar esse idioma que, além de tudo isso, ainda é sobrecarregado de consoantes surdas que dificultam a prosódia, a nós que somos habituados a apoiá-las na sonoridade das vogais?

É bem provável que eu esteja pregando no deserto e sendo alvo de críticas por excessivo bairrismo. Pouco se me dá enfrentar vozes dissonantes, talvez até me julgando brega. O que pretendo mesmo é o retorno de nosso vocabulário às suas origens. Somos brasileiros e residimos no Brasil, a nossa Pátria, que adotou o português como língua oficial, desde que foi encontrada pelas caravelas lusitanas. Portanto, uma história de séculos que merece preservação.

Tem-se a impressão de que, ultimamente, se tornou chique, entre nós, a prática de dar nome inglês a lojas e restaurantes, a modalidades esportivas, a instituições e eventos, a especialidades culinárias, a canções e objetos de todo tipo, e a um sem número de coisas tão bem nomeadas em português.

Diante dessa progressiva invasão

de domicílio, conclamo a todos que amam o Brasil e que aprenderam, desde o berço, a comunicar-se em nossa língua pátria, que não cometam o sacrilégio de profaná-la com inserções estrangeiras desnecessárias. O nosso idioma é lindo, suave, nítido, de rica sinonímia, e diversificado em sua sintaxe e suas formas verbais. Melodioso de ouvir e saboroso de degustar...

Com toda a sinceridade, nem mesmo Portugal tem uma fala tão expressiva e inteligível quanto a nossa fala brasileira.

(Helena Rotta de Camargo é membro da Academia Passo-Fundense de Letras)

Teixeirinha não morreu

JABS PAIM BANDEIRA

O tema do 15º Rodeio Internacional de Passo Fundo foi Teixeira. Não podia ser melhor, merece aplausos quem teve a ideia. Há muito vinha sendo discutida a criação de um museu que retratasse e retribuisse tudo o que este artista fez por Passo Fundo. As discussões se perdiam em longas divagações, como onde deveria ser construído, mas não passava disso, nada era feito, mesmo porque é difícil contentar gregos e troianos. A criança tem muitos pais, existindo uma disputa de beleza, como a criação do parque temático na Roselândia, que nunca foi colocado em prática e vai-se postergando, ad infinitum, esquecendo da vocação do município para a cultura tradicionalista, razão de ser denominada a “mais gaúcha cidade do Rio Grande”.

Sempre soube que não existe exército de um homem só, o que não é verdadei-

ro. Há exceções, quando nos deparamos com um homem decidido, como aquele empresário e radialista que, sozinho se colocou à frente de um empreendimento, com recursos pessoais. Munido de coragem e talento, adquiriu, às suas expensas, um terreno no Parque da Roselândia, onde ergueu um belo prédio, denominado Rancho do Teixeira, e expôs vasto acervo ligado ao artista, como fotografias, álbuns, rascunho original da letra de Coração de Luto, e outros objetos cedidos pela Fundação Teixeira. Fizem-se presentes, por ocasião da inauguração, os familiares do homenageado, como sua viúva, Zoraida, a filha Márcia e outros.

Até domingo, dia 06 de fevereiro (2011), mais de mil pessoas visitaram o Rancho, deixando registrados seus nomes no livro de presença. No local está sendo comercializado o livro “Teixeirinha - O Gaúcho Coração do Rio Grande”, de autoria do Dr. Israel Lopes, de São Borja, editado pela Est/Edições.

Entre todas as homenagens já recebidas pelo cantor, que se esvaem em palavras levadas pelo vento, a Casa do Teixeira representa um reconhecimento da comunidade, que se materializa na solidez das tábuas,

argamassas, e na saudade que emoldura aquela construção, simbolizada nos pertences e na imagem de Teixeira. Pereniza assim nossa gratidão, capitaneada pela iniciativa, liderança, pelo desprendimento e pela nobreza de João do Prado, que tornou esta obra realidade, resgatando uma dívida. Como se sabe, a gratidão é o perfume da alma, perenizado em nossa memória.

Teixeirinha aqui chegou como um tiro ao alvo. Instalou-se na Avenida Brasil e, desde o início, foi recebido pelo tradicionalista Ivo Paim, pioneiro em programas gauchescos no rádio local. Possuía ele dois programas na Rádio Passo Fundo, ao adotar Teixeira, como já havia feito com o menino Vicente Ribeiro, que se tornou depois O Garoto de Ouro. Cedeu um de seus programas, o da tarde, para Teixeira. Enquanto isto, para tornar o cantor conhecido na região, promoveu shows. Teixeira continuou compondo e divulgando suas músicas, como Briga no Batizado, Xote Soledade, Cinzeiro Amigo, entre outros que integraram seu primeiro disco.

Junto com alguns tradicionalistas, bancou a viagem do cantor a S. Paulo, para gravar o seu primeiro disco, 78 rotações. Após esta gravação, nos anos de 1959 e 1960, a gravadora Chantecler impôs a condição de que ele deveria vender mil discos, a fim de poder gravar um “long play”.

Para isso, Ivo Paim bolou um plano: fazer shows no município e na região. Convidou alguns companheiros, Iray Paim Varela, Alfredinho, Orlando, Racho Velho, Serraninho, sua filha Marlene Paim, no sentido de alcançarem a meta, atingir a quota estabelecida. Essa iniciativa ajudou a divulgar e comercializar o disco. À entrada do show, ao invés de apresentar um ingresso, servia como tal o disco, o qual era carimbado, franqueando a entrada do público.

Foi um sucesso! Abriam-se as cortinas do espetáculo, iniciando a carreira do artista em nosso país e depois internacionalmente. Foi alvo de crítica de Flávio Cavalcanti, em programa nacional de televisão, uma vez que Teixeira era o próprio Ibope: suas canções rodaram em todas as emissoras, de norte a sul.

O tempo é testemunha, ou então,



como dizia a poeta, repetida por Collor de Mello, “o tempo é o senhor da razão”. Não precisa dizer quem foi o vencedor. Mais tarde, com a presença de Teixeira em seu programa, reconheceu o valor do artista, voltando atrás de tudo o que dissera, terminando por se retratar, reconhecendo de público o talento do cantor.

Teixeirinha foi sempre um vencedor e sua voz é imortal. Depois de tantos anos de seu falecimento, em 1985, todos os dias ele ressuscita nos acordes de suas melodias, executadas em rádio e shows, no mundo inteiro. Um ídolo que é preservado e lembrado por aqueles que o conheceram pessoalmente, como pelos novos fãs que só ouviram suas canções, nos mais variados temas, quer românticas, passionais, regionais, como aquelas de amor pelas pessoas, cidades e objetos de sua vida. Como no próprio Coração de Luto, que homenageia sua mãe, ou então no Velho Casarão, que recorda seu pai e seu avô, Passo Fundo, Soledade, São Paulo e tantas outras canções.

O cantor adotou Passo Fundo como seu berço, declarando aos quatro ventos que era nosso conterrâneo. Divulgou a cidade, seu povo e nossa cultura, pois quem tem Teixeira em seu filho, pode imaginar a qualidade de seus pares e conterrâneos!

Na verdade, Teixeira foi reconhecido pelo município e sua gente.



O Rancho do Teixeira

CHICO COUGO

Por tudo o que lhe ajudaram, elegeu-o como o seu berço musical e artístico. O palco de Teixeira foi, sem dúvida, Passo Fundo, de onde partiu para o mundo. Conquistou todos que ouviram suas músicas, recebendo os aplausos de inúmeras plateias, constituídas, de brancos, negros, amarelos, da plebe e de autoridades, pois ele fala a linguagem do povo, que canta e se encanta com os poemas musicados de sua verve, e compõem seu relicário, que faz parte do legado artístico que continua a ser divulgado, para o devaneio e a saudade de seus fiéis seguidores.

O Rodeio e João do Prado estão de parabéns, pela iniciativa. Aqui deixamos nossa homenagem a Teixeira e,

especialmente, um registro histórico ao radialista João do Prado, pela iniciativa que há muito era esperada. Ele ainda mantém um programa com músicas de Teixeira, todos os domingos, na Rádio Planalto- AM.

As pessoas que tiverem algo, como objetos, relíquias, fotos, lembranças que lembrem a trajetória de Teixeira, por favor, enriqueçam o acervo de João do Prado! Vão visitar Teixeira em sua nova morada! Assim poderão constatar ao vivo, mais uma vez, a sua imortalidade, no Parque da Roselândia!

(Jabs Paim Bandeira, advogado e empresário, é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Velas precisam ficar acesas...

ISABEL BALESTRO
DANIEL VIUNISKI

Quatro velas estavam queimando calmamente. O ambiente estava tão silencioso que se podia ouvir o diálogo entre elas.

A primeira disse: - Eu sou a Paz, e apesar da minha luz, as pessoas não conseguem manter-me acesa. Em seguida, a sua chama se apagou totalmente.

A segunda disse: - Eu me chamo Fé! Infelizmente sou supérflua para as pessoas. Elas não querem saber de Deus, por isso não faz sentido continuar queimando. Ao terminar sua fala, um vento bateu levemente

sobre ela, e a chama se apagou.

Em voz baixinha e triste a terceira vela se manifestou: - Eu sou o Amor! Não tenho mais forças para queimar. As pessoas me deixam de lado, porque só conseguem enxergar a si mesmas e esquecem até daqueles que estão a sua volta. E também se apagou.

De repente, chegou uma criança e viu as três velas apagadas. - Que é isto? Vocês devem ficar acesas e queimar até o fim!

Então a quarta vela falou: - Não tenhas medo, criança. Enquanto eu estiver acesa, poderemos acender as outras velas.

Quando apagamos as chamas da Paz, da Fé e do Amor, ainda assim, nem tudo

está perdido. Alguma coisa há de ter restado dentro da gente. E isto tem de ser preservado, acima de tudo.

Então a criança pegou a vela da Esperança e acendeu novamente as que estavam apagadas.

Companheiro! Que a vela da esperança nunca se apague dentro de você!

Isabel Balestro é professora, e Daniel Viuniski, membro da Academia Passo-Fundense de Letras e governador do Rotary-Distrito 4700.)

Concursos Literários da Academia Passo-Fundense de Letras - 2009

DILSE PICCIN CORTEZE

Durante o ano de 2009, a Academia Passo-Fundense de Letras, seguindo o exemplo do ano anterior, promoveu um concurso literário. Desta vez sob os títulos: “Poeta Professor Antônio Donin: poesias para alimentar a alma” e “Um século sem Euclides da Cunha”. A razão dos dois títulos foi a ampliação do concurso para todos os alunos da cidade de Passo Fundo, desde a quarta série até o ensino médio.

No dia 17 de setembro, com o auditório da APL lotado de autoridades, alunos, professores, pais e convidados em geral, realizou-se a cerimônia solene, para a entrega de prêmios aos primeiros classificados em cada categoria. Na ocasião, a acadêmica Dilse Piccin Corteze, coordenadora do Projeto, emocionada, proferiu um discurso destacando pontos significativos deste evento literário. Destacamos partes do referido discurso:

“Esta é uma noite de festa para a Academia Passo-Fundense de Letras. E nos sentimos muito honrados por estar procedendo à premiação do concurso literário, resultado do Projeto executado neste ano de 2009. Estamos felizes por receber colegas escritores, autoridades, professores, alunos e público em geral, desta cidade, muito bem nomeada como Capital Nacional da Literatura.

Seguindo a tradição desta casa e seus objetivos, que consistem em prestigiar os principais escritores brasileiros, divulgar sua obra e incentivar nos jovens o gosto pela literatura, neste ano não podíamos fugir à regra, e estamos homenageando os escritores imortais: Euclides da Cunha e o poeta passo-fundense, Antonio Donin.

O projeto literário da Academia Passo-Fundense de Letras - “2009: Um século sem Euclides da Cunha, e Poeta Professor Antônio Donin: poesias para alimentar a alma”, idealizado pela APL, em parceria com a 7ª CRE e a Secretaria Municipal da Educação, teve abrangência a todos os alunos das escolas estaduais, municipais e privadas da Cidade de Passo Fundo.



Falar de Euclides da Cunha e Antonio Donin é algo que muito me agrada. Primeiro por se tratar de grandes personagens: humanos, com atuação pública de destaque, e escritores imortais com obras publicadas, de grande valor literário, poético e histórico.

E em segundo, por ser o ano de comemorações do centenário de morte do imortal Euclides da Cunha, meu patrono na Academia Passo-Fundense de Letras. A homenagem também é dirigida ao passo-fundense Antonio Donin, também imortal, poeta e “homem de ação”, como diz o presidente da APL, Paulo Monteiro.

Por que Euclides da Cunha? Porque neste ano comemoramos o centenário da morte deste grande vulto da literatura

pátria.

Ele nasceu em 1866, no município de Cantagalo, estado do Rio de Janeiro. E morreu no bairro da Piedade, aos 42 anos, assassinado pelo jovem Cabo Dilermando Reis, amante de sua mulher, Ana Maria Cunha, filha do Coronel Sólton Ribeiro, importante personalidade da República.

A vida de Euclides foi marcada pela tragédia. Órfão de mãe aos 3 anos de idade, foi entregue aos cuidados de vários parentes. Sua vida era feita de diferentes casas, bairros e afetos entrecortados; sua mente, uma sucessão de múltiplas paisagens. Composições que só ajudariam o geógrafo, o sociólogo e o antropólogo surpreendente que ele se revelaria anos mais tarde.

Com uma inteligência privilegiada, personalidade obsessiva e passional, levou uma vida errante e aventureira. Jornalista, engenheiro, militar viajou por todo o país. Escreveu dois livros de ensaios: *Contrates e Confrontos*, em 1907; e *A Margem da História*, em 1909. E o relatório técnico: *Peru versus Bolívia*, de 1907.

Mas sua grandeza como escritor deve-se à obra *Os Sertões*, escrito durante a Campanha de Canudos. Euclides da Cunha foi um defensor incondicional da República recém-proclamada. Sua história se confunde, em muitos momentos, com a própria história da República.

Euclides da Cunha foi cobrir o evento de Canudos, como enviado de guerra. O livro *Os Sertões* nasceu de reportagens sobre a Guerra de Canudos, para o jornal *O Estado de São Paulo*.

Toda a obra é marcada por suas viagens. Ele foi o primeiro escritor brasileiro a diagnosticar o subdesenvolvimento do Brasil, referindo-se à existência de dois países contraditórios: o do litoral e o do sertão. Canudos resultou do confronto entre esses dois Brasis, distintos entre si no espaço e no tempo, pelo atraso de séculos em que vivia mergulhada a sociedade rural. Euclides da Cunha morreu em 15 de agosto de 1909.

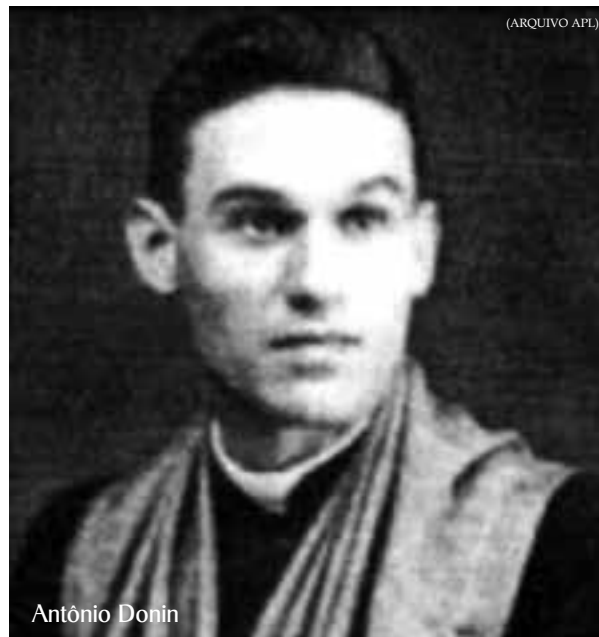
E Antonio Donin? Pode-se afirmar que Donin foi uma das figuras mais importantes da história passo-fundense, na segunda metade do século XX. Poeta, jornalista, professor, advogado e político. Um dos idealizadores da Universidade de Passo Fundo, tudo fez para que a UPF se tornasse realidade. Vivia entre a fantasia de suas poesias e a realidade, trabalhando por uma sociedade melhor.

Nasceu em Vila Maria, em 1911 e morreu em 1987. Foi Padre, mas abandonou o sacerdócio para se casar com a professora Vanda Xavier Donin. Deste casamento nasceram duas filhas.

Foi membro atuante do Grêmio Passo-Fundense de Letras, criado em 1938 e reorganizado em 1939, transformando-se em Academia Passo-Fundense de Letras. Professor em várias escolas da cidade, exerceu o jornalismo e desempenhou intensa militância política. Trabalhou exaustivamente em prol da criação do primeiro CTG de Passo Fundo, o Lalau Miranda. Na gestão do prefeito Mário Menegaz, chefou a Se-

cretaria Municipal de Educação (1964 – 1968). Foi neste período que venceu o concurso para escolha da letra do Hino do município e idealizou a bandeira de Passo Fundo.

Sua vida literária foi muito intensa. Seu primeiro trabalho, o poema épico “O Brasil em Marcha”, foi publicado em 1941, Antônio Donin foi premiado nacionalmente em diversos concursos de poemas e trovas. Além de vasta obra publicada em jornais e livros, como o trabalho intitulado “Heroínas”, foi ainda pioneiro dos cursos de oratória, em Passo Fundo e região. Dotado de vasta cultura e amante da boa leitura, Antonio



Donin amava sua terra adotiva, Passo Fundo, expressando seu sentimento no estrebilho do hino do município:

Tu surgiste indomável e grande,
Ó torrão de progresso e de luz!
Teu fulgor pela Pátria se expande,
Porque a glória te inflama e conduz.

Durante todo o ano do concurso (2009), notamos a dedicação dos professores e alunos envolvidos neste grandioso projeto. A comissão organizadora recebeu belos trabalhos, alguns trazidos até a sede da APL pelos próprios alunos, outros por professores, todos demonstrando muito entusiasmo e ansiedade pelo resultado da classificação final.

A comissão julgadora foi composta por pessoas altamente qualificadas: representantes da SME, 7ª CRE, imprensa e membros da APL. A classificação dos vencedores foi tarefa difícil, diante do alto valor literário de todos os trabalhos.

Eis uma pequena amostra da produção de alguns alunos.

O aluno Vinícios Pasqual Montoya, de

12 anos, em uma estrofe de seu poema descreve a amizade, dizendo:

Amizade é algo que não se troca.

Amizade é bem assim:

Amizade é um gesto de carinho,

Amizade é algo que não tem fim.

Rafael Luiz Maraschim, 12 anos, salienta:

A gente corre do tempo

Que teima em nos alcançar.

Em meio à chuva jogamos

Os deveres para o ar.

No poema de Jéssica Maciel da Silva, chamou-me a atenção a seguinte estrofe:

Imaginei uma criança

Com olhos de esperança.

Essa criança, nas ruas da cidade,

Eu estava vivendo uma realidade.

Estes textos obtiveram, respectivamente o 1º, 2º e 3º lugares, na categoria, “Ensino Fundamental”.

Por outro lado, Ayheza Fontana de Baldo e Carneiro, de 16 anos, Lucas Souza Lopes de Chaves, de 17 anos, e Wilson José Petry Junior, além de outros alunos, todos cursando o Ensino Médio, escreveram belos textos, falando da vida e obra de Euclides da Cunha, nosso escritor homenageado.

No ano passado, como primeiro prêmio, oferecemos uma viagem ao Rio de Janeiro, para a aluna premiada em primeiro lugar e sua professora. Na ocasião visitamos a Academia Brasileira de Letras e vários pontos turísticos da Cidade Maravilhosa e de Petrópolis.

Neste ano, também estávamos com uma viagem programada para oferecer como primeiro prêmio, mas de última hora desistimos deste intuito, frente à real ameaça da gripe suína que rondava nosso país. Com certeza, no próximo concurso, estaremos longe deste vírus maldito e poderemos retornar a referida premiação.”

Desta maneira, finalizamos o ano acadêmico coroado de êxito, e vimos mais uma vez, o objetivo de fomentar a literatura plenamente alcançado na comunidade passo-fundense.

(Dilse Piccin Corteze, membro da Academia Passo-Fundense de Letras, e Mestre em História Regional pela UPF. Professora da rede particular de ensino em Passo Fundo. Autora do livro *Ulisses va in América*, história, historiografia e mitos da imigração italiana no Rio Grande do Sul.)

Crer

Na vida se tem hora para nascer
 Crescer.
 Se tem hora para envelhecer
 Morrer.
 Entre cada amanhecer e anoitecer
 Tudo pode acontecer.
 Da vida é preciso se embeber
 De tudo um pouco fazer
 Sem se deixar corromper.
 Se crer, irá colher.
 Saiba bem a quem eleger
 Olhe bem à sua volta para tudo perceber
 A sorte existe para quem faz por merecer.

Era digital

Comunicação virtual
 Interatividade digital
 E a linguagem não verbal?
 E os neurônios espelho?
 E o sorriso, o perfume, a sensibilidade?
 Quero a sobrevivência emocional...
 Espontaneidade animal...
 Afetividade real.

Amor não tem medida

Amor não tem medida
 Desperta na chegada
 Aperta na partida.

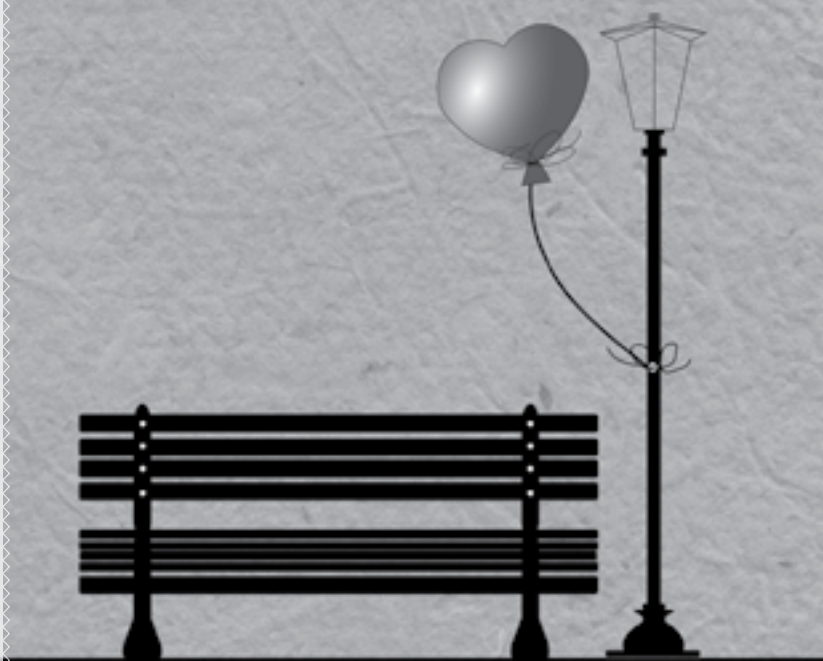
Amor é sensação
 Plenitude na presença
 E também na solidão.

Amor não tem razão
 Não tem senso
 Nem qualquer distinção.
 Aceita até contradição.

Amor é o que se quer
 É o que nos faz existir
 É a vida com sentido
 É o nosso elixir.

Palavras

Palavra	Palavras variáveis
Palavras lindas	Com significado
	Ou como significantes
Saudade	Expressam quem somos
Palavras cheias	
	Parábola
Entusiasmo	Metáfora
Palavras mágicas	
	Palavras declaram
Angústia	Humanizam
Palavras vazias	Machucam
	Enriquecem
Ética	Rimam
Palavras justas	Palavras falam
Pensamentos traduzidos	Por vezes avulsas
Descaotizados	Outras fraseadas
Linguagem inventada	Palavras brindam
Falada, escrita	



O que eu quero...

Quero afeto sensibilizando a vida
Em todos os caminhos por onde se possa andar.
Quero andar nessa avenida, levando a todos que se possa amar.

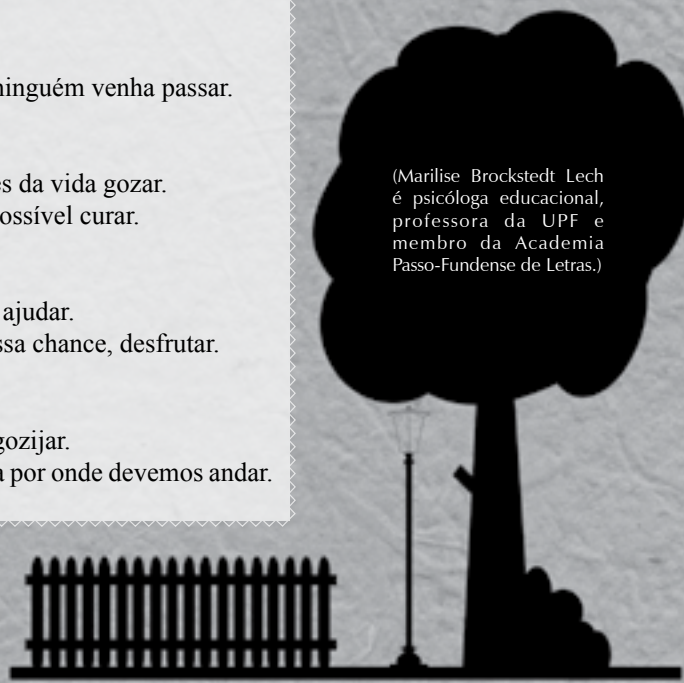
Quero cheiro de boa comida
Em todos os lares que alguém possa morar
Cozinhar, alimentando a vida, para que fome ninguém venha passar.

Quero saúde para toda gente nascida
Pois, se for para morrer, que não seja sem antes da vida gozar.
Consolar as almas, se a dor corpórea não for possível curar.

Quero tostões de maneira merecida
Fruto do trabalho, cuja essência foi aos outros ajudar.
Mas quero que todos tenham oportunidade dessa chance, desfrutar.

Quero versos com palavras comprometidas
Que iluminem a todos que deles possam se regozijar.
A esperança na palavra dita, que mostra o mapa por onde devemos andar.

(Marilise Brockstedt Lech
é psicóloga educacional,
professora da UPF e
membro da Academia
Passo-Fundense de Letras.)



Embalagem plástica: um mal necessário

HELENA ROTTA DE CAMARGO

Uma onda de apreensão e nervosismo percorre hoje as ruas e lares de nossas cidades, provocando discussões acerca das embalagens de plástico com que transportamos as compras, do mercado ou da loja até nossas residências.

Os mais afoitos defensores do meio ambiente são os primeiros a levantar a voz, contra o problema causado por essa prática, uma vez que o plástico é um produto de decomposição extremamente difícil e demorada e, por tal razão, um poluente agressivo e perigoso à saúde do planeta.

Quanto a isso, todos concordamos pacificamente, pois entendemos o mal causado pelo excesso de resíduos não degradáveis que, diariamente, descartamos, sem uma destinação correta e adequada.

Entretanto, há um aspecto da questão, que não está sendo abordado.

Se analisarmos o problema, racional e responsabilmente, concluiremos que a medida saneadora que vem sendo proposta – qual seja, a simples substituição da sacola plástica por embalagem de pano ou papel, - é incômoda e ineficaz. E declino a razão que me leva a pensar assim.

As sacolas plásticas não servem apenas para transportar produtos do mercado ou da loja. Elas também são utilizadas para acondicionar o lixo, tanto o doméstico como o comercial e o industrial.

Na eventualidade de serem elas eliminadas, e substituídas pelas de papel ou tecido, como nos desvencilharemos do lixo que produzimos constantemente?

É óbvio que os materiais sugeridos não se prestam a tal finalidade. Assim sendo, voltaremos ao ponto de partida, isto é, o que levamos para casa

dentro de sacolas, terá que um dia voltar à rua, e dela ao aterro sanitário, também dentro de algum recipiente que, se não for impermeável, ocasionará outros inconvenientes.

Eis, portanto, a questão. Trata-se de um problema de mão dupla, que precisa ser equacionado, de forma profissional, e não com atitudes amadoras.

Os resíduos, de qualquer espécie, deverão, no meu entendimento, percorrer um ciclo completo, conforme segue: produção = utilização = descarte = reprocessamento = reutilização, e assim sucessivamente.

Medidas outras, alheias a programas específicos e soluções técnicas, serão paliativas e inconsistentes. Daí a necessidade e a urgência de encararmos a situação com inteligência e seriedade.

(Helena Rotta de Camargo é membro da Academia Passo-Fundense de Letras)

Veneza, o romantismo está no ar

DILSE PICCIN CORTEZE

(FOTO: ARQUIVO D. P. CORTEZE)

Veneza pode ser considerada com certeza, a cidade onde nasceram as festas carnavalescas que se espalharam pelo mundo. A cidade está localizada ao Norte da Itália, na província do Vêneto, onde as ruas são feitas de canais, e onde os carros dão lugar aos barcos e gôndolas.

Veneza não segue a lógica de uma cidade normal, afinal ela não tem nada de comum. As ruas seguem o rumo dos canais e, mesmo caminhando com um mapa, você se perde. As ruelas cheias de curvas nos fazem perder o senso de direcionamento. São 117 ilhotas com uma centena de pontes. Por isso, são inúmeras as placas de orientação. O Canal Grande, como o nome já diz, é o principal dos canais e divide a cidade ao meio.

Na Piazza San Marco, o divertido é ver os turistas cercados de pombas, tirando fotos, e os grupos de japoneses filmando cada detalhe do lugar. A galeria que contorna a praça tem muitas lojas de joias e artes, interessante de ver, mas nada muito acessível ao bolso... Uma cervejinha num bar da praça sai por 7 euros o copo.

Ao lado da Basílica San Marco, o Palácio dos Duques, antiga residência oficial de duques, é um prédio muito bonito, com arcadas góticas, reconstruído no século XIV. Atualmente, o palácio é um museu que atrai inúmeros turistas.



Ao centro, Dilse Piccin Corteze

Lá a festa de momo é comemorada com um charme especial. Pierrôs impecavelmente vestidos, com plumas na cabeça e máscaras de porcelana, andam devagar pelas ruelas da cidade. Casais em trajes medievais dourados atravessam as pontes, param, fazem pose, voltam a caminhar. Colombinas passeiam calmamente em gôndolas. Nada de músicas, nada de barulho, nada de festa. O carnaval de Veneza é plácido, romântico, misterioso. É a cara da cidade. Em Veneza tudo parece de mentira, inclusive ela mesma. Inteiramente construída sobre canais, a cidade parece flutuar. Provavelmente, nenhum outro lugar no mundo reúne tantos atributos para surpreender os visitantes. As pontes além de lindas parecem objetos de decoração. As velas e becos fazem parecer que o tempo passa mais deva-

gar. Os canais inspiram até os menos românticos. E ainda tem a Piazza San Marco, grandiosa, imponente, uma das mais belas do mundo.

Construída em uma laguna junto ao Mar Adriático, Veneza é única. A belíssima cidade italiana, porém, está afundando mais de seis centímetros por década. Ela sempre conviveu com inundações. Mas a poluição da laguna, e o aumento do nível do mar, acentuaram o perigo de tirar do mapa todo o incalculável patrimônio histórico de Veneza.

Quem pretende visitar Veneza que o faça antes que ela desapareça!

(Dilse Piccin Corteze é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



O medo do novo

ELMAR LUIZ FLOSS

Comemorou-se em 2009, os 200 anos de nascimento de Charles Darwin que, em 1859, emitiu a sua revolucionária teoria sobre a evolução, através do livro *A origem das espécies*. Evidentemente, como toda ideia absolutamente nova, quebrando paradigmas milenares, a mesma foi rechaçada. Até hoje, por fanatismo de algumas seitas religiosas ou por conservadorismo, há escolas em vários países do mundo, em que os livros de biologia que falam da teoria da evolução de Darwin são citados, mas estão proibidos.

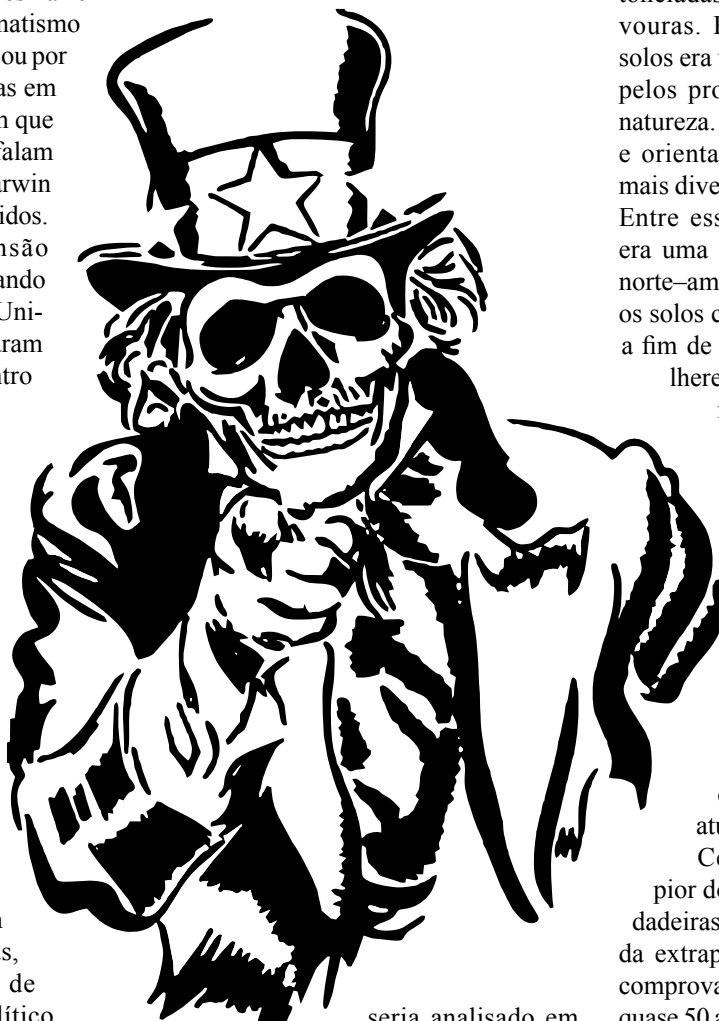
A mesma incompreensão sofreu Galileu Galilei, quando seus estudos de Física na Universidade de Pádua mostraram que a Terra não era o centro do universo e sim o Sol. Somente depois de séculos foi reconhecido o valor de sua teoria, já perfeitamente aceita pelos estudiosos de Astronomia. Então, veio o pedido de desculpas, como se isso apagasse todo sofrimento que Galileu sofreu, durante o final de sua vida.

O medo do novo é uma característica do ser humano. A história tem inúmeros registros de fatos em que os seres humanos se envolveram equivocadamente em lutas, meramente por questões de fanatismo ideológico, político ou religioso. Aqui entre nós também há inúmeros exemplos desses equívocos, como a campanha contra a calagem, a vacinação, o uso da pílula anticoncepcional, a fertilização “in vitro”, e, mais recentemente, os transgênicos.

Os solos da região, como de resto a maior parte dos solos brasileiros, são, por natureza, extremamente ácidos e com elevados teores de alumínio, que é tóxico às plantas e aos animais que se alimentam dessas plantas. No início da década de 60, através de um convênio da Faculdade de Agronomia da UFR-

GS com a Universidade de Wisconsin (EUA), foram iniciadas as primeiras pesquisas e a implantação da calagem em nosso estado. Essa Universidade, na época, era uma referência mundial, no domínio da tecnologia de correção e adubação de solos.

Quando os primeiros pesquisadores começaram a abrir buracos nas lavouras da região, para amostragem de solo, que



seria analisado em Porto Alegre, já pejorativamente receberam o apelido de “tatus”. Daí em diante a campanha de correção da acidez do solo passou a ser conhecida por Operação Tatu. Essa foi a primeira grande revolução da agricultura regional, que transformou campos de barba-de-bode, absolutamente improdutivos, numa das regiões mundiais de maior produção de grãos, carne e leite, considerando a possibilidade climática existente, de realização de duas safras por ano. A calagem era uma técnica absolutamente

nova, já usada há muitos anos, em vários países do mundo. Quando os holandeses vieram à região de Não-Me-Toque, já conheciam em seu país a importância da calagem e do uso de fertilizantes nas lavouras, na busca do aumento de rendimento das culturas. E não entendiam como aqui essas técnicas ainda não eram utilizadas.

Mas a calagem era a aplicação de toneladas de calcário moído, nas lavouras. E, aplicar pedra moída nos solos era visto com muita desconfiança pelos produtores, conservadores por natureza. Os técnicos que difundiram e orientaram a calagem sofreram as mais diversas campanhas difamatórias. Entre essas, dizia-se que a calagem era uma estratégia “dos imperialistas norte-americanos, que queriam deixar os solos com deficiência de manganês, a fim de reduzir a fertilidade das mulheres, e assim fazer o controle da natalidade”. De fato, uma das razões do baixo desenvolvimento das culturas, em solos ácidos, é a disponibilidade em excesso de manganês no solo. Esse mesmo manganês, que é essencial para as plantas, também é essencial para os seres humanos e outros animais, mas em quantidades extremamente pequenas. Uma das funções do manganês nos animais é atuar na reprodução.

Certamente, não existe nada pior do que partir de premissas verdadeiras para impor o medo, através da extrapolação de seus efeitos, sem comprovação científica. Já se passaram quase 50 anos da introdução da calagem em nossas lavouras e, há muito mais tempo, nas mais diferentes regiões do mundo. Mas não há uma só evidência de que “a calagem era um método diabólico de fazer controle de natalidade, em países sub-desenvolvidos”.

(Elmar Luiz Floss é Engenheiro Agrônomo, Licenciado em Ciências e Doutor em Agronomia. Professor Emérito e Consultor em Agronegócios. Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Sobre preconceitos

Iludido em preconceitos
 aproveito a hora
 (despejada água)
 em que arremesso pedras

pedra
 sobre
 pedra

construo do universo
 o cisma dividido do espólio

pedro
 ante
 pedro

cedo ao construtivismo
 aleatório dos sentimentos
 e me defino em imagens
 alegóricas de futuros

aprecio o caos desencadeado
 em forças uniformizadas

preço
 sobre
 preço

alugo a consciência
 à divindade e retorno
 em discursos: frases
 entrecortadas lágrimas

peço
 peça

consciente da diáspora
 selo fronteiras instalado
 em casamatas: abrigo
 da intempérie o reconhecimento

ouço o silêncio do vento
 desacostumado em instâncias inferiores

prego
 após
 prego

da sabedoria o lapso esbranquiçado
 do esquecimento: maneira sutil
 de me dizer disperso na diversidade
 humanamente deslocada: flutuo promessas

piidade
 ante
 piidade

da moça que me socorre lembro
 a face desvalida em cores
 e a saia pregueada
 de escolas anteriores

aprofundo diferenças nas distâncias
 e cubro a planta antes que a flor
 dispense comentários

apenas
 apenas

apenado ao esforço desmedido
 de me fazer distante permaneço
 perto acobertado em árvores
 desprezadas aos entremeios

no preconceito sinto o ódio
 invadir espaços – esperto
 modo de me fazer igual
 ao outro desconsiderado –
 antes desdobrados
 em abstrações e teorias

perda
 entre
 perda

abdico ao disparate
 de me encontrar sozinho:
 junto meu copo
 ao corpo junto
 ao outro copo

sou necessidade encruada
 do vago arremedo da certeza
 em famílias arredias ao contato

perco
 apenas
 perco

ao lado impopular do gesto
 desprezo o conceito anterior
 de emprestar a vida ao sentir
 o rosto deslizar em mãos
 que me afagam entre grades.

(Poeta passo-fundense,
 radicado em Itapema, SC.)

Os que se importam

Eu sou uma das que se importa, Saramago.
Eu sou uma das que ficou só.

Quando você estava,
você estava em pé
falando
construindo
desconstruindo
sempre
entre nós
os que ficam sempre sós.

Agora que você
vai virar cinza
eu quero que saiba que eu me importo
que eu estou meio vazia
e que aquela segurança de que alguém iria dizer alguma
coisa importante
definitiva
está cada vez mais tênue
porque há cada vez menos gente que se importa.

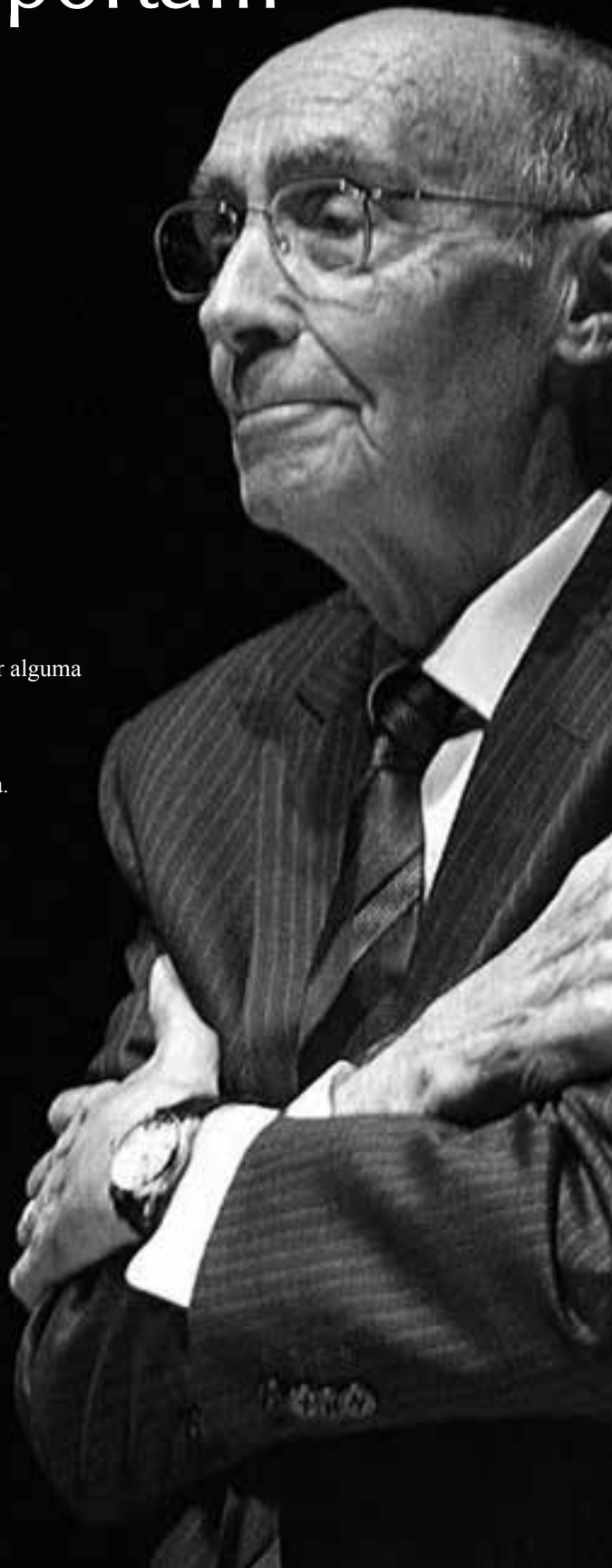
José Saramago
esse seu amor pelo amor
esse seu amor pela vida
e por todos nós que sofremos
e que não temos ninguém
na hora da dor
fez casa em mim
uma casa que agora vai ficar
assim
só na saudade.

Você, cinzas.
Suas palavras, brasas.

Eu?

Assopro.
Assopro.
Assopro, porque me importo.

(Ana Carolina Martins da Silva é professora e membro
da Academia Passo-Fundese de Letras.)



A vida na maior idade

Nossa vida, pequena partícula do imenso universo, é um barco que segue, às vezes às cegas, encontrando aquela paisagem triste e vazia que pode ser superada pela beleza, carinho e amor, onde o barco encontra a luz, o caminho, porque a vida também é a mensagem da FÉ. O sorriso e o rosto gentil são estímulo que o Senhor encomenda, para dar alegria a quem convive conosco. Vencer os obstáculos da velhice, como nos simples versos a seguir, nos trará otimismo e felicidade.

Ao notar uma ruga no rosto,
E que outra mui perto vem vindo,
Não lentamente, não tenha desgosto,
Envelheça, mas sempre sorrindo.

Se o cabelo começa a pratear,
Semelhante ao Luar, fica lindo!
E, por fim, você vai gostar.
Envelheça, mas sempre sorrindo.

Também, a energia corporal,
Pouco a pouco, vai diminuindo,
Mas o espírito é imortal
E, por isso, envelheça sorrindo.

Envelheça, mas sempre sorrindo,
É uma arte que deve aprender,
E verá como um céu se abrindo,
Fazendo todo o mal esquecer.

O que és para nós

És fê, és caminho, esperança;
És incentivo para o nosso dia;
És como sol em nossa vida, claridade e bonança;

És um pedaço de céu; dás sentido à missão a ser cumprida;
Teu sorriso é a própria natureza em flor;
Tua voz, o canto dos pássaros, no coral a doce melodia,
Tua presença, todo aquele manancial que se chama amor,
Teu futuro, um hino a ser composto em notas de harmonia.
E porque és tudo isto, e mais também,
Eu quero te dizer, suave e docemente:
Sê como és,
Espontâneo,
Simples,
Acolhedor, em tua vida e em teu eterno SORRIR e CANTAR.

Dedicado aos alunos do G. E. Antonino Xavier e Oliveira,
especialmente ao "Coral Vicentino Pe. Jacques", em 1969.

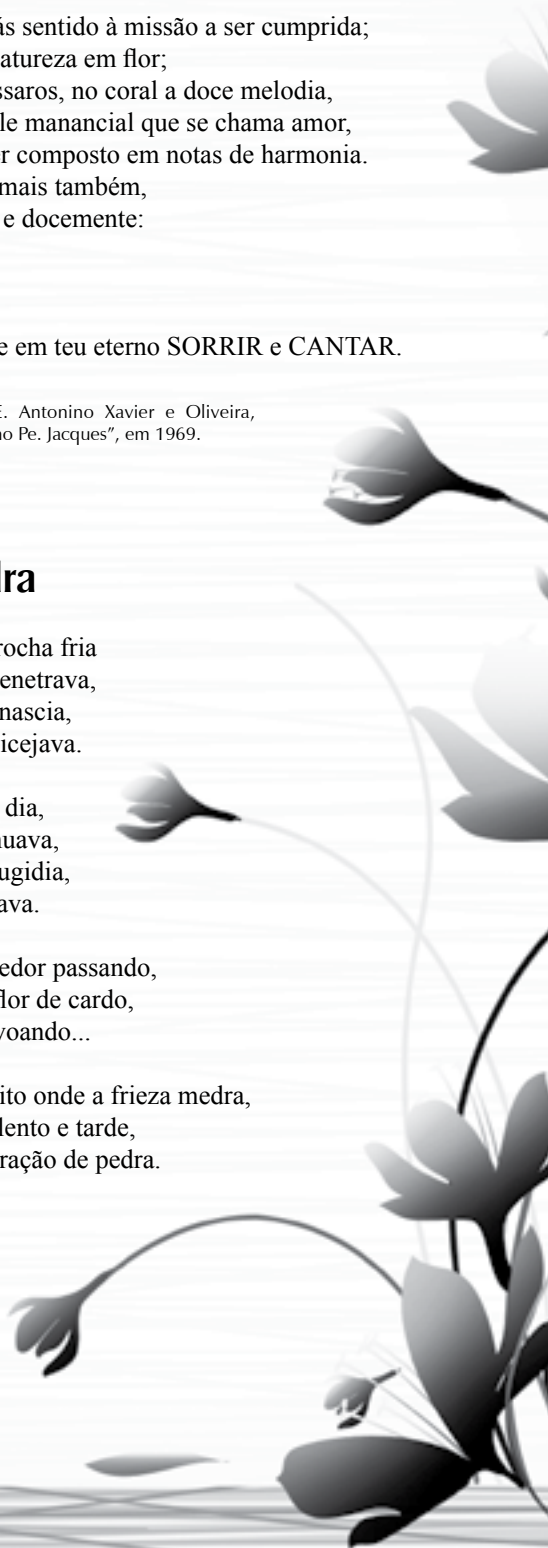
Coração de pedra

Ao seio agreste de uma rocha fria
Onde o sol fracamente penetrava,
Nenhuma planta rústica nascia,
Nenhuma flor humilde vicejava.

Caía a tarde, vinha novo dia,
E a triste laje, fria continuava,
Nem mesmo borboleta fugidia,
Evoaçando, por ali pousava.

Mas certa tarde, em derredor passando,
Vi, sobre a pedra, linda flor de cardo,
E meigos beija-flores revoando...

Assim, também, num peito onde a frieza medra,
Às vezes nasce, mesmo lento e tarde,
Um terno Amor, num coração de pedra.



Acredite

SELMA COSTAMILAN

Sempre, em um lugar onde passavam muitas pessoas, vinha um mendigo, sentava-se na calçada ao lado, colocava uma placa com os dizeres:

“Veja como eu sou feliz!

Sou um homem próspero, sei que sou bonito, sou muito importante, tenho uma bela residência, vivo confortavelmente, sou um sucesso, sou saudável e bem humorado.”

Alguns passantes o olhavam intrigados, outros o achavam doido, e outros até davam-lhe dinheiro todos os dias antes de dormir. Ele contava o dinheiro e notava que a cada dia a quantia era maior. Numa bela manhã, um importante e arrojado executivo, que já o observava há algum tempo, aproximou-se e lhe disse:

-Você é muito criativo! Não gostaria de colaborar com uma campanha da empresa?”

-Vamos lá, só tenho a ganhar! - respondeu o mendigo

Após um caprichado banho e com roupas novas, foi levado para a empresa.

Daí para frente sua vida foi uma sequência de sucessos e, em certo tempo, ele se tornou um dos sócios majoritários.

Numa entrevista à imprensa, esclareceu como conseguira sair da mendicância para tão alta posição.

Contou ele:

- Bem, houve época em que eu costumava me sentar nas calçadas, com uma placa ao lado que dizia:

“Sou nada neste mundo!

Ninguém me ajuda! Não tenho onde morar!

Sou um homem fracassado e maltratado pela vida!

Não consigo um mísero emprego que me renda alguns trocados! Mal consigo sobreviver!”

As coisas iam de mal a pior, quando, certa noite, achei um livro e nele atentei para um trecho que dizia:

“Tudo que você fala a seu respeito vai ser reforçado!

Por pior que esteja sua vida, diga que tudo vai bem!

Por mais que você não goste de sua aparência, afirme-se bonito! E por mais pobre que seja, diga a si mesmo e aos outros que você é próspero”.

Aquilo me tocou profundamente e, como nada tinha a perder, decidi trocar os dizeres da placa para:

“Veja como eu sou feliz!

Sou um homem próspero, sei que

sou bonito, muito importante, tenho uma bela residência, vivo confortavelmente, sou um sucesso, saudável e bem humorado.”

E a partir deste dia tudo começou a mudar, a vida me trouxe a pessoa certa para tudo o que eu precisava, até que cheguei onde estou.

Tive apenas que entender o poder das palavras.

O Universo sempre apoiará tudo o que dissermos, escrevermos ou pensarmos a nosso respeito, e isso acabará se manifestando em nossa vida como realidade.

Enquanto afirmamos que tudo vai mal, que nossa aparência é horrível, que nossos bens materiais são ínfimos, a tendência é que as coisas fiquem pior ainda, pois o universo as reforçará.

Ele materializa em nossas vidas todas as nossas crenças.

Uma repórter, ironicamente questionou:

- O senhor está querendo dizer que algumas palavras escritas, em uma simples placa, modificam a sua vida?

Respondeu o homem, cheio de bom humor:

- Claro que não, minha ingênua amiga!

Primeiro eu tive que acreditar nelas!

(Selma Costamilan, professora, historiadora e poetisa, é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)





Um homem ortodoxo e católico

GILBERTO R. CUNHA

Gilbert Keith Chesterton (1874-1936) foi mais que um poeta, mais que um romancista, mais que um ensaísta e mais que um jornalista - expressões que comumente aparecem em suas biografias. Este escritor britânico, que viveu intensamente o final da Era Vitoriana (1837-1901) e as primeiras décadas do século 20, personificou, como poucos, na prática, que é ser “ortodoxo” (ter uma visão correta das coisas) e que é ser “católico” (ser universal), conforme significado original destas palavras de origem grega. E, pela tradição ocidental, aquele que se empenha em ter uma visão ortodoxa e católica das coisas é (ou era) denominado de filósofo. É com base nesta

argumentação que o professor Scott Randall Paine, no livro “Chesterton e o Universo” (Editora da UnB, 2008), mesmo que outros não aceitem, acima de tudo pela pregação cristã de G. K. Chesterton, não hesita em classificá-lo como filósofo. Afinal, dá ênfase Scott Randall Paine, o cristianismo e a filosofia são afins, pois ambos falam do “logos” (o verbo). A primeira considera o “logos” por que o mundo foi feito e o segundo acredita no “Logos” por quem o mundo foi salvo.

A obra de Chesterton, dependendo do título e do tema, pode ser enquadrada como reflexão social, crítica literária e teologia e religião. São exemplos de cada um destes tipos: *Heretics* (1905), *Charles Dickens* (1906) e *Orthodoxy* (1908), respectivamente. Foi um mestre no uso do paradoxo e do humor, crian-

do o estilo chestertoniano de escrever, dotado de uma singularidade especial. A série do Padre Brown, que tem como protagonista um sacerdote detetive, envolvido com a solução de questões policiais, denota o talento de G.K.C. para criar um mundo fantástico e bizarro, em que os personagens dão voz às opiniões metafísicas do autor.

No livro *Heretics*, publicado em 1905, Chesterton expôs aquilo que chamou de irracionalidades dos “hereges da virada do século” e incluiu neste grupo Bernard Shaw, H.G. Wells e Rudyard Kipling. Desnecessário dizer que Shaw, Wells e Kipling eram inimigos intelectuais de Chesterton. Talvez não existisse ninguém tão contra tudo aquilo que Chesterton defendia quanto H.G. Wells. Mas, até mesmo Wells, possivelmente ironizando, considerou a terrível chance

de que a fé cristã pudesse ser, no final das contas, verdadeira. Em 1933, numa carta para Chesterton, Wells assim se expressou: “Se depois de todo meu ateísmo tudo der errado e sua teologia estiver certa, sinto que poderei ser capaz de ingressar no Céu (se eu quiser) como amigo de G.K.C. Deus o abençoe.”

Orthodoxy, de 1908, é um livro sobre a apologética cristã. Segundo alguns, essa obra levaria Chesterton a abraçar de vez a causa da Igreja de Roma, convertendo-se, em 1922, ao catolicismo, quando então se revelou um dos mais ardentes defensores da fé católica. E, não se pode ignorar, que ser católico na Inglaterra, naquela época (e ainda hoje), era pertencer a uma minoria religiosa e de oposição.

O ensaio sobre Santo Tomás de Aquino (St. Thomas Aquinas, de 1932) é considerado, por alguns tomistas de escol, como um dos melhores livros já escritos sobre esse ícone medieval da Igreja Católica. Chesterton conseguiu interpretar e dar voz ao Doutor Angélico do único modo que ele poderia de ser lido e interpretado no século 20. Ou seja, a partir do contexto da cultura cristã, na qual ele escreveu a “Suma Teológica” e a “Suma contra os Gentes”, e da qual alimentava a sua vida imaginativa e mítica. Paremos para pensar: quantos de nós, hoje, sem o auxílio de um Chesterton, conseguiria ler e interpretar corretamente Tomás de Aquino (1225-1274)? Possivelmente, Dom Urbano, Dom Ercílio, outras autoridades locais da Igreja e raros filósofos tomistas de alguma instituição acadêmica de Passo Fundo.

A pedra de toque de toda reflexão filosófica é o universo. E poucos escritores foram tão universais quanto Gilbert Keith Chesterton. Em razão disso, uns, conforme expressão do professor Scott Randall Paine, cederam candidamente à tentação de chamar Chesterton de filósofo. Outros ainda objetam, não sem razão, alegando que os filósofos se dedicam à filosofia e não à literatura, a escrever tratados e não poemas, romances e ensaios, bem como publicam seus trabalhos em periódicos eruditos e não em jornais diários. Com estes últimos, Chesterton, possivelmente, não se importaria, pois nunca quis ser mais que jornalista e porta-voz do homem comum.

(Gilberto R. Cunha é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

A boneca negra

SELMA COSTAMILAN

Compreendo as dificuldades do aparecimento da Boneca Negra, porém, sinto esperançosa, o surgimento de um espírito criativo humano e poder-se-ia dizer mágico, que dará uma dimensão de grandeza à dignidade de muitos à fraternidade e à justiça, no surgimento de simples instrumento de afago infantil.

Dentro dos objetivos da Campanha: “A Fraternidade e o Negro”, a Igreja se dispõe a uma reflexão em busca da verdade que liberta, e coloca-se como ponte para o caminho de uma sociedade mais humana e mais fraterna, eliminando discriminações.

Dentro de qualquer movimento considerado eixo de transformação, sentimos a presença da criança,

dando sempre um sentido especial à humanidade, que deve abrigá-la com responsabilidade, assegurando-lhe o estímulo para o carinho, o riso, o amor e à fé cristã, num mundo fraterno isento de qualquer sentimento de racismo.

Infelizmente, as grandes empresas de brinquedos, tais como a Estrela e outras, não se deram conta do valor, neste sentido. Porém, a nossa comunidade despontará com uma lança de grande repercussão, reforçando os objetivos das comemorações dos cem anos da libertação dos escravos no Brasil, nas quais a criança merece ser envolvida.

À criança pertence: a beleza, a justiça, a igualdade na compreensão, no exemplo, na busca de elementos para a construção de sua vida futura, e na fé em Deus que a criou.



(Selma Costamilan, professora, historiadora e poetisa, é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

O voo do condor

ELISABETH SOUZA FERREIRA

Não somos números perdidos no meio da multidão.

Não somos folhas que o vento leva.

Não somos grãos de areia que o tempo carrega para longe.

Não somos ondas que o mar empurra para onde bem entender.

Somos criaturas vivas com o dom divino de criar. E o maior sinal de vida é o amor. Quem ama acende uma luz em si mesmo. Engata a marcha para ir mais além. O amor é mágico. Faz-nos alçar grandes voos, sem medo de cair. Joga-nos para o alto com segurança. O amor é o combustível da alma. Voamos com os pássaros, usando as asas da imaginação. Passamos a olhar tudo sob uma nova perspectiva.

O cume da montanha já não parece tão inacessível.

Nossa visão fica mais clara, afugentando as sombras.

As pedras já não têm mais o mesmo poder de nos fazer tropeçar.

Os muros caem. As barreiras vão sumindo.

Os problemas vão-se afastando, perdendo a importância para nós.

O amor nos preenche de tal forma que nos basta. Parecemos não precisar de mais nada. Enche-nos de paz. Desperta-nos a alegria. Faz-nos pular de felicidade. Faz-nos suspirar e sonhar, sonhar e suspirar. Sentimos-nos completos, unos com a natureza, unos com o Criador.

Nossa voz se torna mais melodiosa. O sorriso nasce mais fácil.

Ficamos mais pacientes, sensíveis para ouvir. No entanto, mais corajosos para agir.

O amor é força que produz. Suas lembranças são orações. Seus sonhos de hoje são projetos para o amanhã. Suas sensações de agora são pinceladas de luz em sua própria história.

Quem ama se assemelha ao condor. Voa mais alto. Voa sem parar. Nada consegue detê-lo. Ele se liberta das coisas insignificantes rumo ao infinito, porque o amor é sinônimo de liberdade. Amar é voar. É ser livre.



(Elisabeth Souza Ferreira é presidente da Academia Passo-Fundense de Letras.)

O príncipe e a rosa



ELISABETH SOUZA FERREIRA

Eu existia, mas não tinha consciência do meu existir.

Não nos apercebemos que estamos vivos até o momento em que somos notados por alguém.

Sozinhos é como se não fôssemos reais. Com os outros, deixamos de ser simplesmente sonhos. Passamos da fantasia para a realidade.

Eu só despertei do imaginário, quando alguém me acordou.

Vi que estava em meio a uma grande roseira de lindas rosas cor-de-rosa e que eu era uma rosa, tão bela quanto as demais.

Muitos passavam por nós. Mas somente um se deteve a nos observar. Seu olhar pousou em mim detalhadamente, e foi aquela observação minuciosa que me fez estremecer para a vida. Era como se ele houvesse me

escolhido no meio de tantas outras igualmente vivas.

Seus olhos fizeram-me sentir única. Algo em mim tocou o seu coração. Algo nele mexeu comigo, embalando-me de entusiasmo. Vibrei. Havia sido escolhida. Já não pertencia mais àquele jardim nem àquela roseira. Seu olhar atento havia me tirado do chão. Agora, eu fazia parte do mundo. Do grande universo cuja orquestra é regida pelo grande Arquiteto.

Por instantes, criei asas e voei. Por segundos, percebi que estava plena de uma energia pura que me levava cada vez mais para o Alto, que me fazia cortar as nuvens sem medo e me aproximar cada vez mais do sol, sem me queimar. Enchi-me de luz e voltei. Sentia-me como algo imenso flutuando sem parar. Não era mais uma flor qualquer. Um sentimento havia nascido dentro de mim. Inexplicável. Forte. Doce. Suave. Uma vontade

de acariciar todos os que estavam lá embaixo. Um poder de levantar o que estivesse caído. Uma força capaz de restaurar o que estivesse partido. Mas, pouco a pouco, descendo, cheguei às mãos daquele que, agora, me segurava firmemente. Não havia nada igual. Nenhuma sensação era melhor que aquela. Estava viva. Eu era alguém. Eu pertencia a alguém.

O ser de luz havia me cativado com o seu olhar carinhoso. Havia me soprado bondade no coração que eu nem sabia que batia aqui dentro e de maneira tão intensa.

Foram seus olhos que me fizeram bela.

Foram suas mãos que me salvaram de morrer no anonimato, junto com as demais que se despetalam com o passar dos dias e o rigor do clima.

Foi assim que nasceu o amor. Meu pequeno grande príncipe havia me cativado para sempre. Agora éramos um só.

Para quem sofre

A dor que eu sinto na alma
Não é dor que seja minha,
É a tua dor que não se acalma
E em minha alma se aninha.

A tristeza que eu sinto é tua,
É a tristeza que eu vejo em teu olhar.
Tua alma é pálida como a luz da Lua,
Eu expervivo n'alma o teu penar.

Me entristece nada poder fazer
Que te liberte da dor e da ilusão,
Que não queres ou não podes reconhecer.

E somente tu podes desmanchar
A teia que teceste para tua maldição.
Eu posso apenas me compadecer e te amar.

Condição humana

O homem é um prisioneiro de si mesmo.
Move-se em estreito espaço,
Vive sempre errando a esmo,
Sem conseguir desfazer o laço.

Na teia de infinitas ilusões é preso.
Sonha saber, mas seu saber é crença
Que o mantém atado, inerme, indefeso,
Sem ter de sua uma só reconhecença.

Ocultas forças o poem em movimento
E ele crê estar agindo livremente.
Movem-no impulsos do inconsciente afora.

Cego d'espírito, faz da vida um tormento,
Seus atos são como os de um demente.
Erra... erra... erra, se arrepende e chora.

Procura equivocada

Se sofres de angústia ou ansiedade
e elas fazem mal, te sentires
é sinal que sentes uma saudade
de achar no mundo conteúdo espiritual.

De uma coisa a outra não adianta correr,
nem consumir tudo quanto existe,
pois nada em verdade vai preencher
tua alma aflita, vazia e triste.

Podes, se quiseres, percorrer o mundo,
vivenciar todas as possíveis sensações,
possuir da Terra todas as riquezas,
jamais preencherás teu vazio sem fundo.
Mesmo que conquistes todos os corações,
em tua alma somente terás pobreza.



As duas solidões

Meditando sobre nossas vidas
cheguei a algumas conclusões:
entre coisas detestadas e queridas
existem duas solidões.

Uma que por nós é procurada
é aquela que sublima o sentimento,
quer levá-lo à altura elevada
e desenvolve o puro pensamento.

A outra é detestada,
ao contrário da primeira que constrói,
se nos surpreende na jornada,
somente nos destrói.

A primeira nos ensina aprimorar
a nossa vera personalidade,
o Sentir-Querer-Pensar,
amar, reconhecer e aceitar a Verdade.

A segunda leva ao aniquilamento
e o bom sentimento amortece,
nos faz viver num isolamento
que nos anula, nos adocece.

Natura

A forma já é antes que a feição se faça.
A aparência é ilusão, não é a verdade,
mas é dádiva ofertada a nós por divina graça,
que no tempo se desfaz. A forma é na eternidade.

Forma é geometria criadora, espiritual,
que organiza, da matéria o barro bruto,
criando a beleza na feição cristal,
gerada somente por um Ser absoluto.

A arqueplanta é a potência
e cada planta é um derivado;
dependendo da ambiência
o feçoamento vem a ser determinado.

No reino animal o Tipus é o potente;
ele virtua produzindo sempre o mesmo efeito,
só dependendo do ambiente,
para que o animal seja perfeito.

Nos três reinos virtua um espiritual
ordenando a matéria segundo uma norma,
para que pedra, planta e animal
venham a ser sempre feição e forma.

Doçura e amargor das ilusões

No percurso desta vida,
Entre ilusões a alma oscila
Como a pessoa perdida,
Ante uma encruzilhada vacila.

E sem saber qual o rumo certo
Que conduz ao destino desejado,
Caminha cego para o deserto
Segue quase sempre o caminho errado

Seu maior anelo é ser amada,
Mas sua busca é no prazer e na paixão.
Lança-se em louca aventura,

Vive uma vida desvairada,
Encontra no final só desilusão
E da ilusão vivida somente a amargura.

(Getulio Vargas Zauza é membro da
Academia Passo-Fundese de Letras.)



Breve histórico da trajetória da ação social da SOCREBE

DENISE DAMIN BRAGA

A Sociedade Cultural, Recreativa e Beneficente São João Bosco – SOCREBE, está situada em Passo Fundo, na Vila Santa Marta, que foi considerada a mais problemática, na década de 60, por abrigar os marginalizados, além de ter sido formada por famílias vindas das estâncias e do meio rural. A sua pobreza, agravada pela falta de infra-estrutura (calçamento, água, luz, esgoto, moradia) preocupava um grupo de moradores católicos que, em 09.11.1960, se reuniram pela primeira vez, celebraram uma missa e constituíram a comissão provisória que ficou encarregada de angariar fundos, para a construção de uma capelinha. Começaram a reunir-se periodicamente, para rezar e analisar os problemas existentes na comunidade, tentando buscar soluções viáveis, priorizando as dificuldades dos moradores e buscando solucionar o problema da fome e da marginalização. No entanto, devido às dificuldades financeiras, poucas ações em favor dos mais necessitados se concretizavam.

Em março de 1970, Maria Amabile Zambenedetti, a Irmã Guiomar, assumiu como professora na Escola Estadual Maria Dolores de Freitas Barros, que funcionava numa casa humilde, próxima aos barracos dos moradores da Vila Santa Marta. As crianças que frequentavam a escola, na grande maioria, apresentavam-se quase famintas e mal vestidas e tinham baixa frequência escolar. Havia pouco interesse dos pais pelo estudo dos filhos. A escola não tinha condições de minimizar essa realidade. Irmã Guiomar realizou visitas domiciliares, tentando se aproximar e conhecer a família de cada um deles. Detectou problemas cruciais, vivenciados pelas famílias, que eram numerosas e que não tinham as mínimas condições de suprir as necessidades básicas dos filhos. No ano de 1970, três crianças morreram de fome. Com este agravante, a Irmã sentiu a necessidade de realizar um

(FOTOS: ARQUIVO SOCREBE)



Crianças da Creche São Francisco



Crianças da Escola Maternal Jardim de Infância São Francisco

trabalho mais abrangente e, em 28 de fevereiro de 1971, foi entregue a chave da casa que abrigaria as três Irmãs. O caminhão da Comunidade Saletina da Vila Vera Cruz trouxe caixotes e tábuas, que foram transformados em prateleiras, guarda-roupas, biblioteca e farmácia. Houve a celebração litúrgica em que a Irmã Guiomar, Cristina e Ilda foram integradas oficialmente à comunidade. A inserção das Irmãs religiosas no contexto da Vila Santa Marta foi uma importante contribuição histórica, permanecendo, até os dias atuais, como presença atuante para seus moradores.

Em 1º de abril de 1972, em ritmo de mutirão, realizado à noite, nos sábados e nos domingos, iniciou-se a construção da Creche São Francisco que atendeu 09 crianças, enquanto suas mães trabalhavam durante o dia, em casas de família. A Vila Santa Marta foi-se modificando. Seus moradores, tomados de impulso, coragem e vibração, lutavam para que a situação fosse melhorando a cada dia.

Encaminhou-se, no ano de 1973, o Estatuto Social da SOCREBE. A partir de então, foram encaminhados todos os

documentos necessários para o pleno e regular funcionamento da entidade, chegando ao Registro de Entidade de Fins Filantrópicos, junto ao Conselho Nacional de Serviço Social. No ano de 1975, foi construído mais um prédio, ampliando as instalações, em que muitas crianças e adolescentes foram atendidos, recebendo formação geral, alimentação, vestuário, assistência médica e dentária. Funcionava, também, o Clube de Mães, com 165 associadas, que desenvolviam suas habilidades em cursos de costura, crochê, tricô, bordado, higiene pessoal e caseira e educação religiosa.

De suma importância, a SOCREBE estabeleceu um convênio com a Universidade de Passo Fundo, no qual a Universidade cederia bolsistas à entidade, para que desenvolvessem um trabalho prático, e, paralelamente ao embasamento teórico recebido no meio acadêmico, promovia encontros de formação e treinamento para os trabalhadores das entidades.

Em julho de 1990, com a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente, surgiu um instrumento legal em defesa dessas crianças que passaram a ser vistas de modo diferenciado, por todos. Nesse processo, a SOCREBE sempre se fez representar, quer em mobilizações, quer em encontros municipais, estaduais ou nacional. A SOCREBE iniciou um estudo do ECA, a partir de encontros de estudo, no interior da entidade, e participação da Sociedade em eventos e seminários sobre o tema, envolvendo direção, professores, funcionários, crianças e adolescentes.

Atualmente, a entidade desenvolve os seguintes programas e projetos:

1. Programa: “EDUCAÇÃO INFANTIL”

1.1. CRECHE SÃO FRANCISCO – 30 crianças de 00 a 03 anos, em turno integral.

1.2. ESCOLA MATERNAL E JARDIM DE INFÂNCIA SÃO FRANCISCO – 200 crianças de 03 a 07 anos incompletos, em turno integral.

2. Programa: “APOIO SÓCIO-EDUCATIVO EM MEIO ABERTO”

2.1. ESTUDO DIRIGIDO (complemento à educação escolar e à orientação familiar) - OFICINAS PEDAGÓGICAS (aaa) – INICIAÇÃO PROFISSIONAL (Cerâmica em argila, informática e artesanato). – 300 crianças e adolescentes, em turnos alternados com a escola pública.

3. Programa: “ORIENTAÇÃO E APOIO SÓCIO FAMILIAR”

3.1. Apoio Familiar - 50 famílias.

3.2. Clube de Mães - 50 mães.

4. Projeto: CENTRO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL “VIVA ESSA IDÉIA”

4.1 Atividades pedagógicas ambientais: usuários diretamente atendidos nos programas, equipe técnica da entidade e comunidade.

4.2 Cooperativa Mista de Produção e Trabalhos dos Empreendedores Populares da Santa Marta Ltda. – COOTRAEMPO - 12 seletores(as).

A área de abrangência de nossas ações compreende: Vila Santa Marta, Vila Donária, Vila 20 de Setembro, Loteamento Força e Luz, Loteamento Menino Deus, Loteamento São Geraldo e Loteamento PSH.

A preocupação com a formação político-pedagógica do público-alvo da SOCREBE sempre existiu, por mais que, diante da realidade apresentada pelas famílias, fosse priorizado o atendimento às carências mais imediatas, como alimentação, vestuário, cuidados com higiene e ocupação saudável à criança e ao adolescente. Essas crianças e adolescentes, atendidos na SOCREBE, provêm de famílias que não possuem condições de lhes proporcionar desenvolvimento integral, especialmente, o intelectual. Isso resulta de um processo de exclusão social, que não lhes concede condições básicas de sobrevivência, tais como alimentação, moradia, saneamento básico, saúde, além de sofrerem diferentes formas de violência familiar e social.

Frente a um quadro social danificado, em que os ricos estão correndo atrás do capital e os pobres, atrás do trabalho, o desemprego estrutural joga milhares de crianças e adolescentes para o trabalho informal, para o mundo da droga, da violência e da prostituição. Em nível comunitário, encontra-se, na Vila Santa Marta, a SOCREBE, que atende uma parcela de crianças e adolescentes considerados de risco social. Nesse quadro, a política social e a SOCREBE deparam-se com desafios novos e sur-



Crianças e Adolescentes do Programa Apoio Sócio-Educativo em Meio Aberto - ASEMA

preendentes. Primeiro, porque o atendimento público se mostra obsoleto, com tendência a ver no cidadão o beneficiário da proteção estatal; segundo, porque a pobreza política é ainda mais grave do que a pobreza material, uma vez que a satisfação das necessidades materiais, por si só, não implica em consciência crítica da realidade; e terceiro, porque as oportunidades das pessoas estão, cada vez mais, condicionadas ao conhecimento científico, passando este a uma situação comparativa, no mercado de trabalho.

Em face dos desafios impostos, há necessidade de intervenção, ante essas realidades marcadas por fortes tendências inovadoras, em termos de conhecimento, mas ainda presas ao agravamento das desigualdades sociais. Mesmo havendo políticas sociais, por serem elas meramente distributivas, com os ricos ganhando sempre mais, vão-se distanciando e, ao invés da desconcentração de

renda, perde-se o papel da cidadania, um componente central na redistribuição de renda e na promoção da igualdade social. Hoje compreendemos melhor o fato de que o mercado globalizado é capaz de extraordinária competitividade, mas é incapaz de redistribuir a renda porque isso depende de uma decisão política. Tal distribuição, se ocorrer, não virá do mercado, mas da política social, ou seja, da cidadania politicamente competente e adequadamente instrumentada ao desenvolvimento equitativo da sociedade.

A SOCREBE, neste cenário, pretende, cada vez mais, capacitar-se politicamente, para dirigir a estratégia do crescimento comunitário sob sua jurisdição, buscando chances novas e melhor repartidas, de adquirir o conhecimento e a inclusão social.

(Denise Damin Braga é diretora da SOCREBE, de Passo Fundo/RS)



Minhas homenagens a Bruno Edmundo Markus

ELMAR LUIZ FLOSS

Fomos todos surpreendidos com a notícia da morte de Bruno Edmundo Markus, odontólogo, ex-professor universitário, ex-reitor da Universidade de Passo Fundo e empresário, diretor da rádio Uirapuru. Conheci Bruno Markus logo após o ingresso no curso de Agronomia da UPF, em 1972, pois seu filho, Artur, foi meu colega de Faculdade. O Dr. Markus, como era conhecido na instituição, era uma das pessoas mais respeitadas na Faculdade de Odontologia e na própria UPF, pela seriedade e dedicação ao projeto por ela desenvolvido. Por isso, em 1974, foi eleito reitor da Universidade de Passo Fundo, gestão 1974-1978, tendo como vice-reitores, Elydo Alcides Guareschi (Reitoria Acadêmica) e Murilo Coutinho Annes (Reitoria Administrativa). Justamente no período em que o Brasil era governado pelo General Ernesto Geisel, casado com dona Lucy, irmã de Bruno Markus. Esse fato trouxe alguns dissabores ao Reitor Markus, pois os movimentos ideológicos, que lutavam contra a ditadura, dentro da Universidade de Passo Fundo (estudantes e professores), na verdade queriam atingir o Presidente Geisel e os militares.

Desde a notícia de seu passamento, depois de uma longa enfermidade, me vêm à lembrança como se fosse um filme, muitos fatos que acompanhei, envolvendo essa figura tão querida que foi Bruno Markus.

Em 1974, a diretoria do DCE da

UPF havia sido destituída pelo colégio dos DAs, por irregularidades. Assumi como presidente pró-tempore o então presidente do DA do Direito, Nei Jorge. Seu compromisso era convocar novas eleições. De forma condizente com o momento que o Brasil vivia, e considerando a natureza dos jovens, os diretórios acadêmicos se preocupavam muito mais com a política nacional do que com a política estudantil. Foi montada uma chapa para a presidência do DCE, tendo como presidente o hoje médico Milton Roos, e eu como vice-presidente. O movimento era organizado por lideranças estudantis que queriam lutar pela melhoria da qualidade de ensino na instituição. Eu e o Milton já éramos, de longa data, monitores de Bioquímica, em vários cursos, indicados pelo grande mestre Romeo Ernesto Riegel, da UFSM. Esse fato também nos impunha audiências com o então Reitor Bruno Markus.

Ganhamos a eleição e assumimos o DCE. Qual não foi a nossa surpresa, ao descobrir que o DCE não tinha estatuto, nem livro de atas, controle financeiro, sede, etc. O Milton, muito ativo e inconformado com a situação, me convidou a acompanhá-lo até a reitoria, que ainda funcionava numa casa ao lado da antiga Faculdade de Direito. Fomos recebidos e exusemos a situação encontrada no DCE, ao Reitor Markus. Ele nos aproximou do professor Eurípedes Fachini, renomado mestre da Faculdade de Direito e juiz do Fórum de Passo Fundo, para ajudar-nos na elaboração do Estatuto do DCE. Esse estatuto foi aprovado no Colegiado dos

DAs. O reitor ainda cedeu uma sala da Faculdade de Direito, para sede do DCE, colocou um ramal telefônico e se comprometeu a convocar o presidente da agremiação, como titular e o vice como suplente, nas reuniões do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE) e do Conselho Universitário, como representantes do corpo discente. Esses dois Conselhos eram presididos pelo Reitor Markus. Foi a oportunidade de conhecer melhor a seriedade, a dedicação e as ideias do Reitor, e seu interesse único pelo crescimento da jovem Universidade de Passo Fundo.

No dia de minha formatura no curso Agronomia, em 13 de dezembro de 1975, juntamente com Artur Markus, durante a cerimônia de descerramento da placa, ele me perguntou o que eu iria fazer depois de formado. E insisti que eu deveria aceitar o convite do então diretor da Faculdade de Agronomia, Rodoaldo Damin, para atuar como professor. Foi o que acabei fazendo, a partir de 8 de março de 1976.

Ao longo de todo esse tempo, além de ser um grande admirador de nosso sempre Reitor e professor, fomos também amigos. Em cada encontro, rememorávamos as atividades desenvolvidas e a constante preocupação com os destinos da UPF, pela qual ele tanto trabalhou. O legado que deixa é um conforto para sua família e seus amigos, e a certeza de que, pelo seu trabalho e exemplo, continuará muito vivo entre nós.

(Elmar Luiz Floss é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

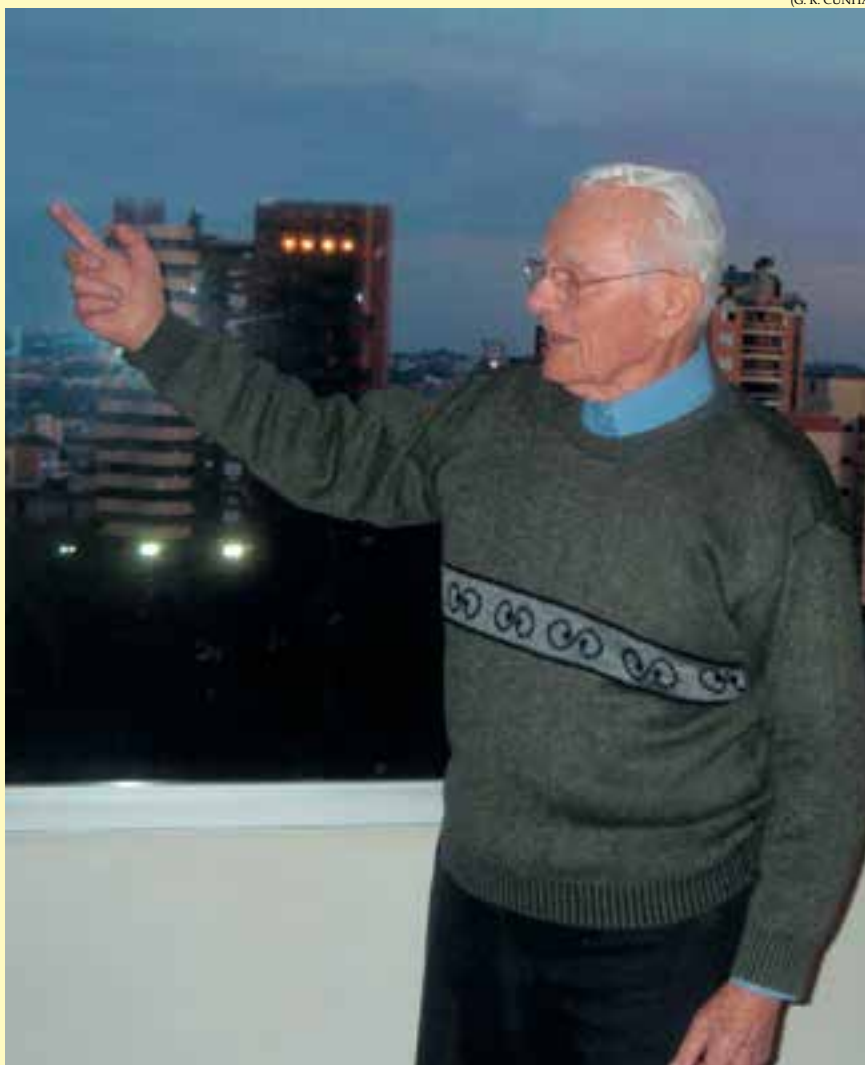
Um testemunho sobre universidade, rádio e televisão em Passo Fundo

“Havia o grupo do Nestor Buais e do Paulo Giongo, além de outros grupos pleiteando um canal de televisão para Passo Fundo. Numa conversa com meu cunhado Ernesto Geisel, então presidente da República, recomendei esse grupo e acabei trazendo em mãos, de Brasília, a concessão do canal.”

Bruno Edmundo Markus é uma das figuras mais instigantes da história de Passo Fundo, no último meio século. Casado com Maria de Lurdes Lângaro Markus, pai de Margaret e Arthur Augusto, que lhe deram três netos, acompanhou a criação da Universidade de Passo Fundo, o surgimento da televisão na cidade e da Rádio Uirapuru.

A exemplo de outras entrevistas da Água da Fonte, as palavras de Bruno Markus constituem um documento indispensável para o futuro entendimento de um dos períodos mais ricos da história local.

A entrevista ora publicada foi concedida, pelo Dr. Bruno Markus, aos acadêmicos Pedro Ari Veríssimo da Fonseca, Paulo Monteiro e Gilberto Cunha, gentilmente recebidos em sua residência, no dia 16 de junho de 2009, com o objetivo de ilustrar as páginas centrais da Revista Água da Fonte, edição de 2010. Lamentavelmente, com a morte do Dr. Bruno Markus, ocorrida em 6 de novembro de 2010, está sendo publicada postumamente. Fica o registro histórico.



(G. R. CUNHA)

APL – Onde o Senhor nasceu?

Bruno Markus – Nasci no dia 13 de novembro de 1921, num lugar chamado Picada Geraldo, onde meu pai exercia o comércio. Ali vivi meus primeiros tempos de vida. Posteriormente, nos mudamos para a sede do município de Estrela, pois meu pai foi eleito conselheiro municipal, cargo que hoje corresponde ao de vereador. Mais tarde, pelos idos de 1928, foi eleito intendente (prefeito), tomando posse no dia 5 de outubro daquele ano. Em 1929, passamos a morar definitivamente na cidade. Lá por 1932, meu pai foi eleito prefeito de Estrela, acredito que tenha havido

disputa. Depois foi oficial do Registro de Imóveis.

APL – E os seus primeiros estudos...

Bruno Markus – Iniciei meus estudos no Colégio Luterano de Estrela. As aulas eram ministradas pela manhã. Como meu pai, que era um luterano muito disciplinado, não gostava que ficássemos com o tempo ocioso. À tarde estudávamos no Colégio Elementar 7 de Setembro.

O Senhor é filho ou neto de alemães? – Meus avós vieram da Alemanha. O alemão era falado em casa. No Colégio

Luterano, o ensino era em alemão e no Colégio Estadual, em português. Mais tarde, no internato, optei pelo alemão.

APL – Havia divisão entre luteranos e católicos?

Bruno Markus – Existiam as duas comunidades. Hoje são amigáveis. Naquela época era diferente. Predominava a comunidade evangélica. Eu tive uma namorada católica, mas não deu certo, por questões religiosas. O casamento entre denominações diferentes era difícil.

E os seus estudos posteriores? – Em 1934, eu fiz exame de admissão ao Ginásio. Fui aprovado em Porto Alegre e fui cursar o ginásio no Instituto Porto Alegre (IPA), onde fiquei cinco anos interno. Fui fazer um curso preparatório no Colégio Júlio de Castilhos, para entrar na faculdade, oportunidade em que morei numa pensão. Eu pretendia cursar Direito, mais acabei fazendo vestibular para Odontologia, entusiasmado pelo dentista Alberto Person, de Estrela. No vestibular teórico tinha até prova de desenho.

APL – E o seu período de faculdade...

Bruno Markus – Eu passava o ano inteiro em Porto Alegre. No vestibular teórico e oral tinha até prova de desenho. Felizmente, sempre me mantive afastado da política. Em 1941, entre meus professores, estava Raul Pilla, que lecionava Fisiologia. Era meio surdo, falava pausadamente. Três anos depois, eu fazia o Tiro de Guerra e fui convocado para o 7º Batalhão de Caçadores, mas como acadêmico, em 1942, me matriculei no CPOR. Depois de um ano e meio, fui declarado oficial, em abril de 1944. Cheguei a morar com meu cunhado Ernesto Geisel, à época major da 2ª Sessão, que cuidava da classificação dos oficiais. Fui classificado por ele para Passo Fundo, onde chegando em 12 de maio, e hospedando-me no Hotel Planeta, onde hoje existe uma agência da Caixa Econômica Federal. Vim servir como oficial de Infantaria. Acabei trabalhando como dentista no quartel, atendendo soldados que ingressavam na Força Expedicionária Brasileira.

APL – E a participação dos passo-fundenses na FEB?

Bruno Markus – Foram muitos passo-fundenses para a II Guerra. Iam para Santa Maria. Lembro de um de nome Alfredo, que depois trabalhou



Antiga Faculdade de Odontologia, na Av. Brasil

como porteiro no Clube Comercial. Na época, era médico o Dr. Bernardino da Costa Santos. E decidi não mais mudar de lugar. Tinha uma vida social muito ativa, especialmente nos Clubes Caixaerial e Comercial. Também havia muito contrabando de pneu para a Argentina e de lá para a Alemanha. Prendemos em Erechim um dos chefes do contrabando.

“Em abril de 1964, os irmãos César José dos Santos e Reissoly José dos Santos foram afastados da direção da SPU e substituídos por Murilo Annes.”

As orquestras tocavam nas matinês dos clubes até às 11 e meia da noite e depois iam para os cabarés. Havia uma espécie de rivalidade entre a Brigada Militar e o Exército. Procurei o Dr. Armando Vasconcellos, chefe do Posto de Saúde, que me encaminhou para a Secretaria, em Porto Alegre, para trabalhar como dentista. Terminada a Guerra, deixei o Exército e passei a me dedicar ao consultório, na Coronel Chicuta, próximo dos Correios, e ao Posto de Saúde.

APL – E o início de suas ligações com a Universidade...?

Bruno Markus – Numa das reuniões da Sociedade Pró-Universidade de Passo Fundo (SPU), no Clube Comercial,

aventou-se a possibilidade da criação de um Curso de Odontologia. Paulo Ferreira Leite (dentista) e Paulo Giongo (farmacêutico) ficaram encarregados de procurar dentistas da cidade e estudar a viabilidade do Curso. Em Passo Fundo, existia a APO – Associação Passo-Fundense de Odontologia. Os médicos Afonso Simões Pires, Paulo Fragomeni, César Santos e Hélio Ferreira, organizaram o Colégio Passo-Fundense de Estomatologia. Reunimo-nos algumas vezes, mas a ideia da Faculdade de Odontologia não foi adiante. Algum tempo depois acabou ressuscitando, com a presença de uma representação da Faculdade de Odontologia de Pelotas, onde se formara o dentista Álvaro Junqueira da Rocha. Ocorreu, inclusive, a ideia de que os dentistas aqui formados fossem titulados em Pelotas. Passamos a nos reunir mais seguidamente, para organizar a documentação e conseguir local. O nosso corpo profissional era pequeno. Tínhamos de trazer o colega Paulo Colasso Saraiva de São Francisco de Paula, para dar aula.

APL – E a legalização da Faculdade?

Bruno Markus – Em 1960, encaminhamos o pedido para o reconhecimento da Faculdade, que foi negado porque o corpo docente não atendia as exigências. Para primeiro diretor escolhemos Mário Ascânio Frediani. Com esse parecer, a turma quase esmoreceu, mas não desistiu. Álvaro Junqueira da Rocha chamou o secretário da Universidade Federal de Pelotas para elaborar nova documentação. Em 12 de maio de 1961, esse segundo processo para funcionamento foi aprovado, com a Faculdade funcionando no subsolo do Hospital



Veríssimo da Fonseca, Maria de Lurdes, Bruno Markus e Paulo Monteiro

Municipal. Enfrentávamos muitas dificuldades. O professor Reissoly José dos Santos, diretor da Sociedade Pró-Universidade de Passo Fundo, achava que o curso era deficitário, e defendia a manutenção apenas dos cursos que gastassem somente giz e saliva, e que mantinham a Sociedade. Em 1963, houve necessidade de reconhecer o curso. Aqui chegou Paulo Guimarães Júnior, presidente da Associação Brasileira do Ensino Odontológico – constatando que não tinha condições de funcionamento. Os alunos foram transferidos para Santa Maria e Pelotas, onde acabaram se salientando. Outros cursos também tiveram seus alunos transferidos.

APL – Logo depois aconteceram mudanças no governo da União que repercutiram em Passo Fundo...

Bruno Markus – Exatamente. Em

abril de 1964, os irmãos César José dos Santos e Reissoly José dos Santos foram afastados da direção da SPU e substituídos por Murilo Annes. Em 1967, os irmãos Santos tentaram retomar a SPU. Diante disso, fui ao delegado de polícia local, e com o prefeito Mário Menegaz a Porto Alegre, de onde veio com Ari Caldeira. Houve intervenção do Exército. Arthur Culmann Canfield organizou um cerco da quadra em que funcionava a SPU. Houve o afastamento definitivo dos irmãos Santos.

APL - Isso facilitou a união com o Consórcio Universitário Católico?

Bruno Markus – A Fundação Pró-Universidade de Passo Fundo precisava ter um patrimônio para ser reconhecida como Universidade. A união das duas instituições era fundamental para o reconhecimento. Quando essa união

foi conseguida, as coisas avançaram. O Hospital São Vicente de Paulo se consolidou como um centro médico. O ministro Tarso Dutra conseguiu os equipamentos para a faculdade de Medicina. Com a intervenção, fui indicado diretor da Odontologia e, através do prefeito Mário Menegaz, consegui melhorar as condições do curso. Em 1965, o professor Otton dos Santos Silva inspecionou a Faculdade de Odontologia e outros cursos, que culminou com o reconhecimento oficial da Faculdade no ano seguinte, reconhecimento esse que já estava pronto desde 12 de dezembro de 1964, mas não sabíamos que precisávamos encaminhar a publicação no Diário Oficial da União.

APL – E a sua ascensão a Reitor da Universidade de Passo Fundo?

Bruno Markus – Continuei na Odon-



(DIVULGAÇÃO/UPF)

Atual Faculdade de Odontologia, campus da UPF

to até 1972. Em 1974, mesmo estando em Porto Alegre, na fiscalização do exercício da profissão, fui eleito Reitor administrativo, o que me obrigou a retornar para Passo Fundo. Cedido à UPF, passei a exercer atividade em tempo integral até 1982. Murilo Annes exerceu dois mandatos de três anos e eu dois de quatro anos.

Houve movimentos para federalizar a UPF, sendo que o prefeito Edu Azambuja elaborou documento nesse sentido. Entreguei o processo em Brasília, mas desapareceu.

Assumi a Universidade com obras em andamento. Lembrei-me de que Daniel Monteiro, meu contemporâneo de IPA, era diretor do Banco Sul-Brasileiro. Procurei-o e ele autorizou empréstimo para concluir os primeiros prédios do Campus, que foi inaugurado em 1975.

Na época, a Av. Lima Figueiredo (atual Av. Brasil Leste) estava sendo aberta pelo Batalhão Ferroviário sediado em Lages. Como nem sempre tinham serviço, fui até aquela cidade, e me autorizaram o trabalho do pessoal, desde que pagássemos o combustível para as máquinas. Quando o presidente Ernesto Geisel esteve em Cruz Alta, para uma Festa Nacional do Trigo, veio a Passo Fundo, acompanhado pelo então governador Sinval Guazelli. E solicitou que o governador mandasse asfaltar aquela avenida, no que foi atendido, graças à presteza do então diretor geral

do DAER, Firmino Girardelo.

APL – Como surgiu a Teve Umbu?

Bruno Markus – Havia o grupo do Nestor Buaes e do Paulo Giongo, além de outros grupos pleiteando um canal de televisão para Passo Fundo. Numa

Houve movimentos para federalizar a UPF, sendo que o prefeito Edu Azambuja elaborou documento nesse sentido. Entreguei o processo em Brasília, mas desapareceu.

conversa com meu cunhado Ernesto Geisel, então presidente da República, recomendei esse grupo e acabei trazendo em mãos, de Brasília, a concessão do canal.

APL – E a Rádio Uirapuru?

Bruno Markus – Lecionei até 1993. No meu mandato, estabeleci o limite de 70 anos para o exercício do magistério na UPF. Como reitor, instalei o Centro de Processamento de Dados. Depois de

deixar a Reitoria, exerci diversos cargos. Com a cassação da Rádio Municipal, recebi ofício para que a Universidade assumisse o canal, mas nos desinteressamos por falta de recursos. Luiz Fragomeni e Carlos Alberto Leal me procuraram, na Reitoria, para conseguir um canal de rádio. Luiz movimentou uma turma grande, entre os quais Lutero Dutra Martins e Firmino Duro, e foi solicitada a concessão do canal. Como a coisa demorava, muitos caíram fora. Sobramos eu, Leal e Fragomeni. Leal acabou vendendo sua parte para Tadeu Nedeff, que entrou com a área onde está a antena. Com a morte de Tadeu Nedeff, as ações dele ficaram com os herdeiros. Depois do falecimento de Luiz Fragomeni, Jerônimo Fragomeni e eu adquirimos a parte dos herdeiros de Tadeu.

APL – Para concluir: Como é que o senhor vê a proliferação de cursos superiores?

Bruno Markus – Não vejo com bons olhos essa proliferação. Ela está provocando guerras econômicas entre as instituições. Há cursos que funcionam alguns meses e param de funcionar. Essa proliferação acaba prejudicando a qualidade do ensino, como vemos na própria Universidade de Passo Fundo, que não conseguiu segurar o corpo docente, devido às grandes diferenças salariais entre doutores e mestres. ■

Prédio da Faculdade de Agronomia,
o primeiro construído no campus



(ARQUIVO APL)

Cinquentenário da Faculdade de Agronomia

JABS PAIM BANDEIRA

Ao ler o artigo do Professor Elmar Floss, em O Nacional, focalizando o início da Faculdade de Agronomia, e os benefícios proporcionados por esta casa de ensino à nossa agricultura, principal riqueza e mola propulsora de nosso estado e país, dei-me conta dos seus cinquenta anos de criação.

Ao homenagear a Faculdade, relato alguns acontecimentos de ciência própria, por haver participado, e outros de informação, como os que passo para a população mais jovem conhecer, além da luta para implantação do ensino superior, elevando o nível cultural do município e, beneficiando tantas pessoas com nossa UPF.

Registrando para história, faço justiça àqueles esquecidos no limbo do tempo, os iniciadores dessa magistral construção do saber.

Nem tudo no início eram flores. Quem vê a obra acabada não imagina o sacrifício despendido pelos obreiros dessa edificação. Fiel aos acontecimentos tento resgatar a memória dos construtores de nossas faculdades, cuja colheita nós usufruímos.

Muitos desconhecem a beleza do espólio legado por Cesar Santos e Reissoly José dos Santos, construtores e

engenheiros dessas obras. Trago o relato de Pericles de Freitas Druck, presidente do complexo Habitasul, quando repórter do Correio do Povo e em homenagem que lhe prestamos, pela reportagem sobre a futura Universidade de P. Fundo.

Era eu presidente do C. A. João Carlos Machado, da Faculdade de Direito. Em jantar no antigo Maracanã, disse Pericles: Estou constrangido, pois vocês estão me homenageando, e eu fui um dos que baguncei a reunião do C. Federal de Educação, quando discutia a licença para a criação da Faculdade de Agronomia. Não tenho certeza se Pericles mencionou o Irmão Otão, reitor da PUC, ou o Dr. Paglioli, da Universidade Federal, que convidou um grupo de universitários para ir ao R. de Janeiro, com tudo pago, para impedir a aprovação da Faculdade no Conselho. Com a criação de faculdades, as verbas federais para a educação diminuiriam, divididas com outras universidades. Pericles integrou este grupo. Fizeram horrores. Alguns quebraram cadeiras nas costas do Dr. Reissoly, que sustentava a criação da faculdade, lutando como um leão por suas ideias. A sessão foi interrompida, serenado os ânimos Reincidiada, aprovaram a criação. Outro fato foi o movimento liderado por diversas pessoas e por religiosos, para uma intervenção na Sociedade Pró-Universidade (SPU), dirigida pelos irmãos Santos

(César e Reissoly). O movimento foi incorporado por universitários, em sua maioria estudantes de Agronomia que, em manifesto, pediam a intervenção na SPU e o fechamento da Faculdade de Agronomia. Houve debates, com programas na Rádio Passo Fundo e pelos jornais. Como presidente do C.A. do Direito, eu era contra a intervenção e o fechamento da Agronomia. Nosso programa era às 13:30 horas, enquanto o deles, às 13 horas, com posições firmes e apaixonadas de ambos os lados.

Veio a revolução, com ela a intervenção na SPU e, logo após, o fechamento da Faculdade de Agronomia, agora nas mãos do interventor. Para assar o porco, colocaram fogo na casa. Em parte, por questões ideológicas. Mais tarde foi reaberta. A primeira construção no campus foi o prédio da Agronomia. O imóvel foi adquirido, na gestão dos irmãos Santos, do Dr. Antonio Bitencourt de Azambuja que vendeu uma parte do imóvel e, por assédio do Dr. Reissoly, doou os outros 50% da área. O engenheiro, construtor e mestre de obras foi o Dr. Reissoly, na época Juiz de Direito. A mão de obra foi dos presidiários. Como a usads na construção dos prédios da Avenida Brasil, da Faculdade de Direito, de Odontologia e das Belas Artes.

(Jabs Paim Bandeira é advogado, empresário, membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Com respeito à professora Delma Rosendo Gehm - Mãe da História de Passo Fundo

GILBERTO PACHECO

Mais de seis/sete anos são passados, daquele encontro cordial, no apartamento de dona Delma Gehm, em Passo Fundo.

A Professora Delma se mostrou tal qual esperava – uma dama da cultura – simpática, inteligente e culta. Muito culta.

Ouvinte atenta, capaz de corrigir as verdades equivocadas e, de aumentar nossa visão histórica.

Dona Delma – quem sabe – foi muito mais além, do que os historiadores passo-fundenses e, explico o porquê. Cícero apregou que a história, sempre deve ser contada isentamente e reescrita, com os fatos descobertos à posteriori (Michel Foucault esclarece isso. “A verdade é multifacetária”) e, Delma Gehm teve muito mais o que pesquisar, o que ler e constatar. Passo Fundo, a sua cidade de coração, evoluiu muito e, a memorialista Delma Rosendo Gehm, com astúcia e inteligência singular, soube captar, transcrever e historiar em detalhes, esse processo evolutivo.

Graças à Professora Delma, os filhos de Passo Fundo, podem saber de detalhes ricos e curiosos, só percebidos por uma pesquisadora Isenta, que apaixonadamente junta, aqui e ali, os ocorridos dos documentos e dos depoimentos orais.

Esse trabalho, para quem gosta, é penoso e exige uma paciência incomum, daquele que se propõe a narrar e deixar por escrito para os do futuro!

Ruas, pontos de encontro, praças, logradouros e como o povo de Passo Fundo se com-



(ARQUIVO APL)

portava. Também lendas, estórias, passagens... que somados aos causos, formatam e mostram a história da Capital do Planalto Médio.

Dona Delma vibrava e se emocionava com sua Passo Fundo.

Nomes de pessoas influentes. Datas vivas, momentos tensos... as alegrias e as preocupações. Tudo está escrito, nas entrelinhas, ou nos fatos diretos, encontrados e comentados por ela.

Minha Coxilha deve muito, de sua memória, à professora Delma. Como vila e como cidade!

Não fossem seus registros, Coxilha teria dificuldade de se fazer conhecida, estudada e aquilatada, social, histórica e economicamente.

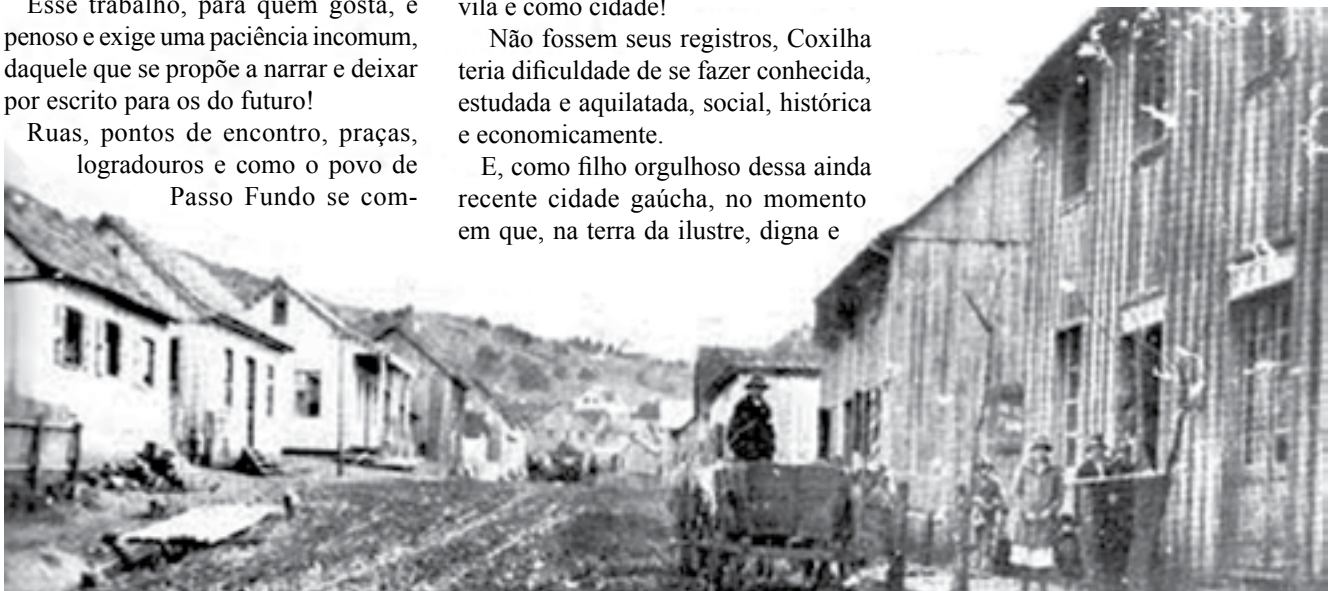
E, como filho orgulhoso dessa ainda recente cidade gaúcha, no momento em que, na terra da ilustre, digna e

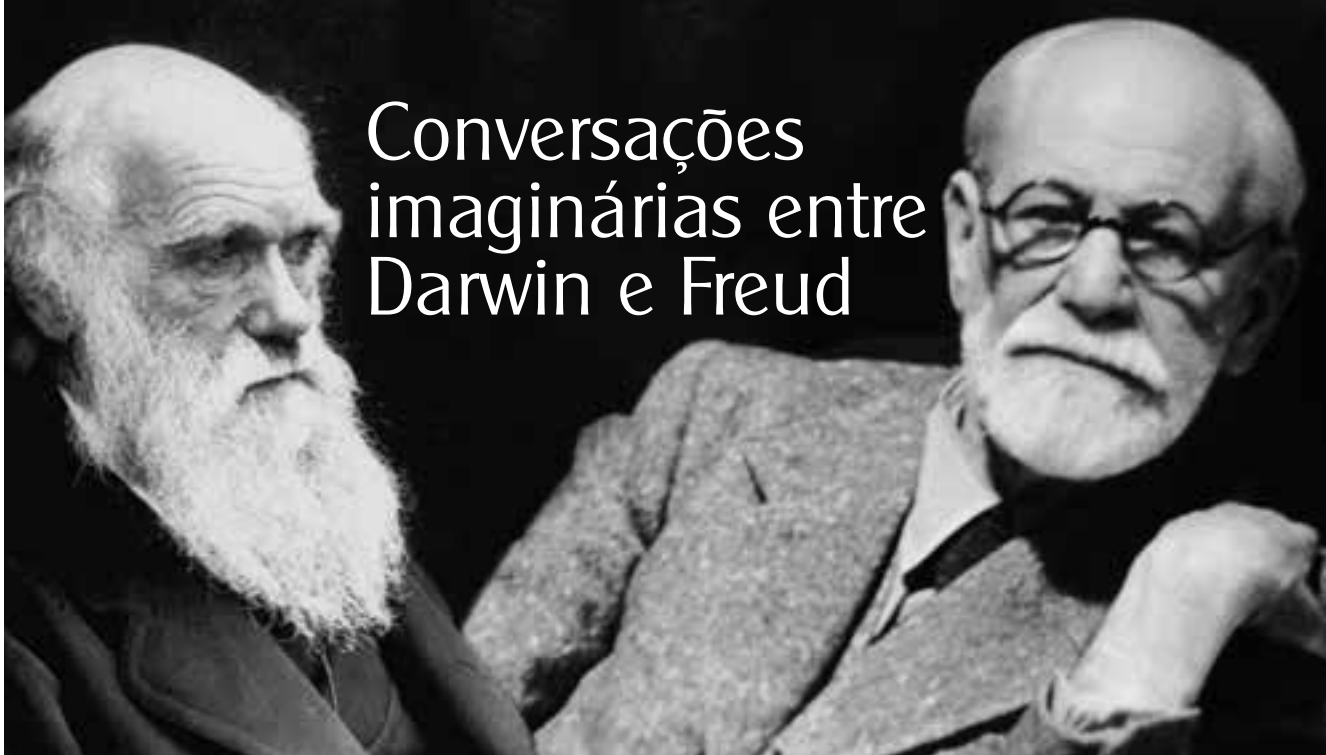
querida Passo-fundense, fiquei sabedor, pelo telefone, que esta dama da cultura de Passo Fundo e do Rio Grande do Sul, poderia, se eu quisesse me receber naquele seu mesmo endereço, mas que não poderia me responder ou acrescentar nada ou, quase nada, por essas coisas do destino ter perdido a idéia, a noção e o valor de sua tão ilustre e memorável contribuição de história. Eu senti muito, lamentei. Com a sinceridade dum justo.

Rezo e torço, querida e distinta professora Delma Rosendo Gehm, para que Deus e seus conterrâneos passo-fundenses não a esqueçam, nem no presente e muito menos no futuro, porque a senhora, prestou a essa cidade, um inestimável e profundo bem!

Graças a professora Delma, Passo Fundo, a capital do Planalto Médio, a uma vez dita “cidade mais gaúcha do Rio Grande”, a terra de “moça bonita e gaúcho que não dobra a esquina”, de Teixeira, quanto “uma cidade boa de se viver”, merece além do reconhecimento gentil e carinhoso, o meu beijo fraternal e a oração mais sincera de todos aqueles que sabem e reconhecem que: “quem conhece o passado, pode projetar seu futuro!” e a professora Delma Rosendo Gehm, ao meu ver, é a mãe da História de Passo Fundo, como Antonino Xavier e Oliveira, é chamado pai, dessa mesma História.

(Gilberto Pacheco integra o Centro de Letras do Paraná.)





Conversações imaginárias entre Darwin e Freud

GILBERTO R. CUNHA

Um encontro entre Charles Darwin (1809-1882) e Sigmund Freud (1856-1939), mesmo não sendo uma impossibilidade, não consta que tenha acontecido. Darwin, exceto pelo período que passou a bordo do navio HSM Beagle, que lhe daria o insight que necessitava para escrever a sua grande obra, viveu sempre na terra natal, a Inglaterra. E Freud, que foi para Viena aos quatro anos de idade, construiria nesta cidade os fundamentos da psicanálise, somente deixando a Áustria para fugir das atrocidades do nazismo em 1938, vindo a morrer um ano depois na Inglaterra de Darwin. No terreno do imaginário, em que tudo é permitido, poderia parecer mais verossímil, se o encontro fosse entre o jovem psicanalista recém entrado nos 20 anos e o consagrado naturalista passado dos 70. Eu prefiro, até por questões estéticas, imaginar um encontro não datado, envolvendo as duas figuras maduras e gris desses homens, conversando livremente sobre assuntos que podem se mostrar mais atuais do que se poderia, a princípio, supor, em meio a baforadas de charuto e copiosas doses de uísque.

Consgo, com um mínimo de esforço intelectual, quase que ouvir um Dr. Freud se dirigindo a Darwin para, sem rodeios, demonstrar todo o seu reconhecimento: - Obrigado, Sr. Darwin! O senhor, com a sua teoria, foi responsável pela maior e mais perturbadora investida contra a arrogância humana. Imagine alguém que supunha ter sido criado por

Deus, feito sua imagem e semelhança, com um mundo de criaturas e coisas já prontas e a sua disposição, de repente se descobrir como tendo a mesma origem dos demais seres vivos e, em vez de filho do Senhor, se ver filho de uma bactéria. E Darwin, com sua peculiar serenidade, respondendo: - Você sabe bem, prezado Sigmund, que minhas ideias foram, em alguns casos, muito distorcidas, especialmente quando usadas para embasar o determinismo biológico. Nunca me prestei para justificar qualquer que seja a forma de exploração social (ricos sobre pobres, imperialistas sobre aborígenes, etc.). As desigualdades sociais não são ditadas pela biologia. E Freud consolador: - O darwinismo social é uma perversão dos seus escritos. No mínimo, é equivocada a aplicação de um princípio natural à conduta moral humana.

Existe, inegavelmente, uma unidade evolucionária entre os seres humanos e todos os outros organismos vivos. Essa foi a grande contribuição deixada por Darwin. No entanto, não podemos confundir evolução biológica com evolução cultural. A evolução biológica de Darwin continua em nossa espécie, porém dá-se em uma taxa infinitamente lenta, se comparada à evolução cultural. A variação genética surge ao acaso e, sendo vantajosa, acaba preservada pela seleção natural. A evolução biológica ocorre pela conversão da variação dentro de uma população em diferença entre populações. Por sua vez, a evolução cultural, além de rápida é reversível, pois seus produtos não são codificados nos genes. O argumento clássico do determinismo biológico é falho, acima de

tudo, por invocar coisas que são meros produtos da evolução cultural da humanidade, como justificativa de diferenças entre grupos sociais.

De volta aos protagonistas desse ensaio, lá pelas tantas, Charles Darwin, quem sabe rememorando os bons tempos das reuniões da Royal Society, de posse de uma cópia de um artigo recém publicado na Science (Felisa Wolfe-Simon et. al. A Bacterium That Can Grow by Using Arsenic Instead of Phosphorus. Science Express, December 2, 2010, pp 1-9.), exclama: - Veja essa, Dr. Freud, o ponto focal da minha teoria, a ancestralidade comum, está sendo atacado por esse pessoal da NASA. A se confirmar essa bactéria, a GFAJ-1, pode significar a existência de outras formas de vida e, diferentemente daquilo que se supunha, alguns organismos podem ter vindo de ancestrais diferentes. Parece ser o meu fim! Agora é a vez de Freud demonstrar serenidade: - Calma, Charles. Ainda somos imprescindíveis, mesmo sabedores que a ciência avança principalmente por substituição, não por adição. Caso sirva de consolo, lembre-se da nossa importância, expressa na iconoclastia da frase que é proferida todos os anos pelo reitor da Universidade Harvard, na graduação dos novos doutores: "a antiga e universal companhia de eruditos (the ancient and universal company of scholars). Ou, quem sabe, os versos de uma canção de Sabina, lhe digam mais: "No hay nostalgia peor que añorar lo que nunca jamás sucedió".

(Gilberto R. Cunha é membro da Academia Passofundense de Letras.)

Academia Passo-Fundense de Letras completa 73 anos de história

DIEGO CHIMANGO

A simbiose entre os seres humanos e os livros tem o poder de irradiar uma fonte de energia cósmica, capaz de transformar o mundo através da concepção ideológica e do desenvolvimento crítico de uma sociedade. A cultura é a chave que dá acesso às portas do progresso e da moral de todos os viventes, e o conhecimento é o fulgor que norteia as veredas da dignidade humana, priorizando o futuro de todo e qualquer princípio benevolente. A sabedoria edifica os homens, e a literatura é um de seus símbolos.

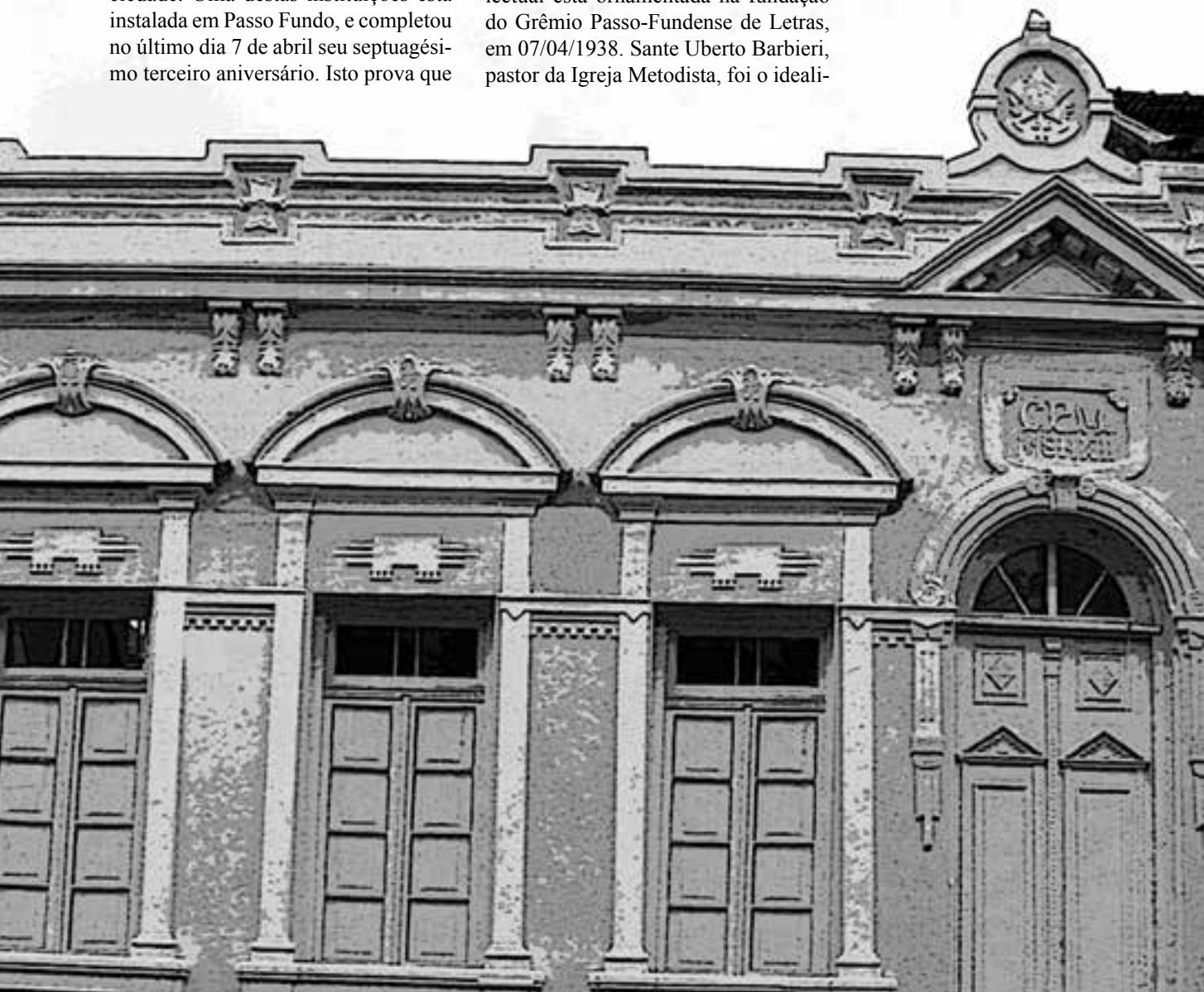
A importância deste ramo cultural pode ser traduzida perfeitamente pelas academias literárias, que têm íntima ligação com o progresso de uma sociedade. Uma destas instituições está instalada em Passo Fundo, e completou no último dia 7 de abril seu septuagésimo terceiro aniversário. Isto prova que

não é de hoje, e muito menos efêmera, a ligação da Capital do Planalto Médio com o meio literário. Antes mesmo do surgimento da primeira Jornada Literária, em agosto de 1981, que originou um dos movimentos culturais mais notórios do Brasil e do mundo, Passo Fundo já vinha exercendo atividades ininterruptas em relação às letras.

Em 15/02/1883, houve a criação do Clube Amor à Instrução, instituição cultural idealizada por um grupo de jovens passo-fundenses. Neste clube, eram promovidas discussões acerca dos desígnios da sociedade, abordando temas como educação, família, cidadania e civismo, através da literatura, o que pode ser considerado como a pedra fundamental do compromisso de Passo Fundo com a vida literária. Mas a culminância desta vocação intelectual está ornamentada na fundação do Grêmio Passo-Fundense de Letras, em 07/04/1938. Sante Uberto Barbieri, pastor da Igreja Metodista, foi o ideali-

zador da instituição na cidade, e objetivava reunir os intelectuais da mesma para enaltecer o valor das ideias para o progresso do Brasil. Assim nasceu o grêmio literário de Passo Fundo, tendo como seu primeiro presidente o escritor e historiador Arthur Ferreira Filho, na época Prefeito Municipal.

Tornou-se sede da instituição, o prédio situado na Av. Brasil, nº 792, centro, o qual tem em sua edificação a maior porta do Estado. O projeto arquitetônico, tombado pelo poder público como patrimônio histórico, passou por recente reforma. Em 7 de abril de 1961, passados 23 anos de sua fundação, dado o reconhecimento da Academia Brasileira de Letras, em virtude da riqueza de trabalhos desenvolvidos em prol da difusão cultural, o Grêmio Literário tornou-se Academia Passo-Fundense de



Letras. Desde sua fundação, a entidade expressa a valorização e a congregação dos escritores locais, promovendo assim o progresso intelectual da sociedade e a propagação da cultura e das mais diversas escalas do conhecimento. Entre os confrades e confradeiras da APL, estão poetas, romancistas, cronistas, empresários, políticos, jornalistas, educadores, médicos, historiadores, religiosos, todos com o propósito de fundamentar a formação moral e cívica dos cidadãos através da literatura. A realização deste escopo dá-se pela produção e publicação ininterrupta de artigos, poemas, discursos, críticas e ensaios literários, crônicas, livros e demais obras, inclusive homenagens alusivas à ilustres passo-fundenses.. Não é atoa que os membros das academias literárias recebem a alcunha de “Imortais”, pois é através da arte de escrever que o homem se eterniza, disseminando erudição.

Além disso, durante os seus 72 anos de existência, a APL esteve sempre aberta para a realização de eventos culturais, bem como para a visita pública. A entidade também exerceu fundamental importância na instauração de instituições como a Biblioteca Pública Municipal Arno Viuniski, o Instituto Histórico de Passo Fundo, o Movimento Tradicionalista Gaúcho e a Universidade de Passo Fundo, entre outras instituições que impulsionaram e difundiram a educação e a cultura na Capital do Planalto Médio.

Como os soldados que fazem da bandeira a insígnia que os fortalece na luta, o acadêmico é o cavaleiro que faz das letras a sábia forma de revolucionar pensamentos, semeando ideias para que a posteridade colha sabedoria. Graças à dedicação de homens e mulheres que integram, a Academia Passo-Fundense de Letras ocupa um patamar glorioso na história do município, que hoje ostenta o título de Capital Nacional da Literatura, o que confirma mais uma vez sua vocação literária. Com 73 anos de honrosa existência, a APL é testemunha viva de emocionantes episódios da história desta cidade, imortalizados nas obras literárias de seus membros, responsáveis natos pela sedimentação cultural deste povo, sendo uma das suas funções, entre tantas outras, a de espalhar luz e amor nas sombrias veredas de outras vidas.

(Diego Chimango é radialista e pesquisador da história de Passo Fundo.)

Nem só de sonhos vive o mundo

E o meu mundo não pode mais viver de sonho...
Massa folhada é uma boa pedida!

Para o anônimo conhecido

Nada é por acaso.
Se caiu na rede, me achou!
E se me achou, nunca me perdeu...

Se juntar as duas, sou eu!

Sou como aquela música:
Metade de mim enlouquece e faz coisas sem sentido,
E a outra metade pondera, pensa e deixa pra depois...

Metade de mim sabe o que é certo, desde o princípio.
A outra metade teima em acreditar no quase impossível...

Metade de mim chora de tristeza, profunda tristeza,
Sem lágrimas, só com dor.
A outra metade abre o coração e sorri.

Assim sempre serei?
Além de mim, outra...

A vitamina que tomo é da cor dos seus olhos

Se a inspiração vem,
Me ponho a escrever...

O plano mudou de figura

Hoje já contemplei outros olhos,
Já sonhei com outra boca, outro sorriso...

Fujo, mas a vida me traz de volta!
Corro, mas volto ao ponto de partida...

Quando as raízes estiverem na terra,
Vou alçar voo,
(Ou fazer rapel!).

Cenas do cotidiano...

Literalmente, trabalho de formiguinha!

(Anelise Rech é psicóloga e poeta.)

Cachimbando

(“O uso do cachimbo deixa a boca torta”. Sabedoria popular)

O cachimbo...

Ah! O cachimbo...

Começa por prazer,
tragada a tragada,
ajeita daqui,
ajeita dali,
assim... é mais cômodo,
dá mais prazer;
d'outro jeito, incomoda,
parece deslocado.

Mas continuo...

Forma vinco, cacoete,
a mão automatiza,
o cheiro fica gostoso...
Faz horários, rotinas,
faz falta, alucina!

Cachimbando... cachimbando...

A vida fica mais leve,
embora com marcas
não tanto saudáveis.

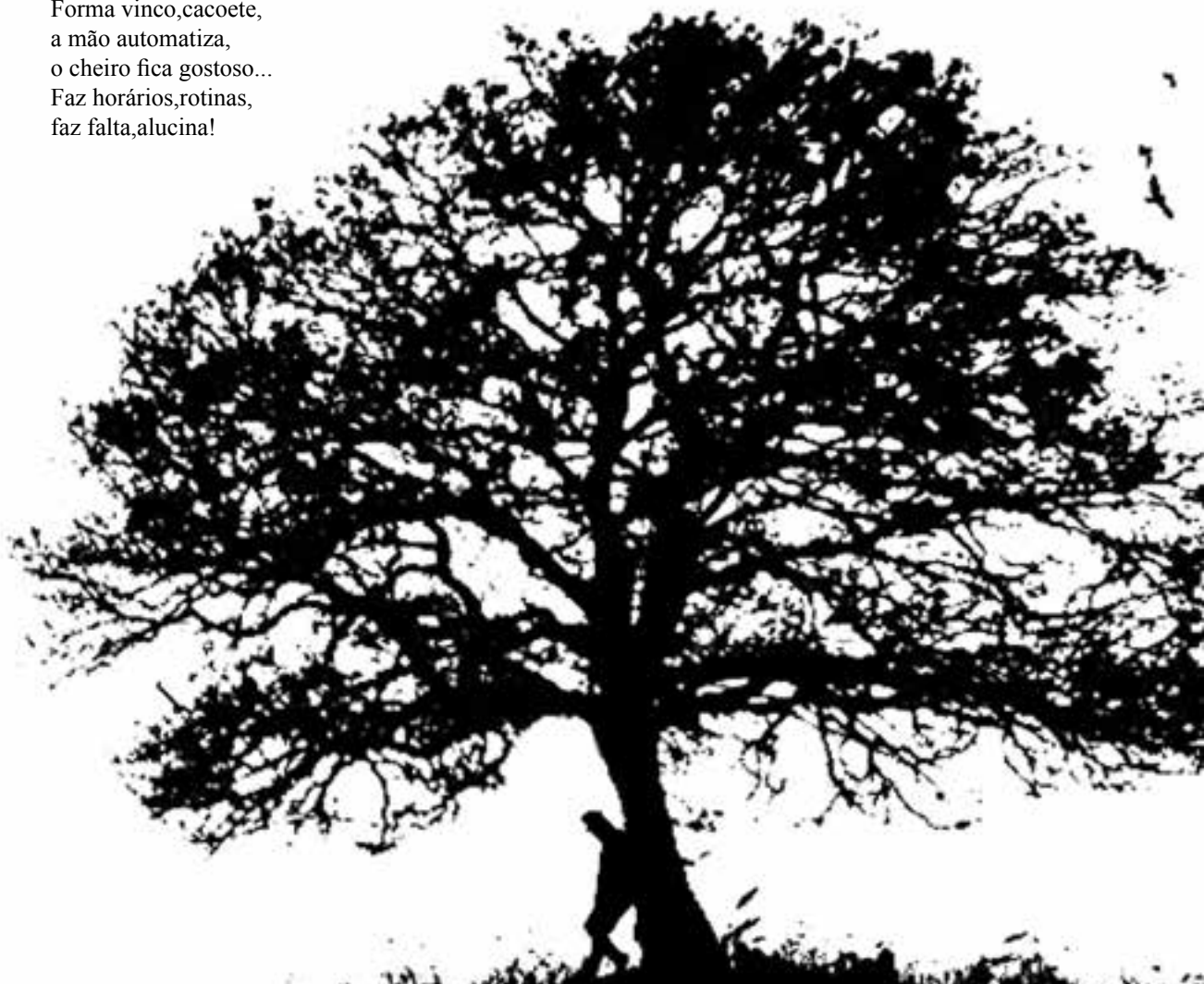
Sem sua presença, como seria?

O medo da doença,
a contraponto
da ausência.

A sedução do aconchego,
contrapontando
o apego.

O tempo... a história... o cansaço...
busca no cachimbo...

O ABRAÇO!



(Dinair Fernandes Pires é professora, de Passo Fundo/RS.)

Vazio perturbador

Não é solidão,
é busca.
Não é frustração,
é reforço.
Não é acomodação,
é caminho.

Não é ausência de metas,
é renovação.
Não é abandono de luta,
é energização.
Não é acatar o injusto,
é reivindicação.

Não é concordar com todos os textos,
é apresentar outros contextos.
Não é calar nem se acomodar,
é debater para inovar.
Não é fugir e simplificar,
é marcar presença e se importar.

VAZIO PERTURBADOR...é o que nos faz sempre andar!
É nunca ESTACIONAR!

Trilogia do rio

Navegar...
Seguir,
voltar
ou encalhar?
A decisão é pessoal.

Mergulhar...
Com arrojo
ou fluidez?
O resultado pode ser:
prazer,loucura ou
insensatez.

Voltar ao leito...
Correr mansamente,
distanciar,
viajar,
ou devanear?

Um barulho forte
me desperta!
Retorno,
acordo...
Bate a porta.

(Após reflexão do texto "NAVEGUE", de
Fernando Pessoa.)

Primícias

MICAELA DA ROSA PIRES

Construindo caminhos

Construindo caminhos e sonhos,
lapidando personalidades,
promovendo encontros e reencontros,
usando a racionalidade e o coração...

Possui um sistema doutrinário,
caridoso e cristão,
seus valores perpassam
geração a geração.

É o amigo que podemos contar,
é uma família constante,
unida , afetiva,
e sempre atuante.



Agradeço por estar aqui
e crescer todo dia.
Isso dá cor a minha vida,
conhecimento e sabedoria.

(Micaela da Rosa Pires, 13 anos, é estudante do Colégio Bom Conselho. A poesia "Construindo caminhos" foi premiada no concurso realizado em homenagem aos 50 anos deste educandário.)

Ao nascer, eu vim pelado.
É normal no mundo inteiro.
Mas minha maior nueza
Era no item dinheiro.
Nessa fase eu tive teto,
Afago, cama e travesseiro,
E o leite nato de mãe,
Esse é Deus que põe tempero.
Mas desses tetos políticos
Não me sobra nem o cheiro.

Existem de vários tamanhos,
Do menor ao exagero.
Nesses grandes tem quem mama
Muito melhor que terneiro.
São os tais privilegiados
Deste país brasileiro,
Um é por tempo integral,
Outros por período inteiro.
Há quem já nasce brigando
Por querer mamar primeiro.

Berço esplêndido é o dinheiro!
Recebem com fraldas e touca!
Com essas creches só mamando
A despesa não é pouca.
E basta o teto jorrar grana,
Não escapa a vaca louca,
Depois só trocam de cara
Mais do que outros de roupa.
E há tetos neste Brasil
Que só vão pra essas bocas.

Nos tetos da Pátria Mãe

A maioria não tem pasto,
Nem ração, baia ou chiqueiro.
Mas em pomposos cercados
Mamam sempre os corriqueiros,
E vão trocando de teto
Ao sabor do financeiro.

Mas quando alguém perde o seu,
Apronta um baita berreiro,
E se um jeito não for dado
Ele toma o do parceiro.
E os que morrem mamando,
Arranjam antes o herdeiro.

Há pessoas que, na infância,
A mãe lhes negou o peito,
Pra mantê-los conservados
Mostrados pra outro efeito.
Os filhos crescem na falta
Do que lhes era um direito,
E depois que ficam grandes
Compensam de outro jeito.
Mamam em tudo que surge
Mesmo até com desrespeito.

Nos tetos da Pátria-mãe
Tiram tudo que é proveito.
Mamar vira profissão,
Bem mais é depois do pleito.
Da Nação vem colo e cama,
Pergunte aos que são eleitos!
Poetizar versejando assim,
Há quem diga... É por despeito!
Alguns por mamarem tanto,
Vomitam no próprio leite.

Berço esplêndido é o dinheiro!
Recebem com fraldas e touca,
Com essas creches só mamando,
A despesa não é pouca.
E basta o teto jorrar grana,
Não escapa a vaca louca,
Depois só trocam de cara,
Mais do que outros de roupa.
E há tetos neste Brasil
Que só vão pra essas bocas...

(Francisco Mello Garcia – Xiko Garcia é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Fragmentos de felicidade e saudade

SELMA COSTAMILAN

Há fatos que se repetem dezenas, centenas, milhares de vezes em nossas vidas, sem nos apercebermos da sua insistência rotineira e simples, em nos mostrar, em coisas pequeninas e singelas, que a melhor coisa da vida é viver a felicidade dessas mesmas coisas singelas e pequeninas.

Na busca da felicidade, lançamos nosso olhar a horizontes tão longínquos que nossa visão se ofusca e não percebe as belezas que nos circundam, que se aproximam tanto de nós, como se quisessem abraçar-nos e sacudir-nos, para nos darmos conta de que a felicidade está sempre no alcance das nossas mãos, mas que nós a colocamos eternamente onde ela não pode se encontrar.

Nessa anestesia das nossas mais maravilhosas faculdades, vivemos apenas sofrimentos e inquietações, porque buscamos aguardar sempre por ondas do amanhã, esquecidos de desfrutar as realidades tangíveis do hoje. E, assim como a mente sempre escrava às aleatórias possibilidades do futuro, não notamos nem gozamos aquilo que de fato existe, porque é presente.

Às vezes, porém, uma trombeta toca mais alto e nos tira do pesadelo, sombrio e tumultuoso, para a vigília risonha e feliz.

Conseguimos sentir, então, na angélitude de um sorriso de criança, no gesto gracioso ou bizarro de um animalzinho, no perfume de uma flor, que a vida é bela, quando abrimos para ela os olhos da alma, as portas do coração. Mesmo quando tropeçamos nas escolhas que também a vida nos oferece, ainda aí podemos ser felizes, porque resta em tudo um grande tesouro – a experiência de que só a vida sabe ser mãe.

- Hoje a trombeta tocou alto para minha alma. Em momentânea saída, e durante o percurso de apenas algumas quadras, interrompi por três vezes a caminhada: aqui para colher meia dúzia de palavras cordiais de um velho conhecido; ali para responder à caçoada folgada de um amigo alegre e otimista; e acolá para retribuir o abraço fraterno e cheio de calor humano de um amigo dileto.

Coisas rotineiras, singelas, pequeni-

nas, mas grandiosas bastante para nos fazerem sentir que existimos, que somos parte desse maravilhoso conjunto, o Universo, grandioso na humildade de uma violeta e ao mesmo tempo simples, quase anônimo, na perfeição do seu equilíbrio cósmico. Impossível é traduzir neste registro de fragmentos da vida, as sensações que viveu o meu espírito, naqueles poucos minutos em que acordei para as realidades do meu presente palpável, prendendo as asas dos sonhos de um futuro que talvez nunca mais seja

igual. E com isso minha emoção é como o suspiro das flores, onde a prece não é murmurada, mas latente, com sabor infinito de saudade na qual pudesse bradar: Obrigado, Senhor, pelo que sou e pelo que serei, no caminho que deve ser trilhado por Tua vontade e pela Tua presença, nesta grande saudade em todos os fragmentos da minha vida.

(Selma Costamilan, professora, historiadora e poetisa, é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



(ARQUIVO: S. COSTAMILAN)

“Hoje pergunto: Onde estarão essas crianças, já pessoas adultas?”
“É mais fácil construir um menino que consertar um homem.”



“Minha mente jamais apagará um trabalho que considero a minha realização e a minha própria felicidade.”

“Em cada criança que hoje vejo, relembro estes rostinhos lindos que tanto amei.”



Tapera

ANTÔNIO FREDERICO KNOLL

Vamos divagar juntos! Juntos vamos, saudade!
Divagar pensar sem nexo nem roteiro, a esmo,
Quiçá, trazer à memória pedaços de nós mesmos!
Onde eu for, assim andando, à-toa, por estas ruas,
Das aventuras, das ilusões, que eram minhas e tuas.
Nossas vidas áureas, doridas, são daqui, soledade!
Vai devagar, sem pressa, para um pouco, me espera:
Pra eu me ver dentro d'antiga morada, hoje Tapera...

A tapera vai aos poucos se mostrando. Tapera – casa velha, solta ao relato, carcomida pelas eras. A corrosão silenciosa e lenta se aprofundou. Suas deformações continuam. Seus desmontes vêm de longe, não ocorreram num zás. Como a soda cáustica corrói, a ferrugem destrói o ferro, a maresia desgasta apetrechos à beira-mar; a tapera, entregue ao tempo, se estampa serena e vagarosa. Sua imagem nostálgica tem raízes no abandono. Seus traços vêm de alhures. Andejando pelas distâncias, quase se arrastando, seus sulcos vão se mostrando. Ninguém ouve seus reclamos, os gemidos de seus antepassados? O que, na névoa das distâncias, se dissipou?

A tapera abriga fantasmas, que as

lendas alimentam e a noite agiganta. Espectros dúbios gravam sua carcaça. Incógnitas nela crescem, envoltas numa densidade insondável. Centro luzidio de negócios. Falido no abandono, se fez tapera. Mas, detém a alma e o coração de personagens que nela viveram. Resíduos, dos nunca mais. Quiçá, cicatrizes de amor desfeito. Resquício de heranças tidas de valor imenso, perene. Passada adiante, por certo, à falta de sucessor. Herança, toda ela, sacrossanta. Beatificada pelo que custou e representava para quem a constituiu. Idealista, sonhador, feitor resoluto, imbatível. À frente do seu pequeno ou grande império, a marca de um vencedor. Como na corrida de bastão: quem garante o que vem após? Por razões e circunstâncias, restou o que

é. Agora, mera imagem de pretéritos.

A tapera não surge ao acaso. Vem de gestações. De interesses que foram morrendo. Morrendo, deixando pra trás algo que foi bendito. Conquistas. Tristezas. Saudades. Recordações. Dramas e vitórias. Amargo desenlace, por certo. Confidências, segredos a sete chaves, são a espiritualidade da tapera.

A tapera é nômade, avança nas idades. Vestida fora de moda. Toda rota... Tal como o viandante, vindo de longe e devagar se mostrando. O tempo apaga os retratos das famílias; das pessoas; as razões dos fatos. A tapera, todavia, guarda isso tudo. Nela se disfarçam mil contos, contados nos diz que diz que... nos entremeios.

Naquela fortaleza silenciosa por onde vaguei, por instantes, afundando em soledades: Quanta traquinice! E meus sonhos de moço! Mulheres, paixões! Passagens inolvidáveis! Enfim, quantas histórias ficaram lá atrás... No bojo da tapera, da qual meus olhos fugiram, pela contramão do amanhã...

Mudanças? Como ficar surdo ao que a vida sugere, o mundo mostra, a evolução provoca? Como a cidade, sob o progresso, cresce, a sociedade se afeiçoa a cada época. Também a família. O destino de cada um, rumos diferentes. Vitórias. Ganhos e desfechos inesperados. Doloridos. Gloriosos. A tapera conta isso tudo.

Seguir os caminhos do mundo, perseguindo o destino da vida. Dar rumo

ao futuro. Preferível o sol ao obscuro da tapera. Deixando as saudades, as nostalgias, se evita a conversão em tapera. É preciso alimentar os sonhos, dar vez ao refflorir das ilusões e alento à esperança. Alinhar projetos e pensá-los possíveis. Crer na força da fé. Empolgar-se com a beleza da noite estrelada, como prelúdio de um belo amanhecer. Nas caminhadas, manter a vitalidade. Conviver com os amigos. Nefasto é o cáustico de uma desavença!

Divagar, passeando. Buscar aqueles “que sabem jogar conversa fora”. São formas de afastar as “taperas”. De ser tapera, na carcaça e na mente. Dar vez ao mofo é dar vez às traças a se alojarem no espírito; as viradas “do vento”, não sentir-se desorientado. O coração não pode murchar, ainda que o “releno” persista em volta.

A auto estima deve ser inflada. Faces da vida, que tem as faces que eu lhe dou.

Maria Fumaça

Maria Fumaça, Maria das Andanças,
Corriam suas trilhas, na via da esperança.
Longe, longe estão, estão lá, bem longe,
Os saudosos tempos da Maria Fumaça,
Que sorria, gingava aos olhos do monge,
Da gente que vinha, que ia, se ia pra onde?
Sua história segreda as coisas de outras eras.
No vaivém das ilusões, renovadas quimeras.
Se namorava na gare, no banco da praça.
Moço, meus sonhos, lá viajavam de graça.

À época dos trens, quase sempre atrasados, devagarinho chegando,
Cuspindo fogo. Uma longa lagarta de vagões pesados, se arrastando.
Tempo chuvoso, vento surrando, subia a serra ofegante, gemendo,
Rebolando. E quanta gente faceira, sorrindo, se ia pra gare correndo:
Gente do Boqueirão, do Passo, de todas as ruas, de roda da praça,
Pra receber a Maria Fumaça que de cada estação, traz tudo o que abraça.
O escriba atrasado, viandante, na carona viajava, da Maria Fumaça.
Sua idade simbólica, do tempo vagante, que mais se vivia, vivendo.
Se um dia a Maria Fumaça voltar, meus sonhos viajarão de graça.

“E o trem capitaneado pela Maria Fumaça
adentrava em Passo Fundo, e passava a emitir
seu característico sinal sonoro: Tiuí! Tiuí!
Um trem de ferro é uma coisa mecânica,
mas atravessa a noite, a madrugada,
o dia. Atravessou a minha vida,
virou só sentimento.” (Adelia Prado)



(Antônio Frederico Knoll é advogado e professor passo-fundense, radicado em Santa Maria/RS.)

A saudade corta como aço de navalha

TÂNIA DU BOIS

“A saudade, no silêncio
das sombras que vêm e vão,
é um deslocamento da alma,
uma desencarnação...”

(Mansueto Bernardi)

Quem nunca sentiu a saudade cortar o peito? Sentir saudades foge à capacidade de compreensão; é a mais difícil tradução da emoção.

A saudade retrata a sensibilidade em detalhes. É cálida e cortante. A palavra foge. A emoção se confronta com a lógica. “Saudade já saudade / antes saudade...”, disse Maria Teresa Horta

A dor da saudade de amor corta como aço. A dor da saudade de um ente perdido corta como fio de navalha. A saudade dos bons tempos faz sentir o perfume no ar e o vento na cara. A saudade do sorvete no inverno, caminhando contra o vento, coloca o sorriso no rosto. A saudade do primeiro beijo encoraja para o cotidiano. A saudade do bolo de laranja e do pudim de coco da avó tem gosto de vida.

Uma saudade não é igual à outra, não tem o mesmo peso. Um dia não é igual ao outro. Uma dor não é igual à outra. As situações que levam a senti-la é que fazem a diferença. “... a tudo isso oponho o que não sendo / já a saudade / é a saudade mesmo”, como observou Maria Teresa Horta.

Sinto saudade. Invento a palavra. Depois, reinvento as palavras para os diferentes momentos da vida. Crio o tempo para a poesia e esta, sim, pode ajudar a revolucionar a saudade e a incentivar para que flutue na magia das lembranças e desvele a saudade, que ocupa espaço no coração.

Invento a fórmula para o sentimento estar presente nos desejos e nas necessidades, como caminho aberto pelo coração, como fonte de inspiração com entorno e retorno, vinculado à diversidade que se amplia em diferentes linguagens: saudade sem medo do fio da navalha.

Orides Fontela mostra o caminho do sentimento, sem medo: “Vida aberta sem ritmo / multiplicada em / mil lâminas abertas / mil lâminas vivendo a luz // lâminas sob a luz / como sentidos”.

(Tânia Du Bois é escritora radcada em Itapema, SC)

Dimensão humana



HELENA ROTTA DE CAMARGO

Até os limites de tua capacidade, persegue a lucidez. Vale a pena, e verás que nenhuma trama conseguirá enredar-te, ou aprisionar-te em seus grilhões. A força e as algemas nós mesmos nos impusemos.

Somos nós que cavamos o fosso, retemos o arco, construimos a guilhotina.

Pensa em como seria fantástico o universo, se fizessemos coro às suas vozes. Se o olhássemos com olhos de benevolência. E o protegéssemos das mãos criminosas que o envenenam.

Tudo foi criado em função do homem, para que viva e desfrute da vida, como um príncipe ou uma princesa, em seu castelo de luzes, óperas, caramanchões.

Há que ser magnânimo e satisfazer-se com as oferendas do momento, ainda

que fugazes, pois cada dia e cada hora representam uma conquista, um elo a mais na corrente da existência.

Todavia, não basta recostar-se na poltrona e aguardar que uma chuva de estrelas caia do céu. É imperioso que ela brote antes dentro de ti. Que irradie o teu calor e acenda o teu farol aos naufragos que imploram por clemência.

Isso de julgar-se um infeliz, em constante violação dos sentimentos, sem perspicácia para apalpar os contornos, ora macios, ora pontiagudos, da realidade; de ser incapaz de descobrir o amor; ou de preservá-lo como um tesouro; de dar-lhe nitidez e torná-lo produtivo, só acontece aos omissos, acomodados ou covardes.

A abundância se cristaliza em teu entorno e se oferece, gratuitamente, aos teus olhos, mãos e coração, para que vejam, sintam, admirem e se apropriem

dos bens universais, que existem para teu uso e satisfação.

Mas nada te chegará pronto, dócil, polido e envernizado.

És o senhor ou a senhora do teu destino, e teus projetos farão a diferença entre a dor e o prazer, a alma vazia e a alma transbordante, a vida fosca e a vida luminosa.

Tanto podes viver numa cabana como num palacete. Ser amigo do rei ou do mendigo. Pois o que conta é a disposição íntima de frequentar a luz, colhendo figos e aromas na madrugada, para espalhá-los nas cidades e nos descampados. O que importa à vida no planeta é ser solidário e marcar presença, como o mago que socorre o desvalido, apontando-lhe as águas da felicidade.

(Helena Rotta de Camargo é membro da Academia Passo-Fundense de Letras)

O jeitinho à brasileira

Das que não dão em touceira,
Com melodia bem feita
E com mensagem verdadeira,
Se colocadas à venda
Ficavam na prateleira.
Mas pra se vender bastante,
Como pastel em carneira,
Tem que se fazer mentira
Sem-vergonha e bagaceira.
Quem expõe produto assim
Logo a fama é companheira.

Apoiadores não tardam
Como parceiro ou parceira,
Tanto quanto pra editar
Ou gravar a baboseira.
São os peritos em vendas
No centro, bairro e fronteira.
A letra agrada e irrita
Opinião urbana e campeira,
E a propaganda garante
Que isso é arte brasileira,
Mas na real é o suicídio
Da cultura verdadeira.

Um refrão bem resmungado
Que não diga coisa alguma.
E se disser que tenha erro
Que nem professor arruma?
Um som que só tenha ruído
Pro mundo jovem é pluma.
Mas basta que a mídia goste,
Toque pra frente e assuma,
A liquidez desse produto
Bem no fim é só espuma,
Logo estoura nas paradas,
Quem não gosta, se acostuma.

Por isto já mudei tudo,
Do vestir ao palavreado,
Mesmo que devendo a roupa,
Só ando agora enfeitado.
Se alguém se parece rico,
Logo me encosto do lado,
Pois isto vem dando certo,
É bem notório o resultado.
Até já sei que cogitam
Meu nome pra deputado!
Mas pra ter cara pra tudo,
Nunca vou estar preparado.

Participo e vejo coisas
Que até fico indignado!
Concursos, que em muitos deles,
Só passam determinados,
E há político empregando
Desde o sogro até o cunhado!
E crescer por competência
Deixou-me desanimado,
E por isso concluí
Que o negócio é ser enfiado.
Pois bastou essa atitude,
Passei a ser contratado.
Meu produto é sem barulho,
O conteúdo é no recado.

Pois aqui foi consagrado
O jeitinho à brasileira.
Quase tudo tem esquema
Mesmo que a gente não queira.
Que eu tenha aderido a isso
Afirmo que é brincadeira,
Mas a mensagem do texto
É real e verdadeira.
Tem coisa que se vê limpa,
Mexendo sobe a sujeira,
E essa gente que tem culpa
Tira o pó e sacode a poeira.
Sobre o mel eles decidem,
O resto só lambe a cera.

Quando em benefício próprio
Com eles não tem tranqueira,
E onde a lagoa tem peixes
Já tomam conta da beira.
Não são os donos do campo,
Mas sempre estão na porteira,
São iguais àquelas aves,
Chegam onde a grana cheira.
Se um dia faltar carniça,
Esses comem a caveira.
Juram muito amor à Pátria,
Só na parte financeira.

Um refrão bem resmungado
Que não diga coisa alguma,
E se disser que tenha erro
Que nem professor arruma,
Um som que só tenha ruído
Pro mundo jovem é pluma.
Mas basta que a mídia goste,
Toque pra frente e assuma,
A liquidez desse produto
Bem no fim é só espuma,
Logo estoura nas paradas,
Quem não gosta, se acostuma.



(Francisco Mello Garcia – Xico Garcia é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



Ruy Della Méa: um desbravador da aviação brasileira

DIEGO CHIMANGO

No mês em que a Capital do Planalto Médio comemora 151 anos de emancipação político-administrativa, vem à tona a imagem dos notáveis cidadãos que projetaram o desenvolvimento da cidade. Nesta edição, a Revista Sonar presta uma homenagem póstuma a um ilustre passo-fundense, pouco conhecido pela geração atual, mas que possui íntima ligação com o progresso de sua terra. Trata-se do Comandante Ruy Della Méa.

“Na infância, quando conduzia as tropas de burros com seu avô, o pequeno Ruy olhava para o céu e, quando avistava um pássaro, dizia: um dia voarei tanto quanto as aves. Embora a expressão fosse entendida como um sonho impossível da infância, não seria errado dizer que se tratava do idealismo de um futuro grande homem dando seus primeiros sinais de vida”, contou, em entrevista, o jornalista Muryllo Della Méa, 60 anos, filho do Comandante.

Nascido em Passo Fundo, no dia 25/06/1918, foi o segundo filho do casal Pio Della Méa e Ercilia Della Meã. Teve apenas uma irmã, a educadora Ida Della Mea, recentemente falecida, aos 94 anos de idade. Ruy estudou no Colégio

Elementar (Escola Estadual Protásio Alves), sendo aluno de Anna Wiling. Posteriormente, teve como mestre o Irmão Leão, no Colégio Marista Conceição. Anos depois, no Rio de Janeiro (capital federal), fez cursos que deram início a uma notável carreira aviatória. No ano de 1939, na capital paulista, Ruy Della Méa conquistou o “brevê” sob a orientação do instrutor Renato Pedroso, alcunhado campeão de acrobacias, tornando-se então piloto na Base Aérea de Marte.

“Na primeira metade do século XX, quem ousasse dizer que o homem poderia voar era tido com o louco, mesmo depois da famosa invenção de Santos Dumont. Meu pai era um desses homens idealistas que, na verdade, foram os precursores de uma arte tão comum atualmente”, disse o filho Muryllo. De volta a Passo Fundo, junto ao então prefeito, Arthur Ferreira Filho, o Dr. Gelson Ribeiro e o Armando Czamanki, Della Méa fundou o Aeroclube da cidade, em 29/10/1940. Mais tarde, formou a primeira turma de pilotos. Com carta de recomendação ao jornalista Jorge Chalita, o jovem aviador voltou à capital federal e passou a exercer a função de instrutor de vôo. Efetou também dezenas de aulas e palestras, cativando o então Ministro da Aeronáutica, Dr. Salgado

Filho, com quem estabeleceu grande amizade. Ruy solicitou ao Ministro uma aeronave para a formação de futuros pilotos em sua terra natal, pedido prontamente aceito pelo Ministro. Mas a ideia não foi bem aceita por alguns de seus conterrâneos, que o consideravam um louco por desempenhar tal ofício, o que desiludiu o jovem idealista. Sabendo do triste fato, Salgado Filho resolveu doar a aeronave ao município de Carazinho, que também contava com um aeroclube. No aeroporto Santos Dumont, o avião de prefixo “TKU” foi batizado com o nome do intrépido Henrique Dias.

Em maio de 1942, Ruy retornou ao Rio Grande do Sul pilotando a aeronave, no trajeto Rio/São Paulo/Florianópolis/Laguna/Porto Alegre. Uma fogueira foi acesa nas proximidades de uma madeira, para que a fumaça guiasse o piloto Della Méa, que aterrissou no antigo campo do Esporte Clube Gaúcho – onde atualmente se situa o bairro Vergueiro – às 17hs, diante de uma multidão deslumbrada. “Nesta ocasião, eu ainda era menino, e recordo que Ruy aterrissou para abastecer o avião. Naquele dia, entre outros destaques, estava presente o também amigo Múcio de Castro, o jornalista que foi um verdadeiro baluarte da carreira de Ruy”, comentou o ex-telegrafista João Pedro

Bortholacci, amigo do Comandante.

Retomando a viagem, partiu para a vizinha cidade, onde era aguardado por cerca de 5 mil pessoas. Della Méa construiu em Carazinho um hangar para o aeroclube, e também formou ali a primeira turma de pilotos carazinhenses. A pedido do Ministro Salgado Filho, no mesmo ano, Della Méa procedeu inquérito na cidade de Orlandia (SP), onde prestou serviços por mais de um ano, sendo congratulado pela população e autoridades daquela hospitaleira cidade.

O ano de 1944 foi glorioso para o jovem aviador. No Rio de Janeiro, casou-se com a Sra. Irene Paraguaçu, com quem teve quatro filhos (Ruy, Muryllo, Maria Ercília e Sandra). Della Méa também conquistou neste ano o breve de piloto mercante, passando a servir na Companhia de Transportes Aéreos da Costa Rica, e realizando vôos ao continente europeu e à América do Norte. Ainda nesse ano foi convidado pela Royal Air Force (RAF – Força Aérea Inglesa), para prestar serviços na Segunda Guerra Mundial. Reconhecendo o valor profissional do jovem, o Ministro do Exterior, Dr. Oswaldo Aranha, remeteu uma carta à direção da Aerovias Brasil, oportunizando o ingresso do Comandante Della Méa na companhia, em 04/10/1944. “Sempre aperfeiçoando seus conhecimentos, Ruy foi aos EUA naquele mesmo ano, para diversas especializações aviatórias,

onde teve como colega o jovem Neil Armstrong, estreitando amizade com aquele que, no futuro, tornar-se-ia o primeiro homem a pisar em solo lunar”, comentou Muryllo.

Em 1945, passou a comandar os aviões quadrimotores, fazendo o trajeto da Costa Rica ao Canal do Panamá. No Brasil, fez o trajeto Rio-Maranhão, e também transportou cargas de cristal de rocha para os EUA, sendo o pioneiro no transporte para o Brasil, das primeiras cargas de penicilina, medicamento que na época só era fabricado nos EUA e na Europa. Por um período de três anos, realizou somente viagens internacionais, tais como o circuito Miami, Florida, Hollywood e América Central.

Em 1949, a Aerovias Brasil transferiu-se para São Paulo, onde foi construído o primeiro grande hangar do país. Della Méa foi o responsável pelo plano de nacionalização da Aerovias, baseando-se no sistema aviatório americano, com apoio do Ministério das Relações Exteriores, o que lhe rendeu a direção geral da companhia, em Caracas, pouco tempo depois. Na década de 1950, dedicou-se à criação de uma empresa aérea gaúcha, denominada “Caminhos Abertos para o Brasil” (CABRA). Mesmo com todos os esforços e apoios, a descrença de seus conterrâneos impossibilitou novamente a realização de um sonho do experiente az que, por este motivo, retornou aos grandes centros e

foi nomeado para a chefia da Base Aérea de Curitiba, comandando os aviões Convair 340, 440 e o possante DC-6 C.

Com mais de 22 mil horas de voo, em janeiro de 1962, Ruy Della Méa aposentou-se de sua brilhante carreira aviatória, indo dedicar-se à pecuária, em sua fazenda no Paraná. Em 1965, o reconhecimento por seus prestimosos serviços, foi expresso numa dignificante homenagem por parte dos cidadãos passo-fundenses. O bravo comandante fez sua última decolagem aos céus, em 1975, quando foi acometido por uma violenta pancreatite, que lhe tirou a vida aos 56 anos de idade. Na edição nº 14.065, do dia 24/11/1975, o vespertino O Nacional informava com pesar a morte de um grande homem, que ocorreu em São Paulo.

O empreendedorismo, a perícia e o exercício da ética foram marcas registradas na trajetória de um dos mais ilustres filhos de Passo Fundo, o qual apesar de todas as adversidades e percalços, não se deixou abater, conquistando o sucesso e tornando-se um modelo para a posteridade. Ruy Della Méa foi um dos pioneiros, e emérito desbravador da aviação brasileira, que enalteceu para além fronteiras o nome da Capital do Planalto Médio.

(Diego Chimango é radialista e pesquisador da história de Passo Fundo.)



O adeus à poetisa Jurema Carpes do Valle

GILBERTO R. CUNHA

Foi realizada numa quinta-feira (23/09/2010), na sede da Academia Passo-Fundense de Letras, a sessão de homenagem – que, nos meios acadêmicos, recebe o nome de panegírico, significando um discurso elogioso, laudatório – à memória da poetisa Jurema Carpes do Valle, falecida em 21 de agosto de 2010. No caso da Jurema, teve como encarregado o experiente panegirista Welci Nascimento.

Ocasões como essas se prestam para repensarmos nossas atitudes e concepções diante da morte. Segundo Edgar Morin, nunca existiu uma tanatologia, uma ciência das coisas da morte, e isso talvez dificulte a forma com que lidamos com essa que é uma das raras ocorrências de que temos certeza absoluta. Por mais que lutemos contra, haverá de chegar o nosso dia. Mesmo com toda a evolução da humanidade (em certos casos, involução), as civilizações contemporâneas, diante do tabu da morte, em pouco diferem das sociedades arcaicas e dos mitos da religiosidade e da salvação, restando, para alguns, a atitude filosófica de não acreditar na imortalidade, qualquer que seja ela. O drama, como afirmou o escritor e filósofo romeno Emil Cioran, não é tanto morrer, mas ter nascido, visto que a morte começa no nascimento.

No sentido biológico, a morte pode significar o fim do indivíduo, mas não da vida. Continuamos existindo nos nossos filhos e, talvez, em meia dúzia de ideias. Os indivíduos podem morrer, mas, graças à cultura, todo o saber é levado para as gerações futuras. No caso da Jurema, estou certo disso, ela continuará vivendo nas suas poesias. Felizmente, não sabemos o que ocorre depois da morte, pois, de acordo com Jorge Luis Borges, se soubéssemos, toda poesia humana seria inválida. A nossa ignorância sobre isso nos permite



(FOTOS: ARQUIVO APL)

Welci Nascimento proferindo o panegírico em memória da acadêmica Jurema



Jurema Carpes do Valle

muitas invenções. Vida e morte parecem ser termos antagônicos, mas, ao mesmo tempo, são complementares. Heráclito resumiu tudo, quando afirmou o “viver de morte, morrer de vida”, afirmação

que, levada ao extremo, pode justificar o desgaste progressivo ao longo da vida, com a morte e regeneração de células, conduzindo o indivíduo ao encontro do seu fim. Até ecologicamente, o fato explica os diversos níveis tróficos da cadeia alimentar na Terra.

Jurema Carpes do Valle nasceu em Cruz Alta/RS, no dia 6 de janeiro de 1937. Filha de Aurino Schanes do Valle e Ercília Carpes do Valle, viu despertar sua veia poética ainda criança. Começou os estudos em Cruz Alta e, com a mudança da família para Passo Fundo, completou sua formação nesta cidade, como professora normalista, no Colégio Notre Dame, em 1958, e concluiu o bacharelado em Ciências Jurídicas e Sociais pela UPF, em 1964. Também foi formada pela Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra (ADESG), na turma 1972. Profissionalmente, exerceu atividade



Acadêmica Santana Dal Paz

como professora, tendo iniciado sua carreira em 1959, no G.E. Anna Luiza Ferrão Teixeira, com passagem pelos colégios Notre Dame, EENAV, Oswaldo Cruz, Protásio Alves, Cecy Leite Costa e Nossa Senhora da Conceição.

Jurema dizia que iniciou na poesia por influência da amiga Geisa Lima Benevenuti, tendo, em 1957, participado da fundação do Grêmio Literário União de Ideias. Em 1970, entrou para a Academia Passo-Fundense de Letras, instituição da qual se tornaria, ao longo da sua vida, um dos membros mais ativos. Na gestão da professora Delma Gehm, em 1972, exerceu o cargo de secretária-adjunta da APL.

Intimista e introvertida, Jurema Carpes do Valle publicou o livro de poemas *Canção da Liberdade*, em 1983, pela Editora Berthier. Essa obra, cuja capa leva a assinatura da artista plástica Maria Lucina Busato Bueno, reunindo poesias desde o tempo de estudante, é uma mostra do fazer poético da Jurema. Por julgar que *Timidez*, um dos poemas do *Canção da Liberdade*, seja, possivelmente, autobiográfico e uma síntese quase perfeita da autora, reproduzo-o na sequência.

Timidez

Há tanto a dizer
Mas as palavras
Como que se rebelam
E teimam em não sair.
Não importa
Considera este silêncio
O espaço
E nele insere todas as palavras.

(Gilberto R. Cunha é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



Acróstico

Justo quando a vida te brindava
Um outono tranquilo e generoso,
Resolveste partir para outras plagas,
Espargir tua luz em novas praias,
Mostrar a outros mundos e outras gentes
As virtudes que te eram inerentes:

Coração para compreender e amar,
Alma para doar-te com ternura,
Razão para discernir o que era puro,
Poesia para viver tuas emoções,
Esperança de realizar os teus desejos,
Sonhos e ideais acalentados.

Deixaste fluir a vida
Oferecendo sempre o melhor de ti.

Viveste a plenitude da tua essência.
Amaste com a candura das crianças.
Leva contigo uma saudade imensa;
Leva, também, a nossa gratidão.
Estarás sempre viva em nosso coração.

(Alberto Antonio Rebonatto é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

A temporária professora

Tento usar com boas coisas
As horas que Deus me empresta,
Somando, já foi bom tempo,
Não sei quanto hoje me resta.
O amanhã não sei se vem,
O ontem fugiu pela fresta.
No tanto que ainda me sobra
Está o dia do fim da festa.
Não duvido de outra vida,
Eu conheço e amo é esta!

Sempre que uma noite acaba,
E o sol repete o que conheço,
Dia a dia eu busco acertos,
Ao errar não esmoreço.
Tudo o que me vale a pena
Não me cansa o recomeço,
Pois, por falta de humildade,
Sei o que custa um tropeço.

Aprendi que o lado certo
É bem oposto ao avesso,
Sigo é o fio de minha obra
E a almejando o que mereço.
Só na morte todos chegam,
Mesmo até sem endereço.
Bem ou mal tudo tem fim,
Pior é nem se ter começo.

Pois com quem aprendi isso,
Do meu jeito eu agradeço.
Desde criança me orienta,
Nos passos que desconheço.
Pelo que já me mostrou
Tem carinho e meu apreço.
Tenho a melhor professora!
E aula dela não tem preço.

Porém, anda muito tensa,
Por ver o quanto envelheço.
Um dia vai me abandonar,
Só em pensar já estremeço.
Vou perder ela e as aulas,
Todas do fim ao começo.
A professora é a vida,
Enquanto nela permaneço.

Tento usar com boas coisas
As horas que Deus me empresta.
Somando já foi bom tempo,
Não sei quanto hoje me resta.
O amanhã não sei se vem!
O ontem fugiu pela fresta!
No tanto que ainda me sobra
Está o dia do fim da festa.
Não duvido de outra vida!
Eu conheço e amo é esta!

(Francisco Mello Garcia – Xiko Garcia é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Ao Patrono Erico Verissimo

ELMAR LUIZ FLOSS

A vida é também uma sucessão de surpresas e agradáveis coincidências. Como cristão, acredito nos “desígnios” de Deus. Em outubro de 2010, tive mais um desses momentos inesquecíveis.

Nasci em Alfredo Brenner, então distrito de Cruz Alta. Lá estudei o primário, com professoras que vinham de Cruz Alta. E, orgulhosamente, com frequência falavam das obras de Erico Verissimo, o filho mais ilustre daquela cidade. Em 28 de fevereiro de 1956, Ibirubá se emancipou de Cruz Alta e Alfredo Brenner passou a ser distrito desse novo município. Eu tinha 6 anos e lembro que fui com meu pai e meu tio Olmiro Krammes, assistir a cerimônia e participar da festa. Saímos bem cedo, de carroça, percorrendo os 9 km de distância. Lembro do churrasco que comemos embaixo de um umbu, com aquele espeto de guamirin fincado no chão, e nós sentados no gramado.

De 1968 a 1970, fui cursar o científico no Colégio Estadual Antônio Sepp, em Cruz Alta. Era a época em que estava sendo organizado o Museu Erico Verissimo, na casa onde o escritor tinha nascido, em 1905. Por isso, os professores de português nos estimulavam a ler as obras de Erico, como o Tempo e o Vento, Incidente em Antares, Clarissa, Olhai os Lírios do Campo, entre outras. Em 1969, acompanhamos com muito orgulho a inauguração do Museu, com a presença do escritor e de muitas autoridades e escritores. Em 1975, Erico Lopes Verissimo faleceu, deixando um legado de muitas obras que o colocam como um dos maiores e mais premiados escritores brasileiros, para orgulho dos gaúchos.

Em 1995, tive o primeiro encontro com escritor Luís Fernando Verissimo, filho de Erico. Foi durante a Jornada de Literatura, realizada na lona de circo armada em frente à

Prefeitura Municipal, onde hoje está o Bourbon. Numa semana, foi realizado o Seminário Internacional de Plantio Direto, e na outra, a Jornada de Literatura. Fui apresentado pela professora Tânia Rösing ao Luís Fernando. Falamos de nossas relações comuns com Cruz Alta e da paixão pelo Sport Club Internacional. Claro que parecia que eu já o conhecia há muito tempo, pois quando lemos os autores, nos tornamos íntimos deles.

Em 2004, fui lançar meu livro Fisiologia das plantas cultivadas – o estudo que está por trás do que se vê, na Feira do Livro de Porto Alegre. O evento foi marcado para as 16h de uma linda e quente tarde de domingo. Esse livro está na quarta edição, com aproximadamente 3.200 exemplares vendidos. Uma grande aceitação, em se tratando de um livro técnico. Ao chegar tal foi minha surpresa: ao meu lado, coinci-

dentemente, Luís Fernando Verissimo estava lançando seu livro Autobiografia de uma paixão, onde expressa sua ligação com o nosso Colorado. Mais uma vez, uma longa conversa com ele e sua esposa Lúcia. Enquanto autografei alguns livros, o Luís Fernando atendia filas de colorados.

No ano de 2010, por estímulo de diversas pessoas como, a amiga e sempre professora Santina Dal Paz, o Paulo Monteiro, a Elisabeth Ferreira, o Irineu Gehlen, o Osvandré Lech, o Alory Castilhos e o Gilberto Cunha, participei da seleção para preenchimento de 7 vagas na Academia Passo-Fundense de Letras. Doze escritores se inscreveram para disputar essas sete vagas. Tive a felicidade de ser um dos escolhidos pelos atuais acadêmicos. E, no dia 21 de outubro daquele ano, quinta-feira, ao lado dos ilustres escritores, Carlos Antonio Madalosso, Diógenes Basegio, Marilise Lech, Mauro Gaglieti, Odilon Garcez Ayres e Sueli Gehlen Frosi, fui empossado como membro da Academia Passo-Fundense de Letras-APL.

Entretanto, na semana anterior, quando recebi os convites para a solenidade de posse, outra agradável surpresa. Ocuparia a Cadeira 24, que tem como Patrono Erico Verissimo. Enviei um convite ao Luís Fernando, que estava em férias e, recebi uma linda resposta, que divulgo:

Prezado professor Elmar:

Muito obrigado pela sua comunicação. Parabéns pela sua obra e pela

merecida posse na Academia Passo-Fundense de Letras, na cadeira que tem como patrono o meu pai. Uma vitória no Grenal, neste domingo, virá completar sua alegria, que compartilho. Mais uma vez obrigado, e um forte abraço.

Luís Fernando.

Que honra, mas também que responsabilidade fazer parte da Academia Passo-Fundense de Letras!



(Elmar Luiz Floss é Engenheiro Agrônomo, Licenciado em Ciências e Doutor em Agronomia. Professor Emérito e Consultor em Agronegócios. Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Razões que me levaram a escrever *O Massacre de Porongos & Outras Histórias Gaúchas*

PAULO MONTEIRO

Quando o administrador do Projeto Passo Fundo convidou-me para publicar o livro, eu resisti, também cantando, com poemas inéditos. Contra-arguntei propondo a edição de uma coletânea de artigos sobre temas históricos e culturais. Assim surgiu este *O Massacre de Porongos & Outras Histórias Gaúchas*.

Os textos são praticamente os mesmos dados à letra de forma original na imprensa, e depois divulgados em diversos sítios da Internet. Para a reunião em volume, porém, aprimorei as referências bibliográficas, procurando favorecer os leitores que desejarem aprofundar-se nos temas tratados.

Sou, assim, extremamente grato a Saul Spinelli, diretor do extinto jornal *O Cidadão*; às jornalistas Geneci Carlot de Quadros e Joice Carlot, responsáveis pelo *Jornal Rotta*; à direção e colegas da Fundação Cultural Planalto, em particular da *Revista Somando*; aos sítios Projeto Passo Fundo, *Luso Poemas*, *World Art Friends*, *Café História*, *O Melhor da Web*, *Verso e Prosa*, e tantos outros que acolhem meus escritos.

O caráter jornalístico, que não quer dizer apressado, é responsável por algumas repetições ao longo deste livro. A História é uma corrente de fatos, e não um fio retilíneo.

Tenho dito à saciedade: sou, funda-



mentalmente, um publicista, o que, no melhor vernáculo, significa aquele tipo de escritor que alguns tradutores versam “intelectuais públicos”. Escrevo para ser lido – e entendido. E, com os clássicos da Língua Portuguesa, aprendi que se pontua como se fala, porque a fala é anterior à escrita.

Escrever, para mim, é um ato vital.

Defensor da escrita fonética, optei por não seguir as recentes alterações ortográficas.

O Massacre de Porongos & Outras Histórias Gaúchas é uma pequena mostra de minha produção historiográfica. O amor à História se iniciou quando eu tinha treze anos e estudava na Escola

Estadual Joaquim Fagundes dos Reis, em Passo Fundo. Minha professora de Língua Portuguesa, Zilka Nedeff Rosa, solicitou colaboração para o jornal mimeografado da escola. Apresentei um poema sobre Passo Fundo. Em certa passagem, eu rimava as palavras “ruas” e “charruas”. Dona Zilka me chamou, explicou-me que os charruas não habitavam Passo Fundo, que aqui viviam guaranis e tapes, falou-me sobre licença poética. Depois de uma boa conversa, acabou me sugerindo ler um dicionário de versificação e o livro “Passo Fundo das Missões”, de Jorge Edete Cafruni. Li os dois livros e apaixonei-me pela Poesia e a História, que não larguei mais. Por isso, uma das pessoas a que dedico esse livro é Dona Zilka.

Nesses quarenta e dois anos, li milhares de livros, escrevi centenas de artigos sobre temas culturais e históricos. Acumulei material suficiente para publicar algumas dezenas de livros, mas dei a lume apenas três.

Aprendi, com os grande humanistas que o historiador tem a obrigação de dizer a verdade ou, pelo menos, aquilo que considera verdade. Por isso, não tenho qualquer condescendência com as chamadas personagens maiores da História.

Tenho um interesse particular no estudo das revoluções rio-grandenses. Na verdade, o que eu quero é entender essa questão da valentia gaúcha. Isso me levou a concluir algumas coisas que me



parecem terríveis e que estão com todas as letras em diversas passagens do livro.

Durante milhares de anos a História, a exemplo da Filosofia, ficou reduzida à condição de simples escrava da Filosofia.

Os líderes das principais civilizações passaram à História na condição de verdadeiros semideuses. Apenas com Voltaire, em 1756, no Ensaio sobre os costumes e o espírito das nações, a História passou a ser considerada como criação humana. Entretanto, especialmente em termos de história local e regional, os líderes são considerados representantes divinos.

Como afirmou recentemente o ministro Ayres Britto, do Supremo Tribunal Federal: “Há quem chegue às maiores alturas só para fazer as maiores baixezas”. Por isso é que sigo a lição do velho Jules Michelet: “O historiador, que é o juiz do mundo, tem por primeira obrigação perder o respeito...”

Não sou condescendente com as baixezas daqueles que chegam às alturas. A maioria dos historiadores, em especial os que escrevem sobre a história local e regional, não passam de ficcionistas incapazes de compor uma quadrinha de pé-quebrado. Há pessoas que, pensando serem historiadores, entoam loas aos abutres.

Para mim, em seu maior número, as páginas de nossas revoluções, como de todas as revoluções pampeanas, foram escritas com sangue e vergonha. E as páginas que a História reserva, para os matadores em série e outros degenerados, são o melhor lugar para alguns semideuses gaúchos.

No meu entendimento, a história da caudilhagem é uma sucessão imensurável de roubos, latrocínios, estupros e massacres. E é insustentável o argumento de que os caudilhos devem ser julgados segundo o ambiente em que viveram. Aceitá-lo seria negar que, até mesmo leis ancestrais como o Código de Hamurabi e o Decálogo Bíblico, sempre reconheceram as práticas caudilhescas como crimes dos mais graves que alguém poderia cometer. Aceitá-lo seria admitir a vontade de cada um como única e universal norma de Direito.

Apresento muitos desses crimes em O Massacre de Porongos & Outras Histórias Gaúchas, como a matança dos lanceiros negros, a 14 de novembro de 1844, justamente às vésperas de Anto-

nio Vicente da Fontoura seguir para o Rio de Janeiro como representante dos farroupilhas, para acertar a paz com o Império.

Assim, o livro foi oficialmente lançado no dia 16 de junho de 2010 (quarta-feira), às 19 horas, tendo como local o auditório da APL (Av. Brasil Oeste, 792), em Passo Fundo. Na oportunidade, recebi a generosa e ilustrada contribuição de diversos amigos, como os historiadores Adelar e Setembrino Dal Bosco, o psicólogo clínico, poeta e pensador Getúlio Vargas Zauza, que participaram da discussão sobre os temas tratados nas “linhas e entrelinhas” do livro.

A capa de O Massacre de Porongos & Outras Histórias Gaúchas é arte de Everaldo Siqueira. Reproduz os lanceiros farroupilhas (do quadro Carga de Cavalaria, de Guilherme Litran, acervo do Museu Júlio de Castilhos), sobre fotografia de Paula Tatsuia Machado Monteiro, retratando trecho da Rua Teixeira Soares, entre as ruas Paissandu e Uruguai, onde existia uma casa de Manoel José das Neves (Cabo Neves), que serviu de quartel às diversas forças imperiais e republicanas, que passaram por Passo Fundo, durante a Revolução Farroupilha. Ali também acamparam muitos dos lanceiros negros massacrados no Cerro de Porongos.



(Paulo Monteiro, jornalista e historiador, é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



Quando chegar a hora

Quando chegar a hora,
saberei que devo partir
para bem longe daqui,
onde a falta de amigos
e os lugares
não me magoarão,
indicando que meu tempo
está quase esgotado.
Sou mais passado que futuro.
Quando chegar a hora,
partirei.
Serei uma ave que pouso
e ninguém saberá por quanto tempo.
Não quero viver só de lembranças,
quero apenas viver
o tempo que me resta.

Noite de São João

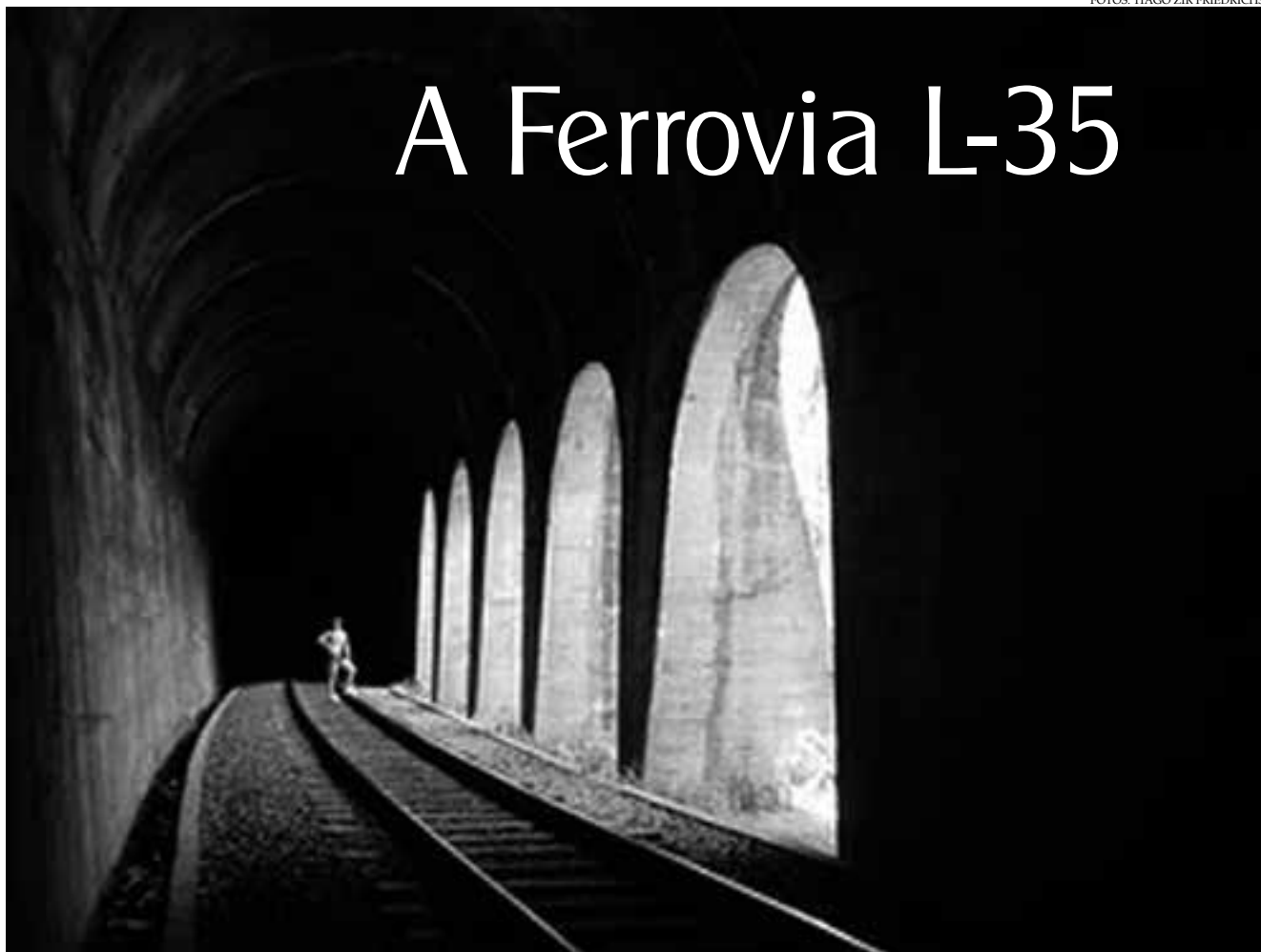
Na noite de São João,
há fogueiras,
balões de cores,
moças faceiras,
vestidas de chita,
enfeitadas em fita.
Há namorados no jardim,
escondidos nos caramanchões,
e em seus corações há ilusões.
Como é bom ter ilusão
na noite de São João.

Desse amor

O véu da noite
envolve a terra em seus braços
Desse amor imenso
as estrelas são pedaços
que, por descaso,
vão povoando o céu.
Já pequeno o espaço,
nascem flores que,
na profusão das cores,
unem a terra ao céu.

(Craci Dinarte é poetisa e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

A Ferrovia L-35



SANTO CLAUDINO VERZELETI

A construção do tronco sul de uma estrada de ferro, ligando os municípios de Rio Grande, Pelotas, Porto Alegre, Passo Fundo, Iraí e Foz do Iguaçu, seria a redenção do sistema ferroviário do centro do estado e o conectaria com os países andinos. Isso em meados do século XX.

Por esse motivo foi iniciada a edificação do principal trecho, Passo Fundo/Porto Alegre, da L-35, também chamada Ferrovia do Trigo, atualmente EF-491.

Resultado de um projeto de alta tecnologia, de traçado retilíneo e construída para bitola estreita, apresentava infraestrutura para implantação imediata de bitola larga e, em razão disso, projetaram-se inúmeros túneis e viadutos gigantes, tornando seu custo extremamente elevado. Devido ao excessivo ônus, o Ministério dos Transportes encomendou à Empresa de Assessoria e Planejamento (Asspan), um estudo sobre a viabilidade econômica da Ferrovia do Trigo. O resultado do trabalho sugeriu a impossibilidade

da sua conclusão até o ano de 1988.

O efeito foi imediato. Em carta-circular aos empresários da região, o engenheiro-chefe do Distrito Ferroviário, com sede em Porto Alegre, comunicava o encerramento dos trabalhos na L-35, e das respectivas medições, para acerto final com as empreiteiras. Formou-se assim o consenso geral de que a Ferrovia do Trigo estava definitivamente sepultada.

Foi quando o Dr. Salim Buaes empunhou a bandeira da missão quase impossível, qual era a de concluir a ferrovia Passo Fundo/Porto Alegre. Diretor da Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas da adolescente Universidade de Passo Fundo, Buaes assumiu o comando da ingente tarefa. Em seminário na Universidade, com os participantes desesperançados, foram criadas várias comissões de trabalho. As pesquisas ficaram por conta das faculdades de Economia e Agronomia.

Certa feita, estávamos em audiência com o Ministro dos Transportes, Mário Andreazza, no Rio de Janeiro, quando o Dr. Salim iniciou a exposição de nosso objetivo. O ministro atalhou, claro e in-

cisivo: “A prioridade do Ministério dos Transportes, no Rio Grande do Sul, era a barragem no Rio Taquari, tornando-o navegável do porto de Estrela até a Capital e, em decorrência, até o porto de Rio Grande.” Com as pesquisas em mão, o Dr. Salim provou ao ministro que 52% da produção de grãos, no Estado do Rio Grande do Sul, se concentrava nas regiões do Planalto Médio e das Missões, na ponta norte da L-35, e que Porto Alegre restaria prejudicada sem a alimentação dessa ferrovia.

A etapa seguinte foi trazer para o campo de luta a imprensa e as lideranças do Estado, com toda a comunidade apoiando o projeto.

O sonho da Ferrovia do Trigo renasceu, ao ser instalado, em Passo Fundo, o Polo Petrolífero, que passou a distribuir produtos de petróleo para todo o norte do estado e o oeste catarinense, com uma enorme economia nos fretes.

E a L-35, hoje EF-491, desvencilhada da mentalidade estreita da administração estatal, veio a ser um dos maiores empreendimentos econômicos, oportunizando um desenvolvimento considerável para toda a região. A participação

do povo qualificou os argumentos de sua efetivação. No plenário da Assembléia Legislativa, o deputado Darciilo Giacomazzi pronunciou-se a respeito da L-35, aplaudindo as reportagens do jornalista Antônio Carlos Ribeiro, que demonstrou a viabilidade econômica da ferrovia, contestando o Ministério dos Transportes. O jornal *Correio do Povo* abraçou a causa com um trabalho magnífico, que fez despertar o Governo federal e, especialmente, o Congresso Nacional, quanto à relevância do projeto.

Tais manifestações motivaram também o apoio de entidades representativas do município e de toda a região circunvizinha. Entre elas: a Universidade de Passo Fundo, a Prefeitura Municipal, e outras de destacada atuação na vida política local e regional.

Entretanto, o impasse da ligação ferroviária com Passo Fundo permanecia, a despeito de o jornal *Correio do Povo*, em várias edições, emitir comentários contundentes acerca da odisseia da ferrovia que não chegava ao fim.



Por sua vez, *O Nacional* e o *Diário da Manhã*, de Passo Fundo, hipotecaram solidariedade à causa, com manchetes favoráveis ao clamor do povo.

Finalmente, depois de quase meio século, a importante estrada tornou-se realidade. Sem sombra de dúvidas, um marco no desenvolvimento econômico de grande extensão do Rio Grande do Sul que, por esse feito, muito deve a Eurico Gaspar Dutra, Clóvis Pestana, Ernesto Geisel, Dirceu Nogueira, Murilo Coutinho Annes, Salim Buaes e Mário Menegaz.

A inauguração aconteceu durante

a administração municipal Wolmar Salton/Firmino Duro, e possibilitou a Passo Fundo tornar-se um dos maiores, se não o maior, centro agroindustrial e comercial do interior do Rio Grande do Sul. (Mais detalhes sobre o assunto, podem ser encontrados na obra de Salim Buaes: *Perspectivas do desenvolvimento econômico e social de Passo Fundo*.)

(Santo Claudino Verzeleti é membro da Academia Passo-Fundense de Letras e da Academia de Ciências Contábeis do RS. Fundador do Centro Cultural Italiano Anita Garibaldi)

Pensamentos

HELENA ROTTA DE CAMARGO

Quando você ri, sem que seu coração participe, não passa de um palhaço desengonçado.

É tão catártica a piscina do perdão, que saímos de suas águas purificados e ungidos.

Se a vida não fosse uma viagem sem volta; se permitisse reaver a travessia gasta, a órbita desfeita, a seara em ponto de corte, mais estreita resultaria nossa cumplicidade com a sua preservação.

Sempre que alguém decide escrever um livro, propõe-se a depor perante a história.

Depois de esburacados os sonhos e desfiadas as esperanças, que resta ao homem senão recomençar a tecê-los?

O mau-caráter age qual uma serpente. Guizo e veneno a serviço da traição.

Assim que o sol começa a espiar pela vidraça, está na hora de pôr a noite pra dormir.

Na mão dos benfeitores, a doação se fluidifica, e o ouro dela respinga os agraciados.

A igualdade de direitos entre homem e mulher continua sendo obra de ficção.

Para melhor vislumbrar a ventura, basta instalar nossa lâmpada no pórtico do coração.

Por mais selvagem que pareça o sofrimento, há nele uma nesga de brandura que tolhe seu instinto predador.

O mundo está repleto de Judas e Cains, com o encargo de arrebanhar gente para os esquadrões de Lúcifer.

A alvorada do perdão, com seu brilho e cheiro peculiares, faz a culpa encolher-se até os porões do esquecimento.

Salvo melhor juízo, a imortalidade frequenta três pedestais: da arte, da ciência e da santidade.

No anonimato dos mosteiros, as violetas pregam a humildade, enquanto os narcisos exaltam o pudor.

(Helena Rotta de Camargo é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Lagartixa: o mais jovem artista e humorista brasileiro

(FOTOS: ARQUIVO O. G. AYRES)



ODILON GARCEZ AYRES

Ele veio ao mundo no dia 18 de março de 1930, e não se sabe por quem, foi deixado na porta da frente do restaurante e pensão do senhor João de Senna e de dona Theresa Demeneghi, ali naquela casa de dois pisos, na esquina da rua Paul Harris com Benjamin Constant. E, como um anjo sardento, de cabelos afoqueados, foi criado como filho, com a mais esmerada educação e dentro dos princípios católicos, pois sua nova mãe, de sobrenome “de Senna”, puxava o terço todas as noites, em dialeto italiano, com o menino ao pé da cama.

Depois dali o casal teve restaurante na rua General Osório, esquina com 7 de setembro; na Av. Brasil, na calçada alta; e, com a morte do seu João, dona Thereza fornecia pensão e vianda para muitos funcionários da Brahma. A

criança cresceu e se tornou adulta, um rapagão, meio alto, forte, mais gordo que magro, e com aquelas características já definidas, pois parecia um cavalheiro inglês, caminhando sempre em disparada, no meio da gauchada.

Desde sua mocidade, começou a integrar-se na vida social passo - fundense, e a definir sua veia humorística, e ainda muito jovem vou de trem para São Paulo, onde faz um curso de ventríloquo. De lá mesmo, descendo pelo Paraná e Santa Catarina veio fazendo suas apresentações humorísticas, até chegar de regresso a Passo Fundo, intitulando-se como “Maurell Blanders”, o mais jovem humorista passo-fundense. Bem apessoado, de uma alegria contagiante, arregimentava gaiteiros, músicos, trovadores, duplas e trios caipiras, para tomarem parte nos seus espetáculos, muitos de caráter beneficente.

Em carreira solo, apresentava-se ao público com o apelido de “Rielinho”,

como bem lembrou o Dr. Paulo Giongo (que eu, sinceramente, não sei o que significa). Mas este personagem durou pouco tempo, pois vinda de São Paulo, aparece aqui uma dupla sertaneja, digo, caipira, (quem sabe criada por ele mesmo). Eram eles: Jararaca (da dupla Jararaca e Ratinho) e Lagartixa, (o nosso Rielinho) o apresentador que com o tempo, avocou a si este apelido, que se tornou famoso em Passo Fundo, Coxilha e Carazinho. Lagartixa!

Os seus programas radiofônicos eram pura alegria, pois, apresentava-os, meio agauchado, meio acaipirado, entrecortado de chavões, ditos e chistes, entreverados com a imitação do coaxar de rãs, sapos e pererecas, cacarejos de galinhas, cantos de galos, piados e gorjeios de passarinhos, e cricrilar de grilos. Este foi a sua marca, pois a criança que o encontrava, sempre pedia a imitação do grilo: “Cri, cri, cri, cri!” E lá se ia ele, rindo de sua própria imitação. Ainda por

cima fazia mágicas, e era ventríloquo, pois desde 1948, com apenas 17 para 18 anos de idade, praticava esta arte com esmero e com afinco. Apresentou-se no Brasil inteiro, como músico e humorista, e depois voltou para apresentar-se na sua querida terra de Passo Fundo, excursionando por Coxilha, Sertão, Ernestina e Marau, e outros distritos da capital serrana, para mostrar a todos a sua arte, com o nome inglesado de Maurell Blanders. E foi assim que o mais jovem ventríloquo brasileiro e passo-fundense, apresentou aos mais variados públicos do país, as suas notas de humorismo, imitações, magias, telepatias, e os sensacionais números de Pimpinela e Anestésio, bem como, a magia da caricatura.

Nas suas andanças pela capital paulista, integrou o trio sertanejo composto por Serrinha, Rielinho e Caboclinho. Com a saída de Caboclinho, entra Zé do Rancho, na formação do Trio Sertanejo mais querido do Brasil, e o mais afinado, segundo me disse textualmente o Sr. Arlindo Rodrigues (o nosso Serraninho), pois este trio, Serrinha, Zé do Rancho e Rielinho, atuavam no Estado de São Paulo, eram famosos, eram letristas, faziam música, e gravavam junto com Tonico e Tinoco, sendo um dos seus sucessos, “O que tem a rosa”, e suas letras e músicas serviram de inspiração para o nosso trio passo-fundense, Cartucho, Cartola e Cartolinha. Embora pouco conhecida, essa faceta histórica do nosso biografado, dá para imaginar o prestígio de que Rielinho desfrutava no meio artístico paulista.

Namorado inveterado, quando tinha mais ou menos vinte e um anos, enamorou-se de uma moça lá do rio Toldo, de nome Izolina Andrade, e anunciou, o seu noivado no jornal. Mas, em 09 de abril de 1951, casou-se em Passo Fundo, com a senhorita Linda Fontana Leone. E, em 1952, funcionário que era, foi nomeado Agente dos Correios de Coxilha, onde conheci o casal juntamente com seu filho, João Luiz Leone de Senna. Transferido para Uruguaiana, deu um jeito de voltar depois a Passo Fundo, e o vi pela última vez em 1958, quando foi transferido para a Agência dos Correios de Carazinho, onde se integrou, na comunidade, continuando suas atividades humorísticas, nos palcos, nos picadeiros dos circos e nas rádios. E além disso, tanto aqui como lá, atuou como juiz de futebol, militou no PSP e foi candidato a vereador; fez parte da 1ª Diretoria do



Lyons Clube de Tapera, gestão 63/64; participou da fundação do CTG Lalau Miranda, ao lado de outros históricos fundadores, e se integrou aos programas radiofônicos junto com a gauchada. Foi também apresentador do CTG Pedro Vargas e, dentre os seus amigos, podemos enumerar o Sr. Jorge Buaes, o Dep. César Prieto, o Dep. João Goulart, o Dep. Ortiz Borges e o Presidente da República Getúlio Vargas.

Lagartixa foi um humorista de renome em toda a região serrana, mas aí veio a separação de Linda, quando Luiz foi morar com sua avó Thereza. E Bráulio de Senna - este era o nome do Lagartixa - casou-se com Noemia Martins Pedroso, nascendo deste casamento o Joel, (que herdou os dotes artísticos do pai), a Maria, o Jorge, a Fátima e o José Luís Pedroso de Senna.

Tudo ia muito bem para o Chefe do Correio, até que estourou a Revolução Militar de 1964, e o nosso personagem, como bom “brizolista” que era, dizem, fazia parte do Grupo dos 11, e antes que houvesse a voz de prisão, de inopino, resolveu fugir, à noite. Só teve tempo de fazer uma mala de roupas, e segredar para o filho João Luiz (com treze anos) sobre sua fuga, pedindo-lhe que cuidasse da mãe, e da avó, e que não se preocupasse, que ele não voltaria jamais a Carazinho.

Adeus ao torrão querido, adeus à que-rência serrana, e adeus, a duas famílias que dependiam do seu trabalho, do seu sustento. Foram contudo, às crianças, as que mais sentiram a mágoa, a dor da saudade pela ausência do pai e amigo, que os cricilava e os acariciava sempre. Lagartixa sumiu, nunca mais ninguém soube dele, até que, em 1978, alguém trouxe a notícia ao seu filho primogênito, que o encontraram em Francisco

Beltrão, no Paraná, trabalhando como humorista, com o nome de “Lima Filho”.

Meu amigo de infância, e hoje, Diretor Executivo do Hospital de Caridade da cidade Ijuí, que honrou o pedido do seu pai, cuidando da sua avó até os últimos dias, e que nunca desistiu de procurar por ele, assim que pode, foi até aquela cidade, com o coração cheio de esperança de reencontrar seu querido genitor, Bráulio de Senna, vulgo, “Lagartixa”.

Quis o destino, porém, que o filho chegasse tarde, Lima Filho existira de verdade, e seu nome está escrito no túmulo. Entretanto, até hoje ninguém sabe tratar-se realmente do personagem folclórico que, por duas décadas, tornou nossos dias mais alegres.

Em 2001, nova busca, foi realizada, desta vez nas localidades de Dionísio Cerqueira (SC), Barracão (PR) e Bernardo de Irigoyen (Mendoza - Argentina), devido a informações de que o teriam encontrado. A afirmação era do senhor Reinaldo de Carazinho que, em visita a um familiar em Pato Branco/PR, foi passear na tríplice fronteira e lá encontrou o velho amigo Bráulio, conhecido como “Gaúcho”, no lado dos “hermanos” argentinos, vendendo queijos e se queixando de doente. Esta procura também foi infrutífera.

Seja, como Rielinho, Maurell Blanders, Lagartixa, Lima Filho, ou Gaúcho, Bráulio de Senna, filho de Passo Fundo, o mais jovem artista e humorista brasileiro, vive ainda no nosso imaginário, como um dos mais perfeitos humoristas do sul do Brasil. Seus filhos continuam com a esperança de encontrá-lo com vida e saudável.

(Odilon Garcez Ayres, romancista e historiador, é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



Museu da Ciência - Universidade de Coimbra

Nascimento e crise da universidade

DILSE PICCIN CORTEZE

A Universidade surgiu como contemporânea de uma transição, no momento em que a Europa dos dogmas e do feudalismo iniciava seu rumo ao renascimento do conhecimento, e à racionalidade científica, do feudalismo ao capitalismo. Redescobrimo nos conventos, por obra de judeus e muçulmanos, o conhecimento da filosofia clássica dos gregos, a universidade foi instrumento da criação do novo saber que serviria ao novo mundo, que surgiu entre o fim do feudalismo dogmático e a consolidação do liberalismo capitalista.

De certa forma, a universidade retomava a experiência das “academias” platônicas da Grécia clássica, quando, a partir do século VI a C., o pensamento começou a fazer uma transição do pensamento mítico para a racionalidade.

A inquietação humanista, que fez surgir a lógica na Grécia e, quase dois mil anos depois, o racionalismo na Europa, não é suficiente para criar uma maneira de pensar que responda às exigências do momento. Com isso, o final do século XIX apresentou à humanidade o desafio de imaginar utopias alternativas, ou de sacrificar valores consolidados nos

últimos séculos, como a igualdade e a liberdade. Acrescentando-se a isso, a ciência começa a manifestar dúvidas sobre o caminho à certeza. Desta forma, as artes perdem os alicerces dos valores estéticos, e sobretudo a técnica reconhece a necessidade da ética.

A cidade portuguesa de Coimbra é sede de uma das Universidades mais antigas de que se tem notícia, a Universidade de Coimbra, criada em 1288. Para seguir seus estudos superiores, era para lá que iam os filhos de brasileiros abastados, durante o período do Brasil Colonial e Imperial. Os cursos mais procurados eram Direito e Medicina. Ainda nos dias atuais, a universidade é bastante procurada por estudantes de vários países, pelo seus exigentes programas acadêmicos e um elevado número de unidades de investigação acreditadas, sendo assim considerada a mais internacional das universidades portuguesas.

No Brasil, o termo ‘Universidade’ é utilizado, frequentemente, em referência ao conjunto das IES brasileiras, abarcando um conglomerado de instituições com diferentes características quanto ao desenvolvimento das atividades de ensino, pesquisa e extensão, além de tamanho, fontes financiadoras, sistemas jurídicos. Ou seja, denomina um sistema

heterogêneo e complexo.

Na década de 1930, no Brasil, o ensino superior passou por grandes mudanças. Universidades foram criadas e organizadas de tal maneira a permitir autonomia didática e administrativa, com ênfase na pesquisa e na difusão da cultura. Em 1934, surgiu a primeira Universidade no país sob estes moldes, a Universidade de São Paulo (USP).

No final da década de 60, a Reforma Universitária de 1968 (RU/68) determinou que as instituições de ensino superior (IES) brasileiras adotassem, via de regra, o modelo de Universidade moderna, que associa ensino e pesquisa e contempla diversas áreas do conhecimento. A introdução de pesquisa na Universidade, naquele momento, aspiração de diversos segmentos da sociedade, era tida como via para o desenvolvimento científico e tecnológico autônomo. Mas, em menos de uma década, a produção acadêmica e periódicos informativos eram pródigos em abordar a crise da Universidade pública brasileira, focando a discussão nas (im)possibilidades e (des)vantagens do Governo Federal manter o modelo moderno.

Nos anos de 1980, em crise em todo o mundo ocidental (tanto nos países centrais quanto nos periféricos), a instituição acadêmica apresentava-se como

custo para os Estados que assumiam configuração neoliberal. Esta temática perdurou até meados da década seguinte, quando a Lei de Diretrizes e Bases de 1996 (LDB/96) e legislação complementar não mais definiam a Universidade como instituição pluridisciplinar que associa ensino e pesquisa. Deste modo, a partir de então, passou-se a debater, mais fortemente, as causas e implicações desta política para a estrutura de pesquisa do país.

Todo o cenário se prepara para viver as inovações trazidas pelo século XXI, mas a universidade, acomodada, reage contra, ou seja, limita sua luta à repetição, à defesa dos currículos, ao monopólio do diploma, à reivindicação de direitos e não raros privilégios, ao cumprimento de normas e planos de carreira. Cristovam Buarque afirma que: “A comunidade universitária esquece que sua grande aventura está em inventar-se outra vez, para ser um instrumento de ruptura, de invenção de um pensamento para conviver com o presente e construir o futuro”.



Universidade de São Paulo - USP

Apostando nesta reinvenção, os cursos técnicos surgem como instrumento para suprir a urgente demanda do mercado de mão-de-obra especializada, e com isso preencher espaços que os profissionais com cursos superiores, formados por estas universidades, não estão conseguindo suprir.

As mudanças constantes que vêm

ocorrendo na sociedade moderna se associam ao processo científico-tecnológico, valorizando as inovações e definindo novas relações de produção e novas regras de convivência entre os indivíduos.

(Dilse Piccin Corteze é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Poesia

CRACI DINARTE

Hino à vida

Há dias de beleza imensa:
a natureza se enfeita,
o sol é mais dourado,
os prados são mais verdes,
as flores são mais belas,
e um doce perfume
espalha-se pelo ar.
Em cada canto,
há promessas de dias melhores,
muito iguais a estes.
Os pássaros cantam
e sei que muitos
os acompanham
em seu ninho de amor e vida.

Ser presente

No cantinho preferido,
descontraída,
vou deixando o sonho
tomar conta de mim.
É um sonhar passado,
é um sonhar futuro.
O “eu” já não existe,
faz parte total do sonho.
Mas o presente
não admite esse sonho,
quer a realidade
e busca-me.
Volto lentamente,
com receio de ser presente.

Opção

A opção é uma constante
em nossa existência.
O sim,
o não
e o talvez.
Hoje digo sim,
amanhã digo não,
depois digo talvez
e sempre há opção.
Mas direi sempre não
à solidão,
talvez à paixão.
E sim, sempre sim,
à plenitude de viver.

A procura

Andei por montes e vales
na procura constante
de um ninho e da paz.
Chega o cansaço,
mas não posso parar.
Preciso chegar
ao final do caminho,
repousar a minh'alma na paz
e meu corpo no ninho.

(Craci Dinarte é poetisa e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Czamanski - O senhor dos retratos de Passo Fundo



GILBERTO PACHECO

Diante de mim – um livro! – que, conforme o dito popular, “fechado, é um amigo à espera! Aberto, um sábio que fala!”

Este, pelo “apelido”, é especial. Na certa – muito histórico!

Será, com certeza, duma leitura fácil, nostálgica, profunda!

Contará, numa compreensão de criança (que é mais espetacular, espontânea e difícil: “gosto ou não gosto! Que ruim ou... que legal!”), Passo Fundo, no “clique mágico de Czamanski” (aquele que, com toda a certeza, mais reteve o tempo da história passo-fundense.).

Não morro de amores pela Capital do Planalto Médio, por uma questão de divisa. Coxilha, minha realidade factual e virtual, passou anos e anos, num estado de subordinação e dependência, difícil de ser absorvido agradavelmente, porém, seria um deslize, um pecado grave, desconhecer a pujança e a representatividade da terra de tantas personalidades ilustres, da cultura, da tradição e de tantas qualidades singulares, que

compõem, linda e magnificamente, o retrato bem-focado dum Rio Grande do Sul/Brasil!

E o senhor dos retratos históricos da vida passo-fundense nos contempla com um vigor grandioso: Passo Fundo, num passo a passo firme, forte, vigoroso, esplêndido, naquele seu crescimento gradual. Quase surpreendente. Daquela sua “pequeninha cidade gaúcha”, a essa metrópole bonita, ordenada, e cidade-mãe de tantas outras, que surgiram em suas adjacências.

Czamanski soube captá-la, através de sua máquina de retratos.

Através das suas fotos, as tendências da moda; o surgimento de prédios; a vida feliz e agitada de seus munícipes; o registro daquela Passo Fundo do rio e da ponte histórica; com um Teixeirainha e seu violão, com Mary Terezinha e sua gaita, num momento de glamour; com colégios que formaram tantos passo-fundenses ilustres, com suas espetaculares avenidas e ruas, e com seus becos. Caras e mais caras! Lindas, feias e com o traço autêntico, próprio do gaúcho de Passo Fundo!

Ele mostra, acima de tudo, que foto é

documento! Além de uma arte de fixar – estaticamente – aquele instante, aquela passagem que só se sucede uma vez, e que, se não for clicada na hora certa... dançou! Passou! Nunca mais! Conforme, Pitágoras, genericamente, “tudo é número” inclusive esses acontecimentos registrados com um sabor de “para sempre”, eternamente Passo Fundo!

Folhear Passo Fundo – memória e fotografia – é como viver de novo aquele espetáculo magnífico do show da vida passo-fundense. O prazer disso é como estar sorvendo prazerosamente o gosto do mate amargo do gosto e aquela costela “loca de buena”, ou ouvindo as marcas antigas, tiradas por um gaitero macanudo, ou ainda, estar de namoro firme com aquelea guria dos sonhos e dos encantos...

Por tudo isso, senhor dos retratos históricos, do meu e dos muitos outros: Obrigado! – Passo Fundo, por justiça, te deve e é grato. Muito grato! Esteja certo disso!

(Gilberto Pacheco é membro do Centro de Letras do Paraná.)



Jacob Stein, o padre que praticava esportes

ANTONIO AUGUSTO MEIRELLES DUARTE

Nasceu em Porto Alegre, no dia 1º de maio de 1923, filho de Aloysio Stein e Verônica Bervian. Foi batizado na matriz da paróquia São Pedro, na Capital, e meses após, Jacob Stein marcaria sua longa existência em Passo Fundo, onde viveu a maior parte dos seus 87 anos.

Após concluir os estudos fundamentais foi para o seminário, em Santa Maria, em 1940. Kursou Filosofia em São Leopoldo e Teologia em Belo Horizonte. Foi ordenado por Dom Antônio Reis, bispo com sede em Santa Maria, ordenação que aconteceu na paróquia Bom Jesus, em Carazinho, em 30 de setembro de 1947.

Em 1950, chegava a nossa cidade como Vigário Cooperador da catedral Nossa Senhora Aparecida. Aqui, além do sacerdócio, exerceu o magistério no então ginásio Osvaldo Cruz, em 1956 e, no ano seguinte, na escola normal Osvaldo Cruz. Em 1958, foi professor na Faculdade de Filosofia. No dia 17 de março de 1967, foi dispensado do ministério sacerdotal pelo Papa Paulo VI. Ingressou na Faculdade de Direito e concluiu o curso com raro brilho. Advogou por muitos anos em Passo Fundo e cidades vizinhas. Foi casado e teve três filhos. Ao falecer, vivia sob os cuidados de irmãos aqui residentes.

Quando sacerdote, com sua vistosa batina, era o único visto, diariamente, no início das tardes, tomando o clássico cafezinho das 13h30, rodeado por médicos, advogados e empresários. Gostava muito de esportes. Praticou vários, ainda como sacerdote. Brilhava mais intensamente no pingue-pongue e no xadrez.

No primeiro deles, disputou vários campeonatos, que eram promovidos pela Caixa Econômica Federal, proprietária de um amplo local, onde é hoje a parte térrea da sede social do Clube Caixaerial. Mesmo com batina, tinha grande agilidade, deslocando seus adversários na outra extremidade da mesa. Um grande público sempre prestigiou as competições em que padre Jacob estava inscrito. Vencê-lo era uma glória para qualquer um.

No xadrez, tinha como oponente Armin Guttmann, um alemão vindo da Europa no pós-guerra. Nessa área sempre havia duros competidores. Na inauguração das piscinas do Gaúcho, lá estava padre Jacob para dar bênção as instalações. Até em competições de rua, a pé ou de bicicleta, lá estava ele, para dar as largadas, pois era o preferido dos competidores. Uma de suas grandes obras para a Igreja foi a construção da até hoje utilíssima Casa de Retiros. Dom Cláudio conseguiu um belo carro importado e promoveu uma rifa, só entre os ricos da cidade, pois eram poucos números, para não atrasar muito o iní-

cio da construção. Ele chamou o padre Jacob que, por conviver com a classe dos chamados ricos e abonados, não teve muito trabalho em colocar todos os números, apesar de poucos entenderem o que era uma Casa de Retiros para leigos. A fama correu ligeiro na cidade e qualquer rifa que fosse lançada, o primeiro a ser procurado, para comprar uma cartela ou número, era exatamente o padre Jacob, que demonstrava muita intimidade com a matéria. Na catedral, formou uma dupla com o pároco José Gomes, que se tornou depois bispo de Bagé e de Chapecó, onde faleceu e está sepultado.

Padre Jacob gostava muito de Passo Fundo, onde viveu a maior parte de sua vida e onde faleceu. Tenho certeza de que, se dependesse de seu último desejo, seria aqui sepultado, pois deixou entre nós vários parentes, inclusive irmãos. Os filhos, porém, preferiram levá-lo para São João dos Pinheirinhos, na chamada Grande Curitiba, onde foi sepultado. Quando para cá voltei, em 1952, ele me deu uma grande colaboração em minha luta para conseguir a transmissão da missa dominical das 10h, na catedral. Ia comigo em busca dos patrocinadores. Conseguimos o que queríamos e o programa perdurou por cinco anos.

(Antonio Augusto Meirelles Duarte, jornalista e advogado, é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Fredolino Chimango:



um passo-fundense da Segunda Guerra Mundial

DIEGO CHIMANGO

Ao passar pela Rua Teixeira Soares, em frente às antigas instalações do quartel do Exército, onde há um estádio chamado Fredolino Chimango, muitos passo-fundenses devem indagar a si próprios sobre quem foi esse homem. Infelizmente, a grande maioria dos munícipes desconhece a importância desta ilustre figura. Foi ele um dos bravos soldados brasileiros que lutou nos campos da Itália, para conter o avanço das tropas nazistas no mundo. Existem poucos registros sobre sua vida, e muitos mistérios circundam sua morte.

Gaúcho, nascido em Passo Fundo, em 19/04/1921, Fredolino Chimango era o 2º filho de uma família de 11 irmãos, o pai chamava-se Edmundo Chimango, e a mãe Gabriela Francisca da Silva Chimango. A humilde família de agricultores residia no interior do município. E Fredolino estudou na escola existente na localidade denominada Rio do Peixe. Mais tarde, o jovem

mudou-se com a família para o distrito de Água Santa, onde trabalhou nos Engenhos Scheleder e Busquirolo. Segundo o relato do Sr. Miguel Chimango, 76 anos, irmão de Fredolino e residente em Passo Fundo, o jovem apresentou-se como voluntário ao serviço militar, no 8º Regimento de Infantaria em Passo Fundo, antes mesmo de completar 18 anos. Assim que alcançou essa idade, foi convocado para servir em Quaraí (RS), em seguida foi para São João Del Rei (MG) e, finalmente, para o Rio de Janeiro (RJ), onde ficou por mais de um ano. Após o cumprimento do serviço militar obrigatório, o jovem Fredolino retornou ao seio da família, trabalhando como serralheiro em sua terra natal.

Enquanto isso, os horizontes foram enegrecendo, com o início da Segunda Guerra. Sob o comando de Adolf Hitler (Alemanha) e Benito Mussolini (Itália), o avanço do Eixo iniciou um massacre de 65 milhões de judeus, fazendo também inúmeras vítimas em todo o mundo.



De 1939 a 1941, o Brasil permaneceu como fornecedor de subsídios, para ambas as potências envolvidas no conflito. Naquela época, o país vivia a Ditadura do Estado Novo, instituída por Vargas, a qual possuía vários pontos semelhantes à ditadura fascista. Em contrapartida, o país dependia economicamente dos EUA, ferrenhos inimigos do Eixo. Esse quadro se manteve até a manhã de 06/12/1941, quando os japoneses atacaram a Base norte-americana de Pearl Harbor, provocando o ingresso dos EUA na guerra. Um mês depois, num congresso das Repúblicas Americanas no Rio de Janeiro, o ministro Oswaldo Aranha anunciou o rompimento das relações diplomáticas do Brasil, com os países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão).

A atitude revoltou o ditador alemão Adolf Hitler, que desencadeou uma ofensiva submarina na costa brasileira, naufragando 5 navios e 31 barcos da marinha mercante brasileira. No dia 22/08/1942, irrompeu no rádio o prefixo

do Repórter Esso, transmitindo à nação brasileira a Declaração do “estado de guerra”, contra a Alemanha e a Itália. Assim, o Brasil ingressou na Segunda Guerra Mundial, unindo-se aos EUA, França e Inglaterra. Houve uma mobilização intensa em todo o país, e foi criada a Força Expedicionária Brasileira (FEB), força militar que reunindo 25.300 homens aguerridos, que foram lutar nos campos de batalha do Velho Mundo. O Exército Brasileiro passou a convocar os soldados da ativa e também os recrutas já dispensados, que ainda eram solteiros.

Dessa forma, o cabo Fredolino Chimango foi chamado a incorporar-se à 1ª Divisão de Infantaria do Exército. Mas sua convocação não chegou a tempo, pelo fato de ele residir no interior de Passo Fundo. Entretanto, sabedor de seu dever patriótico, Chimango deixou o seio da família e apresentou-se ao Exército, seguindo para o Rio de Janeiro. Finalmente, embarcou num navio, em 20/09/1944, com a segunda leva de homens que envergaram a farda verde-oliva, nos campos de batalha italianos. O Sr. Miguel Chimango lembrou a presteza e o notável carinho que o jovem tinha por seus familiares: “Tratava-se de um rapaz muito inteligente, dono de uma personalidade incrível.” Num relato emocionante, Miguel rememorou o momento da amarga despedida dos familiares. “Foram muitos os pedidos de minha mãe para que o filho querido não fosse para a guerra. Parece que ela presentia o que aconteceria mais tarde. Ao abraçar nossa mãe, Fredolino proferiu as palavras: “Mãe, prometo enviar-lhe cartas todas as semanas. Você estará sempre no meu coração, assim como meu pai e meus irmãos. Mas se um dia... se um dia sentir que as cartas não chegam mais, é porque seu filho tombou defendendo a pátria. Esteja certa, todavia, de que permanecerá nos meus pensamentos até o último instante”. Infelizmente, o presságio de dona Gabriela consumou-se tempos depois. O Cabo Fredolino Chimango, Id. 1G-293658 - Classe 1919, integrante do 11o. Regimento de Infantaria, lutou bravamente nas batalhas de Monte Castelo, Castelnuovo e Montese.

“As cartas sempre contavam as passagens vividas por meu irmão na Itália de Mussolini, e minha mãe ansiava por notícias todas as semanas. Houve um dia, finalmente, em que as cartas não mais chegaram, o que não



desesperançou Dona Gabriela”, contou Miguel. No dia 16/04/1945, o pracinha foi dado como desaparecido. A notícia consternou seus familiares que, para poupar o coração da mãe do emérito herói, optaram por não informar sobre o desaparecimento do filho querido. Lamentavelmente, Dona Gabriela veio a falecer pouco tempo depois, sem saber que o filho havia tombado em combate. Anos mais tarde, foram encontrados os restos mortais do pracinha. Contam-se várias histórias acerca do desfecho da vida dele. Uma das versões dá conta de que Fredolino fora vítima de uma rajada de balas, na batalha de Montese, no dia 14/04/1945. Conta-se também que um cidadão italiano encontrou o corpo do soldado e cuidou de seu funeral. Outro relato afirma que, quando encontrado, Fredolino Chimango estava vivo, mas devido à gravidade de seus ferimentos, veio a falecer. Segundo Noêmea Chimango Mileski, 78 anos, irmã do pracinha, “ele fazia parte de uma equipe que desarmava minas terrestres e, numa dessas tarefas, a explosão de um artefato tirou-lhe a vida”.

A morte de Fredolino Chimango é cheia de mistérios e lendas, as quais geram diversas perguntas, até hoje sem respostas. Em 1955, os restos mortais dos heróis brasileiros foram transladados, da Itália para o Brasil. Hoje repousam no Monumento aos Expedicionários, no Rio de Janeiro. Há, contudo, uma gaveta vazia neste mausoléu. Na época,

uma família italiana reclamou os restos do pracinha Fredolino Chimango, cujo sepultamento fora impedido em seu país de origem. A solicitação desta família foi atendida, sem grandes interferência dos parentes brasileiros. Hoje, o passo-fundense é o único pracinha brasileiro a repousar no cemitério em Pistoia, representando sua pátria, no espaço reservado à memória dos combatentes. Todos os dias nesse local, é hasteada a bandeira verde-amarela, em sinal de reverência ao aguerrido expedicionário.

O pracinha passo-fundense foi reconhecido e agraciado com as medalhas de Campanha e a Cruz de Combate/2ª classe, em virtude da honrosa atuação na Segunda Grande Guerra. Em sua homenagem, existem, em Passo Fundo, uma escola no bairro Jaboticabal e um estádio na rua Teixeira Soares, onde, há um monumento simbolizando um projétil de fuzil, o qual também leva o nome do combatente brasileiro. Na figura desse jovem, são homenageados todos aqueles que exerceram seu espírito patriótico em favor da liberdade, em especial aos 457 febianos que tombaram em solo italiano. Fredolino Chimango é mais um dos filhos da Capital do Planalto Médio que orgulham esta terra e fazem dela uma terra de passagem, um verdadeiro marco histórico do Brasil.

(Diego Chimango é radialista e pesquisador da história de Passo Fundo.)

Retrato rimado



Eu tive um grande cavalo
Que é parte de meu passado,
Pois, sempre que lembro dele,
Sinto-me todo arrepiado...
Creio que a vida da gente,
Cada período é gravado.
Uma injustiça, se é feita,
Pode escrever que é pecado.
Mesmo que seja pra um bicho,
O tempo guarda arquivado.
Pra mim foi mais do que gente,
Mas não mantive o cuidado.

Servi pra enfeitar meu ego
Em desafios de momento.
Apostas eu ganhei todas,
Corria mais do que o vento.
Companheiro no trabalho
Que nos gerava alimento,
Transportava-me pra festas,
Qualquer outro envolvimento.
Engarubei muitas prendas!
Uma virou casamento!
Também nisso ele sabia
Manter bom comportamento.

Meu cavalo envelheceu,
Deixou de ser arrojado.
Sem ter mais utilidade,
No todo foi descartado.
Soltei na invernada grande,
Pra findar lá entre o gado.
Um dia, montado em outro,
Cheguei perto de um banhado,
Ouvi um barulho estranho
Num brejo meio alagado!
Pois era o meu velho amigo,
Preso e no barro atolado.

Pelo faro, ele sentiu
Que ali eu tinha chegado;
Soltou um fraco relincho,
Querendo ser encontrado!
No barro do desespero,
Meu pensar foi enlameado,
Mas parece que me dizia:
Hoje é desafio pesado!

Pelo tanto que sofrera,
Já fraco e debilitado,
Viveu um fio de esperança,
Ajudando a ser ajudado.

Tentei e fiz o que pude,
Mas nada deu resultado.
Pra essa última carreira,
Por ninguém fui preparado.
Eu quem corria pra ele,
Pra não vê-lo derrotado,
Num esforço derradeiro,
Buscou forças no passado
Em que me dava vitórias,
Pra receber um agrado.
E foi assim que ele lutou
Até morrer de cansado...

Nessa aposta, estava vista
A figura negra no quadro.
E rápido a noite chegou!
O brejo... foi sonorizado,
Por uma fúnebre orquestra
De sapos em sons ritmados,
E só com luz de vaga-lumes
O escuro foi iluminado.
Nesse velório tão raro,
Ali só eu tinha chegado,
Temendo perder-me na noite,
Revi meu mundo passado,
Até surgir um novo dia,
E lá o deixei sepultado.
Saí revendo a consciência
Pelo que me foi mostrado:
Que muito arrependimento
Por vezes chega atrasado.

Chorando um choro engolido,
Sozinho e muito arrasado,
Mesmo assim dessa derrota
Eu decifrei um recado:
Esquecer até que é fácil,
Nem sempre é bom ser lembrado...
E a vida fica sem gosto
Num coração machucado.
Bicho que se torna amigo
Sente, quando abandonado.

Fiz isso pra meu cavalo,
Só por velho ter ficado!
Imaginem, pra uma pessoa
Que foi tudo ao nosso lado!
Já vi pai e também mãe
Que atingem tempo avançado.
Em nada estou comparando,
Mas quanto asilo lotado!
Por isto que envelhecer,
No meu ver, é complicado.
Se um dia eu findar assim,
Foi por não ser perdoado.
Quem desrespeita animais
Não é muito humanizado!
Então não chie, se um dia
Igual a bicho for tratado,
O respeito a nossos idosos
É muito pouco praticado.
O ocorrido com meu cavalo
Deixou-me bem “antenado”!
Envelhecer é um privilégio,
Não sofrer, como um culpado,
Por atos de governantes
E legislador acomodado,
Que só lembra de velhos,
Quando tem que ser votado.
Sei bem que a velhice desses
Não tem brejo e nem banhado.
Há quem diz... E a consciência?
Quem não tem, vive folgado.
E admitindo que tenham,
Por certo deixam de lado.
Porém, o peso da minha
Até que tem me ajudado:
Passei a enxergar idosos,
Não com os olhos fechados,
Pois até cavalo velho
Que tem história e passado,
Não pode morrer penando,
Por não ser considerado.
Um país que age assim,
Prova que é muito atrasado!
Ainda mais se tem riqueza
E divide entre os culpados!
Consciência, por não ter rosto,
Fiz um retrato rimado.



Independência ou Morte!, de Pedro Américo (óleo sobre tela, 1888).

Independência ou morte!

DILSE PICCIN CORTEZE

Todos os anos os brasileiros comemoram a data da Independência do Brasil, com muitos festejos. Passo Fundo se inclui nestas comemorações, dando vivas à Independência e à liberdade. Vemos Bandeiras Brasileiras hasteadas, muito verde-amarelo nas vitrines e nas ruas, o Hino Nacional é entoado nas escolas pelos alunos, repetidamente, desfile de crianças, soldados, etc. Enfim, a Pátria é homenageada das mais diferentes formas.

Cabe a nós refletirmos sobre tais comemorações, rememorando o fato histórico que envolve esta data. O que significou para os brasileiros o grito de Independência dado por D. Pedro, em sete de setembro de 1822? Afinal somos independentes? Qual é a situação brasileira hoje?

É bom lembrarmos que a afirmação do poder, do Estado imperial, significou a consolidação do poder de uma classe social, sobre as demais que compunham a sociedade brasileira, quais sejam, a

dos grandes proprietários de terra escravistas. O projeto de independência que vingou, entre outros possíveis, foi o mais conservador, pois se mantiveram elementos essenciais da antiga ordem, tais como a monarquia, o latifúndio e a escravidão.

Para viabilizar a independência brasileira, em 1822, foi preciso a mediação inglesa, que emprestou vultuosa soma em dinheiro para pagamento da indenização exigida por Portugal. O Brasil começava a sua vida política independente e endividado. Junto com o Estado brasileiro nascia a dívida externa, que tem aumentado muito no decorrer dos anos, e hoje se constitui num problema quase intrançável para a economia Nacional.

Ficamos independentes, oficialmente, de Portugal, mantendo a escravidão, o latifúndio, o predomínio da economia agroexportadora, as enormes desigualdades sociais entre os homens livres e, ainda, o poder da elite agrária, ampliado com a independência. D. Pedro I foi coroado Imperador do Brasil, sem eleições, sem consulta ao povo brasileiro. O Brasil estava se separando de Portugal, mas teria como primeiro governante um

nascido e filho do rei daquele país.

Ao comemorarmos o aniversário de nossa Pátria, nos deparamos com grandes problemas políticos, econômicos e sociais, que fazem do nosso dia-a-dia um pesadelo. Vimos o governo Lula embrenhado em problemas de todo tipo: a corrupção, os sem-terra, os sem-teto, os sem-emprego, reivindicando seus direitos; os latifundiários apegados às suas glebas de terras improdutivas, contrários à reforma agrária, pressionando; a violência cada vez maior; a grande exclusão social...

Nesta data tão comemorada, temos que nos conscientizar de nossa responsabilidade social, como cidadãos brasileiros e como eleitores, exercendo pressão junto aos legisladores, para que sejam aprovadas leis que amenizem tantos problemas sociais, e para que “todos” tenham uma vida mais digna, sem crianças nas ruas, sem fome, sem violência, e que todo chefe de família sinta orgulho de poder criar e educar seus filhos com dignidade.

(Dilse Piccin Corteze, historiadora e membro da Academia Passo-Fundense de Letras, é Mestra em História Regional pela UPF e professora de História da Educação na IDEAU – Getúlio Vargas/RS.)

Criacionismo e evolucionismo

CARLOS ANTONIO MADALOSSO

Desde os mais remotos tempos, discute-se a origem do mundo. Com o desenvolvimento da ciência, mudaram-se alguns conceitos, surgindo três grupos de opiniões diferentes.

Uns acreditam que o mundo foi criado como aí se encontra, por um ser superior. Não houve evolução. São chamados criacionistas.

Outros, em princípio ateus, afirmam que o surgimento do mundo não teve participação de ser superior, e que foi obra exclusiva da natureza que evoluiu em saltos. São os evolucionistas.

Para um terceiro grupo, não há incompatibilidade entre a ideia de Deus, movida pela fé, e a ideia da evolução da natureza, com base científica, movida pela razão.

O que tem atrapalhado esse entendimento são os fanatismos de ambos os lados. Os crentes procuram encontrar explicação na falha da ciência, o Deus das lacunas; e os ateus não aceitam a evidência de um ser superior.

Essa discussão surgiu com os filó-

sofos gregos. No cristianismo, passou a ser uma discussão baseada na fé. A ciência nem sempre foi bem vista pela Igreja. Filósofos árabes, como Averroes e Avicena, tentaram compatibilizar fé e razão, e da mesma forma o fez Santo Agostinho.

O teólogo jesuíta e paleontólogo, Teilhard de Chardin, retomou o tema, tentando compatibilizar a ciência com a fé. Foi mal visto pelo Vaticano que o mandou fazer pesquisas na China. Chardin não se intimidou e produziu diversas obras que não receberam, na ocasião, o imprimatur do Vaticano.

João XXIII e João Paulo II o justificaram, valorizando seus trabalhos. Recentemente, Bento XVI, na festa da Santíssima Trindade de 2009, citou e elogiou as obras desse teólogo pesquisador.

Na comemoração dos 200 anos do nascimento de Darwin, cientista inglês que editou o livro “A Origem das Espécies”, defendendo o evolucionismo, acirraram-se as discussões, tendo sido escritos diversos livros sobre o assunto.

Dois livros chamaram-me a atenção. O primeiro, “Encontrando Deus nas dúvidas”, de Timothy Johnson, médico

e pastor americano; e o segundo, “A linguagem de Deus”, de Francis S. Collins, biólogo e médico americano, diretor do Projeto Genoma Humano que, em 2001, mapeou toda a composição genética do ser humano.

O livro Gênesis, da Bíblia, diz que no início nada havia e Deus criou a luz, a terra, a água, os animais, as plantas e, por fim, o homem. Atribui-se esta parte da Bíblia a Moisés, que a escreveu por inspiração Divina.

Tirando-se o fato de que, na época de sua redação, havia diversos condicionamentos, entre lês, os culturais, pois quase nada se sabia sobre a ciência; os condicionamentos de espaço, por ter sido escrita no Oriente Médio e adaptada para a região; os condicionamentos de raça, uma vez que fora escrita para os semitas; e, por fim, o condicionamento do tempo, que limitava o entendimento àquela época, concluímos que a sequência da criação condiz com os fatos defendidos pela ciência, como os abaixo relatados.

O big bang

Em 1929, o cientista norte americano Edwin Hubble, após dedicado trabalho,



chegou à conclusão de que o Universo estava se afastando progressivamente. Para tal, usou o efeito doppler, que conhecemos ao sentir que uma ambulância, pelo som de sua sirene, está se aproximando ou se afastando de nós.

Esse fenômeno foi comprovado por dois outros cientistas, Arno Penzias e Robert Wilson, ganhadores do Prêmio Nobel em 1978, que identificaram sons que vinham do Universo de uma maneira geral.

Outro fato importante foi a determinação do deutério, isótopo estável do hidrogênio, que se encontra igualmente distribuído no Universo, mostrando que ele teve origem comum.

Munidos desses dados e de tantos outros, os cientistas formularam a teoria universalmente aceita, que é a do “BIG BANG”. Essa teoria mostra que o Universo se originou de uma partícula de energia, há cerca de 14 bilhões de anos, e que, ao explodir, liberou grande energia que foi se transformando em massas celestes, planetas, estrelas, satélites, meteoritos e outros mais.

Para os evolucionistas, esta é a explicação de que a natureza se criou por si só. No entanto, falta a explicação sobre

quem veio antes e quem ou o que foi o responsável por colocar este ponto concentrado de energia.

Para nós, esta resposta está em Deus, pois nossa fé aponta para Ele, como um ser que não teve início e não terá fim.

O evangelho de São João, em seu prólogo, refere: “No princípio já existia o Verbo e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Tudo começou a existir por meio d’Ele e sem Ele nada foi criado”. Considerando que o trecho foi escrito no primeiro século da era cristã, havia muita sabedoria anunciando o que está hoje entendido como o Big Bang.

Após esse fenômeno inicial, o Universo começou a expandir-se cada vez mais rápido, sendo proposta a ideia, não aceita por todos, de que em 10 bilhões de anos haverá um “BIG CRASH”, que provocará extinção do Universo. Não estaremos por aqui para testemunhar.

A Terra

O nosso sistema solar surgiu há cerca de 5 bilhões de anos. O Sol é uma estrela de terceira geração e grandeza. Se ele fosse de outra grandeza, seria impossível a vida do homem, pelo excesso de energia desprendido.

Stephen Hawkins, maior cientista de nossa época, afirmou: “Seria difícil explicar por que o Universo teria começado desta exata maneira, a não ser como um ato de um Deus que quisesse criar seres como nós”.

A terra foi formada há 4,5 bilhões de anos, após sofrer inúmeras colisões, sendo que em uma delas despreendeu um fragmento, que resultou na formação da Lua. Era um local inóspito para qualquer tipo de vida, mas foi aos poucos se transformando, a ponto de que, 500 milhões de anos após sua existência, já apareciam as primeiras formas de vida.

Qualquer ser vivo deve conter um DNA ou, no mínimo, um RNA. Estas substâncias, que são moléculas complexas e de difícil produção, como apareceram?

Há cerca de 50 anos, cientistas como Stanley Miller e Harold Urey criaram, em laboratório que imitava as condições primárias da terra, aminoácidos, que são tijolos biológicos que formam as proteínas. Um super laboratório, o CERN, foi criado entre a Suíça e a França, mas não conseguiu até hoje reproduzir a vida tal como ela é.

Desde os anos 50, cientistas têm-se

esforçado na produção do RNA. Em 2007, Leslie Orgel criou artificialmente o esboço do RNA, ficando, no entanto, a falta da explicação de sua reprodução, já que a mesma necessita de uma enzima complexa, sem a qual não há a sua formação. Os evolucionistas, não podendo explicar a origem, lançaram a hipótese de que os seres vivos teriam vindo de outros planetas, ficando aberta a questão de como eles foram criados nos outros planetas.

Como afirma Collins, “sem Deus, a existência de um Universo, como conhecemos, repousa no fio da navalha das improbabilidades”.

A Água

Ao analisarmos a água, encontramos situações inéditas que permitem a vida do planeta. Em primeiro lugar, vemos que água e terra estão separadas, e a água salgada está colocada em oceanos e mares, impedindo o efeito deletério que o sal exerce sobre as plantas. A água doce, que vem com a chuva e que forma rios e lagos, favorece o desenvolvimento das plantas que, por sua vez, alimentam os animais e o homem.

Esta separação entre os oceanos e a terra encontra citação na Bíblia, no livro de Job, 38,8-10, em que Deus afirma: “Quem pôs diques ao mar, quando impetuoso saía do leito materno? Quando eu lhe dava as nuvens por vestimentas e o enfaixava com névoas tenebrosas? Encerrei-o dentro dos limites que lhe tracei e pus-lhe portas e ferrolhos.”

Outro aspecto que a ciência tem dificuldade para explicar é o que acontece com o gelo. As substâncias, quando líquidas, são mais volumosas e mais leves que em seu estado sólido. Os sólidos, quando formados, depositam-se no fundo do líquido. Com a água acontece o contrário. À medida que se esfria, a água fica mais pesada, até atingir o estado sólido, o gelo, que é mais leve e sobrenada. Se assim não fosse, o gelo formado em lagos e mares depositar-se-ia no fundo, e não seria desmanchado por não estar exposto ao sol e aos ventos. Certamente inviabilizaria a vida de maneira definitiva. Esta situação tão especial, ainda inexplicável pela ciência, não seria também um determinismo divino?

O Homem

Há tácita aceitação de que o homem atual evoluiu a partir de formas primitivas de primatas. Seu parente mais

próximo, o chimpanzé, tem um DNA muito parecido com o do homem. Quando a célula entra em fase reprodutiva, o DNA, que é um fino e longo filamento, se concentra em segmentos visíveis à microscopia ótica, que são os cromossomas. O chimpanzé apresenta 24 pares deles, sendo que o homem apresenta 23. Ao analisar os cromossomas, constata-se que os cromossomas 2 e 3 do chimpanzé se unem no homem para formar um só. Gorilas e orangotangos, parentes um pouco mais distantes, têm 24 pares também. Com essa semelhança, o que deve ter ocorrido com o homem para se diferenciar?

Há cerca de 2 milhões de anos, em algum local da África apareceu uma mutação em primata, mudando a configuração da bacia, permitindo que pudesse andar em dois pés, liberando as mãos para o uso de objetos.

Uma nova mutação, muito tempo depois, formou uma musculatura do dedo polegar que lhe deu a função de pinça exercida pelas mãos, fato que não ocorre com os outros primatas. O movimento de pinça permite uma melhor apreensão de objetos e a realização de manobras delicadas e precisas que lhe permitiram o desenvolvimento de uma produção de objetos feitos exclusivamente pelos homens.

Com essas transformações, estava criado o “Homo erectus”, de início chamado “Homo habilis” e que, após evolução, transformou-se no “Homo ergaster”, com capacidade de se organizar, e usar instrumentos de pedra para defesa e ataque. Teve êxito contra as demais espécies, mas faltava-lhe o desenvolvimento da inteligência e da fala.

Entre 200 e 100 mil anos atrás, duas modificações importantes ocorreram nesse homem primitivo. Uma mutação do gene MYH16 determinou uma redução da musculatura da mandíbula, reduzindo a pressão exercida sobre a caixa craniana, e permitindo um aumento do volume da mesma que iria, progressivamente, alojar um cérebro que crescia gerando uma maior inteligência.

Tempos depois, outra modificação importante ocorreu. Uma mutação do gene FOXP2 permitiu àquele ser articular palavras, surgindo a importante comunicação oral. Esse é o “Homo sapiens”. Com o desenvolvimento cerebral surgiu o “Homo sapiens sapiens”, categoria a que pertencemos. Todos os seres humanos são seus descendentes. Partindo do sudeste da África, o “Homo



sapiens” migrou, ocupando todos os continentes e muitas ilhas, gerando o homem moderno. Este fato tem contribuído para afastar a ideia de que o homem tem raças diferentes, e aceitar que pertencemos todos à mesma raça, tendo apenas cor de pele diferente.

Lei moral

A Lei Moral é entendida como a capacidade que o homem tem para agir diferente dos animais. Nós temos consciência, temos religiosidade, espiritualidade e solidariedade, não encontradas em outras espécies.

O homem é o único animal que abandona seu interesse para ajudar outros seres, mesmo os não aparentados. Na história, vemos repetidos exemplos de pessoas que abandonam seu conforto para lutar pelo bem comum. Esta é uma característica exclusiva do ser humano.

Segundo Collins, para os teístas, que acreditam em um único Deus, a verdade está contida nas seguintes afirmações:

1. O Universo surgiu do nada, há aproximadamente 14 bilhões de anos.
2. Apesar das improbabilidades incomensuráveis, as propriedades do



universo parecem ter sido ajustadas para a criação da vida.

3. Embora o mecanismo exato da origem da vida na Terra permaneça desconhecido, uma vez que a vida surgiu, o processo de evolução e de seleção natural permitiu o desenvolvimento das diversidades biológicas e da complexidade durante espaços de tempo muito vastos.

4. Tão logo a evolução seguiu seu rumo, não foi necessária nenhuma intervenção sobrenatural.

5. Os humanos fazem parte desse processo, partilhando um ancestral comum com os grandes símios.

6. Entretanto, os humanos são exclusivos em características que desafiam a explicação evolucionária e indicam nossa natureza espiritual. Isso inclui a existência da Lei Moral (o conhecimento do certo e do errado) e a busca por Deus, que caracterizam as culturas humanas.

Tendo sido influenciado por Teilhard de Chardin na minha juventude, sempre compatibilizei a fé e a razão. Tive dificuldade de encontrar alguém que falasse o que o jesuíta falava, até

ler recentemente o escritor e professor irlandês Clive Staple Lewis, citado por Collins, que afirma: “Durante longos séculos, Deus aperfeiçoou a forma animal, que estava para se tornar o veículo da humanidade à imagem dele. Deu ao ser mãos, cujos polegares poderiam se opor a todos os dedos; maxilares, dentes e garganta capazes de articular; e um cérebro complexo o suficiente para efetuar todos os movimentos materiais pelos quais o pensamento racional é personificado. A criatura pode ter existido nesse estado durante eras, antes de se tornar homem. Pode até ter tido inteligência suficiente para fazer coisas que um arqueólogo moderno aceitaria como prova de sua humanidade. No entanto, era só um animal, porque todos esses processos físicos e psicológicos foram direcionados, com finalidades puramente materiais e naturais. Então, na plenitude do tempo, Deus transmitiu, a esse organismo, tanto na parte psicológica quanto na fisiológica, um novo tipo de consciência, que podia dizer “eu”, opinar sobre a verdade, a beleza e a bondade, e que se encontrava tão acima do tempo que podia percebê-lo

fluindo. Não sabemos quantas criaturas Deus produziu, nem por quanto tempo permaneceram no estado paradisíaco. No entanto, cedo ou tarde tiveram seu momento de queda. Algo ou alguém lhes cochichou que poderiam ser como deuses.....”.

Ao meu ver, a figura bíblica de Adão é simbólica, pois diz a Bíblia que Caim casou. Certamente não seria com uma irmã, mas sim com uma mulher vinda de fora da família, concluindo que não foi o Adão criado por Deus, mas sim, existiam muitos Adãos e Evas, sendo que a partir de um momento Deus configurou-lhes a qualidade de homens, que seriam sua imagem e semelhança. Deu-lhe o maior atributo do homem que é a Lei Moral.

Assim, em nosso modesto parecer, acreditamos que haja compatibilidade entre o criacionismo e evolucionismo, ou, em última análise, entre a fé e a razão.

(Carlos Antônio Madalosso, médico e empresário, é membro das Academias Passo-Fundense de Medicina e Passo-Fundense de Letras.)

ALBERTO ANTONIO REBONATTO

Carlos de Danilo Quadros integrava o Grêmio Passo-Fundense de Letras. Participou da histórica assembleia que transformou aquele Grêmio na atual Academia Passo-Fundense de Letras. Sua cadeira era a de número 37 e seu patrono, o jornalista Assis Chateaubriand.

Danilo Quadros, como era mais conhecido, nasceu em Passo Fundo, no dia 19 de janeiro de 1922, filho de Álvaro Schell de Quadros e Genny Leite de Quadros. Viveu sua infância e adolescência no Boqueirão, em Passo Fundo.

Iniciou seus estudos no Grupo Escolar “Fagundes dos Reis”. Estudou, também, no então Grupo Escolar Protásio Alves e no Colégio Conceição, no turno da tarde, porque pela manhã trabalhava no 2º Cartório de Notas do sr. Honorino Malheiros. Isso nos idos de 1936, com apenas 14 anos de idade.

No cartório, graças à dedicação do funcionário Jerônimo Marques, funcionário do Cartório, aprendeu datilografia; na escola fez vários amigos, entre eles Leonel de Moura Brizola. A amizade se consolidou com o tempo e perdurou durante a existência de ambos. Desde menino começou a sonhar com o jornalismo, profissão que passou a conhecer em 1937, no jornal ‘O NACIONAL’, onde ingressou em 6 de setembro. Iniciou como cobrador e, depois, passou a repórter. Em 1941, a convite do coronel Arthur Ferreira Filho, foi trabalhar na Prefeitura Municipal de Passo Fundo.

Em 1942, consorciou-se com Maria Josephina Gonçalves Prado a quem dedicou seu amor até o final da vida. Tiveram três filhas: Maria Terezinha, Sheila de Lourdes e Helena Maria.

Como funcionário público trabalhou no antigo Instituto Nacional do Pinho, onde ingressou em 1948, como Chefe do Serviço do Rio Uruguai para o setor madeireiro, com sede em Chapecó. Começou aí a luta pela construção da ponte sobre o Rio Uruguai em Goio-Em, que uniria Santa Catarina e Rio Grande do Sul, na rodovia que ainda passa por Passo Fundo. Havia outra corrente poderosa que pretendia a construção dessa mesma ponte, no local

Acadêmico Carlos de Danilo Quadros

(FOTOS: ARQUIVO A. A. REBONATTO)



Getúlio Vargas e Carlos de Danilo Quadros

denominado Praia Bonita, no sentido Chapecó-Erexim, isolando Passo Fundo. Na antiga Autarquia chegou a exercer as elevadas funções de Delegado Regional do Instituto Nacional do Pinho, com sede em Porto Alegre.

Na política, integrou as hostes do

PTB, como bom getulista que era. Foi eleito vereador em Passo Fundo, em 1960.

Foi no jornalismo, no entanto, que se realizou plenamente e prestou inestimáveis serviços às coletividades passo-fundense, gaúcha e brasileira.

Sua paixão pelo trabalho nos meios de comunicação era a essência da sua vida profissional. Em 1945 fundou, em Passo Fundo, o “Diário da Tarde”, órgão de cunho informativo e político, mais tarde transformado em vespertino anticomunista e de orientação católica. Nessa mesma época, graças a seu trabalho e orientação, foi criada a Associação dos Jornalistas de Passo Fundo, mais tarde transformada em Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Passo Fundo, primeira entidade do gênero no interior do Brasil. A “carta constitutiva” para o funcionamento legal do sindicato foi entregue pessoalmente pelo dr. João Goulart, Vice-Presidente da República, de quem o jornalista era amigo, em 20 de outubro de 1957. Na ocasião, o Ministro do Trabalho, Persival Barroso, fez a solene entrega da medalha de “Honra ao Mérito!” ao Jornalista Danilo Quadros, pelos relevantes serviços prestados à classe.

Em 1950, fundou e dirigiu, em Chapecó, o “Jornal do Povo”. No ano seguinte passou a colaborar com o “Diário de Notícias” de Porto Alegre, onde se destacou pela reportagem que denunciava a interferência de militares argentinos em solo pátrio, de ampla repercussão nacional. Igualmente célebres foram as entrevistas com Getúlio Vargas, no tempo de retiro do ilustre brasileiro na fazenda do Itu, em São Borja. Participou, como integrante da imprensa brasileira, de vários congressos nacionais e internacionais, entre eles o de Chicago.

Como representante do jornalismo do sul do país, foi contemplado com bolsa de estudos de 90 dias, nos Estados Unidos, em 1960. Durante o curso foi convidado e integrou a comitiva de jornalistas americanos e internacionais que cobriram a entrevista coletiva do Presidente Dwight Eisenhower. Foi, também, entrevistado pela “A voz da América”, onde discorreu sobre assuntos brasileiros e sobre a repercussão da visita de Eisenhower ao Brasil. Em 1953, fundou, em Porto Alegre, a “sucursal dos jornais sulinos” e, em 1955, em Passo Fundo, a “sucursal dos Diários Associados”.

Trabalhou, como repórter, no “Diário de Notícias” de Porto Alegre e na Televisão Piratini e, como redator, na sucursal da Agência Nacional, no Rio Grande do Sul.

Além do sindicato dos Jornalistas Profissionais de Passo Fundo, integrou a Associação Brasileira de Imprensa,



Carlos de Danilo Quadros e João Goulart

a Academia Brasileira de Jornalistas e a Academia Brasileira de Jornalismo, na qualidade de titular da Cadeira nº 8. Em 1983, tomou posse como confrade efetivo na Ordem dos Jornalistas do Brasil, sucessora da Ordem dos Velhos Jornalistas do Brasil, com sede no Rio de Janeiro, que tem como atribuição, entre outras, a de escolher os profissionais merecedores da medalha “Mérito Jornalístico”.

Por onde passou, deixou sua marca indelével de divulgador de notícias de excepcional capacidade, de cidadão digno e de homem que veiculava os acontecimentos de sua época com prudência e responsabilidade..

Recebeu reconhecimento e gratidão nos lugares em que trabalhou. Pelo significado, destacamos a homenagem que lhe prestou a Câmara Municipal de Vereadores de Porto Alegre, em 3 de outubro de 1977, quando completava 40

anos de atividades jornalísticas.

Carlos de Danilo Quadros, por circunstâncias diversas, teve a oportunidade de estar próximo do poder e de ser amigo dos poderosos do seu tempo. Jamais usou da amizade e da sua influência em benefício próprio. Sempre propugnou pelas causas mais importantes da comunidade, especialmente de sua terra natal. Por tudo isso e por muito mais que aqui não vai transcrito, Carlos de Danilo Quadros foi um homem que honrou Passo Fundo e a Academia Passo-Fundense de Letras. Deixou-nos em 9 de janeiro de 2005.

É por causa de confrades como ele que a nossa Academia consegue manter-se, ininterruptamente, viva e ativa por mais de 72 anos.

(Alberto Antonio Rebonatto é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

As escolhas existenciais de Riobaldo em “Grande Sertão: Veredas”

MARIA LUCIA BANDEIRA VARGAS

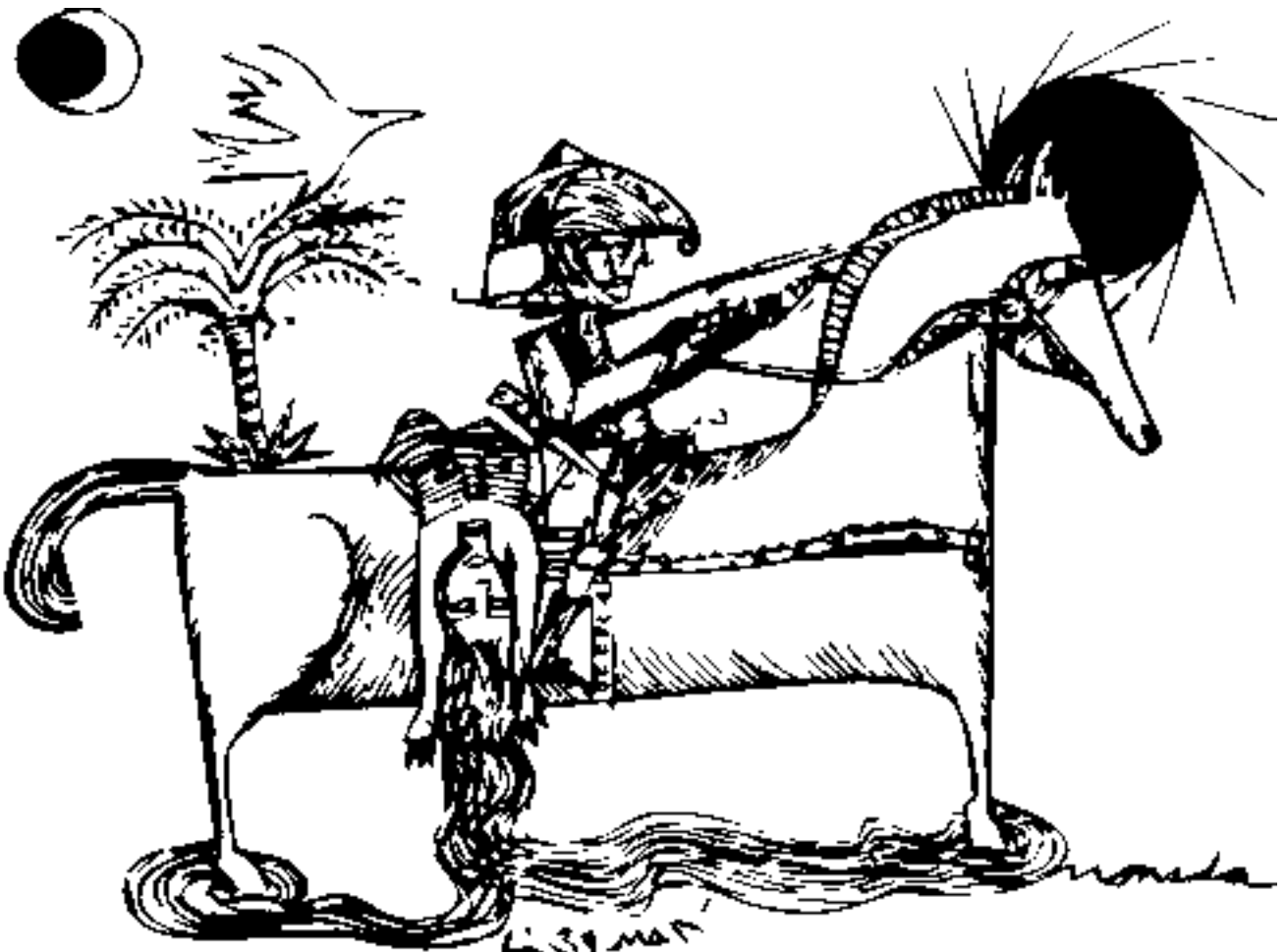
*Existirmos: a que será que se destina?
Apenas a matéria vida era tão fina
E éramos olharmo-nos intacta retina.*

(Caetano Veloso)

Em “Grande Sertão: Veredas”, de João Guimarães Rosa, o protagonista-narrador de sua própria vida, Riobaldo, relata ao interlocutor – chamado apenas de “Senhor” e do qual se pode concluir que é estudado e oriundo de um centro urbano – sua luta pela sobrevivência física e psíquica no universo sertanejo, que se dá através do empenho que realiza para compreender

seu papel no mundo, a razão de sua existência. De acordo com Sartre, o sentido da vida humana passa primeiramente pela tomada de consciência da existência – o que desencadeia o surgimento do vazio no mundo humano – e pela posterior construção de uma identidade pessoal, pelo estabelecimento de um ou mais papéis que o sujeito julga que a ele competem, no meio em que vive. Quando da narração de sua vida, Riobaldo, agora já velho, rememora as escolhas que fez na constituição de uma identidade para si, ato que lhe possibilita ajustar contas afetivas com seu passado, através da aquiescência do interlocutor douto, cujas ideias “instruídas” lhe fornecem paz.

A existência de Riobaldo, filho único, criado sem pai, cuja mãe morre precocemente em sua vida, se passa em um meio rude no qual não chega a vigência do Estado de Direito e das Instituições que lhe competem, e onde as leis são feitas pelos próprios habitantes, prevalecendo, assim, os mais fortes e restando, aos mais fracos, o apego àqueles que ocupam posições de mando. Limitadas são as opções de existência num universo em que, ou se manda, ou se obedece. No entanto, em virtude da fragilidade dos arranjos de autoridade, todos os pertencentes àquele meio se encontram em situação de constante ameaça, o que estimula o apego à religiosidade. Em um ambiente onde o risco de sofrimento é



constante, onde a própria existência depende da vontade arbitrária de terceiros, o tema da luta entre o Bem e o Mal perpassa a vida de todos. Por ter sido criado nessas condições, o protagonista tem consciência de que viver é, como repetidas vezes insiste, muito perigoso.

É fundamental, na filosofia existencialista, a compreensão de que o ser existe anteriormente à consciência, ou seja, a existência precede a essência, uma vez que não haveria natureza humana a priori, no sentido daquela engendrada por um Deus que determinaria a essência do que é o humano. Mas, uma vez tendo adquirido o conhecimento de sua existência no mundo, o homem procura se definir como seu participante. Essa definição depende essencialmente da vontade do homem, daquilo que ele decidir fazer de sua vida. Diz Sartre: “o homem é tão-somente, não apenas como ele se concebe, mas também como ele se quer; como ele se concebe após a existência, como ele se quer após esse impulso para a existência. O homem nada mais é do que aquilo que ele faz de si mesmo.”³ Riobaldo vive uma experiência de contradições, pois, ao mesmo tempo em que se apegua à religiosidade e acredita que Deus é quem sabe dos destinos dos homens, percebe a si mesmo como sendo diferente daqueles que o cercam e se questiona permanentemente em busca de seu verdadeiro querer, como ao perguntar: “Qual é o caminho certo da gente? Nem pra frente nem pra trás: só pra cima. Ou parar curto, quieto. Feito os bichos.”²

Se o homem é, fundamentalmente, “o que se lança para um futuro, é o que é consciente de se projetar no futuro... Ele será, antes de mais nada, o que tiver projetado ser”³, ensina o Existencialismo. Essa projeção, esse projeto de identidade, é vivido de forma subjetiva, ou seja, o humano não define sua identidade enquanto ser, no mundo, somente com base em decisões racionais e nem, diríamos nós, com base apenas em seus desejos conscientes. Ainda assim, o humano constrói a si mesmo, reflete sobre sua situação no mundo e projeta para si uma identidade, cuja subjetividade não lhe é possível transcender, nem no conhecimento de si mesmo, nem no conhecimento dos objetos externos a si e tampouco em sua atuação no mundo. Segundo Sartre,

Não há, em nossos atos, um sequer que, ao criar o homem que desejamos



ser, não crie ao mesmo tempo uma imagem do homem como julgamos que deve ser. Escolher ser isto ou aquilo é afirmar, concomitantemente, o valor do que estamos escolhendo, pois não podemos nunca escolher o mal; o que escolhemos é sempre o bem e nada pode ser bom para nós, sem o ser para todos.⁴

Riobaldo, que busca aquilo que é o bom e o certo, embora por vezes se sinta sem rumo, a princípio parece não se considerar à altura de fazer jus ao prefixo “rio” que se encontra em seu nome, caudalosa fonte de vida, aparentando estar preso ao sufixo “baldo”, que remete ao esforço frustrado, àquilo que é sem préstimo. No encontro com o menino Diadorim, teme a travessia do rio, o ritual de passagem para um mundo desprotegido, sem a segurança das ordens maternas. Vale recordar que Riobaldo se encontrava no porto, esmolando, com o propósito de pagar promessa feita pela mãe, para que ele se curasse de uma doença, ambos episódios sobre os quais ele não tem controle. Muito diferente é a situação do Menino, que já aparentava ser senhor de sua existência. Riobaldo

narra: “Tive medo. Sabe? Tudo foi isso: tive medo. Enxerguei os confins do rio, do outro lado. Longe, longe, com que prazo se ir até lá? Medo e vergonha.”⁵ Riobaldo, ainda criança, sofre nesse encontro uma transformação de foro íntimo: conhece uma outra versão de meninice, mais próxima da severidade exigida para a sobrevivência no sertão, onde “homem tem que ter a dura nuca e a mão quadrada”⁶ e se projeta assim amadurecido, viril, corajoso, ao mesmo tempo em que se afeiçoa pela figura heroica e sedutora do Menino. Em outras ocasiões, já homem feito, terá medo, não necessariamente em virtude da exposição ao perigo, de que resultam as “guerras”, mas frente à desordem, ao predomínio do mal, à inconstância do mundo que, como ele, parece não ter direção no sentido do justo.

Assim, nas suas andanças em busca de um lugar ao qual pertencer após a morte de sua mãe, ele vai sofrer maiores e profundas transformações interiores, que lhe fornecerão as condições, para que exerça a função que passa a julgar como sendo sua: resolver a pendência entre o Bem e o Mal, no seu entorno. Mesmo

o episódio da compreensão de que seu padrinho era, na verdade, seu pai, contribui para que Riobaldo perceba o mundo como desordenado e nele decida se lançar, livre e desamparado – condições inerentes ao ser humano – procurando, através de suas escolhas, afirmar uma identidade para si, no mundo. De acordo com o Existencialismo, quando fazemos escolhas – e as fazemos o tempo todo, mesmo quando escolhemos não escolher, – precisamos afirmar o valor positivo daquilo que elegemos, de forma que o associemos à obtenção do Bem, ainda que através de caminhos tortuosos, pois, não fazê-lo seria o reconhecimento do Mal em nós, coisa que Riobaldo muito teme. Ele anseia por estar associado ao Bem, aquilo que é justo e correto, como nas várias passagens em que afirma sua profissão de fé e revela o desamparo de sua existência, do qual só pode refugiar-se em Deus. Diz ele:

Só o que eu quis, todo o tempo, o que eu pejei para achar, era uma só coisa – a inteira – cujo significado e vislumbrado dela eu vejo que sempre tive. A que era: que existe uma receita, a norma dum caminho certo, estreito, de cada uma pessoa viver – e essa pauta cada um tem – mas a gente mesmo, no comum, não sabe encontrar; como é que, sozinho, por si, alguém ia poder encontrar e saber? Mas, esse norteado, tem. Tem que ter. Se não, a vida de todos ficava sendo sempre o confuso dessa doidera que é. E que: para cada dia, e cada hora, só uma ação possível da gente é que consegue ser a certa.⁷

Ou ainda:

Como não ter Deus?! Com Deus existindo, tudo dá esperança: sempre um milagre é possível, o mundo se resolve. Mas, se não tem Deus, há-de a gente perdidos no vai-vem, e a vida é burra. É aberto o perigo das grandes e pequenas horas, não se podendo facilitar – é todos contra os acasos.⁸

Para Sartre, esse é o ponto de partida do Existencialismo: a ausência do Deus ordenador. Essa ausência lança o homem na incerteza, por isso o desamparo é compreendido como parte inerente do modo de viver da humanidade, bem como a liberdade, uma vez que não há uma instância superior na qual buscar a legitimação de suas ações. “Não existe determinismo, o homem é livre, o homem é liberdade. Por outro lado, se Deus não existe, não encontramos, já prontos, valores ou ordens que possam legitimar a nossa conduta.”⁹, defende

o filósofo, expondo o maior temor do personagem Riobaldo.

No entanto, embora não tenha clareza dos rumos de sua existência, Riobaldo procura ativamente fazer escolhas, busca resolver sua identidade, marcada pela solidão e pela angústia de ver a si mesmo no papel de um legislador, na luta entre o Bem e o Mal, que se processa não apenas no entorno, mas na sua própria subjetividade. Ele o faz com as dificuldades inerentes à condição humana, um tanto às cegas, ora arrebatado por figuras de autoridade supostamente representativas do Bem, ora agravado por aquelas que denotam o Mal. Acerca do esforço para raciocinar sobre suas escolhas enquanto as vivencia, agora, já velho, ele reflete: “Ah, tem uma repetição, que sempre outras vezes em minha vida acontece. Eu atravesso as coisas – e no meio da travessia eu não vejo! – só estava era entretido na ideia dos lugares de saída e de chegada.”¹⁰ E ainda: “Ao que digo ao senhor, pergunto: em sua vida é assim? Na minha, agora é que vejo as coisas importantes, todas em caso curto de acaso foi que se conseguiram – pelo pulo fino de sem ver, se dar.”

O acaso, a imprevisibilidade, elementos que remetem à insegurança de sua vida, incomodam Riobaldo. Aquilo que se esconde, que ele não consegue apreender, pode conter o Mal escondido em si, e a angústia existencial do jagunço lhe pede que tudo seja colocado às claras, para que cesse a desordem da vida. Observe-se que o Mal não está, em se tratando das lideranças, no matar e fazer guerras simplesmente, mas nos motivos que os determinam. Está, sobretudo, na falta de piedade, na opção pela violência como único meio de manutenção da autoridade, personificada no chefe Hermógenes. O narrador deixa claro que, mesmo na jagunçaria, haveria uma ética, e bastante elevada, como se observa no caso do julgamento de Zé Bebelo. A recusa à adoção desse padrão ético, que implica na percepção de que a vida depende apenas de caprichos pessoais, de parte dos detentores do poder, é o que aflige sobremaneira Riobaldo, que desabafa: “O maior direito que é meu – o que quero e sobrequero, – é que ninguém tem o direito de fazer medo em mim!”¹¹

Contudo, Riobaldo não é joguete do acaso. Herói solitário de sua própria vida, procura sempre justificar suas escolhas como sendo a busca pelo que é justo, pelo correto, ainda que isso implique na deserção do grupo apoiado

pelo governo e a opção por juntar-se a seus opositores, e vivencia contradições entre o meio e seu íntimo. Mesmo após o desligamento do grupo de Zé Bebelo, nele permanece a admiração pelo antigo chefe e, uma vez tendo se juntado aos jagunços, questiona permanentemente a ética do bando, como na passagem na qual, entediados, os jagunços pensam em como seria bom se pudessem tomar um vilarejo de assalto, para satisfazer suas necessidades de guerra e de mulher. Embora concordando com todo o grupo, Riobaldo se revela chocado.

Aqueles ali eram, com efeito, os amigos bondosos, se ajudando uns aos outros com sinceridade, nos obséquios e arriscadas garantias, mesmo não refugando sacrifícios para socorros. Mas, no fato, de alguma ordem política, de se dar fogo contra o desamparo de um arraial, de outra gente, gente como nós, com madrinhas e mães – eles achavam questão natural, que podiam ir salientemente cumprir, por obediência saudável e regra de se espreguiçar bem. O horror que me deu! O senhor me entende? Eu tinha medo do homem humano.¹²

Sua concepção da existência é aprisionada dentro da dualidade do mundo sertanejo: há o Bem e o Mal, representado por divindades que combatem sem cessar, fazendo do elemento humano seus soldados e das escolhas destes, seu campo de batalha. Assim, permanece Riobaldo em luta constante consigo mesmo: que lado escolher? O que habita em sua essência? Que modelo de mundo defende, ao optar pelo modelo de Homem que quer ser? Angustiado frente à ausência de mudanças significativas no seu entorno, que assegurassem a correção da escolha do caminho da jagunçaria, como sendo o que debelaria o Mal, cresce em Riobaldo a ideia de que cabia a ele tomar o mando em suas mãos, por ser tão diferente dos demais. Acerca de si, ele afirma ao doutor: “aí, para mim – que eu não tenho rebuço em declarar isso ao senhor – parecia que era só eu quem tinha responsabilidade séria neste mundo. Confiança eu mais não depositava, em ninguém.”¹³

Dentre os traços de personalidade que mais forte vão se delineando no decorrer da narrativa, é interessante observar o quanto Riobaldo preza sua liberdade. Ele nunca chega a renunciar totalmente a ela em nome de nenhum chefe – cujo poder de personalização fica expresso na adoção, por parte do bando, de seus prenomes, como alcunha coletiva: “Zé



bebelos, Hermógenes”. Mesmo diante das adversidades e também quando acometido por profundas dúvidas acerca de sua identidade, da função de sua existência no mundo, Riobaldo alenta a possibilidade de tomar outro rumo, abandonando a jagunçaria. Ele vislumbra outros horizontes, e parece não se considerar irremediavelmente preso ao bando.

Se fica, é por Diadorim, a neblina através da qual não consegue distinguir com clareza a realidade daquele amor. É por meio do fascínio que Diadorim exerce em Riobaldo e do sentimento que este alimenta por ele, que Riobaldo pode se encontrar com a mais perigosa travessia de sua jornada: o desejo de amar e o acalento de um sonho de paz, para a plena vivência desse amor. Ao alcançar o término da guerra, através da vingança da morte de Joca Ramiro, o início do que viria a ser o tempo do gozo do amor é também seu fim, através da revelação trágica do que poderia ter sido, à qual Riobaldo quase não consegue sobreviver. Ao mesmo tempo, durante o longo período de convivência com Diadorim, por força da identidade de jagunço – inteiramente calcada em estereótipos de masculinidade necessários à sobrevivência no sertão – Riobaldo permanece mergulhado na neblina, por saber ser impossível cruzar a fronteira entre o desejo e sua realização. Quando afirma que o sertão é “dentro da gente”, Riobaldo dá mostras do tamanho de seu mundo interior, uma vez que afirmara também

que o sertão era “todo o mundo”. Esse homem de vasta capacidade reflexiva sobre seu mundo, deseja inventar outra realidade para si e para o povo do sertão, ao mesmo tempo em que se encontra preso aos padrões morais da região e do bando, que impedem a realização de seu amor por Diadorim. Segundo Flávio Loureiro Chaves, Diadorim é a personificação da dubiedade sempre presente na vida de Riobaldo, da incerteza na escolha do caminho, pois, “em sua indefinição homem-mulher, pureza-pecado, simboliza, imediatamente, a oscilação de Riobaldo entre Deus e o Diabo.”¹⁴

Ao fazer sua escolha identitária acerca de quem deseja ser, ele está também escolhendo o homem no mundo, como coloca Sartre. Este afirma que a responsabilidade do humano é maior do que muitos supõem, porque as escolhas feitas envolvem toda a humanidade, por o indivíduo ter, em uma decisão individual que julga adequada, a pretensão de representar a todos. O autor afirma que, “assim, sou responsável por mim e por todos e crio uma certa imagem do homem que escolhi; escolhendo-me, escolho o homem.”¹⁵ Riobaldo escolhe a jagunçaria na qual pode vislumbrar uma ética, escolhe a lealdade aos chefes que julga justos, escolhe provar seu valor como combatente macho, o que lhe vale o apelido de “Tatarana” e, finalmente, na ânsia de sobrepujar o Mal, escolhe a chefia para si. Mas não o faz sem um custo pessoal, sem a realização de uma travessia que implica em se projetar

como chefe verdadeiro, em seu interior.

Na busca por forças que validem sua aspiração, Riobaldo, paradoxalmente, vai buscar legitimidade naquele de quem tanto se esquivava e que, por isso mesmo, mais partilha da intimidade de sua alma. Num caminho tortuoso que crê se chamar Veredas Mortas, ele invoca o demônio que, no entanto, não atende ao seu chamado. Apesar disso, sente-se intimamente reforçado pelo seu ato de coragem e, sem saber se o demônio lhe havia atendido o pedido ou não, parte em busca da vingança pela morte do chefe Joca Ramiro. Contudo, o acesso ao poder de mando reforça nele a dúvida acerca do material de que é feito. Será ele então, tão mal e caprichoso quanto aqueles que recrimina? Ao interlocutor, Riobaldo questiona:

Então, não sei se vendi? Digo ao senhor, meu medo é esse. Todos não vendem? Digo ao senhor: o diabo não existe, não há, e a ele eu vendi minha alma... Meu medo é este. A quem vendi? Medo meu é este, meu senhor: então, a alma, a gente vende, só, é sem nenhum comprador...¹⁶

Riobaldo vendeu sua alma para si próprio, ou seja, através da tentativa de realização do pacto, libertou-se das amarras, dos escrúpulos que o continham mas também o protegiam de si mesmo, e projetavam a crueldade como característica presente em terceiros, jamais nele. Mas, ainda que reconhecendo o impulso para se utilizar do poder de chefe de forma tirana, Riobaldo conse-

que conter-se na maior parte das ocasiões em que esse ímpeto se manifesta, o que denota a seriedade de sua escolha pela restauração da ordem no mundo sertanejo.

Segundo Becker, o sentimento de autovalidação do ser humano é constituído simbolicamente, sendo alimentado através de “uma ideia abstrata de seu próprio valor, uma ideia composta de sons, palavras e imagens, no ar, na mente e no papel.”¹⁷ Isso impele o ser humano à atividade, ao desejo de se sobressair, de deixar sua marca no mundo, ser reconhecido como único, de forma a poder suplantar a morte. Diz Becker ser esse o destino trágico do homem:

Ele tem desesperadamente de justificar-se como objeto de valor primordial no universo; ele tem de sobressair, de ser herói, dar a maior contribuição possível para a vida no mundo, mostrar que ele conta mais do que qualquer coisa ou qualquer pessoa.¹⁸

Não que Riobaldo – mesmo quando já tendo sido reconhecido em seu valor e elevado à condição de chefe dos jagunços, evidência de bravura, com codinome alusivo às suas habilidades como líder, Urutu-Branco – tenha consciência do que realmente deseja. Ele deseja, como é natural ao humano, realizar ações de valor e sentidos permanentes, de forma a cunhar uma significação de perenidade a sua existência. Ele mesmo reconhece: “E o que era que eu queria? Ah, acho que não queria mesmo nada, de tanto que eu queria só tudo. Uma coisa, coisa, esta coisa: eu somente queria era – ficar sendo!”¹⁹

Riobaldo jagunço, Tatarana, Urutu-Branco, agora envelhecido, é um homem corroído pela culpa e pela incerteza da eficácia do pacto que teria procurado travar com o Mal. Consciente de sua finitude e aprisionado no temor



universal à morte, procura dar rumo às suas atividades de modo a colocar segurança e fé na sua existência, afirmando, ao mesmo tempo, sua opção pelo Bem. Temeroso de ter errado em sua juventude, manda agora rezar todos os tipos de reza ao seu alcance, preocupado com seu destino no após-vida, ocasião em que se encontrará diante do julgamento de suas escolhas. Para o velho Riobaldo, a reza é o que cura a loucura do mundo, é o que lhe resta para se apegar, uma vez tendo abdicado do “poder” de transformar o sertão por meio da força. É por meio do misticismo que ele busca colocar ordem no mundo, busca apoiar a tão desejada vitória do Bem contra o Mal. Terá ele realmente

optado pelo Mal nas Veredas Mortas, posteriormente, Altas? Para Sartre cabe ao homem decidir por si próprio acerca de suas ações, não havendo moral externa que o possa certificar, assim o homem se torna sua própria lei e moral, cabendo ao próprio Riobaldo a resposta a essa questão.

... Recordamos ao homem que não existe outro legislador a não ser ele próprio e que é no desamparo que ele decidirá sobre si mesmo. ... Não é voltando-se sobre si mesmo, mas procurando sempre uma meta fora de si – determinada libertação, determinada realização particular – que o homem se realizará precisamente como ser humano.²⁰

No entanto, a moral e a lei de Riobaldo se alteram de tal forma com a proximidade do fim da existência, que quase lhe causa estranheza reconhecer a maldade à solta no coração do Urutu-Branco, inebriado de seu poder de chefe. Mesmo assim, ele admite: “Eu era assim. Sou? Não creia o senhor. Fui o chefe Urutu-Branco – depois de ser Tatarana e de ter sido o jagunço Riobaldo. Essas coisas larguei, largaram de mim na remotidão. Hoje eu quero é a fê, mais a bondade.”

²¹ Em um dos vários momentos de profundo questionamento acerca de sua existência, geralmente travestidos de ingenuidade sertaneja, ao se perguntar: “o Demo, então, era eu mesmo?”²², Riobaldo admite compreender que o Demo não existe, embora insista o Mal e o desejo humano que oscila, especialmente no sertão que se atravessa no interior do homem e provoca tantas batalhas, sendo as internas as mais dolorosas.

(Maria Lucia Bandeira Vargas é Doutoranda em Letras na PUCRS e professora universitária. É autora da coluna Letras para moças de fino trato publicada aos domingos, no jornal O Nacional. Blog: www.maluvargas.com.)

Notas

SARTRE, Jean Paul. **O existencialismo é um humanismo**. In: Os pensadores. 3. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987. p. 8.

² ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. São Paulo: Abril Cultural, 1983. p.69.

³ SARTRE, Jean Paul. Op.Cit. p. 8.

⁴ SARTRE, Jean Paul. Op. Cit. p. 6.

⁵ ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. São Paulo: Abril Cultural, 1983. p. 78.

⁶ ROSA, João Guimarães. Op. Cit. p. 81.

⁷ ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. São Paulo: Abril Cultural, 1983, p. 343.

⁸ ROSA, João Guimarães. Op. Cit. p. 46.

⁹ Jean Paul. **O existencialismo é um humanismo**. In: Os pensadores. 3. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987, p. 15.

¹⁰ ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. São Paulo: Abril Cultural, 1983, p. 28.

¹¹ ROSA, João Guimarães. Op. Cit. p.280.

¹² ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. São Paulo: Abril Cultural, 1983, p. 288.

¹³ ROSA, João Guimarães. Op. Cit. p. 288.

¹⁴ CHAVES, Flávio Loureiro. **Perfil de Riobaldo**. In: Guimarães Rosa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983, p. 451.

¹⁵ SARTRE, Jean Paul. **O existencialismo é um**

humanismo. In: Os pensadores. 3. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987, p. 14.

¹⁶ ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. São Paulo: Abril Cultural, 1983, p.343.

¹⁷ BECKER, Ernest. **A negação da morte**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1976, p. 19.

¹⁸ BECKER, Ernest. Op. Cit. p. 20.

¹⁹ ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. São Paulo: Abril Cultural, 1983, p. 289.

²⁰ SARTRE, Jean Paul. **O existencialismo é um humanismo**. In: Os pensadores. 3. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987, p. 22.

²¹ ROSA, João Guimarães. Op. Cit. p. 385.

²² ROSA, João Guimarães. Op. Cit. p.333.



Os pardais de Passo Fundo

ODILON GARCEZ AYRES.

Quando vim morar em Passo Fundo, no ano de 1954, desmanchamos a mesma casa onde morávamos em Coxilha, e a reconstruímos na Rua Eduardo de Brito nº 9, na esquina com a Pedreira Municipal. Neste local, meu padraсто, José Pedro Schleder, e seu amigo e nosso contraparente, Antoninho Garcez Ribeiro, colocaram uma produtiva marcenaria, que nos sustentou por quase dois anos.

Eu era bom de bodoque, mas, em Coxilha, além dos poucos tico-ticos e canarinhos que apareciam na vila, os brigadianos nos tomavam os bодоques sem dó nem piedade. Certa vez, um deles me flagrou atirando num canarinho, e eu rapidamente escondi a funda na perna da minha bombacha. Mas mesmo assim, o danado me revistou, e confiscou o meu bodoque. Na época era uma raridade, pois a borracha era caríssima, e se conseguia fazer um bodoque, pegando os tirantes dos caminhões que apareciam em Coxilha, vendendo banana.

Bueno, em Passo Fundo, tudo mudou de figura. Brigadiano não se preocupava com bodoque, bolita e borracha, até bicicleta era uma fartura, forquilha às pampas, no matinho da pedreira acima, e nas beiras do rio, que na época tinha muitas voltas. Eu mesmo aprendi a nadar na volta do Brito, bem onde desaguava a sanga que nascia no

banhado ainda existente, e localizado entre o campo da Brahma e a vila Santa Terezinha, hoje, denominadas Vergueiro e Fátima. O rio atravessava toda a vila Annes, correndo paralelamente à Rua Eduardo de Brito. Por ali vi passar também muita tropa macanuda, e até estouro de tropa, que subia pela Jacinto Vilanova, saía na Av. Brasil, dobrava à esquerda, onde hoje é a Prefeitura, e seguia até o matadouro municipal.

No inverno era uma maravilha! Alagava tudo, e dava para brincar de canoa, recolhendo as toras de lenha de metro e meio, que boiavam no fundo de casa, teimando em se dirigir para a sanga.

Foi ali que conheci os ditos “pardais” de Passo Fundo, pois lá na minha vila não existia essa variedade, que formava bandos em algazarra por toda a cidade. Mas, caçá-los era a maior dificuldade, pois eram ariscos, uma barbaridade. Quando se pensava em levantar o bodoque, já andavam longe. O único meio de surpreendê-los era “negaciá-los” quando estavam distraídos, tomando banho nas valetas ou na sanga.

Os bons de pedra (caçadores), o Benes e o Massinha, e mais o Délson, me contaram que esses passarinhos não eram daqui, parece que tinham vindo da Europa. Diziam eles que o velho ex-prefeito, Armando Araújo Annes, os tinha trazido de lá, e colocado num viveiro em sua propriedade ali mesmo na Rua Saldanha Marinho, fundos com a Tiradentes, e paralela à Eduardo de Brito e à Lava Pés. Falavam também que um dia alguém deixou a portinhola aberta, e os pardais fugiram, infestando a cidade.

Sei hoje que parte é lenda e parte é verdade, como todos sabem.

Os anos se passaram, aposentei o bodoque, e abominei essa prática da gurizada, e

ensinei aos meus filhos, como meu avô me ensinou, a amar e respeitar a natureza, apesar dos impulsos animais que, vez por outra, nos assolam, em caçadas e pescarias, próprias da meninice e da juventude.

Com o passar dos anos, aprendi a gostar dos “pardais” e suas “pardocas”, e até deixei-os fazerem ninhos nos beirais da minha casa. Mas quando se tornaram inconvenientes, num bando regular, dispersei-os pela vizinhança, e hoje, só uns poucos estão aquerenciados aqui por casa.

Repito que aprendi a gostar deles, embora trazidos para combater nossos caboclos, os tico-ticos, pois eu achava que eles viviam apenas dos restos de comida dos cachorros, e que eram uns pássaros preguiçosos, que não buscavam o seu sustento, como fazem os nossos das matas, campos e cidades. Eis que aos poucos, prestando atenção mais apurada, comecei a ver os pardais com outros olhos, pois eles continuam a viver das sobras, como fazem os brasileiros, mas os tenho visto numa faina insana em busca do sustento diário, muitas vezes pairando no ar como faz o beija-flor, à procura de insetos nos beirais, nas áreas e janelas das casas, e até, como faz o “limpa-folhas”, inspecionando, folha por folha das árvores, equilibrando-se para não despencar atrás de um minúsculo inseto, ou de uma larva gostosa. Eis que, com o passar dos anos, como muitos que vieram para cá, os pardais foram se abrasileirando, e hoje são iguais aos nossos pássaros caboclos, continuam nos surrupiando de vez em quando, mas suam a camisa, na busca do pão deles de cada dia.

(Odilon Garcez Ayres é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



Artistas que fazem a história

(FOTOS: ARQUIVO O.G. AYRES)



Orquestra de Dino Bertoglio e seus Satélites Musicais

ODILON GARCEZ AYRES

Hoje, os grupos musicais, em especial os ditos “fandango”, uns do “tchê music”, alguns de raízes, e outros meio descompromissados com a música gauchesca, sobem nos palcos, chocalhando a mondongueira, do princípio ao fim. Esse balanço compassado ao som das músicas, essa mania que tomou conta de todos os conjuntos, foi surgir, por um dos seus membros, justamente num grupo dos mais famosos e autênticos do Rio Grande do Sul, através de um gaiteiro catarinense que veio lá do Paraná, e que por aqui se aquerenciou.

Mas, muito antes desse exímio malabarista e acordeonista, um outro surgiu nos anos 70, num dos conjuntos de baile dos mais sofisticados de Passo Fundo. Alcançou fama inter-estadual, pois tinha em seu arsenal, além dum instrumento chamado “solovox” (só existiam dois no país), e em suas fileiras, um “ritmista” que rolava nas mãos, com maestria, uma “maraca”. Além disso, cantava, dançava, saracoteava, se mexia e se remexia, rodopiava, gingava, e se chocalhava no palco ao som da fenomenal orquestra.

O gaiteiro macanudo a que me referi era de Maringá. Apareceu aqui no 1º Rodeio Nacional de Integração Gaúcha, em 1985, com seu jeito simples e com cara de sério, pois usava óculos com um pouco mais de um metro e meio, e cuja gaita 180 quase o fazia sumir, apequenando-o, mas transformando-os num só, gaita e gaiteiro, nos tablados de espetáculos ou de CTGs, e nos palcos da vida. Não tem explicação!

“Se chocalhava mais que bolacha em boca de velho!

Se mexe e remexe mais que minhoca em terra quente! E por fim:

Sarandoca mais que pipoca em panela de banha quente!”

Toca, não canta, mas é a alma incansável dos Monarcas, sem desmerecer do premiado chefe Gildinho ou de seus companheiros de voz ou instrumental.

Esse pioneirismo do músico gaúcho em constante movimento nas apresentações, salvo melhor juízo, de alguém que, porventura antes dele tenha sido o feitor dessa proeza, no meu entendimento e no meu conhecimento, esse fenomenal precursor se chama: Varguinha!”

O outro, o famoso “ritmista”, por incrível que pareça, também era do Pa-

raná, de Curitiba, hoje é passo-fundense de coração.

Aqui chegou no início da década de 60, com o famoso circo, ou melhor, com o Teatro do Biduca, e para que não parem dúvidas na minha lembrança, fui rememorar com ele os velhos tempos.

Lourival Rosa da Silva, o “Lori”, acompanhou o Teatro Biduca por todo o país, durante 14 anos, atuando como ator, cenógrafo, músico e cantor, junto com seus companheiros, Pedro, Silvio, Lori e Flávio, e só despediu-se do teatro que amava, e do inesquecível Biduca, aqui em Passo Fundo, depois de ter andado Brasil afora, e de ter-se casado em Uruguaiana, com a marauense, Palmira Dal Paz, tendo dessa união duradoura duas filhas, as passo-fundenses, Izalmar e Danieli.

Para ilustrar, o Teatro do Biduca permaneceu quase um ano aqui em Passo

Fundo, armado ali em frente ao antigo Pedro Timm, hoje um posto de gasolina, e o espetáculo teatral esteve lotado todos os dias e noites, e o refrão, “cherebebê”, que Biduca intercalava em suas apresentações, virou coqueluche no meio da gurizada.

Biduca, jogador inveterado, o que ganhava no teatro entregava no carte-



Pedro, Sílvio, Lori e Flávio



Grupo de samba Sandália de Prata



ado, pra turma do Clube Caixeiral, nas noites regadas a champanha.

Certa feita, em Livramento, passou uma noite e um dia jogando e enxugando champanha. Então sai ziguezagueando na sua 'chevrolet' conversível, e pergunta a um transeunte: "Onde é... o Teatro do Biduca?"

"Mas, o senhor é o Biduca!" "Eu sei que eu sou o Biduca! Mas onde é que está o Teatro? Que eu preciso... me apresentar!"

Nos anos 70, Biduca, considerado por todos os artistas que com ele trabalharam, como um "pai" irrepreensível, de um coração generoso e despojado, faleceu na cidade de São Leopoldo, falido, deixando as artes cênicas mais pobres, mas não no olvido dos gaúchos.

Lourival Rosa da Silva, passou então a integrar como cantor e ritmista, tocando bateria, pandeiro, reco-reco e maraca, nada mais nada menos, que a Orquestra de Dino Bertóglgio e seus Satélites Musicais, durante oito anos. Apresentaram-se por todo o sul brasileiro, desde Porto Alegre, Florianópolis, Curitiba, São

Paulo e Campo Grande, juntamente com os seus companheiros, os músicos Lori, Paulo Balzan, Sérgio Reveleux, Aldo Balzan, Odilar, Dino Bertóglgio e Alcindo Laidens.

Foi nessa Orquestra, que rivalizava na época com Baudolfi, Cassino de Sevilha e outras, que Lori mostrou e demonstrou todo o seu potencial artístico, sempre sorridente, revezando-se em todos os instrumentos de ritmo, e se movimentando por todo o palco. Daí o seu pioneirismo comportamental, levando plateias ao delírio, e recebendo convites de outros conjuntos musicais para atuar em Porto Alegre e São Paulo, sendo convidado para trabalhar na TV Catarinense.

Os Tchê de Passo Fundo, conjunto regionalista, foi um dos pioneiros no gênero. Dele fizeram parte os renomados músicos, testemunhas vivas dessa história: Jorge Trindade, Miguel Pereira, Benhur Barbosa e Marcon, todos famosos nos meios tradicionalistas daquela década, que ainda requisitavam o Lori, principalmente para atuar nas tempora-

das no Mato Grosso do Sul.

O nosso eclético, vivaz e serelepe ritmista, precursor, do músico em movimento, ainda encontrou forças e tempo para integrar, juntamente com seus amigos, Zé, Sarará, Dejanira, Lori, Paulista e Carrão, o Grupo de Samba Passo-Fundense "Sandália de Prata", onde, amadoristicamente, encerrou sua carreira.

Nos dias de folga de sua vida artística, trabalhou nas Lojas Alegretti, na Reny Calçados e, atualmente, trabalha nos domingos e feriados na portaria do Centro Clínico, sem contar que, nas horas vagas, com oitenta e um (81) anos de vida bem vivida, com sua família, alegre e sorridente, trabalha com pintura...de paredes, para não passar o dia parado!

Eis mais um passo-fundense de coração, que brilhou e que abrilhantou a nossa vida social!

Nota: ¹Regionalismos e apelidos.

(Odilon Garcez Ayres, romancista e historiador, é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

A Vila Luíza de Passo Fundo

WELCI NASCIMENTO

A área geográfica, que abrangia a antiga Vila Luíza, em Passo Fundo, era uma imensa mata nativa incrustada na cidade. Ainda há vestígios dessa mata. A árvore predominante era a araucária. Majestosos pinheiros despontavam nas baixadas da cidade.

Conta a professora Delma Rosendo Ghen, historiadora, em um dos seus livros, “Passo Fundo Através do Tempo”, que os indígenas subiam nos imensos pinheiros ali existentes, para espiarem as famílias de origem alemã, que vieram morar no alto da Rua Morom, traçada no ano de 1865. Imagina-se que esses pinheiros alimentavam os índios do grupo que ali faziam suas moradas, pois havia kaigangues, abundância de caças de frutas silvestres, e peixes, nos arroios que recortavam aquela baixada do povoado de Passo Fundo.

Quando chegaram os tropeiros paulistas e os imigrantes alemães, nos primeiros anos do século XIX, estabelecendo-se no alto do Boqueirão e nas proximidades, onde mais tarde seria aberta a Rua Morom, esses indígenas foram-se afastando do seu habitat natural, para dar lugar ao chamado homem civilizado. A área passou a ser objeto de partilha.

O Cartório de Registro de Imóveis de Passo Fundo diz que “por falecimento de Frederico Guilherme Kurtz, a área de terra, hoje Vila Luíza, foi partilhada”. Frederico Guilherme Kurtz foi um líder político de grande prestígio junto aos republicanos, e o primeiro Intendente (Prefeito) de Passo Fundo, inaugurando esse período da história. Com o decorrer dos anos, a viúva, Anna Kurtz, transferiu para o Sr. Athanagildo Rodrigues da Silva aquela área de terra, tendo como benfeitorias uma casa velha, galpões, etc., tudo cercado por valos e águas. Em 1938, Athanagildo e sua mulher Luíza Acauã da Silva, por meio de Decreto Municipal, dividiram o referido lote, denominando-o: “Loteamento Vila Luíza”. A prefeitura abriu 18 ruas, muitas delas com nome da família Kurtz, como: Anna Kurtz, Guilherme Kurtz, Benedito Acauã, etc.



Vila Luíza em 1960

O imóvel dividido em lotes, sob a denominação de “Vila Luíza”, ligava-se à cidade, constando de duas partes contíguas. A primeira, com divisa ao nascente, pelo arroio Manjolinho. E a segunda ao norte, com terras de Guilherme Morsh e Arthur Issler, também antigos líderes políticos da região norte do Rio Grande do Sul. A segunda área fazia limite, por valos, com as terras da própria Anna Kurtz e da Prefeitura, até a sanga da Biquinha. Atingia ainda a sanga do arroio Manjolinho e do Barracão, chegando à estrada que vinha do Engenho de Leôncio Rico, certamente parente de Ramon Rico, que doou ou vendeu o terreno onde hoje está assentada a Igreja Nossa Senhora da Conceição.

Por aí se vê que o loteamento Vila Luíza era muito grande. Mais tarde, ele abrigou famílias originárias das localidades: Nossa Senhora das Graças, São Roque, Capinzal, Tapejara, Água Santa, e outras.

Quanto ao nome “Vila Luíza”, ainda não há clareza. Tive a oportunidade de entrevistar pessoas de antigas famílias, hoje falecidas: Fante, Previati, Peres, entre outras, mas as dúvidas persistiram. Uns diziam que o nome homenageava a esposa do loteador da área, Luíza Acauã da Silva. Outros, que antes mesmo da organização do loteamento existiam algumas casas, numa das quais havia uma mulher “mal falada”, e conhecida Luíza, que costumava explorar casas de tolerância, ou de meretrício.

O que se sabe é que Athanagildo Rodrigues da Silva, no memorial descritivo do loteamento, solicita simplesmente a divisão do lote sob a denominação de “Vila Luíza”, sem que nada justifique esse nome. A Vila foi crescendo ao natural, sob completo abandono. O poder público municipal não voltava suas atenções para a baixada da Vila Luíza. Só no final da década de 70 começou-se a calçar as primeiras ruas. A iluminação pública era precária. E, em matéria de prédio escolar, só havia uma escolinha sob a coordenação de um grupo de Vicentinos. Por sua vez a segurança pública só se concretizou no local, por iniciativa do saudoso padre Paulo Jacques. O lazer e a vida religiosa também resultaram da iniciativa daquele sacerdote. As ruas, na sua maioria, eram envaletadas. Por essas valetas corriam tanto as águas fluviais como as poluídas. A água encanada, potável, custou a chegar.

A Vila Luíza continua sendo, ainda hoje, um grande dormitório da cidade. Lá não há um comércio forte, não há indústria, não há edifícios, não há praça pública nem local para o lazer das crianças. Mas, por outro lado, há um povo ordeiro, que se desloca diariamente, para os mais variados pontos da cidade, a fim de trabalhar e contribuir com o desenvolvimento de Passo Fundo.

(Welci Nascimento é professor e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Recado ao falecido pai

E!... Meu pai... Por te escutar
 Deixaste-me numa fria.
 Diziais que honestidade
 Era uma garantia.
 Por ter me mantido nisto,
 Se foi a minha alegria.
 A razão aqui se cala
 Pra mais fria covardia,
 E o que eu ganho por ano,
 Um sacana ganha num dia.

Um pouco o vovô tem culpa,
 A mamãe e a titia,
 Informavam que consciência
 Suja... Não se dormiria.
 Se valesse isto hoje,
 Pouca cama se usaria,
 E os sem sono, nesta terra,
 Assustaria a quantia...
 Pra manter o que ensinaste
 Sempre estou em agonia,
 E o que eu ganho por ano,
 Um sacana ganha num dia.

Meu velho, eu te entendo,
 Pois tu também não sabias,
 Afinal eu sou do tempo
 Em que o filho obedecia.
 A juventude de hoje
 Tu nunca entenderias.
 Com raras exceções,
 Faz da droga a energia.
 E o que eu ganho por ano
 Um sacana ganha num dia.

Abandonei as caçadas
 E também a pescaria;
 Não jogo mais futebol
 Nem torço como eu torcia;
 Faliu a cooperativa,
 Mas não a diretoria;
 O meu primo é deputado!
 Tu vais pensar "quem diria"?
 E o que eu ganho por ano,
 Ele ganha em meio-dia.

O que estão roubando aqui,
 Já virou coisa enfadonha,
 E quem não age assim
 É tachado de pamonha.
 Vai o auto e as galinhas,
 A cama, também a fronha.
 Sequestram até criança!
 Ai de quem não se disponha!
 Estão matando a qualquer jeito,
 É com bala e a coronha,
 O medo está aumentando,
 Mas terminando a vergonha.

O que tiram de aposentados
 Duvido que alguém reponha.
 Para os jovens tem o ficar,
 Não é mais coisa bisonha,
 E o beijar ou amassar
 É moderno que se exponha.
 Depois, os pais ou avós
 Que se virem com a cegonha!
 A paisagem de nossa política
 É escura e muito tristonha,
 Cadeia pra ladrão grande,
 O povo ainda só sonha.

Essa coisa por aqui
 Virou no quadro da dor,
 Quase tudo tem esquema
 E o povo só vê a cor...
 Até leis são negociáveis,
 Tem a moeda por fator,
 CPI, pizza e marmelada,
 Tem de qualquer sabor.
 Dizem que a democracia
 Está em pleno vapor.
 E que tal se tu soubesses
 Quanto ganha um vereador!

Multiplique muitas vezes,
 Deputado e senador,
 De prefeito a presidente,
 Vão que nem santo em andor.
 E a gente paga as promessas
 Do milagre enganador.
 Sempre sobram candidatos,
 Triste é ser o eleitor,
 Em discurso que dá voto
 Analfabeto é professor.

Eu vou parar por aqui,
 Pra não te causar horror.
 Se hoje moras no céu,
 Já tens a paz e o amor.
 Se estiveres no inferno,
 Agente como ele for,
 Pois aqui tem muita gente
 Que está bem pior que o senhor!
 Mas nunca perca a esperança,
 Pois só Deus é o salvador.



(Francisco Mello Garcia
 – Xico Garcia é membro
 da Academia Passo-
 Fundense de Letras.)

Aprendizado sem mestre

SANTO CLAUDINO VERZELETI

Em junho de 1944, meu tio Urbano Tristachi realizou a tradicional visita noturna, que os italianos chamavam de “filó”, à casa de seu cunhado Herculino Verzeleti, a fim de bater um papo e trocar ideias.

A ocasião foi muito especial, pois o tio trazia uma boa-nova ao conhecimento de todos. Ele havia adquirido um rádio, uma vez que achava muito importante e necessário ouvir as notícias da guerra. Era a época da Segunda Guerra Mundial, e não havia outro meio de acompanhar as peripécias do conflito, a não ser pelas ondas do rádio.

Fazia um frio de rachar, quando ele, ao calor do fogão a lenha, deu início à narrativa sobre o que havia escutado durante a semana.

Eu era um garoto e aquelas histórias me fascinavam. Por isso permaneci na cozinha, na companhia dos adultos. Por nada desse mundo haveria de perder a prosa do tio, que falava de sangue e matanças sem fim.

De repente, meu pai se deu conta de que eu não deveria estar lá, escutando aquelas notícias, consideradas por ele como assunto de adultos. Repreendeu-me e ordenou que fosse para a cama. Como a obediência, naqueles tempos, era um princípio inquestionável, não tive alternativa senão cumprir a ordem, nem que fosse somente por meia-obediência. Daí que me plantei atrás da porta, e consegui escutar tudo, até os detalhes da narrativa, como o avanço dos aliados, os bombardeios e as atrocidades promovidas pelos nazistas.

E, graças a essa coragem, aquela noite tornou-se um divisor de águas em minha vida. Ao recolher-me, depois que o tio Urbano se despediu, não consegui conciliar o sono. Continuava a ruminar aqueles trágicos relatos, e tremia todo o corpo só de lembrá-los.

Eu estava com nove anos de idade e, na semana anterior, quando um teco-teco cruzava sobre nossa propriedade, ouvira o pai falar que aquilo era um sinal da guerra. Nunca um avião sobrevoara os céus da Linha Garibaldi,

nem mesmo os povoados de Rondinha ou Sarandi.

Nesse tempo, eu cursava o primeiro ano primário na Linha Lageado Seco, e encontrava enorme dificuldade em juntar as letras. Observava com ansiedade a capa da Selecta, o livro que ensinava a gurizada a ler. O alfabeto se parecia mais com um enigma de difícil solução, e a didática empregada pelo mestre não alcançava meus neurônios. Afinal, vivera nove anos distante de tudo aquilo, e minha cabeça falhava, sempre que me mandavam soletrar.

No domingo seguinte, como era hábito das famílias italianas, muito religiosas e tementes a Deus, o pai foi assistir à missa em Rondinha, a uns oito quilômetros de distância. Quem viveu naqueles velhos tempos, sabe muito bem que a cerimônia era toda oficiada em latim, de tal sorte que ninguém entendia nada. Mesmo assim, o fervor e a fé não tinham limites, e todos tratavam de acompanhar as rezas e pregações do celebrante.

Após o ato litúrgico, alguns homens se dirigiam à bodega do Gatti, que era o bar daquela época remota, a fim de comprar caramelos ou beber um trago, enquanto outros se dirigiam à Casa Canônica (onde morava o padre), para buscar o jornal Staffeta, hoje denominado Correio Riograndense, cuja editora está estabelecida em Caxias do Sul.

Naquele dia memorável, assim que o pai entrou em casa com o jornal, vibrei de contentamento, imaginando que as histórias contadas pelo tio Urbano

deviam estar escritas ali.

Nem participar do almoço eu quis, mesmo tendo varado a noite em claro. Enquanto os outros se postaram ao redor da mesa, para a refeição domingueira, eu apanhei o jornal e me pus a procurar, de alto a baixo, onde estariam estampadas as notícias da guerra. Tinha certeza de sua presença naquelas páginas, meio enigmáticas, mas tão ricas de simbologia...

Tentei então, num esforço sobre-humano e com extremo sofrimento, juntar as letras e aglutiná-las em palavras. Ainda não sabia ler nem escrever, pois na roça esse processo acontecia bem mais tarde. Basta dizer que minha professora só possuía formação primária, para entender o quanto era difícil a alfabetização daquela gente rude e distante de toda informação.

Mas eu estava decidido a descobrir o que se escondia por trás das letras, e obrigá-las a contar-me os seus segredos.

Era inverno, e um ventinho cortante entrava por baixo da porta, quando me sentei na varanda, onde o sol timidamente penetrava, tentando traduzir o que aquelas páginas contavam. Mesmo sentindo frio, eu transpirava, e contorcia-me como um Nanetto Pippeta, procurando acolher as letras e dar-lhes significado, a fim de que me revelassem as façanhas da guerra.

Após muito pensar, refletir, fazer ligações entre um vocábulo e outro, finalmente, deu-me o estalo! Consegui



ler, entrar no âmago de cada palavra e estabelecer relação entre uma e outra, formando as frases. Eureka! Agora o suor descia em bicas! E eu tremia, literalmente. Não sei dizer se era de frio ou de emoção...

Devagar, fui decifrando as primeiras linhas e descobrindo, por mim mesmo, a capacidade de ler sem professor. Aliás, tive um grande mestre, e dos mais excelentes, nesse momento significativo de minha vida: o jornal Correio Riograndense. Foi ele que me oportunizou a maior e mais gloriosa aquisição, naqueles tempos limitados, quando nem todos tinham acesso à leitura. Na escola, a instrução se fazia pela decoreba, não pelo raciocínio e a lógica, como ocorreu comigo.

Daquele dia em diante, o jornal tornou-se meu grande aliado, o fiel escudeiro que me possibilitou comprovar o que meu tio Urbano contava. Esse informativo, ao narrar-me os acontecimentos da guerra e tantos outros, passou a ocupar um espaço privilegiado em meu coração. E a ansiedade dominical para tê-lo entre as mãos, olhá-lo de alto a baixo, percorrer

suas páginas e descobrir suas histórias interessantes, só foram aumentando com o passar dos dias. Sou grato a esse veículo de comunicação, pela importância que teve em meu aprendizado, e pela influência em minha formação e enriquecimento cultural.

Já se passaram mais de seis décadas, desde o nosso primeiro contato. Mas até hoje continuo lendo e destacando dele notas importantes, que apresento em meu espaço de rádio, todos os sábados, há 36 anos. O programa denomina-se “Programa em Talian Anita Garibaldi”, e vai ao ar das 13 às 14 horas, na Rádio Diário da Manhã, em Passo Fundo.

Pela significância do Correio Riograndense em minha trajetória de vida, e pela oportunidade de acesso a informações que outros periódicos não trazem, sou-lhe imensamente grato, além de um acalorado admirador.

Nota: Texto escrito para a edição comemorativa dos cem anos do jornal Correio Riograndense. Assinante: Centro Cultural Italiano Anita Garibaldi, Passo Fundo/RS.

(Santo Claudino Verzeleti é membro da Academia Passo-Fundense de Letras e da Academia de Ciências Contábeis do RS. Fundador do Centro Cultural Italiano Anita Garibaldi)



O CINEMA

SANTINA RODRIGUES DAL PAZ

Quero falar nos cinemas de nossa cidade (Passo Fundo), porém devo fazer algumas considerações, pois o assunto é deveras apaixonante.

O cinema apresenta arte, indústria, comércio. É constituído pela produção, difusão e repercussão de sua obra. O filme, o local, são semelhantes ao teatro: apresentados ao público, e a sala é provida de uma tela, onde se projetam as imagens por meio do aparelho cinematográfico.

O inventor do primeiro projetor moderno, conhecido por vitascope, foi Thomas Armat em 1895, faz parte de trás de uma câmara Pathé de 1906. Era acionada por uma manivela e o filme saía da caixa colocada sobre a máquina. Era um dos primeiros projetores de 16 mm, construído em 1923.

A princípio, o cinema foi uma curiosidade científica. Depois um espetáculo de feira, passando então ao plano dos negócios. E, como arte, foi reconhecido na segunda década do século XX. Foi denominada Sétima Arte, nome dado por Canudo.

Analisando, o cinema tem aplicações importantes. E é um poderoso veículo de propaganda. Através da produção cinematográfica, é possível conhecer e avaliar os costumes e estilos de vida das pessoas, de qualquer parte do mundo.

Os precursores e inventores, para a descoberta do cinema, precisavam de dados que enriquecessem a sua pes-

quisa, ex.: a lanterna mágica, capaz de projetar imagens fixas, já conhecida no Egito dos Faraós. Em todas as épocas, houve a preocupação dos estudiosos do assunto, com o problema da projeção da imagem. Entre eles: Roger, Bacon, Da Vinci, Cellini. Mas no século XVII a história dos precursores do cinema começou com o jesuíta alemão Athanasius Kircher (1601-1680), que construiu a



primeira lanterna mágica.

O tempo passa e as descobertas continuam. O cinema “nasceu das possibilidades de expressão conjugada da imagem e do som”, afirma André Malraux. O cinema tem linguagem própria, autônoma, quando ocupa um lugar entre as artes, ao contrário da televisão, que

apresenta um cinema sem por disputar o público, mas por apresentar outros fatores, entre os quais o comodismo das pessoas e interesse por certos programas, seriados, etc.

Durante a primeira guerra mundial (1914), o cinema, nos Estados Unidos, difundiu-se espetacularmente com Mack Sennett, criador da comédia americana, Chaplin. Na mesma época, a indústria americana instalou-se na Califórnia, e o cinema americano tornou-se o dono do mercado mundial, ao término dessa guerra. Destacaram-se também os cinemas de outros países, como a Suécia, Alemanha, França, Dinamarca, Itália e outros.

O cinema sonoro apresentou-se, pela primeira vez, falando ao público, no dia 06 de outubro de 1927. Foi um grande acontecimento, a estreia de *The Jazz Singer* – O Cantor de Jazz. E foram surgindo as descobertas, os demais ajustes, e apareceram também as censuras.

O cinema brasileiro veio mais cedo do que se esperava. Em 1900, foi rodado o primeiro filme brasileiro fora do país, com um documentário do presidente Manuel Ferraz de Campos Sales (o quarto presidente da República, no Brasil – 1898-1902), em uma viagem a Buenos Aires. Mas o primeiro filme brasileiro a obter destaque internacional (1951) foi “O Cangaceiro”, de Lima Barreto, e também “Vidas Secas” (1963), extraído do romance de Graciliano Ramos, e dirigido por Nelson Pereira dos Santos. E aos poucos o cinema brasileiro foi mostrando sua arte.

Ficamos então com uma pálida in-



Interior do cinema Coliseu

rodução sobre “Cinema”, pois o foco é rever como esta arte chegou a Passo Fundo - RS.

A cidade de Passo Fundo recebeu, em 1910, por aí – Roberto Silva – (Robertinho), que foi o primeiro na apresentação do cinema, instalando a primeira sala de cinema em um Galpão Velho, de propriedade do Capitão Jovino Freitas (pai do Dr. Jovino Freitas), na Rua General Netto, local onde hoje está o Barrisul. Ficou instalado então o “Cinema Pathé”. Robertinho instalou outras salas de cinema, entre elas a da Rua Morom, defronte à Praça Marechal Floriano, onde hoje é a casa “Paula Calçados”. Nesta mesma época, a família Reichmann, proprietária do “Cinema Central”, localizado na Avenida Brasil esquina com a Avenida Sete de Setembro.

Mais tarde, no dia 06 de março de 1920, foi inaugurado um luxuoso cinema – “Cinema Coliseu”, com capacidade era para umas 500 pessoas,

situado na Rua General Netto, cujo proprietário era Florêncio Della Méa. Os ingressos estavam à disposição em três modalidades: plateia (cadeiras de palha), frisa (cadeiras quase ao nível da plateia) e luxuosos camarotes. Para maior brilho, foi instituído um prêmio para o camarote ornamentado com mais gosto e arte. Anexamos o convite para a inauguração e o ingresso do Camarote.

O Cinema Coliseu iniciou suas exibições com obras do cinema mudo, isto é, ainda não tinha sonorização. Então contratavam orquestras que tocavam antes do início do filme, durante ele e no intervalo. Destacavam-se entre as orquestras: Claro Pereira Gomes, Ormino de Freitas Ubaldo, Querino Barbosa e Felipe Pacce.

Em 1931, os filmes já apareciam com sonorização parcial. O Cinema Coliseu aproveitava o espaço e também apresentava shows com teatro de revista e artistas famosos: Vedete – Virginia Lane

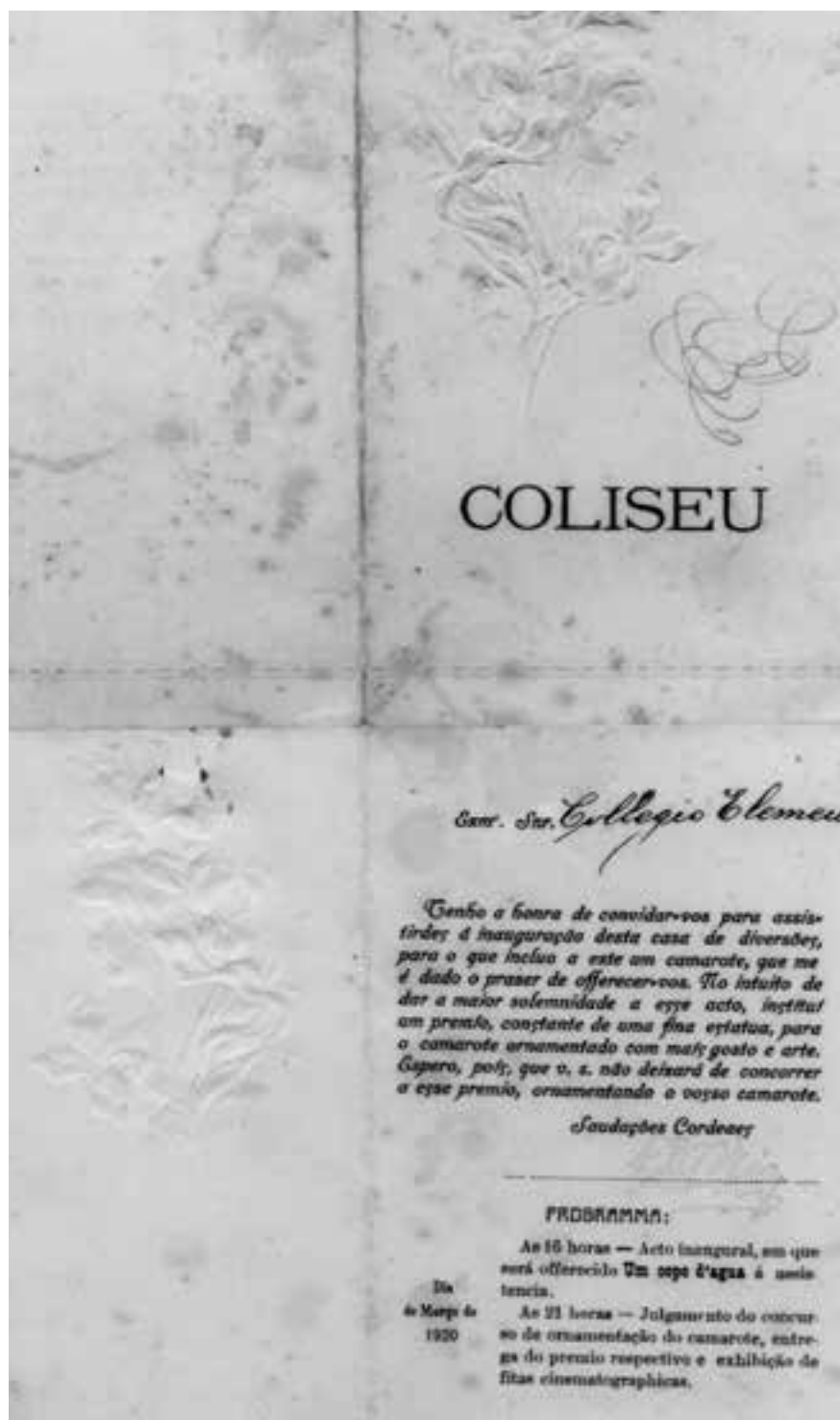
que com suas pernas perfeitas, encantava o público; o ator Procópio Ferreira; o cantor Vicente Celestino, com suas belas canções; Francisco Alves, considerado o rei da voz. Este mesmo cinema apresentou grandes clássicos, como Maria Antonieta, O Vento levou, Luzes da Cidade e muitos outros. Sem esquecer dos filmes de Charles Chaplin (com suas sábias mensagens).

O Cinema Coliseu, em 1948, foi destruído por um incêndio, que queimou também o Café Colombo que se encontrava ao lado. Reconstruído, voltou às suas atividades normais até 1953. No mesmo ano, a Empresa de Cinemas Rossi, situada em Porto Alegre, aproveitando a oportunidade comercial, comprou o cinema e trocou o nome para Cine Real. (Quem também se destacou como proprietário do Cinema Coliseu foi a família Pretto – Angelo Pretto e seu filho Arthur Pretto e João Magi de César).

Já findando os anos 30, Eduardo Valandro inaugurou o Cine Imperial (Imperialzinho, segundo o Senhor Modesto da Silva), situado na Rua Bento Gonçalves/ esquina com a Rua General Osório (Ughini). Modesto acompanhou o crescimento da cidade e a história do cinema, até chegar às máquinas de projeção, como funcionário em vários cinemas. E conta que, algum tempo depois da inauguração do Imperialzinho, um incêndio acabou com a sala de cinema. Mas Eduardo Valandro não desistiu e, em 1940, instalou um novo Cinema Imperial, no edifício Rotta, situado na Rua General Netto, ao lado da Catedral.

No decorrer dos anos de 1930, havia o Cine Avenida, na Rua Moron (centro), mas sua atuação foi passageira. No entanto, no Cine Rex, localizado na Avenida Brasil, na quadra entre as ruas General Netto e Bento Gonçalves, os filmes eram apresentados em forma de seriados. A curiosidade surgia, quando o filme estava no auge de um grande acontecimento, e era suspenso até o próximo domingo. Esse cinema continuou a existir por mais de cinco anos, e bem frequentado aos domingos, pois era a única programação dominical, além da missa na parte da manhã.

A Empresa Rossi, chegando a Passo Fundo e vendo que o cinema era um negócio bom, acabou comprando, além do Coliseu/Real, também o Cine Imperial. E o Cine Real foi ampliado, obtendo uma linda sala com largas dimensões e com mil cadeiras, onde ia oferecia



ao público a oportunidade de assistir a grandes espetáculos. Este cinema encerrou suas funções em fins dos anos 70, quando cedeu o espaço para a instalação de um Banco.

Atualmente, é uma Casa Comercial: “a Tumelero”.

Em 1967, foi inaugurado o Cine Corral, localizado na Rua Senador Pinheiro, próximo à Praça Capitão Jovino (Vila Rodrigues – Igreja Santa Terezinha). Ele foi idealizado pela empresa Rossi, que monopolizava a rede de Cinemas, tentando servir também àquele Bairro da cidade. Lembro do filme que foi um sucesso total, em sua inauguração: Dr. Givago. Eu estava lá, apreciando aquela beleza de filme.

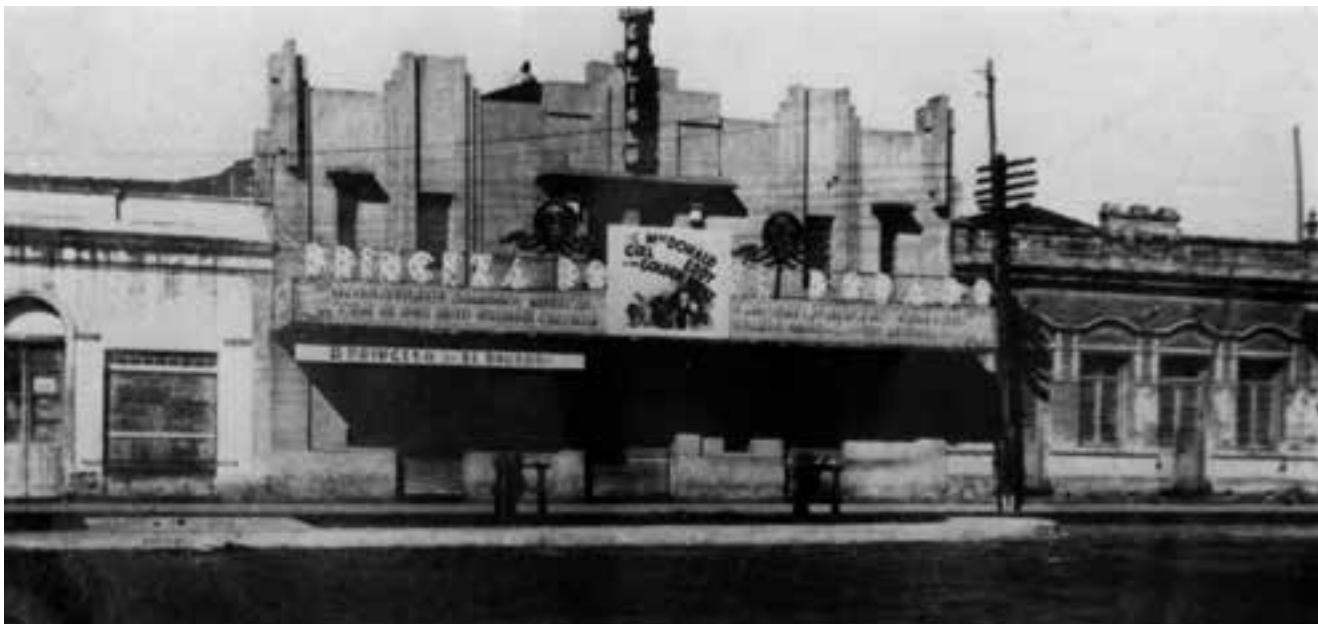
O Cine Teatro Pampa foi inaugurado em 1962, pela empresa Turismo Cine e Hotéis Reunidos. Seu proprietário, o empresário Tadeu Nedeff, entregou a obra aos passo-fundenses, junto ao hotel luxuoso, havia uma sala de cinema, também luxuosamente equipada com cómodas cadeiras, para duas mil pessoas. O Cine Teatro Pampa foi palco de shows, com excelentes artistas, e maravilhosas peças teatrais.

Em dezembro de 1968, a Casa de Espetáculos incendiou com chamas violentas, ficando desativada, em reconstrução, mas o Hotel foi salvo. Felizmente, no Natal de 1970, o Cine Pampa voltou às suas atividades normais e, em 2005, fechou definitivamente. Mais tarde foi reformulado, servindo apenas para estacionamento. Foi lamentável. Mas tudo tem seu tempo.

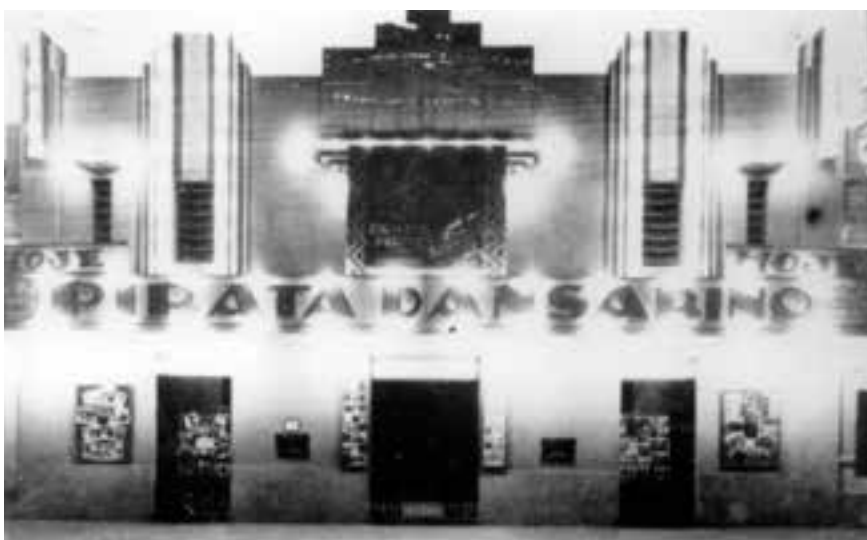
Os grandes cinemas foram fechando suas portas. Temos hoje as salas de cinema dos shoppings, Bella Città e Bourbon. São salas modernas, confortáveis, mas menores, naturalmente.

Charles Spencer Chaplin, O Carlitos, nasceu em Londres (1889-1977). A casa onde viveu seus últimos 25 anos, em Corsier-Sur-Vevey, na Suíça, foi transformada em museu, para homenagear o ator. E ele nos deixa, uma de suas mensagens: “Cada pessoa que passa em nossa vida, passa sozinha, é porque cada pessoa é única e nenhuma substitui a outra! Cada pessoa que passa em nossa vida passa sozinha e não nos deixa só porque deixa um pouco de si e leva um pouquinho de nós. Essa é a mais bela responsabilidade da vida e a prova de que as pessoas não se encontram por acaso.”

Os cinemas deixaram muita saudade. Foram anos gloriosos. Assistíamos



Cinema Coliseu



Cinema Coliseu



Cine Teatro Pampa



Sala de projeção do cine Pampa



Antigo cine Coral

muitos filmes maravilhosos, em horários diferentes, aproveitando as sessões da tarde (matinê) e da noite. Na época, o cinema era umas das diversões que mais atraíam o público.

Ver filmes como Sissi..., O Vento Levou, Dr Givago, (com Richard Burton, e Sophia Loren), O Gordo e o Magro (a maior dupla cômica do cinema), Oscarito (que nasceu na Espanha e veio com dois anos para o Brasil), Mazzaroppi (com suas histórias de humor), Charles Chaplin, foi muito agradável.

Por fim, gradativamente, houve uma diminuição na procura do público aos cinemas.

Toda esta caminhada, eu vivi. Lembro ainda dos passeios ou “futing” na calçada da praça Marechal Floriano, defronte aos cinemas Coliseu (Real) e Imperial, antes ou depois de assistir ao filme. Os rapazes parados a observar as mocinhas com seu charme e beleza. Mal sentíamos falta dos olhares... e de algumas frases poéticas inesquecíveis. A agonia era não transparecer para os pais. Mas tudo era saudável. Foram realizados muitos casamentos.

Nota da autora: (Este trabalho contou com a colaboração do Sr. Modesto Bonifácio da Rosa e do acadêmico Marco Antônio Damian. Todas as fotos foram cedidas pelo acervo do Museu de Artes Visuais Ruth Scheider.)

(Santina Rodrigues Dal Paz é professora e vice-presidente da Academia Passo-Fundense de Letras.)



Antigo cine Coliseu



Cine Imperial

Cinema ambulante do SESI do RS

SANTINA RODRIGUES DAL PAZ

O serviço do Cinema Ambulante do SESI, no Rio Grande do Sul, (cinema ao ar livre) teve como objetivo projetar filmes comerciais – 16 mm, de cunho recreativo. E também era a sua preocupação atrair pessoas, para divulgar conselhos úteis, com fins educativos.

Foi por intermédio do Sr. Décio Iohann (já aposentado do SESI de Passo Fundo, onde prestou relevantes serviços à nossa comunidade) que recebi informações do Sr. Humberto Didonet (Porto Alegre – 2010 – já com 88 anos), que também foi funcionário do SESI, de 1950 até início de 1981. Do Sr. Décio obtive subsídios informativos do tão esperado “Cinema Ambulante do SESI”. Gesto que muito agradeço.

O Sr. Didonet iniciou como chefe de divulgação cultural, que fazia parte da Divisão de Educação Social, com o Dr. Leopoldo Hoffman. O Cinema Ambulante foi criado em 1951, dirigido pelo Sr. Agostinho Martha. Então esta atividade é original do SESI do Rio Grande do Sul. O Sr. Didonet, liberado de suas funções, foi atender suas atividades profissionais, entre elas o jornalismo.

Os filmes eram projetados ao ar livre, nos bairros, centros operários e industriais do estado, nos seguintes municípios: Porto Alegre (03 equipes), São Leopoldo, Novo Hamburgo, Caxias do Sul, Passo Fundo, Coxilha, Marau, Pelotas, Rio Grande, Carazinho, Santa Cruz, Santa Maria, Uruguaiana e outros.

Em Passo Fundo, a projeção era operacionalizada por uma equipe composta de três pessoas. Transportavam e montavam a aparelhagem. A tela era um pano branco bem grande. E então transmitiam mensagens educativas ao público disciplinado, e a equipe animava a plateia. As sessões eram realizadas de segunda a sexta-feira. Cada posto podia ser visitado duas vezes ao mês. A energia elétrica era fornecida pelo morador mais próximo do local visitado.

Estas apresentações eram realizadas em Passo Fundo. E quem não lembra do Sr. Nelson Petry? Ele trabalhava com as projeções e alegrava a plateia, juntamente com sua esposa que o auxi-



liava. As crianças e adultos apreciavam muito os filmes, uns muito engraçados como “O Gordo e o Magro”, e muitos outros que divertiam por muitas horas. As atenções eram voltadas para as interessantes projeções. Quem não levava cadeira, assistia em pé e no sereno, sem reclamar, pois era grátis.

O Sr. Petry, embora natural de Rio Pardo, era passo-fundense de coração. Trabalhou no SESI uns vinte anos. Pessoa alegre, prestativa, tocava gaita em um programa gauchesco, nas Rádios Passo Fundo e Planalto. Foi um grande entusiasta pelo “Cinema Ambulante do SESI”. Com a saída do Sr. Petry, quem deu continuidade ao trabalho foi o Sr. Agenor Terres, mas por pouco tempo.

O referido cinema cumpriu o seu papel: educou e alegrou o povo que ali comparecia. Ofereceu seus conselhos úteis, distribuindo livretos com sugestões para educar a família. O SESI já oportunizava, na época, a leitura para crianças e adultos (Revista Sesinho). Ultimando seu trabalho, e consciente do dever cumprido, o cinema deu lugar à televisão. Velhos tempos bem aproveitados! Formando alas para a modernidade... Mas que pena que os jovens não viveram essa linda e proveitosa experiência!

Alguns conselhos úteis:

Educação: Todo homem, até o fim da vida, deve preocupar-se com sua educação.

Franqueza: Seja franco, sem grosseria!

Vício do roubo: Quando a criança che-

ga a sua casa, com qualquer objeto que não lhe pertence, dizendo tê-lo ganho ou achado, é dever dos pais esclarecer direito a procedência do objeto. A falta deste cuidado pode dar causa ao vício do roubo.

Bondade: Sê bom, e verás que os outros te cercam.

Sensatez: Pelas faltas dos outros, o homem sensato corrige as suas.

Oração: Nunca o homem é tão grande, como quando está de joelhos diante de Deus.

Os livretos distribuídos eram ricos em sugestões para o bem viver, para a alimentação, boas maneiras, economia, higiene, libertação de vícios, boa conduta em qualquer lugar, solidariedade segurança no trabalho, etc.

A imaginação é fértil dando significado às coisas que nossa mente registra e, imaginamos com riqueza de detalhes, aqueles espaços que nos cercam. Assim vejo o local onde o Sr. Petry (assim chamávamos) montava os aparelhos para poder passar os filmes programados para aquela noite. O povo da localidade já o esperava. Era uma festa! Dona Maria com ansiedade chamava a criança e, gritava tragam cadeiras...

Este encontro das pessoas unia as famílias. Os pais com seus filhos. Os vizinhos com vizinhos com harmonia e respeito.

Com este relato destacamos para todos. E quem programou foi o SESI, que fez e continua fazendo a sua parte.

(Santina Rodrigues Dal Paz é professora e vice-presidente da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Visita ao Dr. Sabino Arias, na tarde de 18 de outubro de 2008

(FOTOS: ARQUIVO P. A. V. F.)



Dolores e Pedro Ari Veríssimo da Fonseca e Celi e Sabino Arias

PEDRO ARI VERÍSSIMO DA FONSECA

Veríssimo - Certa feita eu conversava com a D. Ignez Bernadon, e ela contou-me um episódio em que o Sr. pernitoiu no Hotel do Bilibio. Disse-me ela que o Celeste adoeceu. Alguém chegou ao hotel e contou: O Bilibio disse que o Dr. Sabino recém havia saído de auto para Passo Fundo. A pessoa montou a cavalo e saiu correndo até alcançar o seu carro. E o Sr. Voltou para atender o Celeste. Que carro o Sr. Tinha? Como era o hotelzinho?

Sabino – O Celeste era o sogro do Bernardon. Havia uma festa lá. Eu morava no Hotel Avenida e não quis voltar à noite. Eu tinha um Ford 1929. Era um hotelzinho simples, com uma cama de rodas e uma mesinha.

Veríssimo - Nesses seus atendimentos médicos, houve algum episódio interessante, fora do atendimento

convencional?

Sabino – Tinha caboclos, desses gaúchos, gente interessante. Vou te contar um episódio de um gauchão: O gauchão me procurou para fazer uma cirurgia nele, de um tiro que havia tomado e que fez uma fistula, e não tinha resolvido o problema. Posteriormente, eu operei a mulher dele de um carcinoma de mama, e também fui bem sucedido. Ele era um homem de poucas posses. E eu não apresentei conta pra ele. Um ano depois, um filho dele me procura e me pede um favor: que eu emprestasse três mil cruzeiros, que ele tinha necessidade de resolver um problema. Eu emprestei. Uma hora depois batem à minha porta. Estava o gauchão lá.

“- Doutor, eu vim lhe trazer de volta os três mil reais. Agora, vou lhe explicar uma coisa: quando eu tive necessidade médica, eu lhe procurei para a minha perna e para a minha mulher. Agora, o senhor não pode ser ocupado pra tudo. O senhor não pode ser o petiço da porta.

Então, vim lhe trazer de volta seus três mil reais. Meu filho deve incomodar outra pessoa, não pode incomodar o senhor.”

Coisa típica do gaúcho!

Veríssimo - Eu estou reabrindo o Instituto Histórico de Passo Fundo. Nisso, o Alberi Falkenbach Ribeiro muito tem me orientado, o senhor conhece o Alberi?

Sabino – Conheço. Não posso dizer que com intimidade, mas eu conheci muito o Gelson Ribeiro. O Gelson era um advogado em Passo Fundo, que era Falkenbach também. Esses Falkenbach são de uma família conhecida, originários do Tope, dos Três Passos, famosos porque eram quebras, eram gente considerada valente.

Veríssimo - Mas o Alberi parece que de valente não tem nada naquele corpo.

Sabino – É, mas o Alberi é geração



Hospital de Caridade, 1914

nova, mas eu conheci bem a família Falkenback.

Veríssimo - Eram todos tauras das coxilhas?

Sabino – Exatamente. Eles tinham um apelido, eram chamados os Bibianos. É como eles eram conhecidos na região. O Alberi já vem de família de advogados.

Veríssimo - Trouxe-lhes umas fotos antigas de Passo Fundo...etc. Esta é da casa do Gabriel Bastos, foi o Jovino que me deu. Conheceu o Gabriel Bastos?

Sabino – Pessoalmente. Era pessoa altamente respeitada na cidade. Ele era dono da Livraria Bastos. O Murilo Annes era casado com uma Bastos.

Veríssimo - Um fato marcante desses anos ...

Sabino – Naquela época o Dr. Vergueiro era o Intendente de Passo Fundo. Nessa ocasião, lá por 1920, deu a famosa gripe espanhola. O Vergueiro então declarou Calamidade Pública em Passo Fundo, e requisitou os dois únicos hospitais que havia: o São Vicente, pequeno hospital, e o de Caridade. Eles prestaram relevantes serviços, recolhendo gente que morrera na rua ... A gripe espanhola matou gente na rua. Terminado esse período, quatro meses depois, o Dr. Vergueiro chamou o diretor do hospital São Vicente, que era o p. Rafael Yopp e o do Hospital de Caridade, que

era o Sr. Antonino Xavier e Oliveira.

–“Me apresentem uma conta daquilo que foi despendido. Eu fecharei os olhos, porque se a conta estiver um pouco aumentada servirá para o desenvolvimento dos dois hospitais daqui, e vou pleitear junto ao Governo do Estado o reembolso dessa despesa”. O Hospital de Caridade mandou uma conta pra ele de 100 colchões, 200 receitas de remédios, 600 lençóis, afinal, uma conta enorme; o Hospital São Vicente, o padre Rafael Yopp, também mandou uma conta pra ele. Mas aí, ele recebeu a conta do Hospital São Vicente e mandou chamar o padre Yopp: - “Padre Yopp, essa sua conta aqui não é que esteja muito elevada, mas o senhor botou aqui 250 penicos. Vamos fazer o seguinte: o senhor diminua o número de penicos e aumente o número de receitas, aí fica mais fácil para eu pleitear”.

Esse episódio me foi contado pelo próprio Dr. Vergueiro

Veríssimo – Onde o senhor se formou?

Sabino - Eu me formei em Porto Alegre. Tinha 21 anos.

Veríssimo. - Como é que se formavam tão jovens assim?

Sabino – Eu entrei para a Faculdade quando tinha 15 para 16 anos.

Eu conheci o passo-fundense Lauro Lima, da família Lima de Passo Fundo. Esse Lauro Lima era cunhado do Dr.

Antonio Bitencourt Azambuja. O Lauro Lima sugeriu que eu viesse a Passo Fundo, para ir para Nonoai, que em Nonoai não havia médico naquela ocasião. Vim de ônibus para Passo Fundo, mas cheguei numa quarta-feira, e só tinha ônibus uma vez por semana, na terça-feira.

Quando eu estava em Passo Fundo, eu comuniquei ao diretor e dono do Hotel Avenida, Eduardo Barreiro, o que é que eu estava fazendo, que era médico recém-formado e estava procurando lugar para me estabelecer. Ele conversou com um amigo e então fui procurado pelo Sr. Hugo Piccoli, que veio de Ernestina me convidar para ir para lá. Eu então fui para a Vila Ernestina, em um táxi de um antigo motorista que havia em Passo Fundo, chamado Noé.

Me acertei com os ernestineses. Havia um salão de baile que eles resolveram adaptar para um hospital, construindo uma sala de operações de alvenaria. Então voltei para Porto Alegre, para retornar no dia 24 de dezembro de 1938. Me formei no dia 17 de dezembro de 1938. Aí voltei para Passo Fundo no dia 24 de dezembro de 1938. Cheguei à cidade e consegui um caminhão que me levasse a equipagem que eu trouxe para a Vila Ernestina. Comecei a trabalhar lá e fiquei dois anos.

Em 1939, Passo Fundo tinha 14 médicos somente. Nessa ocasião eu comecei a trabalhar em Passo Fundo, 30 de setembro de 1939. Posteriormente, quando



Hospital São Vicente, 1918

deixei Passo Fundo, em 1964, já eram 60 médicos. Hoje tem uns seiscentos...

Veríssimo – Era bonita a sociedade de Passo Fundo?

Sabino – Era bonita. Era quase como hoje. Havia o Clube Caixeiral, o Clube Comercial e o Clube Juvenil. Eram os três clubes que existiam. De maneira que a mocidade frequentava esses três clubes. Os carnavais eram extremamente animados. A sociedade era muito animada.

Veríssimo - Os bailes saíam seguidos?

Sabino - Muito seguidos. Acontece o seguinte: sendo Passo Fundo a melhor cidade da região, os viajantes procuravam passar os fins de semana em Passo Fundo. Então, os viajantes constituíam uma sociedade a parte, porque eles movimentavam a cidade.

Veríssimo – E o trem pagador?

Sabino - Lembro também do trem-pagador, porém, o que dava vida à cidade eram os viajantes. Grande parte dos viajantes casou-se com moças da cidade. Constituíram famílias em Passo Fundo.

Veríssimo – Os viajantes frequentavam que clube?

Sabino – Eram recebidos em todos os clubes. Eram recebidos no Caixeiral, no Comercial e no Juvenil.

Veríssimo - O pessoal se vestia bem

para sair à rua?

Sabino – Era mais formal do que hoje. Camisa social, colarinho e gravata, no dia a dia.

Veríssimo – Recordações boas que o senhor tem de Passo Fundo? O Senhor chegou casado em Passo Fundo?

Sabino – Não. Casei em Passo Fundo. Eu conheci a Celi estudante no colégio das freiras. Depois interrompi esse namoro e fui passar um ano na Argentina. Não poderia ir à Europa nem aos Estados Unidos por causa da guerra, então fui para a Argentina. Ao cabo de um ano, retornei e casei.

Veríssimo - Na Argentina estudou com o Finochietto?

Sabino – Estudei com o Finochietto. Fui interno do Finochietto durante um ano, no serviço do Finochietto. Depois voltei e casei.

Eu era frequentador do Clube Comercial e do Caixeiral, quando namorava a Celi.

Veríssimo - E o footing?

Sabino – Existia na Praça Marechal Floriano, em frente ao café Elite. Era o costume todas as noites.

Veríssimo – Dia de semana, tudo...

Sabino – Dia de semana, tudo!

Veríssimo - O pessoal saía para a rua à noite?

Sabino – Saía, depois do “footing”

iam para o matinê dançante do Clube Caixeiral.

Veríssimo.- O matine do Caixeiral é muito antigo?

Sabino – É muito antigo.

Veríssimo - Faziam baile seguido?

Sabino – Faziam. Havia o baile do réveillon, que era de gala, dia 31 de dezembro.

Veríssimo - Era o único baile de gala?

Sabino – Normalmente era o único baile de gala, no Comercial. O Caixeiral era mais liberal.

Veríssimo -. O senhor conheceu o Serafim Mello?

Sabino – Conheci. Em uma oportunidade eu atendi o Serafim Melo que foi baleado ao tentar prender um criminoso. O criminoso se atirou em cima dele e deu um tiro à queima-roupa, e ele também atirou à queima-roupa e o criminoso morreu. O Serafim Melo era respeitado. Faziam dormir criança com o nome dele. Eu nunca ouvi dizer que o Serafim fizesse nada fora da Lei, ele sempre fez dentro da Lei. Ele colecionou algumas mortes, uma delas é essa que acabo de te de contar.

Falando em sociedade, lembrei-me de mais uma do Dr. Vergueiro. Ele era muito espirituoso.

Contou-me: “- Certa feita, uma dama entrou na minha casa, visivelmente

assustada, e falou:

- Eu estava a passear na rua e ouvi um tiroteio. A primeira coisa que me lembrei foi de fugir para sua casa, onde estaria segura. Na corrida eu pensava: E se não estiver ninguém em casa ... se a porta estiver trancada ... E corria... e rezava ... até que cheguei... Graças a Deus a porta estava aberta! Eu entrei, fechei a porta e ouvi o meu coração fazer puf... puf... puf.

- Será que foi o seu coração?

Faculdade de Medicina – Passos iniciais

Em 1960, eu me mudei para o Rio de Janeiro. Montei um escritório no centro, na Rua da Alfândega. Nessa época, intensificaram-se os esforços para a fundação de uma Faculdade de Medicina em Passo Fundo, junto ao Ministério da Educação e Cultura. O meu escritório ficava a poucas quadras do Ministério.

Em Passo Fundo havia três entidades que trabalhavam no sentido da criação do ensino superior: o Consórcio Universitário Católico, a Sociedade Pró-Universidade de Passo Fundo e a Comissão Central Pró - Faculdade de Medicina de Passo Fundo. Os detalhes da atuação das referidas entidades são bem conhecidos e estão bem documentados. Vamos falar, apenas, da minha participação.

Os professores Dr. Murilo Annes e Pe. Alcides Guareschi entraram em contato comigo, no sentido de eu acompanhar o andamento do processo no Ministério.

Em contato com o Conselho Federal de Medicina do Ministério da Educação, constatei que a maioria dos conselheiros era contra a criação de novas faculdades de Medicina. Em princípio, não havia possibilidade de levar o processo a julgamento do Conselho e ser aprovado.

As decisões do Conselho eram irreversíveis, e a derrota acabaria com a viabilidade do projeto, e a possibilidade de novas tentativas em curto prazo.

Decidi segurar o andamento do processo e aguardar.

Aconteceu que o Governo nomeou o Deputado Tarso Dutra para o Ministério de Educação e Cultura.

O Tarso Dutra fora meu colega de aula na Faculdade de Medicina de Porto Alegre. Ele deixou o curso de Medicina e resolveu fazer Direito. Embora frequentando faculdades diferentes, a nossa amizade se manteve.

Fui ao Ministério fazer-lhe uma visita e cumprimentá-lo.

Ao sair do gabinete dele, ele me apresentou aos seus auxiliares e recomendou-lhes que eu não precisava agendar visitas e também que atendessem as solicitações que eu fizesse.

Com livre acesso ao gabinete do Ministro e seus auxiliares, procurei dar andamento ao processo. As dificuldades eram muitas, pela dificuldade de comunicação do Rio de Janeiro com Passo Fundo. Viagens para o Rio, viagens para Passo Fundo, correspondências, pedidos de documentos e todas as movimentações necessárias para a criação de uma Faculdade. A elaboração do processo e a satisfação das exigências se arrastavam.

Eu não tinha nenhuma autoridade para representar a Faculdade de Medicina.

Em 1964, pedi para o Murillo e o Guareschi que me nomeassem Diretor da Faculdade de Medicina. Investido da autoridade de diretor, eu passei a assinar as requisições, consultas, petições, etc., e todo tipo de documento.

Uma das exigências era que a Universidade tinha que ter Faculdade de Filosofia. Entrei em contato com D. Cláudio Colling, bispo de Passo Fundo e Diretor Presidente do Consórcio Universitário Católico. D. Cláudio Colling cedeu a Faculdade de Filosofia para a Sociedade Pró-Universidade de Passo Fundo.

A exigência seguinte era a de a Faculdade de Medicina ter hospital próprio.

A Comissão Central Pró-Faculdade de Medicina de Passo Fundo entrou em contato com o Sr. Prefeito, Benoni Rosado, no sentido de que o Hospital Municipal fosse doado à Faculdade de Medicina. Benoni Rosado enviou projeto à Câmara de Vereadores nesse sentido. O legislativo passo-fundense aprovou o projeto-de-lei, o qual foi imediatamente sancionado pelo Sr. Prefeito.

Concluindo:

Foram anos, entrando e saindo do Gabinete do Sr. Ministro. O processo estava completo. Pronto para ser votado pelo Conselho.

- Dr. Sabino, o Sr. não envie o processo para o Conselho. Aguarde.

Nesse dia eu percebi que eu tinha feito amigos e aliados fora e dentro do Conselho.

Um dia o telefone tocou: Dr. Sabino, entre hoje com o processo da Faculdade de Medicina. A reunião é amanhã e é inadiável. Acaba de falecer pessoa da família do Presidente do Conselho. Amanhã, os conselheiros a favor de novas escolas de Medicina estarão em maioria.

Aprovada a criação da Faculdade de Medicina de Passo Fundo, só restava aos do contra criar embaraços, dificultar a abertura: biblioteca, equipamentos modernos, titulação dos professores e outras coisas de menor importância. Dos quesitos, o mais grave era a falta de professores, com titulação para as cadeiras básicas: Anatomia, Histologia e Patologia. Sugerí que se contratasse professores da PUC. E fui atendido.

Veríssimo - Dr. Sabino, e o povo humilde de Passo Fundo tomou conhecimento desse seu trabalho?

Sabino - Tomou. Após a criação da Faculdade de Medicina, quando voltei a Passo Fundo, carteiros, motoristas de táxi e pessoas humildes que eu encontrava, me cumprimentavam e me agradeciam.

Gastando conversa

Veríssimo - Sabino, eu conheço a tua biblioteca, os livros atualizados de Medicina, que tu lês nas madrugadas, o que estudas no momento?

Sabino - Estou a estudar genética. Eu sempre deito muito cedo e levanto também muito cedo. Até a hora de eu ir para o trabalho, aproveito eo tempo para estudar.

Veríssimo - E por falar em genética, na tua fazenda também crias suínos.

Sabino - Entrego para o abate cinco mil porcos anualmente. Todo o meu rebanho suíno é padronizado dentro das normas internacionais: tamanho e peso da carcaça, do couro, e espessura da cobertura de gordura. Crio porco tipo exportação, pego melhor preço. Insemino as porcas com um método muito simples e seguro: largo o cachaco no corredor em frente ao local onde estão as porcas, e ele identifica as que estão no cio. Uma a uma das identificadas são separadas e inseminadas.

Veríssimo - Agora sou eu quem vai contar uma história. História que eu escrevi e que terá que ser corrigida.

Uma tarde, eu cheguei em casa com muita dor de cabeça. Eu fumava quase que um cigarro aceso no outro. Meu sogro conversava com o primo Antonico (Antônio Ribeiro Martins), tropeiro de mulas da Palmeira, homem forte, enxuto, musculoso. Cumprimentei-o e pedi licença para entrar em casa e tomar um comprimido para dor de cabeça. Do alto



Rua Morom, 1940

dos seus 90 anos de idade, ele me olhou serenamente e disse:

- Eu nunca compreendi o que é que os senhores chamam de dor de cabeça.

Tomei o comprimido e voltei para tomar mate com ele. Continuamos a conversa...

- Tropeei desde os doze anos de idade ... também nunca me gripei.

Neste momento, em que estávamos tomando uma caipirinha, e escolhendo um vinho tinto, produção das vinícolas gaúchas, para acompanhar a feijoada que sempre comemos juntos, lá me vem a associação de ideias:

- Sabino, você também trouxe tropa de mulas da fronteira do Rio Grande do Sul para Poxoréu, onde tem a sua fazenda?

Sabino - Trouxe. Vou te contar: Eu comprei 400 mulas na fronteira. Contratei seis gaúchos tropeiros para conduzir essa tropa até a minha fazenda em Poxoréu. Passaram-se três meses e eu não recebi nenhuma notícia dessa tropa. Considerei a tropa perdida. Um dia ... chegam os gaúchos à minha fazenda, com a tropa por diante, gorda e linda. Não perderam nenhuma mula.

Veríssimo - Pra que você queria mulas?

Sabino - Nessa época, havia falta de mulas nos seringais da Amazônia. Eu vendi as mulas para os seringueiros.

Veríssimo - Em que anos foi isso?

Sabino - Em 1973.

Veríssimo - Vou ter que corrigir meu livro.

Depois dessa conversa com o tropeiro Antonico, em inícios da década de 1980, eu perguntei, sistematicamente, a todos os tropeiros que entrevistei, e

todos já em avançada idade, o que é que comiam durante as tropeadas. A base da alimentação deles foi feijão com toucinho, farinha de mandioca, paçoca e torresmo. Alimentos não perecíveis e carregados em bruacas. Anos e anos ... desde criança. Quando em casa, acrescentavam mandioca, abóbora e couve. À noite, variavam comendo ovos fritos na banha de porco. “à noite, quatro ovos fritos em lugar do charque é a conta ... De sobremesa, leite do apoio com canjica, ou leite de vaca de terneiro grande...

A todos perguntei também sobre doenças nas tropeadas. Nem gripe essa gente teve. A alimentação básica deles? Pela manhã, torresmo com paçoca e café preto; ao meio-dia e à noite, feijão com toucinho, farinha de mandioca e arroz ou batatinhas.

O feijão; os tropeiros preparavam de véspera. À noite, enquanto mateavam, aperitivavam torresmo, e jantavam. Pela manhã, eles colocavam a panela de feijão no fundo da bruaca, bem tampadinha. Na sesteada, era só cozinhar o arroz com charque ou batatinhas.

Agora, em 2009, estamos à mesa tomando um trago, e aperitivando um courinho de porco à pururuca, antes de comermos uma feijoada com toucinho, farinha de mandioca e couve. Em conversa tu me contas: “Hoje ainda levanto muito cedo e espero a hora de ir para o trabalho estudando genética. Nunca deixei de estudar Medicina, faço-o todos os dias...”

Vem-me à mente os versos de Aureliano de Figueiredo Pinto:

“Ouviste a voz de ancestrais:

Ah! Sangue velho... Descubro

Dois séculos de fronteiras ...

O chimarrão principia!

Alerta! O campo vigia!

Da meia-noite pro dia, um taura não dorme mais...”

Perguntas por que estou tão pensativo? Por nada. Eu gosto de ouvir história por quem a fez...

Sabino - Vou te contar uma, então:

“Eu vinha de jeep da minha fazenda, em um dia de muito calor. Naquelas paragens não há nada. Suando muito, com muita sede e sem nada para beber, avistei uma bodeguinha perdida naqueles confins. Cheguei.

- O senhor tem alguma coisa pra beber ?

-Tenho, sim senhor...

E colocou um liso de cachaça em cima do balcão. Tomei um trago e perguntei:

- O senhor me arranja um copo d'água?

- Arranjo, sim senhor.

Imaginando a cena do fervilhar do meu sangue gaúcho serrano, evoco os que cantaram os feitos do Rio Grande heróico... e surge Jayme Caetano Braun:

Quem visse tio Anastácio,
Num bolicho de campanha,
Golpeando um trago de caña,
Oitavado no balcão,
Tinha bem logo a impressão
Que aquele mulato sério
Era o rio Grande gaudério,
Fugindo da evolução...

Vamos comer, Sabino, estou com muita fome!

Ali, junto a mim, mergulhando a concha na feijoada, à procura de toucinho e courinho de porco ... estava o Sabino Arias, gaúcho de Passo Fundo, “ índio que a gente aprecia” ...E nessa invocação ao príncipe dos pajadores, arrematei: ... o demais pouco me importa!

(Pedro Ari Veríssimo da Fonseca, médico e escritor, é membro da Academia Passo-Fundense de Letras e presidente do Instituto Histórico de Passo Fundo.)



Medicina, uma profissão de fé

IRINEU GEHLEN

Ao ensejo do dia do médico, é imperioso saudar este profissional que exerce, talvez, a profissão mais importante e significativa da humanidade. Médico, etimologicamente, deriva do latim, medicus, médico, cirurgião, derivado do verbo latino mederi, que significa cuidar, tratar, curar.

O médico é o profissional que auxilia na prevenção e na cura da doença, inclusive antes do nascimento. Faz de tudo para atenuar, curar e afastar a doença, quando aparente ou manifesta. Obstadamente, lança-se em defesa da saúde individual e coletiva. Procura suprimir a dor e transmitir à sociedade o conhecimento das enfermidades. Atende ao paciente somática e psiquicamente, protegendo a vida humana, mesmo diante das crescentes pressões psicológicas e limitações físicas que a afligem, objetivando fazer recuar e suprimir os limites da moléstia, em prol da longevidade da vida e do enriquecimento do espírito humano.

Um dos inolvidáveis fundadores da fisiologia coletiva, Claude Bernard, asseverou: “O médico não é o médico dos seres vivos em geral, nem mesmo o médico dos gêneros humanos, mas o médico do indivíduo humano”.

A história da medicina confunde-se com a própria humanidade, inobstante se tenha provas de trabalhos médicos

cirúrgicos incipientes da pré-história, as denominadas trepanações. Informamos a história, que o primeiro tratado de terapêutica data de 2700 antes de Cristo, na China. Esculápio foi erigido o deus da Medicina e os Ministros do seu culto eram sacerdotes médicos.

Todavia, HIPÓCRATES, 400 anos antes de Cristo, foi o precursor da era científica da medicina. Com a fundação da escola de CÔS, em seguida surgiram outras escolas, chegando-se até Galeno (131-210 da nossa era), que escreveu livros que foram os pilares de todo o ensino médico durante quinze séculos. Pregava a confiança em Hipócrates, nas forças curativas da natureza, e afirmava que as enfermidades deviam ser tratadas e cuidadas. Já, na época, valorizava a higiene, o exercício físico e fantasiava sua fisiologia e anatomia.

A medicina moderna confirma algumas concepções fundamentais de Hipócrates. Leonardo da Vinci, no período do renascimento, foi o precursor das pesquisas e dos estudos anatômicos. Curiosamente, disseçou uma trintena de cadáveres e com eles fez observações. Aqui no Brasil, somente com a chegada do Príncipe-regente, iniciou-se os primeiros estudos de medicina, eis que até então, as pessoas que desejassem ser médicos tinham de assumir o sacrifício e o risco de uma travessia marítima, que durava mais de 100 dias, para estudar na Europa, mais precisamente na cidade de Coimbra, em Portugal. Fiz esta pequena digressão histórica, para embasar e

salientar a importância do médico na sociedade.

Como se vê, o médico é, realmente, o guardião da saúde humana, exercendo um papel de imprescindível importância comunitária. Não tenho medo e nem dúvida em afirmar que o médico realiza o trabalho mais nobilitante, qual seja, de minimizar a dor, curar doenças, prevenir epidemias e confortar os aflitos, quando o caso é perdido pela única falta de alcance científico.

Destarte, quero saudar, nesta data tão importante e significativa, o DOUTOR CARLOS AUGUSTO MADALOZZO, referência no mundo da medicina, pela sua reconhecida capacidade profissional, abnegada dedicação inteligência rara, além de ser leitor assíduo, médico zeloso, ético, probo e implacável defensor do progresso da nossa terra, em cujo nome saúdo, respeitosamente, a extraordinária classe médica que faz de Passo Fundo um dos maiores centros de medicina do nosso País.

A tecnologia, as pesquisas, as descobertas e os avanços científicos têm no médico a gênese do progresso contemporâneo. Salve o sacerdote da medicina: o médico!

A medicina moderna sepultou um mundo velho que gravitava nas trevas. A nossa história e a história do mundo estão cheias de grandes e extraordinários homens. Ler os seus feitos e conhecê-los é atividade educativa indispensável.

(Irineu Gehlen – advogado e acadêmico da APL.)

Servir, não se servir da SBOT

(FOTOS: ARQUIVO O. LECH)



Osvandré Lech

Desde 1956, nenhum gaúcho presidiu a Sociedade Brasileira de Ortopedia e Traumatologia (SBOT). Em 2011, o passo-fundense Osvandré Lech foi o escolhido para presidir a instituição. A eleição ocorreu em 2008, durante o 40º CBO Tchê, (Congresso Brasileiro de Ortopedia), presidido por ele próprio que reuniu 5.000 participantes em Porto Alegre. O ato solene de recebimento do medalhão presidencial aconteceu no dia 13 de novembro de 2010, em Brasília.

Osvandré Lech, 54 anos, tomou posse com a promessa de defender o médico contra “o crescente desrespeito a um dos valores do código de ética médica”,

a liberdade de escolha do tratamento.

O novo presidente da SBOT é natural de Passo Fundo, onde estudou no IE, no EENAV na Fac. de Medicina da UPF. Foi o primeiro médico residente do IOT no Hospital São Vicente de Paulo. Aprendeu cirurgia da mão em Louisville (EUA) e cirurgia do ombro na Universidade de Columbia, Nova Iorque (EUA). Recebeu o Título de Especialista em Ortopedia em 1982, e o de Especialista em Cirurgia da Mão em 1984. Atualmente é Chefe da Residência Médica do IOT, Passo Fundo, RS. Secretário do International Board of Shoulder and Elbow Surgeons (IBSES). Membro do Conselho Edito-

rial da Revista Brasileira de Ortopedia (RBO), do Journal of Shoulder and Elbow Surgery (JSES), da Ortopedia e Traumatologia Ilustrada e do Actua-lidad en Cirugía de Hombro y Codo. Foi Sócio-Fundador e Ex-Presidente das Sociedades Brasileira e Sul-Americana de Ombro e Cotovelo. Presidiu a SBOT-RS e a SBCMão. O currículo completo, com outros títulos, premia-ções e cargos, pode ser conferido no site: www.lech.med.br.

Na sequência, um resumo da mensa-gem de posse e alguns compromissos públicos do Dr. Osvandré Lech, na presidência da Sociedade Brasileira de Ortopedia e Traumatologia (SBOT).

O que me trouxe até aqui? Ou, como eu vim parar neste lugar? 1) Inquietação científica, quase um TOC; 2) Dedicção ao ensino da Ortopedia; 3) Manter-me no lado ético do exercício profissional; 4) Amor declarado, e reconhecido por todos, pela nossa SBOT.

Por que AMOR À SBOT, se, afinal, esta sociedade é frequentemente criticada em tantos aspectos? Uma das melhores respostas que tenho é o fato de eu chegar à presidência de uma das maiores e mais antigas Sociedades de Ortopedia do mundo, sem um título de mestrado ou de doutorado, trabalhando na provinciana Passo Fundo, no interior do distante Rio Grande do Sul, e chefiar uma Residência Médica de padrões ainda modestos, na minha opinião. O espírito democrático e senso para reconhecer quem deseja SERVIR, e não SERVIR-SE, existe sim na SBOT. Esta é uma das coisas que tanto me fascina nela.

Um sapo nunca sobe sozinho no muro Alguém o colocou lá. Existem PESSOAS que ajudaram este sapo tão audacioso? É hora de agradecer à família, aos meus professores de todas as gerações, aos ex-presidentes. Aos meus colegas de todo o país, pelos convites para escrever ou palestrar. Também agradeço aos adversários. Agradeço aos colaboradores pelo amor e dedicação à SBOT. Agradeço por fim ao BRASIL, um país que eu não trocava por nenhum outro.

Represento o Rio Grande do Sul com muito orgulho: um estado reconhecido pela homogeneidade na ortopedia, com pequena distância entre os ditos “melhores” e “piores” resultados, e por uma produção científica exuberante.

“Pessoas fazem uma Sociedade. Não o contrário”. Não será diferente em 2011. Na companhia dos paulistas Jorge dos Santos Silva, Marcelo Mercadante, e Reynaldo Jesus-Garcia, do baiano Adalberto Visco, e do carioca Ney P. do Amaral, unidos aos dois vice-presidentes, Geraldo Motta e, após finalizada a eleição de amanhã, o Flávio Falopa. Em conjunto com as competentes Comissões, os Comitês de Especialidade e suas diretorias, as Regionais e suas diretorias, hoje funcionando em todos os estados do Brasil, os Serviços de Residência Médica, com seus corpos docente e discente, a RBO, o corpo de colaboradores, constituiremos um imenso TIME DE TRABALHO. São quase 3.000 pessoas participando, diária e diretamente, dos destinos da SBOT.

Outros 10.000 ortopedistas levantam todos os dias e cumprem importantes serviços em instituições, hospitais, clínicas, consultórios, empresas, universidades. No mágico momento de empunhar um bisturi ou um artroscópio, de sorrir ao paciente idoso ao entregar uma receita, de atender com altivez num pronto-socorro literalmente “pegando fogo”, a SBOT precisa estar presente, pois é exatamente para eles a razão de existir. Tratar todos os pacientes de forma ética, atualizada e com humanismo está na nossa genética.

Há...! Se Rezende Puech, Achilles de Araújo, Barros Lima, Godoy Moreira, Domingos Define, Bruno Maia e os outros 20 fundadores estivessem sentados,



Osvandré e Marilise Lech

neste auditório, eles teriam muito orgulho do que criaram no já distante 1935.

Fiscalização e multa para diminuir mortes de motoqueiros

O presidente eleito para a gestão 2011 da Sociedade Brasileira de Ortopedia e Traumatologia, Osvandré Lech, lançou um alerta de que é necessária tanto a educação como a punição, através da multa, para que se consiga reduzir o número de mortes de motociclistas no Brasil, que alcançou nível epidêmico. A oportunidade do alerta foi a divulgação, pela Companhia de Engenharia de Tráfego, de São Paulo, de um levantamento mostrando que, ao contrário do que seria de esperar, não é o motoboy a principal vítima do acidente mortal com motocicleta, pois de 278 vítimas identificadas, 18 eram vendedores, 42 estudantes, 9 eram garçons, 6 pedreiros e 6 porteiros, enquanto os motoboys mortos foram em menor número, 52. Em outras palavras, os pilotos ocasionais de moto se envolvem em acidentes com maior frequência que os profissionais.

Osvandré explica que a fiscalização, e a multa pela falta do capacete, foi

extremamente efetiva, tanto que o traumatismo craneo-encefálico, principal consequência de acidentes com moto, e que levava geralmente à morte, deixou rapidamente o primeiro lugar. “Hoje, predominam os acidentes de alta energia dos membros inferiores, superiores e tronco”, explica, principalmente a lesão exposta da perna, quando os ossos ficam visíveis pela perda de pele, o que exige várias semanas no hospital, para o adequado tratamento das lesões, geralmente necessitando de cobertura micro-cirúrgica. A segunda lesão mais comum é do plexo braquial, o conjunto de nervos que saem do pescoço e controlam a sensibilidade e a motricidade de todo o membro superior. Por fim, as fraturas do punho e do tornozelo.

Para os ortopedistas, o Brasil está seguindo o modelo asiático, no qual a moto, barata e vendida a prestações, passa a ser o meio de eleição para o transporte das classes mais pobres, que tem na moto seu primeiro grito de independência. “Em Joinville, que há 20 anos era um mar de bicicletas, elas foram substituídas, na grande maioria, por motos”, diz ele, e o trabalhador que compra uma moto barata, de 150 cc, para trabalhar, não tem o domínio nem a experiência de um motoboy, que é um motoqueiro profissional. A situação tende a piorar com o advento da moto-táxi, contra a qual a Sociedade Brasileira de Ortopedia e Traumatologia se posicionou, sem êxito.

A necessidade de maior fiscalização fica patente no exemplo de São Paulo, pelo fato de que 26 dos motoqueiros mortos tinham entre 10 e 17 anos, o que significa que não tinham idade suficiente para dirigir motos. “A legislação existe”, conclui o médico, “no Brasil somos experts em fazer leis, mas precisamos é de maior fiscalização e de educação”. Ele insiste que, se um candidato a motoqueiro tiver conhecimento do custo e do sofrimento decorrente de um acidente de moto, se tiver a oportunidade de conversar com um paraplégico, vítima de um acidente de moto, esse exemplo pode deitar raízes. “É por isso mesmo que a SBOT faz seguidas campanhas de esclarecimento, sobre o risco que corre um motoqueiro e sobre a necessidade de entender todo o mal que, mal manejado, esse veículo tão útil pode causar”.

Brasil passa a contar com mais 450 ortopedistas

O Brasil conta, desde o final de 2010,

com mais 450 ortopedistas, que se somam aos quase 10.000 distribuídos por todos os estados brasileiros. Eles foram aprovados num dos exames de titulação mais rigorosos que existe, com três dias de duração, realizado em Campinas (SP).

Os médicos candidatos à titulação enviaram um trabalho científico desenvolvido ao longo do período de residência, e se submeteram a um exame escrito, com duração de três horas, feito de forma eletrônica. Os aprovados passaram em seguida por exame oral, para discussão das principais patologias ortopédicas, exame físico em que demonstram como avaliar um paciente com suspeita de hérnia de disco ou com queixa de dor no braço, por exemplo, explica Alberto N. Miyazaki, Presidente da Comissão de Ensino e Treinamento (Gestão 2010), e que coordenou o exame promovido pela Sociedade Brasileira de Ortopedia e Traumatologia.

Foram 570 candidatos vindos de todo o Brasil, explica Miyazaki, todos médicos formados, que concluíram residência em serviços de treinamento em ortopedia e traumatologia. Este ano, para que a prova fosse mais acurada,

cada candidato teve que demonstrar proficiência num exame prático, durante o qual teve que mostrar sua habilidade em manipular uma fratura, em fazer uma sutura ou outros procedimentos. Isto avalia diretamente a competência que o profissional tem para realizar procedimentos considerados rotineiros, no dia-a-dia do ortopedista. O rigor da prova explica por que alguns candidatos são reprovados e precisam esperar outro ano e outra prova, para que possam obter o título de Ortopedista e Traumatologista.

A lista de candidatos aprovados é enviada pela SBOT para a Associação Médica Brasileira, que emite o título de especialista, o qual, emoldurado e geralmente exposto nos consultórios, indica aos pacientes que estão sendo atendidos por um ortopedista que foi considerado apto, por uma sociedade médica das mais respeitadas no mundo.

O presidente da Sociedade Brasileira de Ortopedia e Traumatologia (SBOT), Osvandré Lech, explica que o Brasil é um país que, embora de grandes dimensões e com 190 milhões de habitantes, conta com um número suficiente de ortopedistas.

Apesar de ter o Brasil alto índice de

ocorrências, principalmente desastres de automóvel e motocicleta, fraturas decorrentes de agressão física e acidentes domésticos, além daqueles causados por osteoporose, que aumenta à medida que a população envelhece, temos especialistas suficientes e bem treinados para atender a demanda.

Para Osvandré, a fila de espera que se registra em muitos hospitais, onde há frequentes queixas de pacientes que aguardam para operações ortopédicas, principalmente nos grandes centros urbanos, é decorrência da carência de investimentos em saúde, da demora na aquisição de próteses e material cirúrgico, da falta de contratação e, principalmente, do mau pagamento dos ortopedistas, e não pela falta de profissionais. A Medicina evolui rapidamente. Hoje contamos com recursos que tornam os procedimentos menos invasivos e a recuperação mais rápida, esclarece o médico. Essa Medicina de ponta exige da SBOT investimentos na educação continuada e nos profissionais, e do Poder Público, mais investimentos em saúde, pois a Medicina moderna é muito mais eficaz, mas também cara, conclui ele.

Empecilhos de um escritor

SUÉLEN CAMARGO

Quimeras promulgadas na calada da noite.
Estragando os próprios olhos mediante ao esforço.
Luta, segue em frente, decai, mas não chega ao chão.

Quer ultrapassar a muralha que lhe restringe o caminho.

Escala a montanha, mesmo que a terra lhe queime.
O peso lhe acomete sem perdão. Os Longos anos de fidelidade lhe trarão o reconhecimento? Quem sabe...

Gritos agonizantes lhe invadem a razão, intrínsecos à genialidade. Desenvolve-nos na concepção.

Imaginas o quão vossos suportam? Dom ou não, se constrói lentamente.

Arrisca seu tempo em pról de vós.
Carrega a mágoa de não ser compreendido.
Pranteai sobre uma mesa, borrando o papel.
Dor instigante, suor feito sangue inestancável, que brota dos poros em exaustidão.

Rochas cortam-lhe os pés descalços, rasgando-lhe a pele, deixando cicatrizes desta caminhada.

Marcas de uma esperança que corroí a alma, mas que não lhe arranca os almejos mais profundos.

Paira na mente somente um único objetivo, chegar ao topo onde poucos chegaram, e para isso, vai à luta!

Empecilhos ladeiam a passagem ao encontro da luz do topo. Juiz do destino.

Conseqüência. Jornada inútil ou não.

No topo, lugar onde as utopias internas se revoltam em ansiedade, é o lugar onde será resolvida a questão.

Dai-lhes a vitória pelo combate sanguinolento?

Almejos e quimeras grafadas em folhas, impressos em mente, encapados no coração, Nascido do esforço físico torturante. Trucidação mental, até que um mero sonho poderá transcender a realidade.

E enfim jazer no topo para fulgurar, ou residir em prateleiras esquecidas para abrandar-se e.

Olhos a parte, julgamento decisivo.

Décadas ou séculos só apagarão a existência dos fracos ou dos erroneamente julgados. Deste modo, aos poucos irá cobrir-se sob as marcas do tempo. Sentenciada: "pó".

(Suélen Camargo é estudante, de Passo Fundo/RS.)

Um pouco da história da Estação de Bombeiros



SANTINA RODRIGUES DAL PAZ

Parabéns à CORPORAÇÃO DE BOMBEIROS DE PASSO FUNDO, pelos 61 anos de intenso trabalho e relevantes serviços prestados à comunidade. O crescimento de outrora continua hoje, aos olhos das pessoas que realmente vivenciam o esforço de todos os que formam essa Corporação (homens e mulheres).

A instalação do quartel da Estação de Bombeiros trouxe grandes benefícios para a cidade de Passo Fundo. Sua presença foi marcada pelo sacrifício e o heroísmo de todos que, com amor e civismo, praticam a solidariedade aos que necessitam de ajuda.

Resgatamos esse acontecimento, porque faz parte das páginas da história de Passo Fundo. Elas revelam, em cada ano que passa, toda a bravura desses homens, para que as futuras gerações possam conhecer e avaliar a grandeza dos que estão sempre prontos para entrar em ação.

E, para registrar sua história, vejamos: No dia 9 de agosto de 1947, a diretoria

do Rotary Club de Passo Fundo, em uma brilhante iniciativa, promoveu uma reunião, a fim de resolver problemas da comunidade. O representante do Rotary Club, Dr. Ademar Petraco, convidou, entre os presentes, o Sr. Wolmar Salton, Presidente da Associação Comercial, para presidir a tão esperada reunião, que teve como objetivo a instalação da Estação de Bombeiros de nossa cidade. Para secretariar, foi convidado o Sr. Mário Sperry Cezar. Consta nos anais da entidade: “O Rotary Club sempre esteve liderando o movimento que cada vez mais se fortalecia”.

Foi então formada uma comissão para liderar a ação desejada. E a escolha do Sr. Wolmar Salton, para liderar a dita comissão, foi aprovada. Imediatamente, ele convidou para integrar o grupo de trabalhos, os senhores: Dióscoro Gonçalves Valle, Comandante do III/8º - RI; Dr. Miguel Kosma, representante do Rotary Club; Tenente Coronel David de Oliveira Rêgo, Comandante do 3º RC da Brigada Militar; Dr. Ivens Pacheco, Delegado de Polícia; Representantes Comerciais: Biasus & Irmãos; Sirotski & Birmann; Maggi de César & Ir-

mãos; Nicandro Oltramari; Hermínio Tagliari; Moinhos Rio-Grandenses; Ernesto Schapke Jr.; Cesar de Oliveira; Dr. Celso da Cunha Fiori e Prof. Willian R. Schisler, Presidente do Rotary Club.

Em 1947, foram realizadas várias reuniões e o Rotary Club iniciou uma campanha, com a finalidade de conscientizar toda a população e também o Poder Público.

O esforço valeu. Em dezembro de 1949, aconteceu em frente à Prefeitura Municipal, às 10 horas, a prestação de contas dos serviços realizados. Estiveram presentes no local, o Sr. Armando de Araújo Annes, Prefeito Municipal; Dr. Daniel Dipp, vice-prefeito municipal; Sr. Wolmar Salton, Vereador da Câmara Municipal; autoridades; população; e o representante do Jornal Diário da Manhã. O presidente da comissão, Sr. Wolmar Salton sugeriu a formação de um grupo de pessoas para tratar dos trâmites legais, a fim de concretizar os fins visados. Foi doado, pela Prefeitura Municipal, um terreno na Rua Independência, para a construção do quartel para a Estação de Bombeiros.

Em 1950, a primeira viatura prestava

serviço na Estação Ferroviária (GARE) de Passo Fundo. E o primeiro incêndio a ser atendido foi em Carazinho.

Em 26 de dezembro de 1949, a instalação foi feita em caráter provisório na Avenida Genral Netto, ao lado do edifício da Agência Ford. Mas somente em 20 de dezembro de 1951 foi inaugurado o novo Quartel da Estação de Bombeiros, na Rua Independência, 1320, e ocupado pelo contingente de Bombeiros em 24 de dezembro de 1951, sob o comando de 1º Sargento Bombeiro Ernani de Lima Rodrigues.

Em meados de 1970 foi estruturada a corporação e extinto o Comando de Bombeiros do Interior (CB/I), passando a Estação de Bombeiros de Passo Fundo a integrar o 3º RPMont, com a designação de Pelotão Especial de Socorro, situação em que permaneceu até meados de 1973, sob o comando do 1º Tenente Oscar Maia Paranhos.

Em 1973, a estrutura organizacional da corporação foi novamente modificada. Desintegradas as unidades de Bombeiros do Policiamento, foram criados os Grupamentos de Incêndio (GI). Nessa oportunidade, a Estação de Bombeiros de Passo Fundo passou a denominar-se 2º Sub-Grupamento de Incêndio, sendo fração destacada do 5º GI, com sede em Caxias do Sul.

Através da Portaria 004/PMI/93, de 20 de maio de 1993, o Comandante Geral da Brigada Militar determinou a instalação, na cidade de Passo Fundo, do 7º Grupamento de Combate a Incêndio, sob o comando do Tenente Coronel Alberto Palma Martins.

No dia 29 de junho de 1995, foi instalado o comando Regional de Bombeiros/Planalto em Passo Fundo, de acordo com o Decreto Estadual Nº. 38.107, de 22 de janeiro de 1998. A direção foi do Comandante Tenente Coronel Cláudio Garcia.

Em 2005, pelo Decreto Estadual nº. 42.851, de 22 de janeiro de 2004, o Comando Regional de Bombeiros/Planalto, passou a chamar-se: 7º Comando Regional de Bombeiros, permanecendo essa nomenclatura até hoje.

Destacamos os Comandantes do 7º Comando Regional de Bombeiros, prestando homenagem a essa importante Corporação. São eles:

Tenente Alberto Paulo Martins (26/05/1993 a 16/11/1993)

Coronel Adão Carlos de Lima (17/11/1993 a 10/05/1994)

Coronel Vilmar Ferri (In Memoriam)



(JEAN PIMENTEL)



(PAULO DANIEL)

(11/05/1994 a 28/12/1994)

Coronel Anilton Castro Ferreira (11/01/1995 a 02/05/1995)

Coronel José Fernando Silva de Cristo (03/05/1995 a 14/09/1995)

Coronel Cláudio Garcia (16/01/1996 a 12/08/1999)

Tenente Luiz Carlos dos Santos (01/02/2000 a 06/11/2000)

Coronel Ademir Pereira da Silva (07/11/2000 a 21/02/2001 e 23/07/2005 a 29/05/2007)

Coronel Nilson Nobre Bueno (22/02/2001 a 11/01/2003)

Coronel Luiz Fernando Puhl (09/04/2003 a 22/07/2005)

Tenente Coronel Sérgio Omar Chisté Colvero (29/05/2007 a 23/11/2007 e 19/05/2009 a 04/02/2010)

Major Luiz Carlos Graciola (23/11/2007 a 19/05/2009 e 04/02/2010 a 09/06/2010)

Tenente Coronel Paulo Ricardo Farias (09/06/2010 a 24/01/2011).

Jorge Reginaldo Petersen Moraes (atual comandante).

Destaque – Junto a Gruta Nossa Senhora Aparecida, no recinto do quartel, a praça recebeu o nome de Sub-Tenente Mariano Ayala. Homenagem merecida. E as pessoas (e são tantas!) importantes que prestam serviços a essa Corporação,

são agradecidas. No comando do Tenente Coronel Cláudio Garcia, recebeu homenagem, com distinção, o Dr. Antônio Augusto Meirelles Duarte, eminente jornalista e, na época também presidente da Academia Passo-Fundense de Letras. Foi agraciado com o livro Histórico de Bombeiros de Passo Fundo. Recebeu ainda o primeiro diploma “Amigo e Colaborador do 7º GCI” (Grupo de Combate a Incêndios).

Os serviços relevantes prestados à comunidade são reconhecidos, e a prioridade do atendimento é para o ser humano, para o animal e para a natureza, que são os beneficiados pelo trabalho abençoado do Bombeiro. Na semana de prevenção, suas demonstrações são educativas, para crianças, jovens e adultos. E todos ganham, com o desprendimento desses homens e mulheres, que prestam socorro a todos que deles necessitam.

**PARABÉNS, BOMBEIROS!
E QUE DEUS SEMPRE
ESTEJA COM TODOS!**

Meus sinceros agradecimentos ao comando dessa Unidade, Tenente Coronel Paulo Ricardo Farias.

(Santina Rodrigues Dal Paz é professora e atual vice-presidente da Academia Passo-Fundense de Letras.)



Zaida Meirelles Duarte: sepultada sob os acordes da música sacra

ANTONIO AUGUSTO MEIRELLES DUARTE

O 15 de novembro leva todos os membros de minha família, a momentos que nunca mais poderão ser esquecidos. Num primeiro instante, foram sentimentos de muita alegria e comemorações, pois marca a data de nascimento da única filha, dos meus pais, Delmar e Zaida Meirelles Duarte, entre quatro homens. Trata-se de Josenia, esposa do velho radialista, hoje aposentado, Ben-Hur Silva, residentes em São Caetano, na grande São Paulo. Sempre foi a razão das comemorações e do encontro de todos os membros da família. Esta alegria perdurou por quase setenta anos até que, no mesmo 15 de novembro, porém de 2001, nos deixava a matriarca, tão querida e estimada, nossa mãe Zaida, aos 86 anos. Partiu levando consigo, além das grandes obras que promoveu, especialmente nos meios musicais, como renomada professora de piano e violão, todo aquele clima que vivemos unidos em torno das festas de aniversário da mana Josenia, quando era ela, nossa mãe, a figura central nas comemorações. Viveu para o seu lar e para a música.

Integrou o Instituto de Belas Artes, o Liceu que aqui foi fundado ainda na década de 1950, e mesmo com sua idade avançada, até seis meses antes de sua morte, lecionava para alunos do Colégio Notre Dame. Sentindo que seus

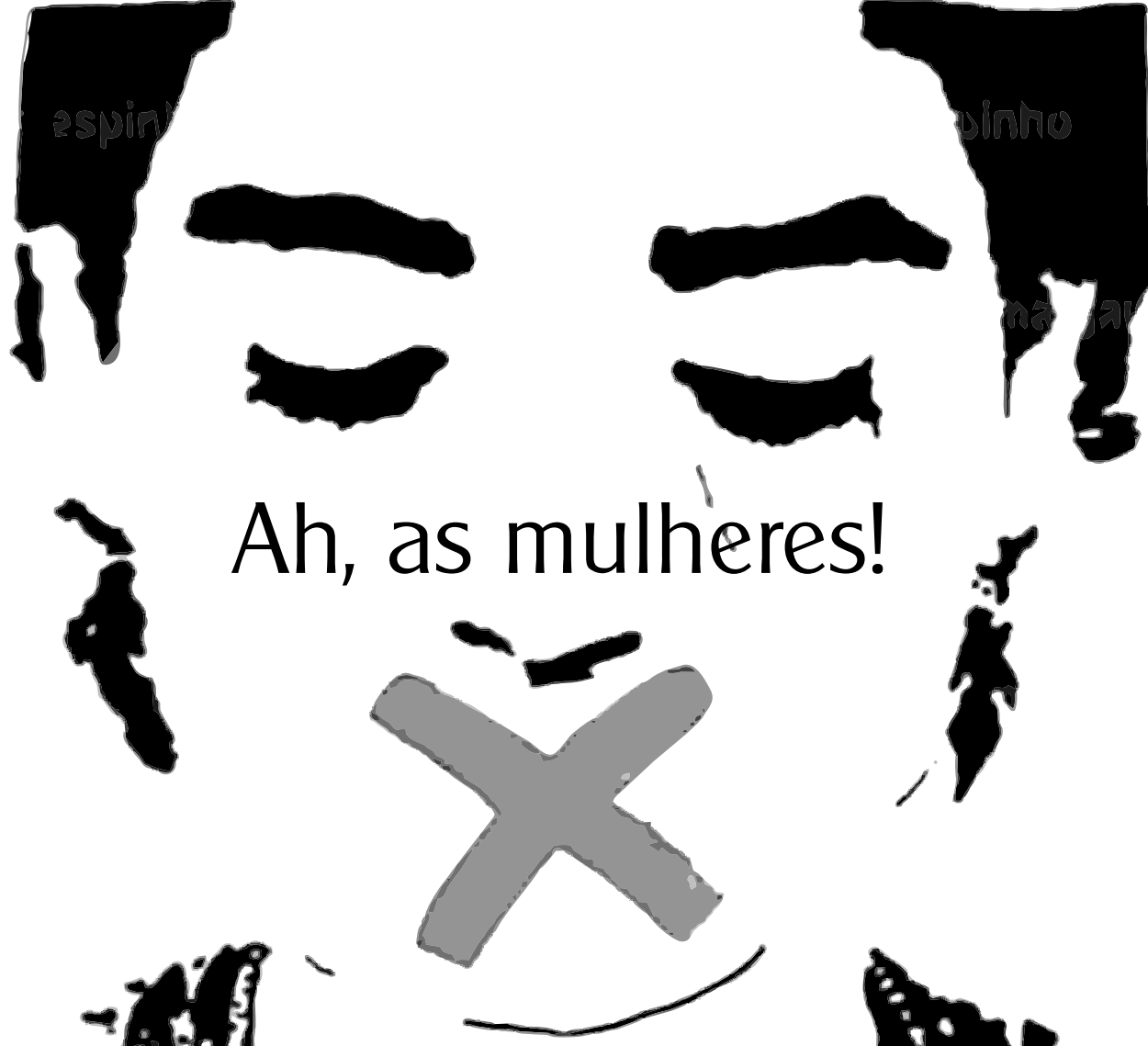


dias chegavam ao fim, no leito da CTI do Hospital Prontoclínica, numa das últimas visitas que lhe fiz, recomendou-me uma missão, que qualifiquei como das mais importantes, pois representaria ela ainda viva entre nós. Em lugar de choros e lamentações, que se fizesse ouvir um conjunto interpretando músicas sacras, desde a Capela Mortuária até a sepultura onde iria se juntar ao esposo e nosso pai, Delmar Duarte. Assumi o compromisso de satisfazer seu desejo, o que representou para ela um conforto corporal e espiritual. Dois dias após, nas primeiras horas da madrugada de 15 de novembro de 2001, partia, para as glórias celestiais, de onde continua olhando e acompanhado todos que aqui deixou. Tive a felicidade de encontrar-me com o renomado cantor, compositor e violonista, José Antonio Machado, o

já consagrado Pablo Moreno, que tinha por ela uma grande admiração, na área musical.

Prontificou-se a cumprir com tão nobre e inédito pedido. Após a Missa de corpo presente, que teve como celebrantes os senhores bispos, Dom Ercílio e Dom Urbano, os filhos, parentes e amigos despediram-se dela, e o grupo liderado por Pablo Moreno, todos membros da Catedral, iniciou seus cânticos sacros, emocionaram a todos. Acompanharam o corpo e ficaram até a efetivação do sepultamento. Infelizmente, parte do último pedido foi rompido, pois ela não queria choros e lamentações, só os acordes musicais. Seus filhos e amigos mais íntimos, alunos e ex-alunos, não conseguiram conter as lágrimas, levados ainda pela emoção da despedida, sob a sonoridade dos cânticos interpretados. Todo 15 de novembro nos faz retornar para 2001, quando a vocação pela música perdeu uma liderança que jamais será esquecida, a qual teve o seu grande e inédito momento, que ficará para sempre no ar, ainda ecoando em nossos ouvidos, como a afirmar, sonora e solenemente, que a professora Zaida Meirelles Duarte não morreu e não morrerá, para as gerações que com ela conviveram.

(Antonio Augusto Meirelles Duarte, jornalista e advogado, é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



Ah, as mulheres!

SUELI GEHLEN FROSI

“Antigamente (isso acontecia antes do Cristianismo), depois do casamento, o homem tinha poder sobre a vida e a morte de sua esposa. Ela não poderia recorrer a nenhuma lei contra ele: ele era o único tribunal e a única lei para ela.” ...”algumas pessoas têm consciência da enorme infelicidade produzida, até mesmo nos dias atuais, pelo sentimento de uma vida desperdiçada.” Stuart Mill – A Sujeição das Mulheres (1869).

Stuart Mill escreveu a obra na esteira de um movimento do final do século XVIII, fruto da Revolução Francesa. A partir daí houve muita produção intelectual, elaboração de leis em favor das mulheres e, mais importante que isso, propiciou uma mobilização, por parte das próprias mulheres, pela sua emancipação e pela equiparação de seus direitos em relação aos homens.

Pois, ainda hoje, vê-se mulheres exigindo o fim da violência contra elas, mostrando que o espírito retratado na frase de Mill continua norteando nossas

relações de gênero.

Ao reivindicarem horário integral para o funcionamento da Delegacia da Mulher, - e, não uma delegacia de mentirinha, mas um centro de ajuda, cursos profissionalizantes para que as mulheres se tornem autônomas e aptas a viver sem seu agressor, abrigo seguro para as que corajosamente fazem denúncia contra seus companheiros, equipe que as ampare e cuide para que recobrem sua autoestima, - elas estão exigindo os direitos já há muito positivados, inclusive obtiveram a maior conquista social sobre o tema, a promulgação da Lei Maria da Penha.

Comove-nos a proposição dessas intrépidas mulheres de que os agressores sejam tratados, por acreditarem que eles mesmos estão doentes. Só mulheres engajadas, bem informadas e tomadas de um profundo senso de humanidade, são capazes de enxergar o que para o senso comum é um paradoxo. O senso comum vê na punição a única forma de corrigir os crimes e os erros cometidos, mas existem muitas pessoas que compreendem que o ser humano merece ser cuidado em sua integralidade, merece ter

a chance de corrigir seus erros e de ser educado de forma adequada para que, com uma nova visão de mundo, não volte a fazer vítimas. A punição por si só não educa, mas reproduz a violência.

As reivindicações das mulheres que lutam pelo fim do silêncio, pelo fim da indiferença, pelo direito inalienável que todas as pessoas têm à sua integridade física, não são difíceis de serem atendidas. Desde a Revolução Francesa (1789) já aprendemos muita coisa, só não aprendemos a usar o dinheiro público para o bem-estar das pessoas, só não sabemos salvar pessoas com nossas leis, mas protegemos muito bem o patrimônio.

Nossa solidariedade para com o Movimento de Mulheres é pouco. Devemos também educar nossos meninos e meninas de forma a termos lá adiante a concretização dos ideais: Liberdade, Igualdade e Fraternidade, tão caros à Revolução Francesa. Ver fotos de mulheres amordaçadas, denunciando que ainda há quem acredite ter dono, e que há quem acredite ser dono de alguém, é de doer!

(Sueli Gehlen Frosi é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Os mais antigos advogados de Passo Fundo

(FOTOS: ARQUIVO APL)



Advogados de Passo Fundo, em 1962

LUIZ JUAREZ NOGUEIRA DE AZEVEDO

Os primeiros advogados, de cuja atuação se tem notícia, em Passo Fundo, foram Antônio Ferreira Prestes Guimarães — o famoso General Prestes Guimarães — e Gervásio Lucas Annes — o renomado Coronel Gervásio. Prestes era passo-fundense da gema, descendente direto do fundador Cabo Neves. Gervásio, que pertencia a tradicional família de Cruz Alta, veio para cá, ainda no Império, como exator de rendas, logo se consorciando com uma filha do primeiro presidente da Câmara, Manoel José de Araújo, e aqui permanecendo até o seu falecimento. Isso aconteceu na segunda metade do século XIX, logo depois da instalação da comarca, que se deu em 1875, tendo como primeiro juiz de direito, o Dr. James de Oliveira Franco e Souza.¹

Nenhum dos nossos dois primeiros advogados era bacharel formado. Na época, poucos rio-grandenses, a não ser aqueles muito abonados, filhos de grandes fazendeiros, conseguiam graduar-se em Direito. Os estudantes daqui tinham que fazer seus cursos em São Paulo ou em Recife, mais distante ainda. Por isso, poucos filhos do Rio Grande — e nenhum de Passo Fundo

— iam estudar naqueles centros de ensino jurídico, para depois retornar ao pago como bacharéis ou doutores em Direito. Entre os escassos exemplos, figuram os notáveis Júlio de Castilhos, Assis Brasil, Ramiro Barcellos e Pinheiro Machado, todos filhos de fazendeiros. Para confirmar a regra com a exceção, parece que somente Borges de Medeiros, que fez seus estudos em Recife, era filho de juiz — mas também fazendeiro. Formados, os jovens bacharéis gaúchos, depois de se adestrarem em alguma promotoria, em seguida ingressavam na política. Era nessa atividade que os mais notáveis se consagravam. Salvo no caso de Borges de Medeiros, que foi antes desembargador, nenhuma atuação expressiva da maioria deles se registra, na advocacia ou na magistratura.

Tanto não havia bacharéis em número suficiente no Rio Grande que, durante todo o período monárquico e mesmo depois dele, os juizes e desembargadores, quase todos, eram oriundos das chamadas “províncias do norte”. Nossos juizes, em verdade nordestinos, eram capixabas, paraibanos, pernambucanos, alagoanos, sergipanos e baianos, principalmente. O curioso é que entre nós as pessoas nascidas acima de Minas Gerais eram geralmente conhecidas, de modo um tanto pejorativo, como “baianos” —

o que significava o indivíduo que não era bom cavaleiro, que não sabia montar. A despeito disso, eram baianos, no melhor sentido e em sua maioria, durante muito tempo, os juizes que tivemos no Rio Grande do Sul.

Em sua trajetória, Prestes Guimarães e Gervásio — os dois ocupando atualmente imponentes mausoléus no cemitério da Vera Cruz — não destoaram da regra. Embora, seguramente, tivessem exercido a advocacia, foram antes de tudo políticos e, além disso, adversários implacáveis e rancorosos.

Prestes Guimarães



Prestes Guimarães pertencia ao Partido Liberal, e Gervásio, ao Partido Conservador. Ambos se digladiavam na disputa do poder, no regime parlamentarista do Império. E ambos foram vereadores e deputados provinciais no período monárquico, representando seus distritos eleitorais e seus partidos.

Instalada a República, Prestes, que não apoiou o novo regime, passou para o Partido Federalista, que ajudou a fundar, acompanhando Silveira Martins. Nessa condição, integrou a Junta Governativa que sucedeu a Júlio de Castilhos, por

volta de 1891, o célebre “governicho”. Pode-se dizer, por isso, que Prestes foi até agora o único passo-fundense que governou o Rio Grande.

Gervásio Lucas Annes



Gervásio Lucas Annes, trocando o Partido Liberal pelo Partido Republicano, tornou-se o maior prócer desse último na região do Passo Fundo, um imenso território no qual foi o chefe político incontestável, como era costume na época, até o seu falecimento, por volta de 1917. Dirigiam então o estado, com mão de ferro, primeiro Júlio de Castilhos, e depois Borges de Medeiros. Gervásio, como fora no Império, na República também foi deputado estadual e aqui intendente (prefeito) e o caudilho local. Ele e Prestes chegaram a enfrentar-se no campo de batalha, comandando forças antagônicas, em combates havidos no município durante a Revolução de 1893-1895, que ensanguentou o estado e o dividiu por muito tempo. Dessas lutas provêm, segundo os estudiosos, as inconciliáveis divisões que até hoje marcam a sociedade rio-grandense. Depois de celebrada a paz, Gervásio e os “chimangos” do Partido Republicano continuam a manter um rígido controle do poder político local, com o castilhismo, o borgismo e o getulismo, além de outros “ismos”, e até mesmo depois da Revolução de 1930, durante o Estado Novo, passando pelo período da redemocratização, que perdurou de 1945 a 1964 e, com intermitências, prosseguindo até hoje.

Os primeiros advogados do século XX

Não possuo um levantamento completo dos nomes e do número de advogados que atuaram em nosso foro no princípio da República, principalmente entre as décadas de 1910 a 1930. Prevalecia nesse tempo, no Rio Grande, o postulado positivista², adotado pela Constituição castilhistas de 14 de julho, que garantia a liberdade profissional. Desse modo, qualquer indivíduo, ainda que sem nenhum diploma ou formação, poderia exercer as chamadas profissões liberais, como as de médico, engenheiro e advogado. Havia muitos causídicos nessas condições, no período, principalmente rábulas sem nenhuma formação

jurídica — como houve médicos e engenheiros —, até que a profissão de advogado foi regulamentada em 1931, já no período getuliano, com a criação da Ordem dos Advogados do Brasil.

Sabe-se, no entanto, da trajetória de alguns deles. Dos que deixaram marcada sua passagem pelo foro e pela política local, já que a advocacia era indissociável da política e do jornalismo. Nei de Lima Costa e Francisco de Paula Lacerda de Almeida Júnior³ figuraram, durante muito tempo, como os atores principais no cenário da advocacia local, durante o primeiro quartel do século passado. Eram também furiosos antagonistas, como haviam sido, a seu tempo, Prestes e Gervásio.

Francisco de Paula Lacerda de Almeida Júnior

Acredito que Lacerda de Almeida Júnior fosse bacharel pela Faculdade do Rio de Janeiro (depois Faculdade Nacional de Direito). Era oriundo da então capital federal, filho do renomado jurista do mesmo nome, pernambucano, que foi desembargador e professor no Rio de Janeiro, e um dos primeiros comentadores do Código Civil. Produziu livros que se tornaram clássicos, até hoje citados pelos estudiosos do Direito Civil. Não sei do motivo por que veio parar em Passo Fundo, onde chegou em 1923. Até depois da Revolução de 1930, movimento que defendeu entusiasticamente, há notícias de que permaneceu por aqui. Depois de Vergueiro, foi o maior líder da Aliança Liberal entre nós. Foram dele os discursos e os escritos que empolgaram o povo passo-fundense, no sentido da reação armada ao esbulho sofrido nas urnas, quando Getúlio, mediante as costumeiras fraudes da 1ª República, foi espoliado na eleição presidencial, pelo candidato do presidente Washington Luiz, o paulista Júlio Prestes. Lacerda chegou a organizar por sua conta e comandar uma unidade militar de provisórios, que se deslocou à frente de batalha, em São Paulo.

Ney de Lima Costa

Ney de Lima Costa⁴, que para aqui veio como promotor, em 1918, era fiscal federal de ensino e professor no Instituto Ginásial. Também, como comerciante, iniciou a exploração do nascente ramo de cinemas e teatros. O Cine-Theatro Coliseu, que funcionava onde foi depois

o Cine Real (hoje Loja Pompeia) entre outros, foi um dos tantos abertos e em seguida fechados, em Passo Fundo. Em 1929, contrariando a tendência da maioria da população, atreveu-se, sem nenhum êxito, a tentar patrocinar a candidatura do paulista Júlio Prestes contra a do nosso governador Getúlio Vargas, candidato pela Aliança Liberal, que todo o Rio Grande queria levar à presidência da República. Para tanto, mantinha um jornal — A Reforma — no qual defendia suas ideias e atacava os adversários. Vencendo os gaúchos a Revolução, desencadeada contra o esbulho eleitoral que o Rio Grande sofrera — em Passo Fundo chegou a ser tomado o quartel do Exército, que se rendeu ao ataque desfêchado sob o comando do médico Nicolau Araújo Vergueiro, intendente e investido na chefia civil e militar das forças revolucionárias na praça — Lima Costa passou a viver isolado e desprestigiado, sem amigos e sem clientes. Seus desafetos e adversários chegaram, certa feita, com a participação de mais de 2.000 pessoas, a promover seu enterro simbólico, saindo o cortejo e o “fêretro” da Praça Tamandaré, e indo até a Praça da República (Tochetto), pela Avenida Brasil, por onde desfilaram com caixão e tudo. A despeito disso, não abandonou a cidade, aqui vindo a falecer alguns anos depois.

Lodovico Della Mea

Também foi nesse período que o italiano Lodovico Della Mea começou a atuar como advogado. Era muito talentoso, intelectual de primorosa formação, professor e agrimensor, líder da colônia italiana. Fervoroso católico e líder vicentino, foi um dos fundadores do Hospital São Vicente de Paulo e da Società Italiana Iolanda Margherita di Savoia (denominação que foi mudada para Clube Caixeiral, por ordem da ditadura do Estado Novo). Foi ele quem edificou, em 1910, o palacete Della Mea, nos fundos da atual Praça Tochetto, uma das poucas casas antigas ainda preservada na cidade.

(Houve um personagem misterioso em nossa advocacia, no tempo da belle époque passo-fundense, como é apropriadamente denominada na valiosa pesquisa dos irmãos Marco e Heleno Damian, que traz a crônica da vida local daquele tempo. Não revelo seu nome, porque deve haver herdeiros por aí que poderão se ofender e julgar injuriada sua



Florisbelo Ferreira (E), Celso da Cunha Fiori e Verdi De César, Passo Fundo, 1944

memória. Sua história apresenta-se com tons de verdadeiro realismo mágico,⁵ digna da melhor ficção sul-americana. Poderia ser aproveitada para um enredo por um Donoso, por Isabel Allende ou mesmo por Gabriel Garcia Marquez, se não pelo próprio Edgar Allan Poe. Era profissional competente e de sucesso. Tantas fez, porém, em sua vida profissional e pessoal, que, assoberbado por problemas financeiros e familiares, resolveu despedir-se da vida. Mas, tal como o personagem de Pirandello, em *As duas vidas* de Matias Pascal, na verdade não morreu. Conseguiu adquirir um cadáver que foi velado e enterrado no cemitério local como se fosse ele. A sepultura deve ainda estar por lá. Consta que tempos depois reapareceu no Rio de Janeiro, onde chegou a ser encontrado por conterrâneos que viajavam à então capital federal, usando outro nome, rico e desfrutando da boa vida carioca. Lá faleceu — dessa vez de verdade — muitos anos depois).

Antônio Bittencourt de Azambuja

O mais importante advogado do período, que começou a atuar aqui ainda na década de 1910, foi Antônio Bittencourt de Azambuja.⁶ Eu e o colega Dárcio Vieira Marques nos estabelecemos, com nosso primeiro escritório no que antes fora dele, ao lado do fórum, na Avenida General Neto. Era formado pela Faculdade de Porto Alegre, jurista

consagrado, dono de sólida cultura humanística, familiarizado com o que havia de melhor no pensamento filosófico e jurídico, e com os clássicos da literatura, principalmente franceses e ingleses. Além disso, era indivíduo destemido, detentor de inegável coragem pessoal. É lembrado o episódio do desafio para duelo que fez a um deputado que, quando discursava na tribuna da Assembleia Legislativa, costumavam desacatá-lo com brincadeiras a respeito de sua baixa estatura. O adversário, amedrontado com a reação de Azambuja, certamente recuou, tratando de desculpar-se como pôde. Não obstante, era um verdadeiro gentleman, trajando-se com rigor e fazendo-se admirar por sua invejável postura e cavalheirismo, daqueles que hoje não mais se vê.

Além de advogado, foi líder político, proprietário rural, fazendeiro, turfista, criador e empreendedor, aqui fundando empresas e indústrias. Na política, Azambuja foi promotor, prefeito, deputado estadual e deputado federal constituinte. Teve marcante atuação na elaboração do texto que veio a ser a Constituição de 1946. Depois de apoiar o movimento revolucionário de 1930, que levou Vargas ao poder, divergiu deste em 1932, tomando o partido dos paulistas na chamada Revolução Constitucionalista. Derrotado, o seu grupo, foi obrigado a tomar o caminho do exílio. Foi também um dos fundadores e o primeiro presidente da Subseção de

nossa Ordem dos Advogados de Passo Fundo, em 1933. Concorreu à prefeitura local em 1958, quando foi eleito Benoni Rosado. Em suas terras, doadas em parte para essa finalidade, à antiga Sociedade Pró-Universidade, acha-se instalado o campus da Universidade, no bairro São José.

Brasílico Lima

Mas houve outros. Brasílico Lima, por exemplo, teve significativa atuação profissional e política na época. Era advogado combativo e ardoroso, sempre lembrado como um dos mais importantes do seu tempo. Devido a contrariedades na política, teria se mudado, no fim da vida, para Carazinho, onde veio a falecer.

Antonino Xavier



A esta altura, é indispensável fixar a presença do advogado Francisco Antonino Xavier e Oliveira⁷ na política, na administração e em toda a vida da comunidade. Jornalista, intelectual, historiador, geógrafo, cartógrafo, tropeiro, ator, incentivador cultural, pesquisador, extremamente versátil nos conhecimentos que acumulava, “seu” Antonino, como era conhecido, foi de tudo na cidade e na região: Foi prefeito, agrimensor, consultor jurídico da prefeitura, jurado, líder espí-

ritista, maçom, promotor, juiz distrital, secretário do Município, fundador de beneméritas instituições comunitárias que perduram até hoje, professor no Instituto Ginásial e advogado. Viveu e atuou muito tempo aqui, por volta de 70 anos, pois, começando sua vida pública logo depois da queda do regime monárquico, faleceu em idade provecta, em 1959. Ajudou desde logo a organizar administrativamente o Município sob o regime republicano, depois de 1889. Era maçom graduado, tendo sido um dos dirigentes e fundadores da Loja Concórdia do Sul. Sempre foi filiado ao Partido Republicano Riograndense, fazendo parte da situação política local, desde os tempos de Gervásio Annes até os do Dr. Nicolau Vergueiro. Foi o idealizador do Hospital de Caridade (hoje Hospital da Cidade), entidade cujos estatutos redigiu e cuja sede ajudou a construir, participando, durante toda a vida, de sua administração. Deixou importante produção literária, incurionando pelo jornalismo, pela poesia, prosa e pesquisa histórica. Seus escritos eram publicados principalmente no jornal O Nacional. Foi o mais importante historiador que a cidade teve. Os estudos que deixou, republicados em coletânea organizada por sua neta Marília Mattos, são até hoje as fontes mais confiáveis e detalhadas da história da cidade — tanto da oficial como da petite histoire — e da região norte do Estado. De tudo sabia e tudo lembrava, desde os acontecimentos públicos, até os casos particulares e os pecados ocultos de personagens pertencentes às grandes famílias locais.

Como advogado, é recordado por seu critério e honestidade inatacável, e também pelos cuidados com que cercava seus trabalhos forenses, o que lhe custava enorme sacrifício pessoal, ao mesmo tempo em que o fazia exemplarmente confiável junto aos juizes, escrivães e pessoal da justiça.

Conta-se uma anedota a respeito de um inventário, em que foi nomeado inventariante e responsável pela administração do espólio. O falecido era um industrial judeu que possuía muitas serrarias, daqui até Montevidéu, ao longo da ferrovia. Na época, era possível chegar até aquela capital, viajando por estrada de ferro. Em cada uma dessas serrarias, fixadas junto a muitas estações e povoados, ao longo do trajeto, havia centenas de milhares de tábuas pertencentes ao falecido, que teriam

que ser levantadas e contadas. E diz-se que Antonino viajou de trem daqui até Montevidéu, parando em todas as estações onde havia serrarias do falecido, encarregando-se pessoalmente de supervisionar a contagem das tábuas, uma a uma, para obter o total de tábuas que constituíam o patrimônio que deveria inventariar. Além das histórias que ele narra, indispensáveis para o conhecimento da vida da cidade, quando não havia nem iluminação nem calçamento e tudo era extremamente precário, há ainda outras sobre ele, muito saborosas, sempre a exaltar sua probidade e inteligência.

Os fundadores da Ordem dos Advogados, em 1933

Através de um decreto do presidente Getúlio Vargas, advogado e gaúcho — elaborado por inspiração do ministro Oswaldo Aranha, também gaúcho e advogado — foi criada, em 1931, a Ordem dos Advogados do Brasil. A organização da Ordem foi a primeira experiência de regulamentação profissional que houve em nosso país.

Em seguida, foi instalada a Subseção de Passo Fundo, que abrangia outros municípios da região, inclusive Soledade, Erechim e Carazinho. A primeira diretoria era encabeçada por Herculano Araújo Annes. Os nomes dos primeiros inscritos daqui, entre advogados e provisionados (formados e não formados), foram coletados pelos irmãos Damian.⁸

Inscrição - Diplomados

32	João Junqueira Rocha
33	José Dario de Vasconcellos
86	Herculano de Araújo Annes
93	Celso da Cunha Fiori
94	Rômulo Cardoso Teixeira
206	Mauro Pinheiro Machado
209	João Bigois
287	Aquelino Translatti
353	Frederico Cornélio Daudt

Inscrição - Não diplomados

79	Pedro Silveira Avancini
141	Pedro dos Santos Pacheco
106	Teodoro Doro
304	Aurélio Willig
334	João Batista Cúrio de Carvalho
308	Eduardo Rocca

Entre o grupo de bacharéis que, em 1933, formaram a OAB de Passo Fundo, usando os dados de que disponho, além do já mencionado Azambuja, irei

lembrar a atuação dos advogados João Junqueira Rocha, Herculano de Araújo Annes, Celso da Cunha Fiori, Rômulo Cardoso Teixeira e Frederico Cornélio Daudt. Dentre os considerados não formados, destacarei Pedro Avancini e Pedro Pacheco. Dos titulados, todos vieram a fazer parte do grupo de profissionais que fundou a Faculdade de Direito (da Universidade de Passo Fundo), em 1956. De todos, o único que não integrou seu primeiro corpo docente foi João Junqueira Rocha.

João Junqueira Rocha

João Junqueira Rocha atuou como advogado em Passo Fundo, no período que mediou entre as décadas de 1930 e de 1960. Foi um dos primeiros adeptos, dirigente e fundador do Partido Comunista em nossa cidade, e organizador do movimento operário, ajudando a criar associações e sindicatos. Foi presidente e organizador da Sociedade Pró-Universidade de Passo Fundo, graças a cujo empenho foi obtida a autorização para a instalação da Faculdade de Direito. No entanto, divergindo de outras lideranças, acabou afastando-se da entidade. Nos últimos anos em que aqui viveu, antes de transferir-se para Porto Alegre, chegou a ser vereador, pelo extinto Partido Social Democrático (PSD).

Herculano de Araújo Annes

Herculano de Araújo Annes era filho do Cel. Gervásio Lucas Annes, cuja banca (na esquina da Avenida Brasil com 15 de Novembro), foi por ele mantida, e continuada, até pouco tempo atrás, por Murilo Annes e depois por Helena Annes. Esse escritório de advocacia, hoje extinto, foi o mais tradicional e duradouro que houve em Passo Fundo. Funcionou por, aproximadamente, 120 anos, sucedendo-se na sua direção quatro gerações de advogados (pai, filho, neto e bisneto).

Herculano fez seus estudos na Faculdade de Direito de Porto Alegre (hoje da UFRGS), e aqui foi o advogado mais respeitado e conceituado do seu tempo. Participou da política e teve intensa atuação na vida pública. Juntamente com seus primos, Hiram e Americano Bastos, foi um dos fundadores do tradicional jornal O Nacional, mais tarde adquirido por Múcio de Castro, em cuja família permanece até hoje. Indicado para integrar o corpo docente originário

da Faculdade de Direito, declinou, no entanto, de lecionar.

Celso da Cunha Fiori

Celso da Cunha Fiori foi o criminalista mais renomado que houve na cidade e na região. Oriundo de Pelotas, formado pela Faculdade de Porto Alegre, em 1930, encontrou em Passo Fundo sua verdadeira terra de adoção. Aqui foi professor, escritor, jornalista e, sobretudo, advogado. De sua atuação voltada principalmente para a advocacia criminal, os júris em que atuava na defesa de réus, em casos de repercussão, em que geralmente os absolviam, eram verdadeiros espetáculos, que atraíam multidões para acompanhá-lo e aplaudi-lo. Fez escola como advogado diligente e exemplar, liderando a classe e impondo-se na comunidade, por sua postura independente e corajosa. Notabilizou-se pelo respeito e lealdade com que, valorizando como ninguém a advocacia, tratava os colegas, os juizes, os promotores e servidores da justiça.

Foi presidente da Ordem em vários mandatos, inclusive durante a ditadura do Estado Novo, período em que, pagando um alto preço por seu desassombro e coragem, chegou mais de uma vez a ser preso pelas autoridades militares, com quem se defrontou, em defesa das liberdades públicas e da liberdade de seus clientes.

Dedicou-se também ao esporte, à política e à literatura. Foi dirigente e patrono do Esporte Clube 14 de Julho. Integrou o grupo dos fundadores do Grêmio Passofundense de Letras. Durante uma das múltiplas presidências que exerceu nas casas liderou a iniciativa de sua transformação na atual Academia Passo - Fundense de Letras. Era um incentivador constante do desenvolvimento do município, participando da formação de empresas industriais e sociedades comerciais, que chegou a dirigir e assessorava juridicamente.

Foi um dos fundadores e também diretor da Faculdade de Direito, e ainda titular da cadeira de Direito Comercial. Desempenhou papel marcante na criação da Universidade de Passo Fundo, fazendo parte do Conselho Diretor da Fundação. Professor sempre atualizado, extremamente exigente consigo mesmo e com seus alunos, até hoje são lembradas as lições de Direito Comercial que ministrava. É recordado sobretudo por sua sabedoria, coragem

e independência, tendo sido um líder em todas as múltiplas atividades que desenvolveu.

Rômulo Cardoso Teixeira

Rômulo Cardoso Teixeira era natural do distrito de Coxilha, onde manteve estabelecimento rural, em terras herdadas de seu pai, o Cel. Manoel Amâncio Teixeira.

A despeito de suas origens rústicas, era pessoa cosmopolita e de fino trato. Fora aluno da Escola Militar da Praia Vermelha, de onde foi expulso em 1922, porque participou de uma insurreição dos alunos (armada) contra o governo federal. Faziam parte do grupo de insurretos futuros oficiais, que fizeram nome na história brasileira do século XX. Formaram eles o grupo dos tenentes — eram tenentes em 1930 —, adotando princípios que vieram a ser conhecidos como “tenentismo”, e tiveram preponderante influência na história do país.

Esse grupo, de uma maneira ou de outra, desempenhou papel saliente em vários movimentos armados que tiveram lugar ao longo de todo o século: em 1924, 1926, na revolução vitoriosa de 1930, em 1932, depondo Vargas em 1945 e, depois, instaurando o regime militar em 1964. Integravam-no, entre outros, Siqueira Campos, Góis Monteiro, Castelo Branco, Juarez Távora, Eduardo Gomes, Cordeiro de Farias, Luiz Carlos Prestes, o “Cavaleiro da Esperança” — o qual, depois de comandar a Coluna Prestes, divergiu dos demais, integrando-se ao Partido Comunista e transformando-se no maior líder da esquerda brasileira.

Depois de anistiado, Rômulo voltou ao Exército, sendo classificado no 8º R.I.,⁹ em Passo Fundo, onde alcançou o posto de capitão, do que muito se orgulhava. Durante o tempo em que esteve afastado da tropa, formou-se em Direito no Rio de Janeiro, na tradicional Faculdade Nacional de Direito, onde teve como professores os maiores juristas daquele tempo, inclusive Clóvis Beviláqua, o autor do projeto do Código Civil de 1916. Frequentando, em seu tempo, os ambientes da efervescente capital federal, um de seus orgulhos era contar ter muitas vezes visto e ouvido Rui Barbosa, cujos discursos ia escutar no Senado.

Ao deixar o Exército, Rômulo foi primeiro juiz distrital (uma espécie de juiz

auxiliar), logo se estabelecendo como advogado, e, mais tarde, como especialista na área de sucessões (fazia a maior parte dos inventários, principalmente os maiores e mais rendosos).

Foi o fundador e primeiro titular da cadeira de Direito Internacional Público, na Faculdade de Direito. Era extremamente estimado pelos alunos, por seu trato ameno e cordial. Em suas aulas dizia que, para conhecer a matéria, era imprescindível que o aluno fizesse a leitura diária da primeira página do *Correio do Povo*. É que, na época, que era a da Guerra Fria, predominando a divisão do mundo entre as democracias da América e Europa e do bloco soviético, o *Correio* publicava nessa página um excelente noticiário internacional, narrando e analisando em detalhes todos os fatos da política internacional que são, sem dúvida, bons subsídios para o conhecimento do Direito Internacional Público.

Rômulo lecionou até os 79 anos¹⁰, pois na época não havia o jubileamento compulsório aos 70, decretado pela Universidade mais tarde, gerando até hoje muitas controvérsias e insatisfações.

Frederico Cornélio Daudt

Frederico Cornélio Daudt, nascido em Passo Fundo, já atuava na renomada banca do Dr. Herculano de Araújo Annes, quando foi criada a subseção da Ordem.

Era filho do notário e oficial do registro de imóveis, Cel. Joaquim Pedro Daudt, e de sua esposa, D. Valentina Cornélio Daudt. Como quase todos os bacharéis da época, obteve seu título na Faculdade de Porto Alegre, que depois foi da UFRGS.

Em seu tempo, Daudt foi considerado o maior especialista e autoridade em direito imobiliário. Foi o pioneiro nas pesquisas em torno da intrincada questão dos chamados “terrenos foreiros” de Passo Fundo,¹¹ elaborando o estudo mais completo até hoje existente sobre o assunto, publicado no primeiro número da nossa Revista da Faculdade de Direito.

Daudt, cujo escritório, também pioneiro e o mais conceituado na área imobiliária em nossa região, foi o fundador da Faculdade de Direito, e o primeiro titular da cadeira de Direito das Coisas, lecionando até o seu jubileamento. Seus ex-alunos recordam ainda hoje suas inolvidáveis lições e os exemplos que deixou.



Florisbello Ferreira discursa em comício do PTB

Pedro Silveira Avancini

Pedro Silveira Avancini era oriundo de uma cidade da fronteira, Bagé ou Alegrete. Teria vindo para cá como gerente do Banco da Província. Embora não fosse formado em Direito, era advogado eficiente e responsável. Escritor e novelista, colaborava com os órgãos de imprensa locais — Diário da Manhã e O Nacional. Certa feita, causou pânico e sensação na cidade, publicando, na Rádio Passo Fundo, uma espécie de novela ou folhetim, em que narrava, na primeira pessoa uma viagem com o próprio Satanás. Tão impressionantes e realistas eram suas narrações, que a população local, extremamente crédula e supersticiosa, começou a acreditar no que era divulgado na novela radiofônica, provocando pânico e terror na população. A tanto chegou a comoção social, que o Bispo Dom Cláudio, recém-empossado na Diocese, interveio e conseguiu que a emissora suspendesse a programação.

Era homem alegre e bem humorado, de grande compleição, amigo de boas comidas e de bons vinhos. Lá pela década de 1950 formava um grupo muito divertido e inseparável, com os advogados Verdi, Galves e Fiori, que amenizavam os cuidados da profissão com os prazeres da boa mesa, da boa conversa e da boa convivência.

Pedro dos Santos Pacheco

Pedro dos Santos Pacheco aparece entre os fundadores da Ordem, embora não detentor do título de bacharel. Talvez não o tivesse ainda, em 1933. Acredito que, posteriormente, tenha conseguido se formar, pois foi promotor na cidade e também respeitado advogado. Eleito pelo PSD (Partido Social Democrático), integrou a Câmara de Vereadores, da qual foi presidente, nas primeiras legislaturas após a redemocratização. Era distinguido no meio jurídico por

sua cultura e inteligência. Uma de suas filhas, Ione, casou-se com Maurício Sirotsky Sobrinho, fundador do Grupo RBS. Além das filhas Ione e Ivone, teve vários filhos varões, quase todos advogados como ele. Seu neto, Nelson Pacheco Sirotski, é o atual presidente do Grupo RBS, que publica o mais conceituado jornal do Rio Grande do Sul, coligado da Rede Globo, no estado.

Os novos tempos e a fundação da Faculdade de Direito

Os novos tempos chegaram. Depois da criação da subseção da Ordem, ainda na década de 1930, vieram, dentre outros, Verdi de César e Florisbello Ferreira, os mais notáveis entre os formados e não-formados.

A década de 1940 testemunhou a estreia de Carlos Galves, Nei Menna Barreto, Gelso Ribeiro, Salim Buaes, Mário Daniel Hoppe, Silvio Dal Maso, Frederico Morsch e Murilo Coutinho Annes. Os mais notáveis, entre eles

foram o jurista Carlos Galves e Murilo Coutinho Annes, neto de Gervásio e filho de Herculano. Este foi diretor da Faculdade de Direito e o primeiro reitor da Universidade de Passo Fundo.

Na década de 1950, iniciaram-se na advocacia Augusto Trein, Romeu Martinelli, Celso Busato, Catarino Ferreira, Jairo Serrano, Jurandir Algarve e também Rui Rache, todos egressos da UFRGS.

Essas novas gerações de advogados, os que chegaram entre os anos 1930 e 1950, juntamente com aqueles mais antigos, cujas biografias tentei esboçar, constituíram o núcleo que deu origem à Faculdade de Direito, e foram os indutores da criação da Universidade de Passo Fundo.

A Faculdade, e a Universidade que ela gerou, foram os acontecimentos mais espetaculares havidos em Passo Fundo, ao longo de todo o século XX. As consequências benéficas que trouxeram, para o desenvolvimento da cidade, até hoje se fazem sentir, diferenciando-a da maioria das comunas e regiões gaúchas.

Pode-se afirmar, por isso, que a Faculdade e a Universidade, com todas as riquezas materiais e culturais que trouxeram, são o testemunho concreto e perene do descortino e da visão de futuro dos advogados passo-fundenses, de todas as gerações, representados por aqueles verdadeiros varões de Plutarco, aos quais dediquei este estudo.

NOTAS

¹OLIVEIRA. Francisco Antonino Xavier e. **Annaes do Município de Passo Fundo**. Coord.: Marília Mattos e outros. Passo Fundo: Gráfica e Ed. UPF, 1990, p. 416.

²Positivismo. Corrente filosófica e religiosa, divulgada e inspirada pelo francês Augusto Comte, que teve grande aceitação no Brasil, principalmente no Rio Grande do Sul, sendo fator determinante da proclamação da República, e aqui, da inspiração ideológica da primeira Constituição do Estado.

³Sua biografia é resumida por Odilon Garcez Aires, no livro *O Puchirão do Ge Picaço*, p. 131.

⁴Ney de Lima Costa tem o resumo de sua biografia no mesmo livro (p. 132).

⁵O realismo mágico foi a corrente mais representativa da literatura latino-americana do século XX. Seu expoente maior é o colombiano Gabriel Garcia Márquez, que arrebatou o Prêmio Nobel de Literatura, com seu *Cem Anos de Solidão*.

⁶Ver o resumo de sua vida em **Páginas da Belle Époque Passo-Fundense** (Helena e Marco Antônio Damian, Passo Fundo: Ed. Passografic, 2008, p. 96).

⁷ANTONINO XAVIER tem sua vida resumida na introdução dos *Annaes do Município de Passo Fundo*, cit., p. 23-29.

⁸A relação completa dos primeiros advogados inscritos, incluindo os de Carazinho, Erechim e Soledade, aqui omitidos, encontra-se em Damian (Páginas..., p.106-107).

⁹O 8º R.I. era o regimento de infantaria que esteve aquartelado em Passo Fundo entre os anos de 1925-1950, aproximadamente. Foi transferido para outro ponto do país, com grande tristeza e decepção da comunidade local. Em seu lugar, veio o 1/20º Regimento de Cavalaria, um simples batalhão, que, com outras denominações, permaneceu na cidade até pouco tempo atrás.

¹⁰O Direito Internacional Público é a disciplina jurídica que tem como objeto o estudo do Estado como ente da comunidade internacional, desta própria, das relações entre os estados soberanos e, modernamente, dos direitos humanos, dos direitos das minorias e das organizações internacionais, como a ONU, a OEA e outras.

¹¹Todo o atual centro da cidade e adjacências fazia parte da sesmaria concedida ao fundador, Cabo Manoel José das Neves. Como era usual na época, o sesmeiro teria feito doação daquela área à padroeira da capela, Nossa Senhora da Conceição Aparecida. Os terrenos sobre os quais se desenvolveu a povoação, portanto, pertenciam à orago da capela e não à municipalidade. Esta, no entanto, não se conformava com isso, reivindicando em juízo o domínio da área. A demanda se arrastou nos tribunais, terminando apenas em 1951, mediante acordo entre o Prefeito Daniel Dipp e o Bispo Dom Cláudio Colling. Daudt estudou profundamente esse assunto, de modo abrangente, sob os aspectos histórico, jurídico e econômico.

(Luiz Juarez Nogueira de Azevedo. Membro da Academia Passo-Fundense de Letras, titular da cadeira nº 34, cujo patrono é Múcio de Castro. Professor titular aposentado e ex-diretor da Faculdade de Direito da Universidade de Passo Fundo. Mestre em Direito. Procurador do Estado, aposentado.)

Redução de Santa Tereza

SANDRA MARA BARICHELLO

“Segundo o autor Jorge Cafruni, na obra *Passo Fundo das Missões*, de 1966, a redução de Santa Tereza foi fundada pelo jesuíta Francisco Ximenes, em 1633, aproximadamente no local hoje conhecido como Rincão do Pessegueiro, no atual município de Passo Fundo. Na época, a região pertencia ao cacique Guaraé, líder local dos Tapes, sendo que o próprio teria ido em busca dos jesuítas, com interesse de desenvolver uma missão na região. Segundo o autor acima citado, mencionando cartas trocadas pelos jesuítas na época, se encontra a seguinte afirmação: “É também no começo da história do município, que se inicia, no ano de 1632, quando o índio Guaraé, cacique local dos Tapes, tendo notícia das doutrinas jesuíticas, pediu a vinda dos padres para a fundação, aqui, de uma Redução que fosse igual às outras.” (p.97).

O mesmo autor continua em outra página: “A disposição desses índios, como se vê, é das mais entusiásticas, com relação aos jesuítas. Os índios domiciliados em Santa Tereza foram, entre todos, os que mais inclinação patentearam para aceitar a civilização cristã”. (p. 100).

Segundo as mesmas fontes, a boa vontade do cacique Guaraé, em buscar os jesuítas, se deu em função de que o mesmo era muito amigo do também cacique Nicolau Nheenguiru, da já existente Missão de São Nicolau do Piratini, fundada em 1626. Posteriormente, na mesma carta do padre Ximenes, se encontra a seguinte afirmação: “...logo começou a chegar gente do Mbocariói, e matriculei 250 famílias, batizei 50 crianças e alguns enfermos que corriam perigo”. (p. 100)

Naquele período, a região onde hoje se encontra a atual cidade de Passo Fundo era conhecida como “Santa Tereza de los Piñales” (denominação espanhola) ou “Curiti” (pinhais em guarani). Já o atual rio Passo Fundo era conhecido por rio “Curitiba” ou também “Curiti”, sendo posteriormente também chamado de “Uruguai-Mirim”. Os nomes indígenas teriam sido designados pelos índios



tapes cujo idioma era o guarani.

Os índios tapes que formaram a redução de Santa Tereza, quando da chegada dos jesuítas, eram de longa data inimigos dos índios guaianás (atuais kaingang), que dominavam a região nordeste do Estado a partir do Mato Castelhana. Os guaianás eram extremamente hostis aos poucos espanhóis que passavam pela região e, por consequência, simpáticos aos portugueses, ou bandeirantes, que adentravam nesta região naquele período. Preferiam os estrangeiros vindos do leste (portugueses) e hostilizavam os vindos do oeste (espanhóis). Era comum na época, índios tapes serem capturados pelos índios guaianás e, posteriormente,

vendidos como escravos aos bandeirantes. Refletindo um pouco sobre o que foi citado anteriormente, talvez esse tenha sido um dos motivos pelo qual o Cacique Guaraé tenha demonstrado interesse pelas reduções.

Por causa destas hostilidades e pelas frequentes incursões de bandeirantes vindos da região de São Paulo o Padre Francisco Ximenes, no início de 1633, teria mudado o local da redução, do “Igairi-Apipe”, hoje Povinho da Entrada, para “Curiti”, atual Rincão do Pessegueiro.

Sobre a construção da missão se tem como informação que, inicialmente, se tratava de um acampamento forma-

do por casas construídas de madeira e barro, com telhado feito de capim santa-fé ou folhas de palmeiras. No centro, existia uma praça, na qual foi construída uma igreja onde também se encontravam os aposentos dos padres. Cartas de outros padres jesuítas da época, que conheceram Santa Tereza, citados por Cafruni, trazem informações interessantes sobre o período: “Os índios alimentavam-se, durante grande parte do ano, com os pinhões desses bosques.. Também se produz a erva-mate, muito estimada .. Há rebanhos de cabras e muitos javalis”. (p.169)

“No decurso de 1 ano , reuniram-se 800 famílias, tendo a escola 600 meninos. Foi um agrupamento feliz de grande fartura, dividindo suas provisões alimentares com outros núcleos necessitados, conseguindo os missionários, sem grandes esforços, que fosse abandonado o uso do tembetá, que tanto deformava o lábio inferior”. (p.170)

Destruição da redução de Santa Tereza

A bandeira que destruiu a Redução de Santa Tereza era liderada pelo bandeirante paulista, André Fernandes, que possuía cerca de 250 homens e chegaram vindos de Vacaria. Naquele período, a redução já contava com aproximadamente 4.000 índios. Estavam na redução, o padre Ximenes e o padre João de Salas, e a data era provavelmente 24 de dezembro de 1637. Diversos relatos enviados por carta, citados na obra de Cafruni, assim descrevem o acontecimento: “Entregavam-se os padres e os índios aos preparativos natalinos, quando se verificou o ataque, apanhando os cristãos de surpresa e adquirindo por isso um caráter fulminante. Sem opôr resistência, entregaram-se os habitantes”. (p.299)

“Os 4.000 índios entregaram-se pacificamente. Inutilmente, o padre Ximenes tentou o resgate....mas nada foi possível fazer em benefício dos escravizados. Há o episódio curioso do dia de Natal , em que, em plena missa, se apresentaram diversos mamelucos (portugueses), com rosários e velas na mão, e, quando o sacerdote começou a (criticar) a ação dos invasores, portaram-se tão beneficentemente como se aquilo nada fora com eles”....Ouviram eles com calma e no final restituíram 2 ajudantes de missa que haviam capturado” (p.301)

Diante da situação, Ximenes teria realizado uma tentativa de avisar o

restante das reduções: “...conseguiu que um índio escapasse da vigilância e levasse urgentemente o recado (bilhete), com o intuito de salvar os demais povos missioneiros”. (p.301)

Sem muito que fazer diante da situação, e em relação aos índios que se encontravam aprisionados, Francisco Ximenes e João de Salas abandonam a redução de Santa Tereza, sob o olhar de André Fernandes, e com o auxílio do Padre Antônio Palermo, dirigente da Redução dos Mártires do Caaró, que havia se deslocado até o local com a intenção de auxiliar no transporte de objetos e pertences. Sobre esse momento existem registros dos bens que permaneceram no local: “Declararam os padres Francisco Ximenes e João de Salas que, ao abandonarem Santa Tereza, aldeia destruída por André Fernandes, ali deixaram quantidade superior a 500 cabeças de gado vacum”. (p.301)

O destino dos índios que permaneceram nas mãos dos bandeirantes pode ser facilmente visualizado diante das descrições encontradas na mesma obra: “Segundo o costume, uma vez aprisionados, eram os índios masculinos engatados pelo pescoço, em gargalheiras, ligadas a compridas correntes de

ferro”, “...tomam à força aquela gente que mais lhes contenta, que é sempre o mais lustroso mulherio e alguns mancebos e meninos dos mais vivos e espertos”. (p. 303)

André Fernandes acabou por construir um povoado sob as ruínas da redução, para servir de apoio ao restante da bandeira que caminhava pela região em busca de índios. Um de seus filhos, que era missionário, teria sido o responsável pela manutenção da mesma e pela catequização dos índios aprisionados. O povoado ainda permaneceu no local por aproximadamente 30 ou 40 anos.

Em 1634 foram trazidas as primeiras cabeças de gado para a redução de Santa Tereza, em torno de 200 cabeças, pelo irmão Antonio Bernal. Teriam sido esses animais que, num período posterior à destruição da redução de Santa Tereza, deram origem ao gado solto que atraiu os tropeiros para esta região, incluindo Vacaria.

Bibliografia consultada
CAFRUNI, Jorge. **Passo Fundo das Missões**. A Nação. Porto Alegre, 1966.

(Sandra Mara Barichello é professora de História da Rede Municipal de Ensino, Passo Fundo/RS.)





O cenário gaúcho

WELCI NASCIMENTO

No tempo em que o Rio Grande do Sul não tinha solução de continuidade, em que as estâncias estavam em comum, o gaúcho, no cenário aberto das enormes coxilhas, era mais um aventureiro.

Manoelito de Ornellas, escritor gaúcho, ao descrever o tipo humano da Pampa Gaúcha, assim se expressa: “Tinha ele suas lidas no lombo do cavalo, e todas as suas atitudes derivam de uma obrigatória condição de pastor e ginete. Daí, sua condição nômade...”

“O changador” - relatou Glaucus Saraiva, - “foi a imagem perfeita do pré-gaúcho. Era o homem que, saciada a sede de couro e de sebo do mercado europeu, garroteava o gado abandonado pelos jesuítas nas campanhas do sul, desde as Vacarias dos Pinheirais até as Vacarias do Mar...”. Despreocupado com o que poderia sobrar da rês abatida, ele abandonava aos urubus tudo o que não fosse couro e sebo do animal.

Nômade, solitário, cortava os campos da Campanha da Cima da Serra, das Missões ou da Depressão Central, carneando o gado e encaminhando-o ao caminho do contrabando, de que recebia polpudas libras inglesas. O nome deste tipo social não tem lá sua origem perfeitamente definida, embora suas atividades tenham sido a primeira e principal causa da formação da cultura gaúcha. O cavalo foi o seu primeiro meio de locomoção, instrumento de trabalho e único amigo. Aprendeu nas lutas diárias a enfrentar, não só o tempo, mas as constantes guerras, o que o tornou um guerreiro indomável. Filho de espanhóis, de portugueses, de mestiços

com índias, este tipo humano sublime viu chegar a época das charqueadas, uma forma de aproveitar quase toda a carne da rês abatida.

Com o tempo, os campos foram demarcados, medidos e cercados. Formaram-se as estâncias. O gaudério nômade ganhou querência e voltou-se para as lidas campeiras. Nasceu o gaúcho, resultado do pastoreio e das guerras do Rio Grande do Sul, como na Argentina e no Uruguai, identificados pelas mesmas raízes do Pampa.

O Rio Grande tinha tudo para sê-lo: homens livres e cavalos. Por isso, o nobre animal, utilizado tanto na guerra como no passeio, trabalho e esporte, está intimamente ligado ao rio-grandense-do-sul, fazendo parte das suas tradições e servindo às inspirações de tantos poetas e poetisas.

O cavalo gerou caudilhos e grande parte das ambições políticas do Rio Grande do Sul. Andar a cavalo constituiria suprema aventura para os ambientes

sulinos. Não ter cavalo, sempre foi símbolo da maior miséria na campanha gaúcha, como no dizer desta quadrilha popular:

“O tatu foi encontrado
Pras bandas de São Sepé,
Mui aflito e mui pobre,
De freio na mão, a pé...”

Terminada a 2ª Guerra Mundial, na metade da década de 40, o Brasil entrou numa nova fase, influenciado pela cultura norte-americana, os grandes vencedores da batalha.

Embora o esforço dos escritores regionalistas e dos grêmios gaúchos (poucos), a cultura gaúcha estava esquecida e quase apagada na memória do povo. Havia, como no passado, um imobilismo cultural no Rio Grande do Sul. Em consequência, a cultura estrangeira assumia o seu papel através da música, do modo de vestir, e dos meios de comunicação. Era preciso sacudir o Rio Grande, fazendo com que seu povo viesse a cultuar suas tradições e não deixar morrer o ardor por sua terra.

Vai daí que um grupo de jovens estudantes do tradicional colégio Júlio de Castilhos, de Porto Alegre, quase todos vindos do interior do estado, resolve criar um departamento cultural no colégio, para cultuar as tradições do povo gaúcho, seus usos e costumes, chegando ao ponto de, na garupa do Fogo Simbólico Nacional, criar a Chama Crioula Rio-grandense, fundar e organizar o primeiro Centro de Tradições Gaúchas, o “35 CTG”, na capital do estado, sob a orientação e comando dos jovens: Paixão Côrtes, Ciro Dutra Ferreira, Orlando Degrazia, João Machado Vieira, Ciro Dias da Costa, Cilço Campos, Antônio



Siqueira, Fernando Machado Vieira, Barbosa Lessa, Wilmar W. de Souza, Glaucus Saraiva, entre outros.

O “35 CTG” dinamizou de tal forma o culto às tradições que passou a ser alvo das atenções, primeiramente das principais cidades gaúchas, em seguida atingindo todo o Rio Grande e atravessando suas fronteiras, onde houvesse uma comunidade formada de famílias de gaúchos migrados para outros estados da Federação. A ideia cresce e faz surgir o Movimento Tradicionalista Gaúcho.

A partir do ano de 1954, os CTGs começaram a se reunir, anualmente, em congressos tradicionalistas, quando deliberavam seus interesses e exigiam uma coordenação.

Dessa forma, por ocasião de XII Congresso Tradicionalista realizado na cidade de Tramandaí, foi fundado o MTG – Movimento Tradicionalista Gaúcho - que passou a congregar todas as entidades tradicionalistas, dirigidas por um coordenador.

O MTG tornou-se o catalisador, o disciplinador e o orientador das atividades dos CTGs, dos quadros de laçadores, dos departamentos tradicionalistas, dos grupos folclóricos, no que diz respeito ao que preconiza a Carta de Princípios do Tradicionalismo Gaúcho, constituindo-se no maior organismo cívico-sócio-cultural do Brasil.

O que antes era vergonha usar, passou a ser mais. A bombacha, as botas, o lenço branco ou colorado e as camisetas coloridas do seu CTG, logo se integraram à vida e ao dia-a-dia da juventude.

Hoje, essa juventude mostra grande interesse pelo folclore e pelo gauchismo. É, no dizer de Barbosa Lessa, “a pregação dos tradicionalistas de primeira arrancada, logo após o término da Segunda Guerra Mundial, que resulta em tudo o que está por aí.”

Da mesma forma que faziam cultura



os jovens de bombachas e alpargatas, no informalismo dos festivais nativistas, espontaneamente, também os jovens cantando causos e, tomando chimarrão nos fins de tarde, convocavam, no final da década de 1946, seus colegas ginasianos e o povo rio-grandense, para uma ação afirmativa, criando o primeiro CTG.

Ciro Dutra Ferreira, em carta endereçada à revista “A Carreteira”, editada pela 7ª Região Tradicionalista, assim contava sobre a instalação do Departamento de Tradição, no Colégio Júlio de Castilhos, em Porto Alegre: “Certamente não imaginavam que estariam projetando a criação de centros de tradições gaúchas, pois tudo veio vindo de vagarito, tomando vulto e formas, numa explosão de entusiasmo próprio da idade, em que um dava uma ideia, e outro, de pronto, a apoiava e aplicava.”

O CTG, quando autêntico, torna-se uma espécie de clube, com feições de estância, em que o Presidente chama-se de Patrão, os departamentos são invernadas e, os associados são peões e prendas, que se organizam em invernadas, espécie de centros culturais associados à poesia, à música, às danças e às lidas campeiras, em suas expressões locais.

Desses centros, nasceram os festivais da música gaúcha, espalhados pelo interior do Rio Grande, de Santa Catarina, Goiás e Mato Grosso; nasceram os rodeios crioulos, ponto de encontro do homem campeiro, cuja sementeira foi a bela Vacaria, a qual serviu de modelo para outros tantos que se realizam dentro e fora do Rio Grande, até os dias de hoje.

“Quando se funda um CTG é sinal

que se deseja encontrar as nossas raízes que já se perderam, e ajudar a construir o futuro do Rio Grande do Sul, segundo sua “Carta”, por meio de ações que o povo pratica, afirmando o núcleo cultural” - disse Barbosa Lessa, certa feita, a um grupo de jovens, em Passo Fundo. Enfatizava ele: “Duas coisas devemos fazer, para que o esforço cultural até aqui realizado não se torne uma experiência fracassada. Primeiro, dar atenção às novas gerações, operando com muita força, na criança e no adolescente, para que o tradicionalismo não desapareça com a geração dos velhos. Segundo, cuidar da área campeira, sob pena de mantermos uma tradição de fantasia.”

Há quem diga que a única coisa que pode salvar um povo do colonialismo, e nos levar às origens, é o culto às nossas tradições, sejam elas gaúchas ou nordestinas.

Os CTGs e todas as manifestações culturais gaúchas procuram devolver às pessoas o que elas perderam ou temem perder: O “pago” das gerações dos seus ancestrais.

Passados os anos, podemos perceber que o movimento Tradicionalista Gaúcho, fruto do arrojo e do espírito cívico-cultural de um grupo de jovens, no ano de 1947, criando a primeira Ronda Crioula Rio-grandense, é uma experiência social que deu certo, porque tomou conta do coração de todos os gaúchos e gaúchas.

(Welci Nascimento é professor e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



O General Grosso e Lord Acton

PAULO MONTEIRO

Concluído mais um ano acadêmico, e seguindo a praxis dos últimos anos, a Academia Passo-Fundense de Letras elegeu um novo presidente. Em tempos recentes, tivemos as constantes reeleições do confrade Antônio Augusto Meirelles Duarte. Fui seu vice-presidente nas duas últimas gestões. Dentro das mesmas normas, sempre adotadas por meu antecessor, em suas sucessivas reeleições, fui eleito pela maioria de votos dos membros presentes, sem ter participado do processo de votação, na reunião do último dia 15 de dezembro.

Faço minhas as palavras do acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, ao tomar posse na presidência da Academia Brasileira de Letras: “Aqui ninguém se torna membro da Diretoria para ser do contra. Somos escolhidos para ser a favor, pois somos produto de consenso”. A presença do meu nome nas duas chapas, sem que eu as tivesse articulado, é a prova de que sou “produto de consenso”.

Sempre quis presidir a Academia Passo-Fundense de Letras, por ser a favor de que ela continue crescendo e à vanguarda de todas as iniciativas culturais de nossa terra. Sonhei presidir-la para efetuar uma reforma estatutária, adequando o Estatuto da Academia ao novo Código Civil; para informatizar a Academia, organizando e mantendo um site na Internet, divulgando a obra dos escritores passo-fundenses; para manter o programa Literatura Local, na TV Câmara; para manter e ampliar a tiragem da revista Água da Fonte, e para manter o elevado nível de respeito e tolerância entre os acadêmicos.

Às vésperas de completar 70 anos de existência, a Academia Passo-Fundense de Letras precisa aprofundar as conquistas dos últimos anos. Urge adaptar-se às novas exigências históricas geradas pelas tecnologias recentes. Uma academia, porém, é uma instituição comunitária.

Neste recinto, onde ressoam gritos de comando caudilhesco e estampidos dos mosquetões que recordam os choques homicidas dos séculos pretéritos, entro como um estudioso daqueles tempos. Entro, porém, com o espírito do século XXI e a espiritualidade dos tempos bíblicos.

Precisamos de Estatuto atualizado e



Paulo Monteiro

respeitado por todos. Lembro-me da resposta que o “general grosso” Honório Lemes deu ao marechal Setembrino de Carvalho, durante a assinatura do Tratado de Pedras Altas, que pacificou o Rio Grande. Era o término da Revolução de 23, iniciada aqui, neste município, quando este prédio, hoje ocupado pela Academia Passo-Fundense de Letras, serviu de trincheira durante o Cerco de Passo Fundo.

Diante da intransigência dos libertadores, o representante do Exército bradou:

- Mas afinal, o que é que os senhores querem!?

De pronto, “O Leão do Caverá” levantou-se e, descansando a mão sobre o cabo do revólver, sentenciou:

- Nós queremos leis que governem os homens, e não homens que governem as leis!

Honório Lemes que a si mesmo, ao ser conduzido preso, diante do duas vezes doutor, general Flores da Cunha, autointitulou-se “general e índio gros-

so”, na sua sabedoria de homem do povo, fazia ecoar, nas coxilhas rio-grandenses, a passagem de uma carta de Lord Acton ao Bispo M. Creighton, em 1887: “E, lembre-se, quando se tem uma concentração de poder em poucas mãos, frequentemente homens com mentalidade de gângsteres detêm o controle. A história provou isso. Todo poder corrompe: o poder absoluto corrompe absolutamente”.

Sei, com o grande liberal inglês, que “mentalidade de gângsteres” é uma coisa e “gângster” é outra muito diferente. O pior é que a “mentalidade de gângsteres”, de que falava Lord Acton, o mais das vezes, acompanha uma personalidade patológica.

A frase de Honório Lemes tem norteado meu comportamento. Organizei e presidi a União das Associações de Moradores de Passo Fundo, sempre respeitando os preceitos estatutários, ouvindo a todos, dando autonomia para que meus companheiros de diretoria e demais associados agissem à busca do bem comum. Orgulho-me de que, uma década e meia após deixar a presidência daquela entidade, meu nome, a cada eleição, seja lembrado para retornar a dirigi-la.

Minha experiência, nos diversos cargos de responsabilidade comunitária que exerci, e minha intensa produção cultural, creio, me credenciam a bem presidir a Academia Passo-Fundense de Letras.

Os assuntos internos da Academia Passo-Fundense de Letras sempre foram decididos aqui dentro. Os que daqui saíram descontentes consolidaram essa prática. Violá-la pelas esquinas, ainda mais sob o manto covarde do anonimato, é dar as costas a esta casa. É tornar-se indigno do título honroso de acadêmico.

Conto com a proteção de Deus e o apoio de meus confrades e confeitras para realizar meu sonho. E quero, acordado, sonhar junto convosco.

(Discurso de Posse do Acadêmico Paulo Monteiro na Presidência da Academia Passo-Fundense de Letras, Pronunciado na Sessão Solene de 29 de Dezembro de 2007)

Jamais me esqueci do meu posto

PAULO MONTEIRO

Personalidades que fazem parte da mesa diretora dos trabalhos,
Prezados Confrades,
Queridas confrades,
Senhores e Senhoras:

Antes mesmo que meu pai viesse ao mundo, num tempo em que meus avós e bisavós cortavam as coxilhas do Rio Grande empunhando lanças e velhas Comblains, Ramiro Barcellos, sob o pseudônimo de Amaro Juvenal, nos primeiros versos do “Antônio Chimango”, escritos em 1915, parecia descrever a conduta que eu adotaria ao longo de minha vida.

Por isso,

“Velho gaúcho – Insaciável
De fazer aos mandões guerra,
Nestas páginas encerra
Por um pendor invencível –
Seu amor – Incorrígível
Às tradições desta terra.

Por isso, meu prezado professor nas classes do velho CENAV e agora confrade Daniel Viuniski, há verdades que não posso, não devo e não vou calar nesta noite.

“Sempre quis ser presidente da Academia Passo-Fundense de Letras”, afirmo na manhã de 29 de dezembro de 2007, quando assumi a presidência desta Casa. Paguei um preço muito alto por essa vontade, mas valeu a pena. Valeu a pena a humilhação que minhas filhas e minha esposa sofreram naquela manhã, ouvindo a leitura de uma carta sórdida e covarde.

Valeu a pena, minha estimada presidente eleita Elisabeth Souza Ferreira, porque, nestes dois anos, contei com o apoio de pessoas dignas como Você, os companheiros de Diretoria, a Comissão de Contas e Patrimônio e demais acadêmicos e acadêmicas que participam ativamente da vida literária desta Casa.

Desde o começo, honrei todos os compromissos assumidos pelo presidente anterior, a começar pela autorização para que a Academia de Ciências



Elisabeth Ferreira e Paulo Monteiro

Contábeis do Rio Grande do Sul, aqui realizasse suas reuniões.

Desde julho de 2003, aquela honrabilíssima instituição cultural aqui se reúne. Hoje é presidida pelo professor da Universidade de Passo Fundo e auditor do Tribunal de Contas do Estado do Rio Grande do Sul, Doutor Elói Dalla Vechia, contando na secretaria geral, com o fiscal aposentado da Secretaria da Fazenda do Rio Grande do Sul e ex-presidente da Câmara Municipal de Passo Fundo, Doutor Júlio Ferreira de Andrade, com a tesouraria sob a responsabilidade do empresário e homem público Doutor Eluir José Rescke, entre outros professores universitários, contadores de instituições de cursos superiores, que honram aquela Instituição, como honrariam nossa própria Academia.

Seria tedioso enumerar esses compromissos que foram honrados. Lembrarei apenas que, há poucos dias, pagamos multa porque não foi prestada Declaração à Receita Federal, referente ao último ano da gestão passada.

Deixo à nova Diretoria uma Academia organizada, com estatutos registrados e certidões comprovando que estamos em dia com nossas obrigações diante

do Município, do Estado e da União.

Nestes dois anos, abrimos este prédio, justificando a função social que, constitucionalmente, toda a propriedade deve cumprir.

Os Cavaleiros do Mercosul aqui se reuniram várias vezes para planejar a encenação da Batalha do Pulador. Formaturas de escolas, reuniões de clubes de serviço, lançamentos das duas mais recentes feiras do livro, sarau do CRE-ATI e diversos saraus literários, lançamentos de livros, palestras, debates, cursos para a formação de professores, exposições de pinturas e artes plásticas, e outros eventos, contribuíram para que a Academia retomasse a condição de centro cultural de Passo Fundo. E jamais cobramos qualquer taxa pelo uso deste espaço.

Meu caro confrade Irineu Ghelen, retomamos a prática dos cerimoniais e das sessões solenes que foram abandonadas desde que deixaste a presidência desta Casa.

Retomamos a prática das prestações de contas à Assembléia Geral, inclusive com editais publicados na imprensa. E todas as contas foram aprovadas. Enquanto que esse compromisso obrigatório de prestação de contas não foi

exercitado ao longo dos últimos anos que antecederam à nossa gestão.

Minha estimada sucessora, Acadêmica Elisabeth Souza Ferreira, pretendo ser o mais conciso possível, seguindo o conselho de Martín Fierro, na tradução primorosa de João Nogueira Leiria:

Não aproveitam trabalhos,
se não nos ensinam nada;
todo homem, de uma mirada,
claro há de ver, no momento:
seu melhor conhecimento
é conhecer quando enfada.

Quanta diferença entre minha posse e sua posse!

As atividades da Academia conferiram prestígio estadual, nacional e internacional ao nosso Sodalício como se viu pelas mensagens que recebemos, conforme os nomes lidos por nosso

mestre de cerimônias. Comprovam-no as personalidades que fazem parte da mesa diretora dos trabalhos, nesta noite.

Todas estas personalidades aqui se fazem presentes porque segui à risca o conselho que infalivelmente fechava os documentos com que era registrada a posse dos velhos reis de Castela: “Y no se olvide Usted de su posto!”

Jamais me esqueci do meu posto. Jamais esqueci que presidia a mais antiga instituição cultural de Passo Fundo.

Por isso estas brilhantes personalidades e este seletto público, aqui se fazem presentes, reconhecendo que a Academia Passo-Fundense de Letras retomou a importância que teve no passado, quando foi presidida por homens e mulheres de bem, muitos dos quais vejo presentes neste recinto. E esses homens e mulheres de bem que presidiram esta casa, com certeza, seguiam a lição de

José Hernández, na versão feita para a nossa língua pelo poeta de “Campos de Areia”:

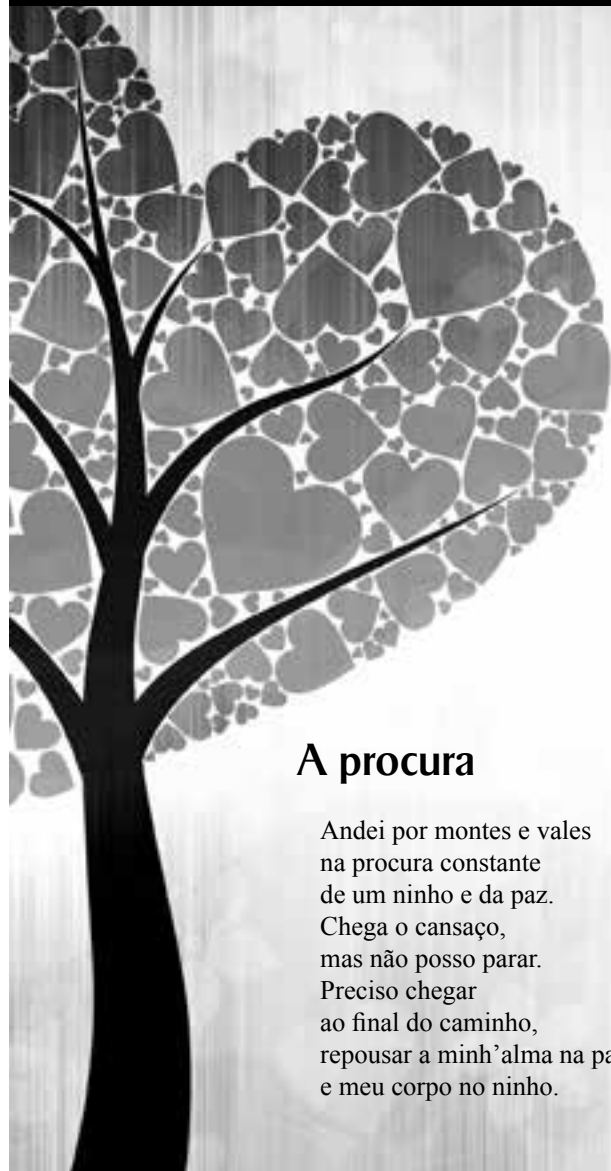
Jamais a quem seja amigo
deixem ficar na estacada;
porém não lhe peçam nada,
nem esperem dele tudo:
amigo fiel, sobretudo,
é, sempre, a conduta honrada.

Minha estimada sucessora, porque nestes dois anos como primeira secretária, não te esqueceste do teu posto e mantiveste uma conduta honrada é que tenho certeza de que farás um grande mandato à testa da Academia Passo-Fundense de Letras.

(Discurso pronunciado na noite de 23 de fevereiro de 2010 no ato de transmissão do cargo de presidente da Academia Passo-Fundense de Letras)

Poesia

CRACI DINARTE



A procura

Andei por montes e vales
na procura constante
de um ninho e da paz.
Chega o cansaço,
mas não posso parar.
Preciso chegar
ao final do caminho,
repousar a minh'alma na paz
e meu corpo no ninho.

Ser presente

No cantinho preferido,
descontraída,
vou deixando o sonho
tomar conta de mim.
É um sonhar passado,
é um sonhar futuro.
O “eu” já não existe,
faz parte total do sonho.
Mas o presente
não admite esse sonho,
quer a realidade
e busca-me.
Volto lentamente,
com receio de ser presente.

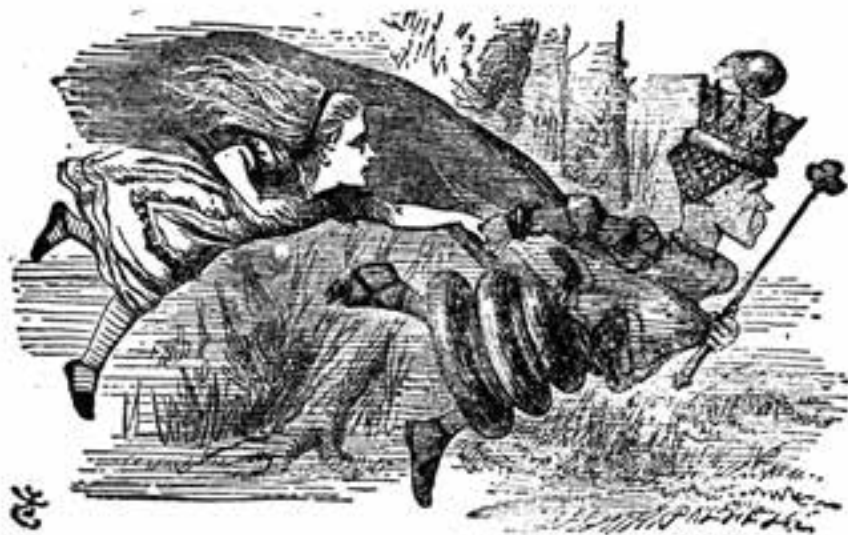
Opção

A opção é uma constante
em nossa existência.
O sim,
o não
e o talvez.
Hoje digo sim,
amanhã digo não,
depois digo talvez
e sempre há opção.
Mas direi sempre não
à solidão,
talvez à paixão.
E sim, sempre sim,
à plenitude de viver.

Hino à vida

Há dias de beleza imensa:
a natureza se enfeita,
o sol é mais dourado,
os prados são mais verdes,
as flores são mais belas,
e um doce perfume
espalha-se pelo ar.
Em cada canto,
há promessas de dias melhores,
muito iguais a estes.
Os pássaros cantam
e sei que muitos
os acompanham
em seu ninho de amor e vida.

(Craci Dinarte é poetisa
e membro da Academia
Passo-Fundense de Letras.)



Alice no país dos cientistas

GILBERTO R. CUNHA

Alice deixou o país das maravilhas (*Alice's Adventures in Wonderland*, de 1865), passou pelo país do espelho (*Through the looking-glass and what Alice found there*, de 1872), mergulhou de cabeça com o dr. Freud e sua turma nos domínios da psicanálise, e, apesar das inúmeras tentativas do cinema, de reaproximá-la do universo infantil, pelas produções hollywoodianas do passado e o desenho de Walt Disney, foi encontrar um porto seguro, mais que em qualquer outro lugar, no mundo dos cientistas, em 1973, quando o biólogo evolucionista Leigh van Valen propôs a hipótese da Rainha Vermelha (*Red Queen hypothesis*).

A hipótese da Rainha Vermelha é uma metáfora, bem ao gosto da comunidade científica, que dá sustentação à teoria da coevolução entre espécies. Mudou a percepção de evolução como necessidade de adaptação ao ambiente. Por esta hipótese, a seleção natural decorre da coevolução entre espécies. É o caso da relação presa x predador, em que a evolução da presa, em termos de capacidade de escape por exemplo, exige a evolução também do predador, em eficiência de ataque, a fim de evitar a sua extinção. Em outras palavras, para as coisas ficarem como estão (no mesmo lugar), as duas espécies evoluem simultaneamente ou coevoluem.

Não é difícil identificar que a hipótese da Rainha Vermelha foi baseada na célebre passagem de “Alice no país do espelho”, capítulo 2, em que, no tabuleiro de xadrez, a rainha em questão diz

a Alice: “It take all the running you can do to keep in the same place”. Ou, conforme consta na memorável tradução/adaptação de Monteiro Lobato: “Aqui é preciso correr, como corremos para ficar no mesmo ponto. Para mudarmos de lugar, seria preciso que corrésemos o dobro.” Em síntese, uma bela metáfora para descrever a corrida armamentista que rege a evolução das espécies.

O incrível é que, mesmo gozando de aceitação na comunidade científica, somente agora, às vésperas do lançamento do filme dirigido por Tim Burton, numa feliz coincidência do destino, conseguiu-se mostrar, pela primeira vez, com coisas vivas, evidências experimentais da hipótese da Rainha Vermelha. O resultado de um estudo conduzido por cientistas britânicos (Paterson et al., 2010), publicado na edição de 11 de março da revista *Nature* (v.464, p.275-278), provou que a coevolução de organismos antagonistas (vírus x bactéria) acelera a evolução molecular. A hipótese da Rainha Vermelha foi confirmada pela demonstração de que, espécies em competição, dirigem a evolução molecular, através da seleção natural para adaptação e contra-adaptação. Quando a bactéria evoluiu em seu mecanismo de defesa, o vírus evoluiu mais rapidamente em diversidade.

Alice e seu mundo de fantasias são parte do legado, deixado pelo professor de matemática da Universidade de Oxford e diácono da Igreja Anglicana, Charles Lutwidge Dodgson (1832-1898), que é mais conhecido pelo pseudônimo Lewis Carroll. Sobre Dodgson, um homem solitário, apaixonado por fotografia, que não tinha amigos e vivia

buscando a companhia de meninas (menores de 10 anos), pairam especulações e controvérsias. As obras sobre Alice foram escritas, a pedido de Alice Liddell, para Ina, Alice e Edith, as três filhas pequenas de Henry Liddell, que era o reitor da Universidade de Oxford, sob inspiração de um passeio no Tâmesa, a partir de uma história contada por Dodgson para distraí-las. A Alice real (Alice Liddell) é inclusive, uma das meninas fotografadas por Dodgson, cujo acervo de imagens e de cartas, que sobreviveram à sua morte, deixa dúvidas se o seu interesse por meninas era inocente ou sinal de um desvio de conduta sexual (pedofilia). Um dos segredos de Lewis Carroll, recentemente descoberto, refere-se às doações que ele fazia para instituições infantis de caridade, especialmente àquelas que protegiam vítimas de abusos sexuais e maus-tratos. As somas vultosas e doadas anonimamente, segundo Jenny Woolf, que revelou essa particularidade do escritor no livro “*The Mystery of Lewis Carroll*”, não necessariamente sugerem que ele tentava aliviar a sua consciência.

Charles Dodgson, mesmo tendo escrito inúmeras obras sobre matemática, com destaque para Euclides e seus rivais modernos e Lógica simbólica, foi, com o passar dos anos, saindo de cena e cedendo lugar para Lewis Carroll.

Os dois sonhos de Alice, realçados pelas ilustrações de John Tenniel, mais que contos de fadas, se parecem a pesadelos. E, quem sabe, não são mais que meros reflexos dos sentimentos do autor.

(Gilberto R. Cunha é membro da Academia Passofundense de Letras.)

